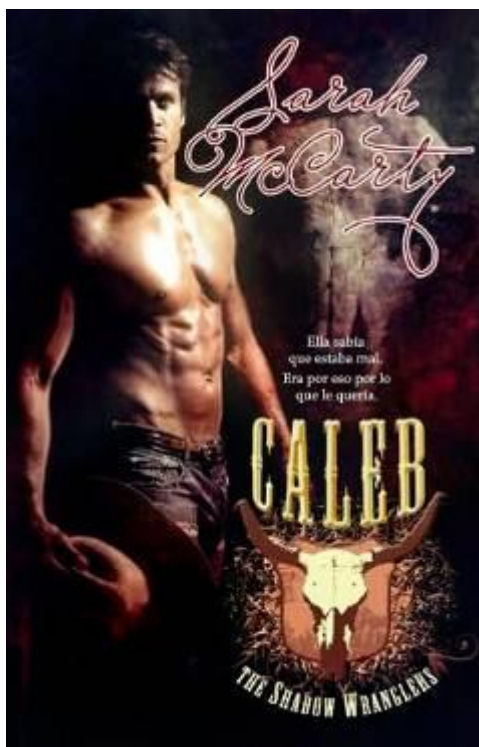




Tiamat World

Sarah McCarty
The Shadow Wranglers 01



Sara McCarty

Caleb

Cowboy das Sombras 01

Allie sempre desejou o misterioso e sexy rancheiro, Caleb Johnson, mas ele nunca pareceu reparar nela. Até a noite em que é atacada por um animal raivoso, e resgatada por um vampiro teriántropo ao que quase acredita reconhecer: o grunhido de barítono, os olhos hipnóticos, a inexplicável atração animal.

Isso se deve porque seu salvador é Caleb, e agora ele não tem outra opção que levar Ellie consigo ao mundo das sombras, para protegê-la de um homem-lobo rival da manada e para, ao fim, revelar seus verdadeiros sentimentos à mulher que tinha temido amar.

Disp em Esp: Fênix

Envio do arquivo e Trad.: Gisa

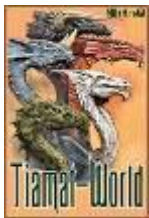
Revisão: Lucilene

Revisão Final: Danielle Aguiar

Formatação: Gisa

Tiamat - World





Comentário da Lucilene: Para quem gosta de cowboy e vampiros, vai gostar do livro, pois o mocinho é um vampirão cowboy tudo de bom!!!"

Comentário da Revisora Danielle Aguiar: Amei a história, eu gosto dos livros dela, porque tem diálogos engraçados e as mocinhas são bem espertinhas.....rsssssssss Assim, o que eu digo é que a história é boa, quente e com trechos muito engraçados....estou louca pelo próximo.

Capítulo 1

Não achava que seduzir um homem fosse tão difícil. Allie olhou para o relógio da parede, pegou a bandeja de pãezinhos da grade de esfriamento e os moveu à vitrine de exposição. Se acreditasse nas revistas para mulheres, alguns comentários de duplo sentido estrategicamente deslizados na conversa, alguns biquinhos mostrados em momentos escolhidos cuidadosamente e rapidamente respaldados por alguns penetrantes olhares de paquera e estaria muito bem com qualquer homem de sua escolha. Exceto, atirou a bandeja de alumínio na prateleira, onde aterrissou, com um satisfatório repico que não era assim. Que era pelo que tinha ido um pouco mais à frente em sua busca de conselhos e tinha desembolsado alguns dólares investindo em um arsenal apanha-homem. E tudo porque um devastadoramente sexy, muito exasperante e nunca-nada-mais-a-não-ser- cordial-rancheiro, podia pôr seu segundo chakra em sobrecarga só com um desses insondáveis olhares de debaixo da asa de seu maltratado chapéu Stetson negro.

Allie fechou a vitrine de exposição da confeitaria fazendo uma careta de dor quando o arame de seu sutiã cravou no seu peito. Um peru de ação de graças não podia estar atado mais apertadamente do que ela estava, mas se havia algo de verdade no anúncio, Caleb Johnson estava a ponto de despertar e dar-se conta dela porque graças a um cuidadosamente selecionado sutiã push-up, ela magicamente tinha a bênção do decote. Um decote sedutor, escuro, misterioso pelo qual babar-se. Agora, se tão só pudesse fazer que o homem olhasse quando chegasse, talvez tivesse a satisfação de ver cair sua mandíbula. Olhou para sua demonstração. As coisas se viam impressionantes deste ângulo, mas talvez devesse desabotoar outro botão só em caso...

—Deveria fechar a porta com chave.

Esse baixo sotaque se deslizou sobre ela como um primeiro beijo, doce, quente e tentador, apanhando seus nervos. Tomou um segundo extra, arrumando os guardanapos de yin-yang no balcão, consentindo uns poucos e tranquilizadores fôlegos tântricos, procurando a calma com a mesma intensidade com a qual procurava essa viciadora essência que associava só com Caleb.

—Por quê? Sabia que viria.

Ele chegava a cada manhã pontualmente às 05h30min da manhã, justo antes que ela abrisse.

—Não me ouviu entrar?



—Nunca faço isso. —endireitou-se e se voltou, dando-lhe as costas aparentando que estava fazendo café. Não tinha sentido diminuir o impacto de “grande exposição” ao lhe dar um olhar prévio.

Detrás dela o banco rangeu quando ele se sentou.

—O qual prova meu ponto. Poderia ser qualquer um.

Ela tirou da despensa uma taça negra decorada com os caracteres chineses de paz e agarrou a cafeteira.

—Mas você não é.

Deu-lhe um rápido sorriso sobre o ombro, sua visão periférica lhe dando de presente uma breve imagem de um ombro amplo, profundos olhos verdes e uma fervente energia que tentava a sua puta interna a uivar pela antecipação.

—E um destes dias vai ter que me dizer como passa o sino sem fazer que soe.

O pesado couro de seu casaco sussurrou em protesto enquanto ele encolhia os ombros.

—Esse sino é aborrecido.

O qual não respondia sua pergunta. O homem nunca respondia perguntas. Só aparecia a tempo como um relógio para causar estragos em seu equilíbrio. Colocou a negra jarra na boca do fogão e levou a xícara ao balcão onde estava sentado, em frente e ao centro, casualmente enchendo o espaço com a pura força de sua presença.

—Obrigado.

—De nada.

Com a asa de seu chapéu bloqueando sua vista não podia dizer se a tinha olhado, mas como não havia sinais físicos de interesse masculino, nada de rigidez, nada de conter o fôlego, ia assumir que não era assim.

Ela abriu a vitrine e tomou as duas garras de urso, pesadas com polido extra que tinha preparado antes e as passou a Caleb assegurando-se de inclinar-se ao fazê-lo, mostrando-lhe a agradável vista do decote arrebenta-botões. Assim de perto não podia perder sua essência enquanto esta se misturava com os aromas de canela e a doce massa. Ele cheirava a bosque, a algo selvagem. O céu.

Deus santo havia algo sobre o homem que não evitasse que a boca se enchesse de água?

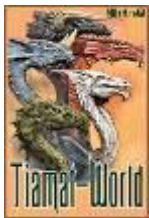
Caleb enganchou um dedo na beira do prato e o atraiu para ele, as dobras dos lados de sua boca se fizeram mais profundos. Com diversão ou irritação?

—Obrigado.

Seu profundo tom de barítono golpeou seus sentidos, adicionando uma onda excitada a seus já transtornados nervos.

—De nada.

Ele não olhou para cima, só assentiu e envolveu os magros dedos ao redor da xícara de café e tomou um gole. Assim de perto podia contar as partículas de pó pendurando da asa de seu Stetson negro, mas não podia ver absolutamente nada de sua expressão. Não é que precisasse



vê-lo para saber que o homem obviamente não estava impressionado. Nada em sua linguagem corporal dizia que registrasse a meio-desnuda, ligeiramente-um-pouco-mais-curvilínea-do-que-o-normal, morena parada em frente a ele. O qual era mais que insultante. Ela não era bonita como uma modelo, mas não era feia como uma bruxa. E honestamente, pela observação feita a seus irmãos, quando se tratava de seios os homens simplesmente não tinham padrões.

—Posso te trazer algo mais? —perguntou inclinando-se desnecessariamente para alinhar outra bandeja debaixo da vitrine do balcão só em caso de que ele de verdade não o tivesse notado.

—Não, obrigado.

Ela soprou sua franja fora de sua testa enquanto se endireitava. Isto não era alentador. Tinham tido esta mesma conversa já durante um mês e a falta de variedade a estava fazendo questionar-se seriamente da sabedoria de seu interesse em Caleb Johnson. Depois de tudo, um corpo de morrer, maçãs do rosto altas, olhos verdes como um bosque, e mais testosterona da que uma mulher teria que suportar sem um tranquilizante só podia levar um homem até certo ponto. E Caleb havia extrapolado as milhas de seus benefícios pelo que a ela concernia. O ponto em que não havia nenhuma razão para que ela tivesse esse interesse nele. Exceto que era assim. Profundamente aonde não podia ser negado.

Suprimiu um suspiro. De verdade, deveria render-se e aceitar que o grande rancheiro simplesmente não se sentia atraído por ela da forma como gostava dele. Deveria, mas não o faria pela simples razão de que seus instintos lhe diziam o contrário. E seus instintos nunca se equivocavam.

As Garras de urso desapareceram com suave eficiência. Também o café. Caleb limpou a boca, o branco do guardanapo de papel destacando contra a escuridão de sua pele. Ele pôs uma nota de dez no balcão, logo inclinou seu chapéu negro para frente e encontrou seu olhar de frente, as bolinhas de verde mais escuro em seus olhos de alguma forma mesclando-se com as sombras que trocavam e se moviam, fazendo gestos.

O impacto desse olhar a atravessou como um raio de energia, imobilizando seus músculos e apanhando o ar de seus pulmões.

—Desfrute de seu dia.

Se tivesse tido que dizer algo mais, além de um automático “obrigada”, não teria podido dirigi-lo. Graças a Deus pelas maneiras que sua mãe sempre dizia que podiam tirar uma mulher de uma situação estressante, porque tentar manter uma conversa civilizada enquanto se suprimia a urgência de derreter-se em um montão aos pés de um homem, tinha uma forma de levar o fator de estresse de uma mulher de zero a dez em menos de seis segundos.

Allie sufocou um suspiro enquanto Caleb se dirigia para a porta da mesma forma em que o havia feito no último mês, com a cabeça levantada, os ombros para trás, com esses passos longos avassaladores que faziam que seus joelhos ficassem fracos. Oh diabos, tudo sobre o homem fazia



que seus joelhos se enfraquecessem e ele a tratava com a maior cortesia e respeito. Pegou o prato e a xícara de café do balcão e os jogou na tina de borracha. Maldita fosse sua imagem!

O sino soando sobre a porta a fez olhar para cima sobressaltada. Caleb se deteve na entrada com os ombros enchendo o espaço, uma mão sobre a porta e o fantasma de um sorriso abatendo-se sobre sua ampla boca enquanto tocava a asa de seu chapéu com o lado de seu dedo em uma divertida saudação.

—Nos vemos amanhã.

Ela ficou ali sorrindo amplamente como uma idiota enquanto seu sotaque se enrolava a seu redor em um sedutor pulso de som. Uma coisa tão simples, mas o homem tocando seu sino era o melhor que tinha tido para animar-se abertamente a ter um encontro. Bom, isso e o fato de que seguia aparecendo pontual como relógio.

A porta se fechou detrás dele. Enquanto o tinido do sino desaparecia, também o sorriso de Allie. Era patética. Só porque o homem se dignou a deixar soar o sino em sua porta enquanto passava não queria dizer que estivesse interessado em tocar seu sino. Com um grunhido de desgosto desabotoou os botões do sutiã. Com três hábeis giros, libertou-o de seus braços e o tirou por debaixo de seu avental branco de pasteleira. Um giro de seu pulso enviou o instrumento de tortura ao cesto de papéis.

Maldição tinha pagado um bom dinheiro por esse sutiã e as promessas implícitas que vinham com ele, suportou duas horas de dolorosa restrição com a esperança de que alguém, especificamente, Caleb Johnson, ao menos levantasse uma sobrancelha em apreciação de seu recentemente florescido decote. Mas tudo o que tinha obtido por seu dinheiro e esforço eram uns seios que doíam e umas depressões de meio centímetro em suas laterais por causa das alças.

Atirando as esperanças do dia ao lixo junto com o descartado sutiã, abotoou o avental, voltou o letreiro de fechado a aberto, e pôs outra jarra de café a fazer.

O dia de hoje tinha sido um desastre, mas a manhã ainda estava aí, como sempre, simplesmente transbordando de possibilidades. E talvez durante o curso do dia pensasse em uma nova forma de explorá-las.

* * *

O otimismo e seus pés estavam derrubados para o final do dia. O estômago lhe roia o espinhaço, tinha a mãe das dores de cabeça e estava escurecendo. Não queria nada mais que ir para casa, devorar um jantar congelado baixo em calorias e arrastar-se à cama. Mas primeiro tinha que chegar lá. O qual queria dizer que tinha que caminhar graças ao presente de aniversário para si mesmo estou-completando-trinta-e-não-posso-ignorar-mais-minha-saúde—cardiovascular.

Normalmente, a caminhada não a incomodava. Fechava a confeitaria as quatro em ponto e era um quilômetro fácil para casa. Mas hoje a máquina de lavar pratos achou de fazer um chilique



e tinha perdido a noção do tempo enquanto obrigava a que retornasse a um humor cooperativo. Assim agora ia caminhar para casa de noite. Maldição. Alguns dias nem sequer valia a pena sair de casa.

Apagou as luzes e se aconchegou em seu casaco de lã. A luz da lua iluminava a rua com uma brilhante luz. Pelo menos não teria que caminhar em completa escuridão. Tirou as chaves do bolso. Justo quando alcançava a porta um redemoinho de folhas voou ao vidro. Gritou e saltou para trás, golpeando uma cadeira e derrubando-a, sentindo-se estúpida enquanto o caótico redemoinho sussurrava para o chão antes de serpentear para a rua. Precisava controlar-se. Era muito velha para ter medo da escuridão.

Fechou a porta e saiu ao ar fresco da noite. Nenhum homem do saco saltou das sombras para atacá-la. Nenhum monstro saltou a suas costas enquanto fechava a porta com chave. Ainda assim, se Dunnesville, Montana, tivesse um serviço de táxi o teria chamado. E se sua única amiga na cidade não tivesse saído para assistir um casamento a teria chamado. Os pesadelos sempre lhe tinham dado medo. Inclusive em uma pequena e amigável cidade com uma taxa criminal fixa de zero.

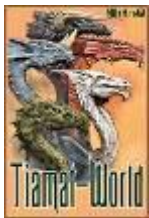
Colocando as mãos nos bolsos, Allie se dirigiu ao leste. Tudo o que tinha que fazer era caminhar um bloco, passar por um feliz e inocente pátio de recreio, passear por um quilômetro de belos bosques e estaria em casa. Não era muito. Quinze fáceis minutos de benéfico exercício e a tranquilizadora oportunidade de absorver a beleza da natureza.

Definitivamente era uma bela noite. A lua limpava as árvores, mostrava uma luz branca no caminho convertendo o abarrotado de lixo final do asfalto em um caminho de suave âmbar, proporcionando contraste e profundidade, unindo os elementos em uma paisagem com uma beleza de outro mundo.

Tomou um profundo e purificador fôlego de ar frio enquanto passeava, desfrutando da paz. Tinha estado tão ocupada neste passado mês estabelecendo a confeitaria que não havia feito nada mais que trabalhar ou dormir. Estes poucos momentos de relaxamento a faziam dar-se conta do que estava perdendo.

Passou o pátio de recreio, sentindo-se como se estivesse caminhando por um caminho místico para uma paisagem mágica, atraída pelo impulso de ser parte do momento. Se cada noite fosse como esta, talvez superasse seu medo à escuridão. A tensão desapareceu enquanto caminhava, todo o peso que tinha estado carregando durante o dia desde que Caleb tinha resistido o encanto de sua repentina taça D, tinha desaparecido.

Ah Caleb. Tinha passado tanto tempo desde que tinha conhecido um homem que chamasse sua atenção, que não estava segura de que algumas partes de si mesma não se atrofiaram. Inclusive debatia se era hormonalmente deficiente, mas um segundo na presença de Caleb, uma breve conexão com sua energia, e de repente mais hormônios dos quais podia conter corriam descontrolados, fazendo demandas e tomando o controle de seus processos de pensamento. Era uma agradável surpresa que sua fingida indiferença fosse irritante.



Como se ele estivesse enganando a alguém. Allie se afundou mais em seu casaco e suspirou. O Sr. Garanhão-mais-silencioso a desejava. Ele somente, por alguma razão estava resistindo a fazer algo a respeito. Bom, se acreditava que podia ser mais teimoso que ela, ia receber uma lição. Uma vez tinha pousado em uma árvore durante três chuvosos, molhados e miseráveis dias, atraindo multidões e jornalistas até que a cidade tinha concordado em adiar a destruição da árvore, até que os bebês guaxinins que viviam ali fossem o suficientemente velhos para seguir adiante. Mamãe guaxinim não tinha estado mais emocionada com sua manifestação que seu próprio traseiro, o qual mostrou uma machucada impressão desse ramo durante uma semana, mas ela tinha aguentado porque havia algumas coisas pelas quais valia à pena lutar. Sendo uma delas, as vidas de inocentes.

Não, ninguém, mas ninguém podia ser mais teimoso que ela. Cedo ou tarde, iria falar com Caleb, e uma vez que lutassem com qualquer problema que ele pensasse que os separava, o homem ia deixar de esconder sua atração e ia começar a fazer algo a respeito. E quando o fizesse, seria malditamente melhor que não resultasse ser um imbecil. Absolutamente não o perdoaria por isso. Não depois de lhe fazer trabalhar tão duro.

O grunhido, vindo da direita a deteve sobre seus passos. Baixo e ameaçador, retumbou em seus nervos, trazendo cada pesadelo de sua infância à superfície. Procurou nas sombras a fonte, mas eram muito profundas para ver nada. E a verdade seja dita, desde que não soava como se enfrentasse um Chihuahua com um problema de atitude, não estava muito ansiosa de ver-se pessoalmente com o que fosse que tivesse perturbado. O grunhido soou de novo. Mas profundo. Mais forte.

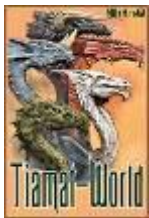
Verificou a beira do caminho em busca de uma arma. O melhor que encontrou foi um raminho podre e um molho de cascalho solto. Nenhuma dos quais se via o suficientemente substancial para defender-se do que de repente saiu da penumbra.

Não era um Chihuahua, nem sequer um cão. Era um lobo. Nunca tinha visto um antes, mas isso não diminuía sua convicção. E era enorme. Suas costas eram tão altas como o peito dela. Sua cabeça era imensa e também suas presas, Deus santo, podia tê-las usado no último Halloween quando estava tentando assustar os revoltados adolescentes que atiravam ovos à sua casa. Retrocedeu outro passo. O lobo adiantou dois, saindo à luz, sua pelagem brilhando tão inquietantemente branco como seus olhos resplandeciam de um amarelo fantasmal.

Baixando sua cabeça se aproximou mais, o cabelo de seu lombo se arrepiou em uma clara ameaça.

Três emoções a percorreram de repente. Medo, incredulidade e raiva. Era a gota que enchia o copo. Estava tão cansada disto. Cada vez que começava uma nova vida, algo vinha e lhe arrancava o tapete de debaixo de seus pés. Primeiro tinha sido seu pai, logo seu namorado, e por último o pomposo chef do luxuoso Empire Hotel.

Talvez não tivesse uma grossa pele para ficar e parecer maior, mas tinha muito ressentimento acumulado e muita atitude para contribuir à discussão.



—Retrocede. —advertiu com um grunhido, tentando projetar agressão em vez de medo, atirando um pouco de força mental atrás do esforço. Só em caso de que os animais de verdade fossem naturalmente telepáticos.

Para sua surpresa o animal se deteve e inclinou a cabeça, quase como se estivesse escutando. Acrescentou mais agressão ao “retrocede” em sua letania mental. Alcançando em seu bolso, manobrou as chaves entre seus dedos. As tocando sentiu a pequena navalha presa à corrente. Esqueceu-se disso. Usando seu casaco como asa, abriu a navalha. Não era uma arma muito boa. Ao máximo podia tirar um olho do lobo, enquanto que este podia fazer muito mais dano a ela, mas se morresse esta noite não ia ir submissamente.

Tirou a navalha de seu bolso. As chaves soaram odiosamente. O lobo levantou os lábios, expondo esses ferozes dentes. Estava tentando intimidá-la, e em vários níveis o obteve, mas em outro nível de verdade estava se incomodando. Em nenhum momento de seu plano de vida estava escrito morrer como carne de imprensa sensacionalista sob os dentes e unhas de um lobo assassino. Agarrou mais fortemente sua improvisada arma e tomou um revigorante fôlego.

Se não estava em sua lista de coisas por fazer, simplesmente não aconteceria.

Sua fanfarronice durou até que o imenso lobo se moveu, mais mudando de lado seu peso que um passo real, parecendo flutuar sobre o congelado chão. Cada instinto de sobrevivência gritava *corre*. Deu um jeito para ofegar e retroceder antes que a apanhasse, enterrando seu nariz no meio de suas pernas, grunhindo quando ela estremeceu.

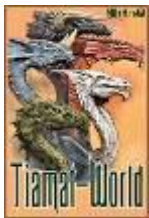
Se era uma advertência ela era incapaz de prestar atenção. O terror é um grande motivador e ter esta coisa tão perto dava muito medo. Fincando para baixo a navalha apontou ao olho direito do lobo. No último momento o animal sacudiu a cabeça e se afastou. A folha golpeou osso, desviando-se e cortando o focinho do lobo. A pelagem de sua boca roçou o lado de sua mão enquanto o metal rasgava através da pele, a suavidade um surpreendente contraponto à violência do ato. A ferocidade da resposta do lobo foi um áspero grunhido que prometia retribuição.

Oh merda! Saltou atrás. Agora o havia enfurecido.

O lobo se elevou sobre as patas traseiras. Suas imensas patas a golpearam no peito, tirando o ar dos seus pulmões. As chaves saíram voando igual a ela. Houve um momento de desorientação e logo, esteve sobre suas costas no chão olhando fixamente às mandíbulas abertas do lobo, enquanto ondas de impacto de sua dura queda reverberavam através de seu corpo.

O lobo não tinha nenhuma pressa agora que a tinha encurralada. Baixou sua cabeça com uma zombadora lentidão, as mandíbulas acomodando-se, abrindo-se mais enquanto se aproximavam de seu pescoço. Suas presas penetraram através do cheio de seu casaco à curva de seu pescoço com uma lentidão igualmente agonizante. Ela afastou o olhar desses brilhantes dentes, presa na barreira dos olhos do lobo... e se deteve.

Se não soubesse que este era um animal, se não soubesse que era incapaz de ter emoções humanas, juraria que a besta estava rindo dela. Brincando com ela como um gato brinca com um camundongo. Divertindo-se com seu medo.



Como se sentisse seus pensamentos, o sorriso zombador do lobo se ampliou, enrugando seu focinho em uma careta selvagem que golpeou diretamente naquele código genético primário de medo que todo humano possui. Uma gota de sangue gotejou da ferida, aplaudindo sua bochecha em uma quente salpicadura. Ela se encolheu e fechou seus olhos quando o animal se inclinou seu fétido fôlego lhe golpeou o rosto um segundo antes que, a igualmente repugnante aspereza de sua língua, tocasse o mesmo lugar. O sopro de ar que emitiu soou muito malditamente parecido a uma risada. Ela abriu os olhos, viu a expressão do lobo e soube muito no fundo, no único lugar onde importa, que o animal estava se excitando com seu terror.

Doente filho da cadela.

A raiva surgiu detrás de seu medo, mergulhando-a em uma corrente de raiva. Olhou para baixo entre seus corpos e encontrou a inspiração. Agarrando um punhado de áspera pelagem de cada lado do sangrento focinho, se segurou firmemente e acrescentou um grunhido próprio à mistura.

—Foda-se.

Antes que a última sílaba terminasse, ela moveu a ponta dura das botas entre as pernas da besta, tendo uma sensação de satisfação enquanto se afundavam profundamente na suave pele antes de alcançar o osso.

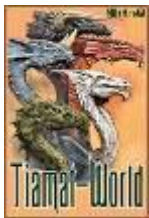
Nunca tinha ouvido um som como o que saiu da boca do lobo enquanto este retrocedia mordendo grosseiramente, falhando seu pé por pouco. Ela não se perguntou sobre isso ou o catalogou para futuras referências. Simplesmente cambaleou para ficar de pé e correu o rouco uivo que a seguiu lhe arrepiou o pelo da nuca e enviou uma congelante onda de adrenalina através de seu corpo. Um olhar por cima do ombro lhe mostrou ao lobo em perseguição, seus olhos brilhando inquietantemente na escuridão, toda ilusão de risada desaparecida de sua expressão enquanto corria atrás dela.

Oh Deus, necessitava um milagre.

Não ouvia ou via nada, mas um minuto estava correndo por sua vida e ao seguinte algo grande e duro a golpeou e caiu sobre seu traseiro diretamente no caminho do lobo que se aproximava. Oh Deus. Oh Deus. Lançou suas mãos sobre a cabeça, enrolando-se em uma bola, fazendo um alvo o menor possível para essas presas.

A luz da lua piscava sob as sombras. Houve um forte golpe e logo um feroz coro de estalos salpicou a noite rapidamente, seguidos por um horripilante choque de afiados dentes. Desceu os braços a tempo de ver duas sombras misturarem-se em uma infernal e retorcida massa de primitiva fúria.

Outro lobo deu-se conta Allie enquanto ficava sobre seus joelhos e ofegava em busca de ar. Seu milagre era outro lobo, negro e tão grande quanto o primeiro, e pelo timbre de seus grunhidos, mais que um pouco aborrecido. Deus. Esperava que matasse ao primeiro. Embora fosse irracional, não podia evitar atribuir características humanas ao primeiro lobo, e se tinha que analisá-lo, o teria classificado como um assassino em série descontrolado. Ele simplesmente tinha



essa fria e desconexa sensação de energia.

Cambaleou para trás enquanto os dois lobos rodavam para ela, mal esquivando um corte dos dentes do lobo cinza enquanto giravam. Precisava sair dali. Também necessitava suas chaves porque sem elas não tinha aonde ir nem nenhuma defesa. Aproximou-se, cautelosamente, aonde estas brilhavam a luz da lua, engolindo o terror, alcançando a raiva que a tinha levado através de tantos arranhões enquanto dava outro passo. Um mais e estava a uns sessenta centímetros dos lobos. A trinta centímetros de suas chaves. Sem tirar nunca os olhos de cima dos animais que lutavam, estirou-se para alcançar o chaveiro de pele. O segundo lobo lhe lançou um olhar, seus profundos olhos verdes brilhavam vermelhos nas bordas. Por um breve momento seus olhares conectaram e nas margens de sua mente chegaram impressões de fúria, determinação e um imperativo: *Corre*.

Enquanto piscava pela impressão, com seus dedos a milímetros das chaves o primeiro lobo se aproximou. Tomando vantagem da distração do segundo. Seus dentes brilhavam estranhamente à luz da lua enquanto se mergulhava para o pescoço do lobo negro. Com um giro de seu corpo, segurou seu salvador.

A ordem de correr fazia eco em sua mente, cada instinto sensato lhe dizia que obedecesse, mas ficou ali e soube, só soube que era a mulher viva mais estúpida, porque inclusive embora ele não fosse humano, e inclusive, embora provavelmente planejasse comê-la também, não podia deixar morrer o lobo negro. Não quando era por sua culpa que se distraiu em primeiro lugar. Não quando tinha salvado sua vida. Ela simplesmente não era assim.

Agarrando as chaves, apressou-se a sua direita e apontou. Com uma rápida prece para que Deus de verdade cuidasse dos tolos e dos idiotas, chutou o lobo cinza tão forte como pôde justo nos testículos.

—Deixa-o em paz! —gritou, o terror e a raiva aguçando sua voz quase ao mesmo tom alto do apagado uivo do lobo cinza.

Este se voltou seus olhos brilhando, as presas gotejando sangue, e foi para ela, um medido passo a cada vez, não vendo-se mais fraco pela briga, nem pior por seu chute. E esse sorriso, esse sorriso totalmente malvado estava de volta em seu rosto enquanto os poderosos músculos de seus ombros se preparavam para derrubá-la.

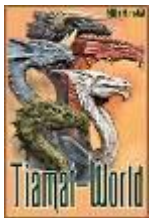
Oh Deus, devia ter fugido quando teve a oportunidade.

Desta vez o pensamento que abriu caminho em sua mente era mais coerente.

Maldita seja. Corre!

Ela piscou. Reconheceria essa profunda voz de barítono em qualquer parte. Essa era a voz de Caleb. O segundo lobo ficou sobre suas patas, o sangue emanava em um escuro rio de seu esmigalhado pescoço, e carregou contra o outro, colidindo com o flanco do lobo cinza com um violento golpe. O ar escapou dos pulmões do lobo cinza antes que a velocidade o afastasse dele e desses rangentes dentes.

Allie arrastou um tremente fôlego a seus próprios pulmões, assimilando o livrar-se por um



fio e logo por uma vez, fez o que lhe ordenaram. Correu. Direito pelo caminho para sua casa. Tão rápido como pôde os sons da batalha não desapareciam de sua mente com a distância, em realidade pareciam incrementar-se com cada passo que dava até que quis cobrir as orelhas e gritar pela primitiva fúria golpeando sua prudência.

Com uma brutalidade que a fez cambalear, os ruídos se detiveram. Nada de grunhidos. Nada de gemidos. Nada de estalos de dentes. Só um vazio que doía mais que a fúria. Deixou de correr, segurou o lado do corpo onde tinha uma mordaz pontada e escutou. A calma da noite a envolveu outra vez em uma beleza etérea, não perturbada pela violência que ela sabia que tinha ocorrido, não revelando nada do resultado.

E logo veio, essa estranha conexão e com ela o conhecimento de que isso era o que estava procurando. Não era tão forte e se cambaleava com um ritmo desigual, mas a voz veio a ela outra vez.

Corre.

Era a voz de Caleb. Sabia em seus ossos. Tinha estudado o suficiente de fenômenos psíquicos para estar convencida de que era possível, mas nunca pensou que o experimentaria. Mas assim era. Com Caleb Johnson. E estava lhe dizendo que corresse com uma voz mental tão fraca que mal era audível. Em vez de correr, ela duvidou.

Mentalmente provou a energia que podia sentir, agarrou-a o melhor que pôde com seus pensamentos e perguntou:

Onde está?

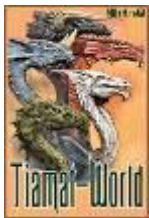
Ele não respondeu, mas a sensação de urgência se incrementou enquanto a pontada em seu flanco cedia. Só havia vinte passos mais até seu caminho de entrada. Os deu em um vacilante passo, as chaves pendurando de suas mãos e os músculos de suas pernas tremendo enquanto lutavam para cumprir sua petição. Deteve-se junto a sua brilhante caixa de correio púrpura, cruamente iluminado em uma estranha luz. As longas sombras a alcançaram de sua entrada delineada por árvores. Os dobrados ramos dos álamos se abatiam sobre a entrada, vendo-se como imensas garras só esperando que o incauto entrasse em seu alcance.

Seu coração pulsava desenfreado pelo esforço e o puro terror enquanto forçava a si mesma a essa fossa de escuridão, o rangido do cascalho raspando o cru bordo de seu terror enquanto dava um passo e logo outro. Se houvesse um mais desses lobos nas sombras, esperava que não desse nenhuma advertência. Recordou à horrível e fervente ferida no pescoço de seu salvador e tremeu. Preferia não saber de antemão se um deles estava planejando lhe arrancar a garganta. Seus passos reduziram a marcha quando alcançou a parte mais escura da entrada. Uma sensação de maldita-seja-se-o-fizer e maldita-seja-se-não-o-fizer a congelou no lugar.

O que acontecia se houvesse um montão desses monstros entre ela e sua casa?

Não os há. Mas vêm.

OH merda! Olhou detrás dela. Nada se movia, mas sentiu um arrepio e a pele de seu pescoço formigou de fria antecipação. “Eles” implicavam mais de um, e ao que tinha incomodado



já tinha sido suficientemente mau. Sem nenhuma outra opção, confiando na voz porque tinha que confiar em algo, inundou-se na penumbra, um silencioso grito em sua mente foi à única saída que permitiu ao terror que a comia viva.

Nada saltou enquanto corria através da densa escuridão para a luz da lua adiante. Nada tentou morder seus calcanhares ou lhe golpear as costas e derrubá-la, mas a sensação de que a qualquer momento ia ser comida de lobo a golpeou mais e mais forte em sua convicção de que só era questão de tempo. Irrompeu na clareira de seu pátio, encontrando um estalo suplementar de velocidade, dirigiu-se para a porta dianteira, sua brilhante pintura vermelha desbotada se assemelhava à cor do sangue seco sob a dura luz da lua.

Tremiam-lhe tanto as mãos que não podia encaixar a chave na fechadura. Os nervos em toda sua costa formigavam como em resposta a olhos invisíveis. Colocou a chave na fechadura, amaldiçoando quando escorregou. Oh Deus, tinha que entrar.

Uma estranha calma se assentou sobre ela, tranquilizando-a, levando longe o terrível pânico. Na seguinte tentativa a chave entrou. O ferrolho se abriu com um som. Abriu a porta, e quase caiu no pequeno vestibulo antes de fechá-la com um golpe.

Imediatamente passou o ferrolho e se apoiou contra o frio metal, deslizando-se ao chão. Envolveu os braços no torso enquanto atraía um fôlego necessário a seus famintos pulmões. O quente e familiar aroma de essência de açúcar de seu lar a envolveu em um confortável abraço. Estava a salvo.

Deixou cair sua suada testa em seus joelhos e deixou que o conhecimento se infiltrasse. Estava em seu lar e estava a salvo. Mas vinham por ela. Se ia acreditar que a telepatia fosse possível, tinha que acreditar que mais desses lobos monstruosos vinham por ela. O que queria dizer que não estava a salvo. Vidros e portas com fechaduras não a protegeriam durante muito tempo. Tinha que sair dali. Sentou-se direita.

Fique.

A voz era mais uma gagueira de sensações que um pensamento formado.

—Caleb? —sussurrou.

Não houve resposta, mas uma carícia de calma serenou seu alarme.

Era Caleb Johnson quem lhe estava dando ordens e estava ferido. Não sabia como, mais do que sabia como podia falar com ela assim, mas estava ferido. Fechou os olhos e se concentrou nessa estranha sensação de calma, tentando seguir a fonte. Ao princípio, não obteve nada. Só a sensação de ridículo por tentá-lo, mas havia uma abertura na parede, uma sensação de expansão em sua mente. Uma horrível dor e debilidade a afligiu antes que a porta que tinha aberto se fechasse de repente, e foi deixada sozinha para lutar com a vívida lembrança.

Levou as mãos à garganta, surpreendida de encontrá-la intacta.

Havia só uma coisa que tinha visto com a garganta destruída recentemente, o lobo negro que tinha salvado sua vida. Estava conectado com Caleb de alguma forma. E agora estava ali fora sozinho. Terrivelmente ferido por sua culpa. E mais desses lobos monstruosos estavam vindo.



Fez o que qualquer mulher sensata teria feito nessa situação. Foi pegar sua arma.

Capítulo 2

Caleb possivelmente estava debilitado. Possivelmente estivesse inclusive a ponto de morrer, mas ainda resultava ser um fodido chateio.

Volta.

Allie ignorou esta ordem da mesma maneira que tinha ignorado as últimas três, girando seu compacto carro fora do caminho e descendo pelo escuro caminho. A noite não era tão aterradora quando estava no carro, sentindo o peso da arma no colo. Não sabia de onde tinham vindo esses monstruosos lobos, mas estava bastante segura de que uma bala no olho os derrubaria.

Foi mais lentamente quando viu um escuro vulto no caminho. O batimento do coração, que nunca se normalizou, voltou a acelerar-se até o impossível quando o vulto se separou em dois corpos distintos ante a luz de seus faróis. Estacionou o carro a um lado do caminho um pouco além dos corpos, apagou o motor e se sentou ali, tomando fôlegos profundos, rechaçando o repentino temor entristecedor por pura força de vontade.

Permaneça no carro.

—Cale-se. —murmurou quando alcançou a maçaneta da porta. O temor que a alagava era irracional e além de sua imaginação. Era tudo o que podia pensar para não fugir aterrorizada.

Retorna para casa.

Esses sentimentos não provinham dela, deu-se conta enquanto o suor empapava as palmas da mão e lhe gotejava pelos olhos. Agarrou a lanterna e o revólver, puxou a maçaneta da porta, e a abriu de repente quando o fecho cedeu.

—Saia de minha cabeça!

Virtualmente se atirou fora do carro. Logo que a porta se fechou, o pânico retrocedeu e esteve sozinha com sua própria covardia. Isso podia lidar com isso.

Moveu-se cuidadosamente para os corpos, mantendo o revólver apontado para os lobos. O lobo cinza estava deitado muito quieto, a cabeça retorcida em um estranho ângulo, a língua pendurando e os olhos olhavam sem ver, a malevolência que o rodeava não tinha diminuído com sua morte. Aproximadamente a um metro estava deitado o lobo negro. Mal atrevendo-se a respirar, iluminou com a lanterna o animal. Uma imensa mancha de sangue rodeava o corpo, gotejando do grosso pescoço, o qual brilhava com a lenta vazante da vida.

—Isto não pode ser bom. —murmurou enquanto o sangue se arrastava para fora. Evitou o lobo cinza enquanto se aproximava do negro. Vivo ou morto, a besta lhe dava calafrios.

O lobo negro somente lhe dava uma sensação de urgência que não tinha nenhum sentido



considerando que tinha ganhado o combate e era, portanto a ameaça maior. Mas ali estava uma vez mais com seus instintos fazendo caso omissos do bom senso. Parou a meio metro do lado do lobo negro. Percorreu o corpo com a luz. As costelas subiam e desciam com cada fôlego, pelo menos respirava.

—Tranquilo, Grandalhão. —murmurou, empurrando o revólver no cinto de seu jeans antes de ajoelhar-se fora do anel de sangue.

A resposta do Grandalhão foi levantar o lábio. Ela não se aproximou mais, mas tampouco se afastou.

—Uma agradável dentadura.

Tocou-lhe um talho no quadril. O lobo se estremeceu, e a ordem veio alta e clara.

PARTE!

—Logo que cuidar do Grandalhão farei isso. —replicou.

Era estranho manter uma conversa com uma voz em sua mente, mas em uma escala de um a dez de todas as coisas estranhas que havia feito em sua vida, realmente esta só valia um quatro.

Sentou-se sobre os calcanhares. Na fúria da batalha, não tinha apreciado realmente quão grande era o lobo. Era ao menos meio metro mais alto que ela, o qual não dizia muito já que ela mal levantava metro e meio, mas a massa completa do animal era impressionante. Tinha que pesar mais de noventa quilogramas, o que ia fazer que levá-lo ao veterinário fosse um grande problema. Havia lugar em seu carro para ele, mas levar o lobo até ali poderia ser um problema. Certamente, não ia ser fácil.

Já vêm.

—Não me pressione —murmurou— Não trabalho bem sob pressão.

A fria rajada de adrenalina fez que suas mãos tremessem e o fôlego saísse em ofegos. Realmente não estava feita para este tipo de coisas.

Acariciou o flanco do lobo com cautela antes de ficar de pé.

—Voltarei imediatamente.

Deixe o lobo.

Tudo dentro dela se rebelou ante o pensamento.

—Não é uma opção.

Faz o que digo.

Como que fosse obedecer. Bufou quando agarrou uma lona do porta-malas do carro e o fechou de repente. Não ia tentar a sorte com nenhuma surpresa esperando-a quando voltasse.

—Devo estar louca e possivelmente falo com vozes em minha cabeça, mas inclusive eu sei que não tenho que obedecer a suas ordens.

Caleb não respondeu verbalmente a seu sarcasmo, mas sentiu um sofrido suspiro através da mente.

É uma mulher teimosa.

—É uma de minhas qualidades mais atraentes. —disse enquanto colocava a lona de lado



sob as costas do lobo, colocando uma dobra grande debaixo.

Qual é seu plano?

—Vou enrolar o lobo nesta lona e o arrastarei para o carro, e confiando em não terminar com minha própria garganta rasgada, levá-lo-ei a veterinário.

Ele não te fará mal.

—Como se pudesse garantir isso.

Olhou o lobo, especialmente aos dentes ainda expostos em um grunhido, e sacudiu a cabeça. Depois disto, realmente ia ter que ir ver esse psiquiatra que sua família seguia recomendando.

Não está louca.

—Isso diz a voz em minha cabeça.

Tanto se estava louca ou a ponto de cair, isto não vinha ao caso neste momento. Respirou e se estirou sobre o lobo.

—Espero que tenha razão a respeito de seu nível amistoso — murmurou quando agarrou as patas dianteiras e as empurrou para cima. O lobo fez um horrível som de ofego quando fez rodar sua metade dianteira. A meio caminho, o peso do corpo do lobo a venceu, quase arrastando-a de cara à estrada. Rapidamente montou sobre seu torso, mantendo as patas acima junto a sua coxa enquanto agarrava as patas traseiras e as arrastava para frente. Houve um momento em que pensou que não poderia fazê-lo, mas então o lobo se retorceu o suficiente e ela o subiu à lona.

Respirando com dificuldade pelo esforço, puxou a dobra tirando-a de debaixo do lobo, estremecendo quando o sangue manchou suas mãos, detendo-se só para limpá-las nos jeans antes de continuar. Seu instinto falava com ela outra vez e lhe dizia que tinha que apressar-se.

Agarrando a ponta da lona, puxou. A lona lhe escapou das mãos.

—Filho da puta. — enxugou as mãos outra vez, e reuniu as dobras que sobravam com um melhor agarre. Recostando-se contra a resistência, afundou os tornozelos. O lobo se moveu trinta centímetros antes que ela tivesse que parar com os músculos chiando em protesto.

Um uivo arrepiante perfurou a noite. Foi seguido imediatamente por outro. E outro. Todos da mesma direção. Todos soavam malditamente muito perto para sua comodidade.

Depressa.

Como se necessitasse que lhe dissesse isso.

—Se acredita que pode fazê-lo melhor, faça você mesmo.

Um sentimento de extremo desgosto a atravessou. Genial, justo o que necessitava. Uma voz interior com caráter. Apoiou os pés e puxou outra vez.

—O que o deixa aborrecido?

Sua insistência em arriscar a vida.

—Foi um detalhe de sua parte não mencionar coisas doces. —disse ela enquanto ofegava durante o seguinte descanso. Um rápido olhar revelou que o tinha movido sessenta centímetros.



Não sou doce.

Apertou os dentes e reuniu energia. O uivo voltou. Mais perto. Jogou uma olhada por cima do ombro. Era a porta traseira ou lutar.

—A doçura está toda nos olhos de quem olha querido, e isso soava bastante malditamente doce para mim.

Depois disso, não teve ar extra para falar. Necessitava tudo o que tinha para mover o lobo. Puxou até que os braços e pernas lhe doeram. Palmos a palmos, conseguiu mover ao lobo sobre o chão, o desespero lhe dava um pouco mais de força enquanto os uivos se elevavam como uma cacofonia obscena, ressoando dentro e fora de sua cabeça. Estava profundamente agradecida de que Caleb não adicionasse outro "depressa" a sua própria litania interna.

Não sabia o que eles iriam fazer. Não sabia se poderia obter os últimos centímetros, mas fechou os olhos e deu tudo o que tinha. Quando os abriu, o lobo estava justo nos para-choque traseiro. Tinha-o feito. Inclinando-se contra o lado do carro, gesticulou o bracelete.

—Parece que podemos fazê-lo depois de tudo.

Parte agora!

Ela não teve que perguntar por que a ordem chiou por sua mente. Podia ouvir o entrecostar nos arbustos, os grunhidos, literalmente, sentia a morte se aproximar.

Envolveu os braços ao redor do grande torso.

—Ajude-me, Grandalhão!

Para sua surpresa, o lobo o fez, pondo as patas sob si mesmo, exercendo o último de sua força, atirando seu torso acima para que os dois caíssem na área de carga. Ela não esbanjou um segundo em maravilhar-se pelo milagre. Acabava de lhe agarrar as patas traseiras e empurrá-lo no pequeno espaço antes de fechar a porta.

Um olhar para o bosque revelou oito imensos lobos de cores variadas saindo em avalanche das sombras, cercando-a rapidamente. Lançou-se ao redor do carro, soluçando enquanto as mãos manchadas de sangue escorregavam inutilmente no cabo da porta, tentando duas vezes mais antes de conseguir abri-la. No tempo que lhe levou elevar uma oração de obrigado, fechou a porta e pôs a chave no contato.

Por uma vez o carro arrancou sem protestar. Quando colocou a marcha, algo golpeou o para-brisa. Levantou as mãos e gritou, a vista de presas e olhos resplandecentes fez que o terror penetrasse nela. Outro corpo golpeou a janela da porta do condutor com tanta força que esperou que o vidro se quebrasse. Aguentou. Graças a Deus pelo vidro de segurança.

Conduz Allie.

Como antes, a calma tranquilizou seu pânico e por uma vez não teve inconveniente em seguir uma ordem. Pisou com força o pedal de aceleração, rodou o volante para que o lobo rodasse longe e se dirigiu à cidade, olhando pelo espelho retrovisor enquanto seus pneus se agarravam ao asfalto. Os lobos começaram a perseguição.

Excursão.



—E conduzir de volta às presas e companhia? —Sacudiu a cabeça—Não acredito.

Outro olhar ao retrovisor a fez piscar. Os lobos ganhavam terreno. Verificou o velocímetro. Ia a sessenta quilômetros por hora e acelerando. Isso não era possível.

—Que demônios são essas coisas?

Nenhuma resposta, só mais tranquilidade acariciando seus nervos e outra declaração de fatos.

Ninguém na cidade pode te ajudar.

Ela pisou mais forte no acelerador.

—Então Sr. Sabichão, onde sugeriria que fosse? —Não deveria ter-se surpreendido pela resposta.

Ao Círculo J.

O desvio ao Círculo J estava a dois quilômetros na outra direção. Do outro lado de sua casa. Do outro lado dessa manada raivosa de lobos monstruosos.

Apertou o punho no volante.

—Proponha outra sugestão.

Não há.

Acreditou nele.

—Merda! —Apertou os freios, girou o volante e acelerou. Detrás dela houve um ruído surdo. Um olhar ao retrovisor mostrou o lobo negro em um montão do outro lado da área de carga. Ela escoiceou. Isso tinha que ter doído.

Os pneus chiaram um protesto quando pisou no acelerador, dirigindo-se diretamente para os lobos. Esperava que se separassem não que formassem uma parede sólida do outro lado da estrada. Instintivamente foi ao freio.

Não pare.

—Bom — lambeu os lábios—, mas espero que se dê conta de que golpear a uma dessas coisas destroçará meu carro.

Não golpeie nenhum.

Grande conselho da voz amorfa na cabeça, mas não estava segura de se ia ser capaz de evitá-los. Eram uma sólida linha de grunhidos de resolução através da estreita estrada. Manuseou a arma no colo até que se sentiu segura. Levantou-a.

Com um "aqui vamos" pisou no acelerador.

Os lobos não se moveram, só mantiveram sua posição ligeiramente atrás do lobo do centro, a expressão de sua cara era uma máscara negra, arrogante e cruel. No segundo que seu olhar se encontrou com o do lobo, esteja levantou o queixo. Um desafio?

Continue.

Houve uma beira de desespero na débil ordem.

Por que todos, de sua família a vozes na cabeça, pensavam que ela era de pouca confiança?



—Não se preocupe, nunca perdi no jogo da galinha, ainda.

Eles não estão jogando.

—Avanço informativo. —Agachou o queixo e reforçou os braços— Tampouco eu.

Golpeou a parede de carne a oitenta, virando no último minuto para que o para-lama ricocheteasse no ombro do lobo principal antes que lhe dar um golpe mortal. Atirando o volante à esquerda, enviou outro lobo voando. No intervalo, quatro mais rodearam o carro, seus grunhidos faziam mal aos seus ouvidos enquanto as garras chiavam contra o metal. Um saltou ao capô, limitando sua visão ao cinza-negro de seu peito e ao brilho branco de suas imensas presas.

Tirou a arma do colo, apertou o canhão contra o para-brisa, fechou os olhos, e apertou o gatilho. O rugido foi ensurdecador no pequeno interior. O retrocesso lhe golpeou o antebraço no volante. Só seu agarre mortal sobre o revólver o manteve em sua mão.

Quando abriu os olhos, havia uma salpicadura imensa de sangue no para-brisa e a estrada aberta ante ela.

—E permaneça longe de meu carro. —murmurou com um débil alívio quando pressionou o botão do limpador de para-brisas. A maior parte do sangue se limpou, deixando uma mancha gordurosa entre o labirinto de fendas.

Olhou pelo retrovisor. Os lobos se foram. Pela primeira vez em dez minutos, respirou fundo. Olhou o lobo imóvel na área de carga.

—Acabamos de fazê-lo depois de tudo.

Eles a prenderão.

—Céus, maldição! —golpeou o volante frustrada— Não pode me deixar desfrutar de um estúpido segundo de alívio?

O homem chegava a ser bastante desmancha-prazeres.

Escuta.

A debilidade na ordem a alarmou.

Vá ao Círculo J. Permanece na estrada e segue. Não confie em seus olhos. Não importa o que veja. Por pior que fique, não afaste o pé do acelerador.

Chamava-a de cética, mas quanto pior isso podia ficar?

—Que significa, “por pior que fique”?

Vá ao Círculo J. Os lobos não podem ir ali.

Ela olhou com desejo seu caminho de entrada enquanto o passava.

—Como sabe disso? Tem instalada algum tipo de cerca contra lobos monstruosos?

Sim.

Possivelmente tinha sido um vestígio de ridícula diversão o que ouviu no final da suave afirmação. Quando ela não respondeu, sentiu a cotovelada mental outra vez.

Maldito homem persistente. Ela só queria retornar para casa e fingir que isto nunca tinha acontecido.

Prometa-me que não irá parar. Não importa o que acontecer.



Girou à direita no caminho de entrada da fazenda do Círculo J, sentindo como se dirigisse a um caminho sem retorno.

—Prometo.

Seu *Bem* foi só um suspiro na cabeça. Houve uma piscada de energia e logo se foi, deixando-a só em uma estrada estranha, em uma corrida com lobos assassinos que planejavam isolá-la do santuário que nem sequer estava segura de que existisse. Filho da puta. Não era isso um homem?

—Caleb?

Não houve resposta. E não esperava realmente uma. Havia um vazio onde tinha estado sua voz. Um vazio morto de sentimentos que a espantou da morte.

Sacudiu a cabeça e conduziu tão rapidamente como se atreveu pelo caminho de sulcos bordeado de árvores. O carro passou por um buraco profundo, fazendo-a saltar. A arma caiu ao chão. Praguejou e mediu ao redor, sem afastar os olhos do atalho traiçoeiro.

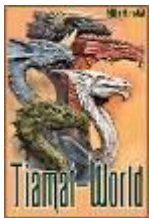
Outro salto a fez abandonar a arma a favor de tentar permanecer no caminho. Apertando o volante com força nas mãos, entreabriu os olhos para ver a noite através das manchas e fendas e amaldiçoou sua sorte. Imaginou o primeiro homem para acreditar que poderia cumprir uma promessa feita a uma voz fictícia em sua cabeça.

Lutou com o carro em um giro contra a série de sulcos que tentavam tirá-la do caminho a botes. Quando o carro golpeou o seguinte emplastro suave, os dentes lhe vibraram na cabeça. O Senhor saberia como se sentia seu passageiro. Se é que ainda estivesse vivo.

—Sinto tudo isto. —sussurrou, atemorizada em olhar, atirando o volante à direita, evitando por pouco uma rocha grande atolada no meio da estrada. Caleb tinha que estar louco para pensar que seu pequeno carro poderia mover-se por este atalho disfarçado de estrada. Estava quase decidida a dar a volta.

O lobo branco que saltou de entre as árvores descartou essa ideia. Apertou o acelerador e abanou o rabo ao outro lado do atalho, evitando por pouco a batida que a teria arrancado do carro. Apareceram mais lobos a ambos os lados do carro, aproveitando-se de sua freada para rodeá-la. Assustou-a, quão dispostos estavam a sacrificar-se a si mesmos para detê-la. Tinham que ir atrás dela ou atrás do lobo, mas dado que da outra opção não gostava, não ia frear por amor ou dinheiro.

O carro se inclinou precariamente na seguinte curva. Estava conduzindo muito rápido para esse caminho, mas era impossível ir mais devagar. Conduzida pelos lobos como um cordeiro ao matadouro, só podia rezar para que o carro se agarrasse ao caminho e não houvesse nenhuma surpresa desagradável entre aqui e o Círculo J. O suor lhe caía pela cara, e as mãos escorregaram do volante. Os para-choques roçaram uma árvore antes que voltasse para o caminho. Os lobos uivaram ao livrar-se por um fio e logo retrocederam em formação ao redor dela. O lobo mascarado corria ao lado da porta do condutor, aparentemente contente de esperar. Para que? Esperava que chocasse?



Enxugou o suor da testa com a manga do casaco. Não ia chorar. O único curso onde tinha conseguido um dez tinha sido no curso de condução defensiva na escola. Estava malditamente orgulhosa desse dez. Não ia quebrar esse perfeito recorde esta noite com um grupo de lobos maníacos como testemunhas.

Elevou o olhar e o coração afundou até os pés. Nem sequer um dez em condução defensiva ia fazer que acontecesse. O caminho terminava na maior rocha que jamais tinha visto. Terminava justo na base. Com uma grande quantidade de grossas árvores a ambos os lados, não havia nenhum caminho. Sem lugar onde girar e sem volta atrás, não tinha opções.

A seu lado o lobo mascarado deu um grunhido vitorioso. Ela se encontrou com seu olhar direto. Outra vez a estranha expressividade de sua cara a surpreendeu. E logo a irritou. Não havia nada pior que um lobo lambendo-se. Olhou à rocha que se aproximava rapidamente. Quase estava no ponto de não retorno. Os lobos ao redor dela recolheram o ganido do líder, as vozes se mesclaram em um grito de guerra angustiante.

Não confie em seus olhos. Não importa o que veja. Por mau que fique não levante o pé do acelerador.

As palavras de Caleb retornaram a ela. Confiava em Caleb, mas mais que isso, não queria morrer como o bocado de um lobo. Levantou-lhe o dedo e logo esmagou o acelerador até o chão. O pequeno carro se disparou para frente. Seu chiado ressoou no diminuto interior, fechou os olhos e esperou o choque inevitável.

* * *

Nenhum impacto repentino. Nada de metal chiando contra pedra. Nenhum vidro quebrado. E, sobretudo, nenhuma dor horrenda.

Abriu os olhos. Não havia nada diante dela. Nenhuma penumbra. Nenhuma sensação de apreensão e certamente nenhuma rocha do tamanho do Mount Olympia. Só um atalho reto com sulcos salpicados pela luz da lua. Allie pisou no freio e olhou para trás. Os lobos estavam a trinta metros atrás. Podia-os ver através da brilhante miragem da rocha. Estranho.

Caleb tinha razão. Pelo motivo que fosse os lobos não podiam segui-la aqui.

Diminuiu a velocidade a um nível manejável, seguindo o atalho durante três minutos mais antes que a casa do rancho entrasse na vista. Era uma estrutura imensa e bem iluminada estendida entre duas colinas. Nada jamais lhe tinha parecido mais bonito. Apertou a buzina enquanto saltava pelo caminho. Queria Caleb diante e no centro logo que parasse. Tinha um assunto ou dois para tratar com ele.

Um homem saiu da casa enquanto ela se deslizava pelo caminho. Era alto e por sua silhueta, bem musculoso, mas soube instintivamente que não era Caleb. Desceu os degraus e esteve atrás do carro antes que ela completasse a freada. No tempo que lhe levou abrir sua porta, ele falava com um aparelho que levava no ombro e gesticulou a porta como soubesse exatamente



o que levava ela.

O qual possivelmente sabia. Se Caleb podia comunicar-se com ela telepaticamente, provavelmente podia fazê-lo com outros. Abriu a porta e saiu do carro, ignorando a punhalada de desalento que sentiu. Fechando a portinhola do carro de repente, perguntou:

—Está ainda vivo?

A resposta foi curta e ligeiramente amortecida já que veio das profundidades do carro.

—Sim. Não graças a você.

Não graças a ela?

—Salvei sua vida!

O homem apareceu do carro, sua expressão incluía um olhar de repugnância quando seus frios olhos cinza se moveram sobre ela com impaciência.

—Você o veria assim. —Seu olhar se estreitou quando olhou por cima do ombro dela, o corte militar se acrescentava a sua aura agressiva — Vocês dois, me ajudem aqui.

Um olhar rápido revelou três homens justo detrás dela, todos grandes e todos olhando-a com essa mesma expressão de antipatia.

—Onde está Caleb? —perguntou ao grande loiro, sem gostar da sensação que sentia.

O loiro não respondeu, só assinalou com o queixo para ela.

—Prenda-a.

Ela se agachou, mas foi muito tarde. Seus braços foram amarrados bruscamente para trás.

—O que vamos fazer com ela? —uma voz masculina profunda perguntou coloquialmente por cima de sua cabeça como se ela não estivesse chutando e retorcendo-se em seu agarre.

—Decidirão os irmãos.

A indiferença total por seu destino enviou um calafrio por sua espinha dorsal.

Gritou por Caleb com cada fôlego que pôde reunir. Ele estava aqui. Sabia que estava aqui. Havia-lhe dito que viesse aqui. Gritou outra vez, o suficiente forte para fazer que dois dos homens estremecessem, mas o loiro que parecia estar no comando somente levantou uma sobrancelha enquanto o outro homem meio a levava, meio a arrastava longe do carro com irrevogável tranquilidade.

—Ele não pode ajudá-la agora.

Capítulo 3

Allie permaneceu na escuridão do celeiro sem janelas durante o que pareceu uma eternidade. Pelo grunhido de seu estômago e a dor em sua bexiga, provavelmente só algumas horas, mas se sentia como se tivessem passado dias desde que tinha sido presa nesse buraco negro como a boca de um lobo, esperneando ante o estranho ranger do feno esparso sobre o



chão cada vez que se aproximavam apanhada entre a esperança e o temor de que a porta se abrisse logo.

—Maldição, Caleb, onde está? —Sua voz, rouca por chamá-lo, mal era reconhecível. Seu cérebro se sentia igualmente forçado por todos seus gritos mentais. E tudo por nada. Nenhum de seus gritos tinha tido resposta. Equivocou-se ao confiar em Caleb? Tinha sido algum tipo de montagem?

Puxou suas ataduras outra vez, ofegando com dor quando o sangue fresco gotejou por seus pulsos. Suas mãos se deslizavam com maior facilidade uma contra a outra com a escorregadia umidade, permitindo-lhe lutar mais forte e que as ataduras cortassem mais profundo, mas sem lhe conceder um pouco de liberdade. Em outras palavras, estava se ferindo para nada.

Caiu contra a parede e soprou a franja da testa. Como tinha acabado seu dia de conseguir um possível encontro com um robusto rancheiro a estar amarrada em um escuro estábulo de seu celeiro?

O ferrolho metálico do estábulo soou e a porta se abriu. Nenhuma pinga de luz iluminou o interior.

—Quem está aí? —perguntou ela, tentando ficar em pé.

Umas mãos sobre seus braços a empurraram para cima no último lance.

Ela se afastou forte e rapidamente. Só golpeou o ar. Como se seu esforço não fosse nada mais que um aborrecido mosquito zumbindo ao redor do objetivo do homem, estava transtornada por isso.

—Sangra. —disse o homem.

—Como um porco cortado. —Com um pouco de sorte ele estaria vestido elegantemente e lhe arruinaria o traje.

—Bem.

—Bem? —perguntou ela quando ele a tirou do estábulo para o ligeiramente menos escuro corredor do celeiro— O que é algum tipo de sádico?

—O que sou a impressionaria.

Ela duvidava muito.

—Depois da noite que tive, acredito que estou farta de fortes impressões.

E de toda precaução. Poderia estar fora de seus cabais, mas não o mostraria.

A porta do estábulo se fechou com um golpe seco.

—Bem.

Outra vez com esse “bem”.

—Não é muito conversador, verdade?

Seu comentário não gerou uma resposta. Ela tropeçou com algo no chão. A mão em seu braço não a deixou cair, mas tampouco a ajudou. Captou a mensagem. Caminhava ou seria arrastada. Tropeçou sobre seus pés.



—Assim o que, quem é você?

O homem há elevou um pouco. Teve a impressão mental de algo em frente a ela, mas não podia ver nada.

—Jared.

—Jared, o irmão de Caleb?

Ele se inclinou para frente, como se estirasse por algo. Merda! Lamentava não poder ver.

—Sim.

Tudo o que ela precisava era um momento de descuido para escapar. O apertão de seu braço não diminuiu quando ele abriu a pesada porta do celeiro.

Como se pudesse ler seu pensamento, ele disse:

—Não pode escapar.

Ela empurrou o cabelo sobre o ombro quando a pálida luz prévia ao amanhecer surgiu no celeiro.

—A quem tenta convencer, a você ou a mim?

Os olhos dele brilharam debaixo da asa de seu chapéu quando baixou o olhar para ela desde seu mais de um metro e oitenta de vantajosa posição.

—Seria de alguma utilidade que tentasse te convencer? —perguntou ele, movendo-se para frente.

Ela teve que saltar para manter o passo.

—Não muito.

—Então suponho que estou falando para mim mesmo.

Como Caleb, tinha um modo único de engastar as palavras entre si. Encantador embora de alguma forma passado de moda. Bem, encantador se ele não a mantivesse prisioneira e a arrastasse através do pátio a velocidade suicida.

—Advirto-o agora mesmo, se não reduzir a velocidade, vou sofrer um acidente.

—Não te deixarei cair.

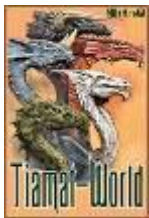
—Não falo desse tipo de acidente.

Os dedos de Jared se apertaram no braço dela e igualmente rápido se relaxaram. Ele jogou uma olhada ao céu oriental. Sua boca, tão generosa como a de Caleb com a mesma forma bem definida e totalmente masculina, aplanou-se em uma linha reta de desaprovação, mas reduziu a marcha.

Bem, isso era um fragmento de informação útil. Com probabilidade não planejavam matá-la, já que se viam preocupados de que ela fizesse xixi em suas calças.

—Há instalações dentro — disse ele finalmente.

Seu “é bom saber” foi dito quase sem fôlego. Realmente ia ter que ficar séria sobre manter-se em forma quando chegasse em casa. Arriscou-se a elevar o olhar quando alcançaram o amplo alpendre. Poderia ter havido um sorriso na boca do homem, mas foi tão rápido que se esfumou.



Jared não a soltou quando subiram os degraus, só manteve o estável e intransigente apertão sobre seu braço.

—Aonde me leva? —perguntou ela quando ele meio a empurrou, meio a escoltou pela porta principal.

—Às instalações. —inclinou-se sobre ela para abrir uma porta para a direita. Ela não sentiu que ele tocou suas ataduras, mas de repente seus braços caíram a seus lados.

—Seja rápida.

Era mais fácil dizê-lo que fazê-lo. Seus braços, por tanto tempo confinados, rechaçaram escutar alguma coisa que seu cérebro tivesse que dizer.

Jared se tirou o chapéu, revelando uma cabeça com um espesso cabelo castanho. O parecido da família com o Caleb era ainda mais forte sem o chapéu. Mesmo rosto quadrado, maçãs do rosto bem definidas, grandes olhos amendoados ligeiramente enviesados que se inclinavam mais ao verde que ao azul, terminando com um queixo de obstinado aspecto.

—Que espera?

—Sentir que retornam meus braços.

Ele franziu o cenho e logo bruscamente começou a massagear seus braços. Quando seus dedos lhe percorreram os pulsos sobre a camisa, a crua dor a fez gritar. Ela escapou de seu alcance.

Algo, pena talvez? Flutuou em seus olhos amendoados quando viu o sangue em seus dedos antes que sua expressão voltasse para impávida.

—Seja rápida.

Ele não tinha que preocupar-se. Sua bexiga não a deixaria fazer nada mais. Se ela não tivesse estado tão apressada, poderia ter feito uma pausa antes de usar o que parecia uma privada de interior de antigamente, mas as mulheres a ponto de arrebentar não podiam ser melindrosas, e este era definitivamente um momento "qualquer-buraco-te-tirá-do-apuro". Só tomou dois segundos decidir que não havia nenhuma saída do banheiro. A porta pela qual tinha entrado era a única saída. A única luz vinha de uma pequena janela redonda no alto. Não havia papel higiênico e só uma tosca bacia para lavar as mãos. Além disso, não havia água para encher a bacia.

Sua bexiga se aliviou, o Kleenex de seu bolso substituiu o papel higiênico, começou a pensar em outras coisas. Sobretudo em como sair dessa confusão. Claramente, não podia sair sigilosamente do quarto. Pela diminuta janela não encaixaria seu pé, sem mencionar seus quadris. O que significava que não podia escapar, mas não significava que não pudesse atrasar-se. Havia um ferrolho na porta. Com cuidado o deslizou em seu lugar, estremecendo-se com o ligeiro chiar metálico quando este encaixou.

—Apreste-se. —chamou Jared do outro lado.

—Tento entender como encher com água esta coisa.

O qual era uma mentira pela metade. Não tinha nenhuma só pista de como funcionava



essa monstruosidade.

—Puxe a corrente.

Ela o fez, deteve-se por um tempo. Quebrou o oxidado gancho e o sentiu cair sobre seu braço.

—Obrigada. —respondeu ela com falsa alegria, deixando cair à fina corrente na bacia. Uma olhada rápida às paredes não revelou nada que servisse de arma. Dobrando-se sobre mãos e joelhos, comprovou sob o gabinete. Talvez alguém tivesse perdido uma chave inglesa ou algo assim com os anos.

A porta que ela tinha assegurado se abriu de repente e duas puídas botas de vaqueiro marrons entraram em seu campo de visão um segundo antes que a familiar mão voltasse a lhe segurar o braço e a levantasse.

—Disse a você que não havia escapatória.

Ela deu de ombros.

—Perdoe-me se não tomar sua palavra nisso.

Ela alcançou a corrente quando ele a tirou. Com um rápido movimento, tirou-lhe a corrente da mão.

—Não necessitará disso.

—Por que não? —Perguntou ela, arqueando uma sobrancelha— Por que não quer me ferir?

—Porque isso não te servirá.

Muito que esperar. Ela resistiu tanto como pôde quando a arrastou pelo escuro corredor. O qual não era muito considerando a força do homem.

Ele se deteve, suas sobrancelhas se franziram com impaciência.

—Preferiria ser amarrada?

—Não.

—Então continua.

Era um mandão filho da puta.

—Aonde me leva?

Ele fez uma pausa diante de outra porta.

—A Caleb.

Ela deixou de resistir imediatamente. Tinha mais que alguma coisa que desejava dizer a esse homem. Mas antes de lhe dizer algo, queria umas desculpas. Considerando que tinha mantido sua promessa, ficar ali apesar de tudo, isso era o menos que lhe devia.

* * *

Não ia conseguir uma desculpa. Allie olhou com horror para Caleb. Ele estava pálido. Tão pálido. E a vida que geralmente exsudava dele como ondas, agora era só uma piscada ocasional



que ela mal podia sentir. A metade de sua garganta estava exposta. Já não sangrava mais, e na verdade sua ferida não se parecia com nenhuma outra que tivesse visto alguma vez. Quase parecia como se esta tivesse começado a curar-se e logo se deteve em alguma dura fase de transição.

Deu um passo adiante, atraída aonde ele jazia na cama, seu robusto corpo era escuro contra os brancos lençóis.

—O que lhe aconteceu?

—Os lobos. —Jace virtualmente cuspiu as palavras.

Ela olhou aos três homens que estavam de pé rodeando-a. Conhecia-os de vista, três clones de Caleb de uma forma ou outra. Indiscutivelmente irmãos na aparência e temperamento, os punhos estavam apertados como se estivessem preparados para lutar ante a menor provocação, suas mandíbulas fechadas em preparação. A pergunta era por quê?

—Por que não o levaram ao hospital?

—Ele não necessita um hospital. — disse Jared, a raiva cortava com cada palavra.

—Necessita sangue. —clarificou Slade.

Allie sacudiu a cabeça, tocando o ombro nu de Caleb sobre o lençol branco. Estava tão frio. Tão quieto.

—Isso é exatamente pelo que tem que ir ao hospital.

Jared se adiantou.

—Ele não necessita esse tipo de sangue.

Ela o olhou algo em seu tom a alertou. Isso não acabaria bem. Agarrou-lhe o pulso, retirou-lhe a camisa, e expôs suas feridas.

—Ele o necessita diretamente da fonte.

O sangue fluiu. Seus olhos brilharam. Bom Deus, seus olhos brilharam!

—Não. —Ela sacudiu a cabeça e retrocedeu tão longe como o apertão sobre seu braço o permitiu.

—Jesus, Jared, acreditei que o diríamos brandamente. —Jace se adiantou como se fosse romper o apertão de seu irmão.

—Por quê? —Perguntou Jared, situando-se entre ela e Jace— Assim ela entenderá por que vai morrer? Acredita que isso o faz mais aceitável?

—Ela não vai morrer.

As palavras de Slade poderiam parecer seguras, mas a expressão em seu rosto não fez muito pelos nervos de Allie.

—Caleb nunca tomaria muito. —discuti Jace.

Muito? Muito que? O sangue gotejou de seu braço em uma quente corrente, um irreal precursor ao incompreensível.

—Pode alguém me dizer o que é que tentam me dizer brandamente? —perguntou Allie, sua voz mais aguda do que o normal enquanto lutava contra a realidade que tentavam forçá-la a



aceitar.

Jared a contemplou um momento, seus dedos a pressionaram no antebraço, antes que dissesse categoricamente:

—Somos vampiros.

—Isso é uma loucura! —Ela puxou seu braço. Jared não a deixou ir. Ele capturou e lhe sustentou o olhar e lentamente estirou os lábios em uma obscena paródia de um sorriso. As presas brilharam a ambos os lados de sua boca. Umas presas agudas, brancas e anormais.

Ela puxou até liberar o braço, segurando o pulso para conter a dor e se afastou um passo, contemplando essas presas e o que implicavam. Negou com a cabeça.

—Está me dizendo que os grandes e machões irmãos Johnson são tão góticos até o ponto de conseguir uma ortodontia cosmética?

—Tecnicamente, não acredito que os góticos sejam imitadores dos vampiros. —ofereceu Slade quase casualmente.

—Não temos tempo para isto. —interrompeu Jared— Temos que continuar.

—Continuar o que? —teve que perguntar ela, embora estivesse razoavelmente segura de que não desejava sabê-lo. Os cabelos de sua nuca formigavam, e um sentimento doentio de temor se instalou no oco de seu estômago. Primeiro os lobos monstruosos e agora... isto.

Jared agarrou seu braço outra vez.

—Caleb necessita uma razão para viver. —Empurrou-a para a cama— Você vai dar.

Ela cravou os calcanhares no piso. Não serviu. O homem era incrivelmente forte.

—Dando-lhe sangue?

Seu sorriso foi frio e forçado.

—Dar-lhe-á malditamente muito mais que isso.

Ele segurou seu pulso sangrento junto aos lábios secos e frios do Caleb. Caleb ainda permanecia quieto de todos os modos, ela não podia sentir nem sequer um fôlego contra a pele.

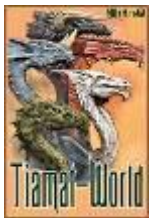
—Estão loucos. —exalou ela, vendo como todos os outros estavam atentos a Caleb. Esperando com horror e fascinação doentia que ele fizesse algo. Como se fosse capaz de fazer algo exceto agonizar. Sacudiu a cabeça. Isto era insano.

Ela reforçou seus pés e empurrou para trás contra o apertão de Jared.

—Não têm tempo para permitir-se esta alucinação coletiva. Têm que levar Caleb a um hospital.

Jared simplesmente segurou seu pulso mais firmemente contra os lábios de Caleb enquanto os outros irmãos permaneciam de pé, tensos pela antecipação. Esperando. Não sabia o que esperavam dela, mas sabia que não possuía o que eles acreditavam que se necessitava para ressuscitar um homem morto.

Os olhos de Caleb se abriram com uma brutalidade que a fez soltar um grito de sua garganta. Ela se inclinou para trás, encontrando a barreira da força de Jared e não foi a nenhuma parte.



—Bebe Caleb. — sussurrou ele, pela primeira vez mostrando a mais débil indireta de vulnerabilidade enquanto raspava a unha sobre o pulso em carne viva de Allie. A dor a fez ofegar. Brotou sangue fresco. As fossas nasais de Caleb flamejaram enquanto seus olhos trocavam de uma lacônica morte a um verde profundamente aceso com estranhos brilhos dourados.

—Bebe maldita seja. — sussurrou Jace como se temesse interromper o momento.

Caleb fechou os olhos estranhamente acesos. Os joelhos de Allie se debilitaram pelo alívio. Ele não ia fazer isso.

—Filho da puta! —xingou Slade— Disse que nunca o faria outra vez e já sabem como é.

A tensão alagou o quarto.

—Oh não, não o fará — resmungou Jared enquanto contemplava Caleb. Allie se atreveu a olhar seu rosto. Seus olhos mais acesos começaram a brilhar no escuro quarto ao mesmo tempo em que as linhas de seu rosto lhe conferiam uma expressão de formidável determinação— Você colocou a todos nisto. Não te deixaremos ir assim sem mais.

Quem ou o que eram essas pessoas? A dor em seu braço a fez baixar os olhos. Só pôde observar com a boca aberta pela impressão quando as unhas da mão de Jared se converteram em garras que se curvaram e perfuraram sua pele. O grito que emanou de sua garganta morreu quando uma presença empurrou em sua mente e reprimiu o instinto, mantendo-a presa, paralisando-a em um casulo de horror e dor.

Somos vampiros.

A declaração anterior de Jared reverberou em sua cabeça, crescendo de uma pequena bolinha negra de conhecimento a uma tenebrosa nuvem escura de certeza incompreensível que bloqueava toda esperança. Com uma navalhada tranquila de seu polegar, Jared abriu seu pulso. O sangue se espalhou sobre a boca e cara de Caleb. Seu horror se converteu em terror. Tinha cortado sua artéria. Ela tinha que segurar com força a ferida, mas não podia mover-se. Não podia gritar, não podia fazer nada, exceto olhar quando os olhos de Caleb saltaram abertos em sua cara manchada de sangue, a luz dourada que formava redemoinhos e consumia suas pupilas, um vívido contraste com a mancha carmesim de seu sangue.

Tudo nela se encolheu. Este não era seu Caleb. Ela nunca compraria um sutiã de lingerie para tentar a algo como isto.

Poderiam realmente ser vampiros? Inclusive sendo testemunha do que via, não podia aceitá-lo. Os vampiros não existiam.

Alimente-se Caleb. Bebe de mim.

O pensamento fluiu de sua mente, de sua voz e se projetou ao exterior. Mas ela não o pensava. Nunca o pensaria.

Podia sentir a resistência em Caleb. Ela a motivava. A presença em sua mente redobrou em força e urgência. Seus gritos silenciosos de não o faça foram apagados tão facilmente como alguém extingue a chama de uma vela.

Seu sangue seguiu saindo a ferveras e Caleb continuou resistindo por uns preciosos



segundos. A voz ressoou em sua mente outra vez.

Alimente-se. Por mim. Por favor.

Allie sentiu um momento de alívio. Caleb saberia que não era ela pelo tom suplicante nessa petição. Ela não era das que rogava.

Seu alívio se evaporou com horror quando a boca de Caleb se abriu e, com a velocidade de uma serpente assombrosa, afundou-lhe as presas em seu pulso.

Quando a agonia explodiu por seu corpo, ela caiu de joelhos, um coro de *sim* ressoou em sua cabeça, três deles cheios de alívio, um cheio de um júbilo eufórico que a assustou totalmente.

Cada filme que tinha visto alguma vez, cada livro que tinha lido projetava a mordida de um vampiro como algo sedutor, mas isto não era sedutor, isto era doloroso. Candente e pura agonia. Sentiu que Caleb lhe devorava todo o braço, seus dentes sugavam com maior força em uma demanda constante de mais, absorvia avarentamente o sangue de seu corpo até que tudo o que pôde perguntar-se foi quanto aguentaria antes de perder os sentidos.

Olhou os irmãos, desesperada por ajuda. Seus olhos encontraram uma parede de implacável resolução. Jogavam um papel no qual só eles sabiam as regras e no qual ela interpretava claramente o rol de um sacrifício. Eles poderiam bloquear a dor se quisessem. O senso comum lhe dizia isso. Se podiam mantê-la cativa em sua própria mente, poderiam bloquear a dor, mas queriam que ela sofresse por seus próprios motivos pervertidos. Bastardos doentes.

Ela reuniu cada parte de energia que ficava em seu corpo rapidamente debilitado e encontrou o frio olhar amendoado de Jared com o seu próprio. *Que se foda.*

A surpresa flutuou nos olhos dele, ante sua escolha de palavras ou o fato de que ela conseguisse comunicar-se telepaticamente, ela não tinha força para discutir. Pousou sua bochecha a um lado da cama, deixou-se vencer pela debilidade de seu corpo e suspirou.

—Caleb.

* * *

Caleb lutou contra a lassidão que o mantinha preso. Lutou contra a debilidade que o arrastava à doçura, dando boa-vinda à escuridão a qual não queria voltar.

Caleb.

O sussurro ressoou em sua mente. A voz de Allie, cheia de uma dor insuportável e desespero. Sua Allie, de irreprimível otimismo e incrível valentia. Alguém tinha se atrevido a machucá-la.

A consciência o golpeou com uma onda de raiva primitiva e fome interminável. Imediatamente, soube que seus irmãos estavam no quarto. Podia sentir sua euforia mesclando-se com uma cautela que não entendeu até que registrou outra presença. Allie. Perto e ferida.

Abriu os olhos. Ela jazia a um lado da cama, seu cabelo era uma cascata de seda castanha sobre os lençóis brancos, seu braço estava estendido para ele, pálido e insubstancial. Seu corpo



parecia sem vida enquanto o doce sabor de seu sangue enchia sua boca.

O horror se uniu a sua raiva. Jesus Cristo estava se alimentando dela. A mulher que tinha pensado não corromper nunca. Rompeu a sujeição mental de seus irmãos, agora era o bastante forte para agradecer a infusão de seu sangue. Apoiou-se em um lado. A ferida no pulso de Allie era uma testemunha aberta de sua fome.

—Maldito seja. — praguejou para Jared, sabendo quem estava por trás disto— Nem sequer tiveram a decência de bloquear sua dor?

—Estava nos abandonando, Caleb. —declarou Slade tranquilamente— Fizemos o que tínhamos que fazer.

Como se algo lhes desse o direito de usá-la. Feri-la. Sua Allie. Sua mulher. A única a quem nunca teve intenção de reclamar. Acariciou a ferida com a língua, selando o fluir do sangue. Retirou-lhe o cabelo de seu pálido rosto sepulcral, tudo o que exsudava vida se foi, deixando uma impressão de cera de seu verdadeiro ser.

—Ela não pediu isto.

—Nenhum o fez, mas isso não constituiu nenhuma diferença para você antes. —comentou Jared, sua amargura não diminuiu.

E isso não ia constituir uma diferença agora, Caleb sabia. Duzentos e cinquenta anos atrás não pôde confrontar a eternidade sem seus irmãos, e hoje ele não podia confrontar isto. Deslizou-se para baixo ao lado de Allie, atraindo-a a seus braços. Ela cambaleou como uma boneca de pano contra ele.

—Vão todos para o inferno.

—Já estamos lá.

A raiva formou redemoinhos outra vez, primitiva e quase fora de controle quando Caleb jogou para trás a cabeça de Allie. Ela quase se foi, o brilho de vida mal era detectado nela. Tudo o que tinha que fazer para deixá-la ir era atrasar-se um pouco mais de tempo, deixar que a falta de sangue privasse seu corpo do oxigênio que necessitava e ela passaria limpamente para o outro lado, sem manchar-se. O vampiro nele uivou ante esse pensamento, oscilando ante a ideia de perder a sua companheira, primitivo como sempre, pensando em termos de posse, enquanto a parte humana nele, a parte que se esforçava por manter viva, sabia que isso era o correto.

Posicionou o corpo de Allie, colocando sua boca contra seu próprio peito. Ele sussurrou em sua mente, até esse pequeno e aterrorizado lugar aonde se embalava o vulto de luz que dava abrigo a sua alma.

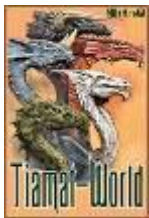
—Tudo estará bem, Allie moça. Farei que tudo esteja bem.

Slade avançou, alcançando-a:

—A alimentaremos, Caleb. Você está muito fraco.

Pela primeira vez em séculos, Caleb expôs suas presas a seu meio irmão, preparado para lhe arrancar a garganta se aproximava uns centímetros mais.

—Não a toque.



Jace agarrou o braço de Slade e o fez retroceder.

—Deixe que seja ele, Slade.

Slade libertou seu braço de um puxão.

—Ele não pode permitir-se perder sangue.

—A substituiremos. —disse Jared, tão tranquilo e crédulo como sempre.

—E se rechaça tirar de nós, como antes? Caleb pode ser um maldito obstinado bastardo quando se trata de morder algo entre seus dentes.

—Isso era antes que a protegesse.

—E agora?

—Se alimentará.

—O que te faz estar tão seguro?

O olhar fixo de Jared se pousou sobre Allie com algo parecido à satisfação.

—Ele não a abandonará.

Jared tinha razão, Caleb sabia. Enquanto Allie vivesse, ele ficaria neste mundo, fazendo o que tivesse que fazer a fim de assegurar sua felicidade.

Alongou a unha do dedo mindinho até que foi uma afiada garra e se esfaqueou no peito. O sangue saiu a ferver. Pressionou a boca de Allie ali, mesclando sua mente com a dela, suavizando seu horror com calma, trocando o cenário ao de seu primeira encontro, trocando o gosto do sangue pela borbulhante efervescência da champanha, ignorando a tensão de seu corpo enquanto a suave boca dela se movia eroticamente sobre ele, cada toque de seus lábios fazia voar seu corpo em uma onda cheia de quente prazer.

Observou seus irmãos através do quarto enquanto Allie se alimentava, amando-os, entendendo sua motivação. Sempre tinham sido os irmãos Johnson contra o mundo. Mas não mais. Tinha sido a escolha deles mudar as coisas. Acariciou o suave cabelo de Allie, acomodando a boca dela em uma melhor posição contra ele, reprimindo sua luta pelo controle com outro toque de sua mente na dela, reprimindo um gemido quando seus exuberantes quadris se moveram contra seu faminto membro. Nesse momento ela era tudo para ele. Unida a ele por toda a eternidade. Sua esperança e sua razão de ser.

Fechou de cal o de canto sua mente para eles e com isso lhes disse muito claramente que não haveria nenhum mal-entendido sobre a importância de Allie para ele.

—Se alguma vez a puserem em perigo outra vez, irmãos ou não, arrancarei suas gargantas e os abandonarei ao sol para que ardam.

Capítulo 4

Allie despertou da escuridão, um grito lhe rasgava a garganta. Uma certeza esmurrava sua



mente. Tinha que escapar. Agora. antes que eles a alcançassem.

Não podia recordar quem eles eram, mas sabia que eram maus. Muito, muito maus. Não precisava saber nada mais que isso. Moveu os cotovelos embaixo dela, tentando escapar do negrume da escuridão.

Um grande peso se colocou sobre ela, rachando seu grito em um ofego. Caiu sobre o colchão, retorcendo-se com uma cadência selvagem dentro dela, mas não havia nenhum movimento da pesada massa. A pressão se opunha a ela em cada movimento. Estava presa. Em um pesadelo. Tinha que ser um pesadelo. Só os pesadelos abandonavam uma pessoa nesse nível de pânico não justificado.

—Tranquila, Allie. Tenho você.

O murmúrio se filtrou na escuridão, estendendo um fio de esperança através de sua histeria. Caleb. Jazia debaixo de Caleb. Tentativamente se estirou e golpeou os nódulos no muro do peito dele. Abriu a mão e a deslizou sobre a áspera superfície do pelo até que encontrou a sólida curva de seu ombro. Um Caleb nu?

Bem. Talvez não fosse um pesadelo. Talvez fosse mais uma fantasia. O calor de sua pele chamuscava seus seios, seu estômago, e suas pernas. Lamentou não senti-lo bastante bem para desfrutar da intimidade, mas a mãe de todas as dores de cabeça golpeava detrás de seus olhos.

O suspiro de Caleb moveu o cabelo junto à têmpora de Allie. Ela retirou um incômodo cacho da testa, uma enredada mecha caiu sobre o dedo. Fechou os olhos brevemente e trabalhou com o nó. A maldita coisa persistia.

Imaginava. Finalmente tinha Caleb nu e em posição horizontal, e seu cabelo era uma massa enredada de nós, sentia-se como se tivesse sido atropelada por um caminhão Mack, e em vez de cheirar ao muito caro talco de corpo que tinha comprado só para a ocasião, claramente cheirava nada exótica e esgotada por tanto trabalho. Allie pôs uma pergunta no alto do que suspeitava ia ser uma longa lista. Como diabos tinha conseguido arruinar malditamente o deitar nua com o homem de seus sonhos? Havia só um modo de averiguá-lo.

—Se me deu um sedativo e se aproveitou do meu corpo inconsciente, — lhe advertiu ela— vou castrá-lo com uma faca enferrujada.

—Por que uma enferrujada?

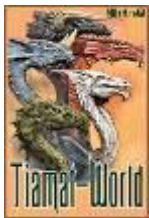
Nada na voz lenta de Caleb indicava o que pensava. Ela lamentou não poder ver seu rosto.

—Porque doeria mais e possivelmente te produziria uma infecção que alteraria sua vida, algo que você mereceria por se divertir sem mim.

Outra pausa e logo seu sorrisinho lhe agitou o cabelo. O colchão em baixo dela se afundou enquanto ele trocava seu peso. Os dedos de sua mão direita se localizaram entre seu crânio e o colchão, cavando sua cabeça com cuidado infinito como se ela fosse quebrar-se com muito movimento. Os lençóis rangeram quando ele se apoiou sobre seu cotovelo.

—Pode permanecer tranquila. Nenhum de nós se divertiu.

Um estremecimento a percorreu da cabeça até as pontas dos pés, um débil prelúdio do



mais violento que seguiu. Sua cabeça doía, seu estômago se encolheu, e sabia, só sabia que não iria gostar das respostas às frenéticas perguntas que zumbiam em sua mente.

—Deveria tomar isso como boas ou más notícias?

Seu polegar lhe esfregou a têmpora. Ela fechou os olhos enquanto o pânico doentio retrocedia.

—Diga-me isso.

—Perguntei primeiro. —Era muito difícil levantar as pálpebras — Preciso de um banho.

Os dedos de Caleb empurraram a um lado os dela.

—Logo que se sinta bem, poderá tomar um.

O qual provavelmente significava que não seria logo, considerando que desenredar o nó lhe tinha exigido até os limites de sua força.

Ele demonstrou muita mais paciência com o nó que ela, desembaraçando-o com uns indolores puxões. Em seu estado de ânimo atual isso era mais uma irritação que uma vantagem. Não necessitava que nada a fizesse se sentir inferior. Ela afastou a mão de Caleb.

—Como cheguei aqui, Caleb?

Ele retirou a mão do ombro.

—Eu trouxe você.

—Por quê? —Ela saltou quando os dedos dele tocaram seu antebraço.

—Fácil. —Em vez de retirá-los, as pontas dos dedos começaram uns lentos e detrativos círculos em sua pele— Estava ferida.

—O que aconteceu?

—Algo que não esperava.

Não foda. Tentou recordar e não pôde.

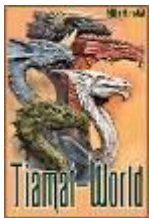
—E o que era exatamente esse algo?

—Eu.

A resposta jazia entre eles como uma criatura que se retorcia sob a enormidade de tudo o que isto implicava. Ela tentou encolher-se ante seu toque. Tudo o que conseguiu fazer foi aquietar o movimento dos dedos, mas movimentando ou não, o toque de Caleb era profundamente inquietante, criando uma sensação de conexão entre eles, realçando a certeza do correto de deitar juntos dessa forma. O qual era uma loucura. Tinha que sê-lo. Ela não podia ter dormido durante a primeira vez que tinha sexo nos dois últimos anos.

Estava sonhando? Um sonho explicaria tudo. O espaço em branco em sua memória, a sensação surrealista do encontro, essa sensação esmagante de que algo importante se abatia justo fora do alcance de sua consciência. Esses eram todos os sintomas clássicos de um estado de sonho. Afundou as unhas na pele de Caleb. Ele parecia malditamente real para ser um invento de sua imaginação, todo músculo resistente sobre duro osso. E quente. Felizmente quente.

Vampiro. A advertência sussurrou em sua cabeça. Imagens de presas e sangue passaram velozmente através de sua mente em um ambíguo borrão, seguido rapidamente de um brilho de



dor e traição. Ficou sem respiração quando perseguiu a ilusão. Ou a realidade. Não podia afirmá-lo.

A densa escuridão mudou quando Caleb a situou completamente em baixo dele, o calor de seu corpo ao colocar-se sobre ela foi como uma manta elétrica, alertando-a do fato de que havia sentido frio. Na escuridão. Nua. Com um homem pelo qual sentia luxúria, mas ao que realmente não conhecia. Allie apoiou as mãos contra o peito de Caleb, aceitando seu calor justo quando tentava mantê-lo afastada. Isto era estranho. Muito estranho. Um invento de sua excêntrica imaginação.

—É real?

—Não pareço real?

Que Deus a ajudasse, inclusive suas alucinações eram descaradas. Ela tamborilou os dedos que lhe acariciavam o braço.

—Se pudesse afirmar, não perguntaria.

—Sou tão real como você possa entender.

—Tudo bem. —Como se isso lhe dissesse algo. Allie lamentou não poder ver seu rosto, mas não importa com que força piscasse, encontrava-se com esse muro de escuridão e a absoluta certeza de estar sonhando. Os vampiros não existiam. E embora existissem, eles vinham com enormes presas cortantes, carne putrefata, e um sotaque que soava, melhor na Hungria no inverno, que no Texas em pleno verão. Ela mediu com a perna um lado da cama. O dedo do pé não encontrou a pilha de roupa que procurava. Nem sequer a encontrou no chão. Deslizou-se um pouco mais, afastando-se.

—Você vai cair da cama.

—Não o farei. —Sonho ou não, o instinto lhe dizia que era uma boa oportunidade para fazer uma saída.

Deixando de tocar o chão com o pé, meneou-se um pouco mais e permitiu que a gravidade ajudasse a sua causa. Uma maldição seguiu a seu despertar enquanto caía. Exceto o chão não estava onde pensava que deveria estar. Estava um bom lance mais abaixo e a aterrissagem feriu seu traseiro quase tanto quanto seu orgulho.

—Merda!

Houve um rangido e uma perturbação no ar ao redor dela. Caleb estava junto a ela com o que só podia descrever-se como um prolongado suspiro de pena.

—Não escutou bem, não foi?

—Escuto bem quando as pessoas dizem algo que quero ouvir.

Ela mediu o chão. Tinha que haver roupa em algum lugar. Sua mão capturou a beira do extremo do lençol. Agarrou-o e puxou este para si.

—Não disse o que quero ouvir.

O lençol apenas se moveu. Ele tinha cravado a coisa à cama? Ela usou a resistência para empurrar-se em posição vertical. Estava a meio caminho antes que a cegadora dor de cabeça a



fizesse cair novamente no chão. Fortes braços a rodearam. Era incômodo, a facilidade com que Caleb a empurrou contra ele. Quase tão incômodo como seu natural relaxamento contra os duros planos do peito dele. Era uma mulher independente, por Deus Santo!

—Tão agradecida como estou por salvar meu traseiro, necessito que me deixe ir.

—Se a deixo ir, cairá.

Ela esticou seu apertão no lençol.

—Deixe-me girar e veja como faço.

Pelos pequenos pontos que cintilavam detrás de seus olhos, não acreditava que o fosse fazer bem, mas tinha que tentá-lo. Suas vísceras o diziam. Caleb murmurou algo baixinho. Estava razoavelmente segura de que era outra maldição. Allie se deslizou para um lado. A mão de Caleb caiu, roçando seu quadril. Ela deu um grande puxão ao lençol.

A maldita coisa cedeu como se não tivesse resistido solidamente como uma rocha contra ela um minuto antes. Cambaleou afastando-se, golpeando a parede com seu ombro e logo sua cabeça. Caiu de joelhos. Os dois segundos que necessitou para envolver o lençol ao redor dela foi tudo o que seu estômago lhe deu antes de rebelar-se. As náuseas a derrubaram em uma onda violenta. Nunca, jamais, tinha tido uma arcada assim de forte. Sentiu que suas tripas se voltavam do reverso, mas não saiu nada. O seguinte espasmo a enviou cambaleante para frente. Caleb a apanhou, sua mão um apoio bem-vindo contra as violentas náuseas.

—Disse a você que não se movesse.

Se ela pudesse ter economizado a energia para virar-se e tivesse algo para vomitar, teria vomitado em seus pés.

—Cale-se.

—Precisa se deitar.

Ela apertou seu punho no lençol e o pressionou contra seu estômago.

—Só necessito um minuto.

Querido Deus, por favor, permite que isto seja um sonho e não deixe que vomite em frente ao bombom de meus sonhos.

—Um minuto não vai fazer isso.

Se isto era um sonho, era um irritante. Sem mencionar embaraçoso.

—Como sabe?

—Vi isto antes.

Segurou-lhe a mão antes que ele pudesse retirá-la de seu quadril.

—O que é exatamente “isto”?

—Seu corpo está eliminando o veneno dele.

A frieza da seguinte onda de náuseas nada tinha a ver com o horror.

—Fui envenenada?

Uma palma pressionou em sua testa, outra em seu estômago. Poderia ter sido sua imaginação, mas parecia que a dor e a enfermidade diminuía sob seu toque.



—Poderíamos dizer assim.

Poderíamos dizer assim? Essa breve imagem de seu decote nu tinha reduzido a impressão dele sobre seu poder cerebral a zero?

Não há nenhum “poderíamos dizer assim” quando se trata de veneno. Era ou não.

—Anda, deite-se e explicarei isso.

—Disse a aranha à mosca.

Ele ignorou seu sussurro, só passou um braço sob os joelhos, detrás de suas costas e a levantou. O redemoinho de náusea manteve seu protesto preso em sua garganta.

—Sou.

Allie engoliu com força e rangeu os dentes. Ficava pouca paciência e esse "sou" foi muito longe.

—Não sou um cavalo.

—As coisas seriam um inferno muito mais fáceis se fosse.

Bem, havia muito nesse tom. Uma mudança em seu apertão e logo a frescura do lençol de baixo encontrou sua coluna. Ela sentiu ao longo a carícia de ambas as mãos.

—Sei que cheguei aqui com roupa.

—Fez isso.

—Então, onde está?

As mãos de Caleb retornaram até a cabeça e estômago de Allie.

—Perdeu seu jantar sobre ela.

Outra vez pareceu que a dor e a náusea retrocediam. Ela deveria deixar o comentário do cavalo em paz, mas, maldição, tinha que saber.

—Por que um cavalo?

—O que?

—Por que disse que seria melhor que fosse um cavalo?

—Não é um assunto do que seria melhor, mas sim de conveniência. Se fosse um cavalo, não faria tantas perguntas.

A cama se afundou quando ele se sentou ao lado dela. Ela comprovou a tendência de seu corpo de rodar com a corrente.

—E não teria que proporcionar tantas respostas.

—Sim.

Doente como se sentia o modo em que ele disse esse “sim”, nesse tom baixo e lento, fez que seu pulso saltasse um batimento. O segurou pelo antebraço. O músculo duro como uma rocha não cedeu um ápice sob seu frenético apertão.

—Caleb?

Seu “Sim?” foi distraído.

—Estou muito cansada e doente para adivinhações.

—Sei.



Não havia dúvidas disso, ela se sentia melhor. E a boa sensação se estendeu das mãos dele. Era um curador? Ela tinha lido sobre curadores.

—Por favor, me diga o que aconteceu.

Ao lado dela, houve uma calma repentina. A mão em sua testa desceu até sua bochecha, ajustando-se à curva como se estivesse memorizando a forma de seu rosto.

—Prefiro esperar até que esteja mais forte.

—E eu prefiro saber agora.

A mão desceu até a garganta, os dedos se curvaram ao redor da base de seu pescoço, seu polegar se atrasou no ponto do pulso quase meigamente. Ela reconheceu esse toque. Tinha sido o alvo deste muito frequentemente para confundi-lo. Era algo que os homens faziam antes de entregar muito más notícias, como o tipo de notícias esta-noite-foi-divertida-mas-conheci-outra-mulher-e-gostaria-de-sair-com-ela-ao-invés-de-você. Eles sempre acreditavam que fazer que uma mulher se sentisse fisicamente bem um segundo antes de lhes dar o golpe de graça de algum jeito o fazia melhor. Os homens eram tão desatentos. Ela elevou os ombros no colchão.

—Poderia cuspi-lo também.

—O que?

—O que for a coisa horrível que vai dizer.

—Acredita que isso vai fazê-lo melhor?

—Não pode fazê-lo pior. —E talvez isso terminasses com este sonho ou se converteria em uma versão melhor. Uma que mostrasse a ela quão bem sabia usar ele a ereção que podia sentir lhe roçando a coxa.

—Eu não vou gostar do que vai dizer, não é?

—Não.

—Isto tem a ver com o porquê sinto que deveria temê-lo, verdade?

—Sim.

—Já que estou pela metade, não acredita que deveria me atirar um osso e cuspir todo o assunto?

—Pensarei nisso.

Ele pensaria nisso. Sim! Dar-lhe-ia algo em que pensar. Seu estômago formou redemoinhos com a descarga de adrenalina.

—Tenho que conseguir um banheiro.

Sua palma lhe pressionou o estômago. A náusea desapareceu. Ele controlava definitivamente as reações de seu corpo. Sua curiosidade ardeu. Anos atrás, durante sua época de jornalista, tinha procurado no país um verdadeiro curador, foi atrás de cada rumor de tabloide, procurou cada novo culto. Tinha pensado que uma amostra de curadores naturais seria uma grande história para as revistas, mas nunca conseguiu encontrar um cujos talentos pudesse verificar. Chegou perto de um culto, até acreditou no canto de sereia quando lhe disse que ela



tinha uma energia especial que precisava nutrir, mas quando começaram a fechar com chave sua porta de noite “para sua própria proteção,” recuperou o juízo. E agora, estava ao lado de um homem que realmente podia possuir verdadeiras habilidades de cura... O entusiasmo floresceu. Era difícil controlar a voz.

—Aceito muitas coisas, Caleb. Não enlouquecerei se tiver certas... habilidades.

—Estou contente de ouvir isso.

—Considero-me uma pessoa de mente muito aberta. —Pirada, diriam se alguém perguntasse a sua família, mas ele não tinha que saber isso.

Seus dedos massagearam os doloridos músculos, relaxando-os, acalmando seu corpo, seus medos. Ela colocou sua mão na dele.

—Posso resistir ao que tiver que dizer.

—Realmente não sabe o que é bom para você, verdade?

Ela apostava que se pudesse vê-lo, estaria-a contemplando com a cabeça inclinada da maneira como seus irmãos faziam sempre que ela os confundia com sua lógica característica.

—Só porque não acredito que a ignorância seja feliz não é razão para ser insultante.

—Não sou insultante.

—Não, procura evasivas.

—Talvez.

—Bem, corta-o. É chato e como este é meu sonho, tenho direito a não ser zangada.

Seus dedos se aquietaram.

—Acredita que isto é um sonho?

—É muito estranho para ser algo mais além de uma invenção de meu subconsciente.

Ele reatou a carícia.

—Posso vê-la se vendo dessa forma.

Ela ficou rígida.

—Esse foi outro insulto?

—Também opõe-se aos insultos em seus sonhos?

Essa foi uma indireta de sorriso que coloria a inflexão em sua profunda voz lenta?

—Absolutamente.

—Então, não é mais de uma declaração do óbvio. É lógico que decidiu que isto é um sonho.

—Obrigada. —O Caleb do sonho era muito mais tolerante que a maioria de homens reais que conhecia. O qual só era conveniente. A ficção deveria ser mais estranha que a verdade. Ela colocou a mão sobre a dele, onde se apoiava em seu quadril— Assim, o que é, e por que deveria ter medo de você?

O ar entre eles se condensou com a tensão.

—Está bem, Caleb. Posso processá-lo. Só me diga. —O subconsciente era muito bom em tratar com muitas coisas das quais a consciência fugia. Ele blasfemou e logo se deteve. A tensão aumentou em proporção a sua expectativa. Ela sentiu seu olhar, mais pesada que a escuridão,



mais aterradora que o desconhecido. Apertou os dedos sobre os dele, mas isto não ajudou com a verdade que cuspiu em um grunhido rouco.

—Sou um maldito vampiro e logo, você também será.

O emocionado clamor ecoou no interior de sua cabeça, a veracidade sangrava por cada sílaba, fazendo que tudo o que sabia se misturasse com partes de dispersa realidade. Vampiro? Impossível de acreditar, horroroso para absorver, embora de algum jeito, explodindo desse lugar vazio em sua memória com exatidão irrefutável. Ah Deus. Ah Deus.

—É resposta suficiente para você? —grasnou ele.

Soltou sua mão, retrocedeu na cama, e avançou pouco a pouco até o outro extremo.

—Absolutamente.

Capítulo 5

Talvez ela não fosse de mente tão aberta como tinha pensado que era, porque não estava tomando o anúncio do vampirismo de Caleb com a imparcialidade com a que teria tomado uma declaração de homossexualidade. E considerando como ele deixado seu corpo, uma declaração de que era gay teria armado uma verdadeira comoção com seus hormônios.

—Acende a luz.

—Não necessita luz.

Como a merda que não a necessitava.

—Acende a luz.

Ela queria ver seu rosto quando lhe fizesse suas perguntas.

A mão do Caleb lhe cobriu os olhos uma fração de segundo antes que houvesse um clique e se acendesse a luz. A ardência em seus olhos era incrível, inclusive protegidos. As lágrimas correram por suas bochechas. Ela empurrou sua mão, querendo ver seu rosto. Ele era o mesmo, ou alguma monstruosa caricatura de si mesmo? De todos os modos, a que demônios se parecia um vampiro? A que se parecia ela? Por que inclusive lhe importava se isto era um sonho?

A mão de Caleb não se moveu e inclusive embora ela não fizesse a pergunta, respondeu-lhe.

—É a mesma de sempre.

—Acreditarei quando o ver. —Se pudesse ver. Não eram os vampiros incapazes de refletir-se?

—Pode ver seu reflexo.

—Não se não tirar sua mão de meus olhos.

—Seus olhos continuam estando muito sensíveis para qualquer luz. Está atravessando a mudança.



Ela tinha a horrível suspeita de que a última frase não significava para ele o que significava para ela.

—Presumo que não está referindo-se à menopausa.

—Não.

Seu fôlego se fez mais rápido, mais difícil. Allie deixou tentar tirar a mão de Caleb de sua cara. Hesitações que ela não queria que ele escutasse, salpicavam sua petição.

—Acredito que... deve-me um pouco... mais de elaboração.

A mão de Caleb se moveu nervosamente e ela se congelou. Um pouco mais de luz que a sombra que via e se tornaria louca pela agonia. De todos os modos, este sonho era um merda. Preferia muito mais aqueles onde ambos estavam nus e a única dor que experimentava provinha de gritar roucamente como resultado de múltiplos orgasmos.

—Sua capacidade para se ajustar à luz aumentará quando a mudança se completar.

—Seu lado otimista está se mostrando de novo. —Agitou a mão no ar— Apaga a luz.

Para seu crédito, Caleb não disse:

Eu falei.

Só puxou o interruptor e deixou que a escuridão caísse sobre ela como um bálsamo calmante.

—Como acha que vou por aí se não puder ver na escuridão e não posso suportar a luz?

—A etapa intermédia não é permanente.

Intermediária, significa isto que pode ser revertida?

—Posso voltar atrás?

—A única saída é a morte.

Genial. Um tanto para o caminho fácil.

—Tenho opção?

—Não. —O ar ao redor deles se encheu com uma energia implacável que se parecia com a ponta de um aço pressionando na mente de Allie— Não a deixarei morrer.

Ela empurrou contra essa força invisível, conseguindo somente que a esfaqueante dor em sua cabeça retornasse.

—Não poderia te dar opção.

A mão de Caleb voltou para a garganta de Allie, envolvendo-se a seu redor, os dedos pressionando no ponto do pulso. O aço em sua voz se mesclava com sua forma de arrastar as palavras.

—Você não tem que decidir.

Isto era muito.

—Está me ameaçando?

—Digo a você simplesmente como vai ser isto.

Com a mão em seu pescoço, estava lhe dizendo que não a deixaria morrer? OH sim, isso tinha sentido. Ela tocou com as pontas de seus dedos o dorso da mão que a imobilizava.



—Espero que se dê conta da hipocrisia de sua postura.

Seu polegar a acariciou ao longo do pescoço.

—Não sou nenhuma ameaça para você.

Assaltou-lhe uma lembrança. Um dos olhos de Caleb formando redemoinho com luzes, uma ferida horrível, suas presas, uma dentada violenta. Tão vívido, ainda de algum jeito tão surrealista, flutuando por trás de um véu que ela não podia afastar. Realidade ou ficção ou uma mistura de ambos? As lembranças dançavam através de um distorcido sentido do tempo, seu subconsciente compondo imagens para encaixar a realidade que precisava criar, reajustando lembranças enganosas para fazê-las parecer reais. Um pouco muito reais. Avançou pouco a pouco afastando-se, ganhando um centímetro, até que o grande peito de Caleb caiu sobre ela, imobilizando-a.

—Poderia haver me enganado — ofegou.

—Não a teria convertido se tivesse tido opção.

Imagens de caras de homens cheias de duras linhas junto com uma lembrança de uma acerada resolução em uns olhos de cor avelã colidiram em seu cérebro. Ela continuou movendo-se lentamente ao longo do colchão.

—Essa não era minha impressão.

A cabeça de Allie estava firmemente colada na metade da cama, mas tinha dado um jeito para encontrar a beira da cama com seu pé.

—A perda de sangue me debilitou.

Ou o que? Ele teria tido êxito resistindo ou algo assim?

—Estava tentando morrer?

—Não. —Algo acariciou sua testa. Estremeceu, sentindo-se tola uma vez que se deu conta de que eram os dedos dele lhe retirando a franja dos olhos.

—Tentando resistir em convertê-la. —finalizou secamente.

A lembrança de uma triplo resolução masculina esmagando sua resolução se sobrepôs a sua convicção de que isso foi um sonho. A lembrança desapareceu tão rápido como veio, deixando-a tremendo com os remanescentes.

—Eles o forçaram?

Parecia que o próprio ar absorveu sua repentina calma.

—Não estou seguro de quanta força esteve implicada.

Bem, isto era sincero.

—Explique-se.

Entretanto, ela pensou que entendia. Porque junto à dor e o medo, recordou outras coisas. Palavras carregadas de agonia, esperança, determinação. Palavras que a arrancaram da escuridão com a força da emoção que continham. Palavras que a tinham salvado devido à vontade de ferro que as tinha apoiado. A vontade do Caleb.

O encolhimento de ombros dele pareceu uma desculpa.



—Eles sabiam que tão debilitado como estava, podiam me influenciar, me fazer o que eles quisessem.

—O que era? —Céu santo, isto era como que lhe atirassem dos dentes.

—Tomar a minha companhia.

—Companheira? Quem na Terra usa uma palavra como essa hoje em dia?

—Vampiros.

Ele seguia recalcando esse ponto, como se a mera repetição pudesse fazer que ela acreditasse. Tinha muito que aprender sobre sonhos. A mente só absorve o que quer em sonhos, deixando o resto mover-se à deriva como fibras de ilusão sem reclamar.

—Estraguem. Bem, você teve uma vida antes de se converter em vampiro, e estou razoavelmente segura de que o recorda, assim acredito que pode escolher outro vocabulário para expressá-lo.

—Você não gosta da palavra “companheira”?

Ela negou com a cabeça.

—Muito cavernícola.

—Bem, eles queriam que tomasse a minha mulher.

—Minha mulher. —Como se isso fosse um degrau por cima de companhia — Por quê?

A pausa entre sua pergunta e a resposta de Caleb esteve cheia com uma emoção que ela não podia definir, mas sentiu que deveria. Por sua segurança e sua prudência, mas, em uma piscada, a força para fazê-lo evitou sua compreensão.

—Para mantê-lo aqui. Nesta vida?

—Sim.

—Por que não queria ficar?

—Não era tanto que queria ir como que estava disposto a fazer o correto.

—Por mim?

—Sim.

Isso era provavelmente a coisa mais doce que alguém havia dito a ela dentro ou fora de seus sonhos.

—Era por isso que ia à minha loja a cada manhã? Porque você gostava?

—Não podia resistir a você.

Ela era mais do tipo de mulher que os homens tinham que chegar a conhecer para apreciar, que uma que os afligisse com luxúria.

—Bem. —Moveu trabalhosamente sua outra perna ao longo do colchão. Os dedos de Caleb acariciaram seu pulso com suave persuasão.

—Você é a coisa mais bonita em que alguma vez pousei meus olhos.

—Obrigada. —Ela esfregou sua testa quando a pressão que palpitava atrás de seus olhos se incrementou em uma lenta e nascente ameaça. Pensar estar, definitivamente, danificando seu cérebro— Assim, porque pensou que eu era atraente, pensou que estava bem que se mostrasse a



cada dia em minha padaria me tentando?

—Mais ou menos.

A nota cansada na voz de Caleb fechou de repente seu ego. Arrependia-se de conhecê-la?

—Bem, ninguém te pediu que pavoneasse seus atributos em minha loja.

Ela tinha razão sobre isso, Caleb sabia. Nenhuma pessoa tinha estado feliz com sua fascinação, muito menos ele mesmo. Mas como uma traça enfrentando-se com a tentação da luz, ele precisava vê-la, e por isso, os lobos de D’Nally tinham captado o aroma de seu interesse. E isto a tinha posto em perigo. Porque Dane, o renegado se encarregou disso, vendo-o como a rota perfeita para a vingança por qualquer fodida coisa que Jace fizesse para pôr à manada em seu contrário. A pergunta era se Ian D’Nally tinha sancionado o ataque. Caleb não queria particularmente aumentar a tensão entre os Johnsons e os D’Nally a uma luta aberta, mas um ataque sancionado da manada contra seus parentes o faria. Agarrou o quadril de Allie em sua mão quando ela avançou pouco a pouco para a beira, seus sentidos cobrando vida com a suave plenitude sob seu apertão.

—Uma queda não a ensinou que isto não vai funcionar?

—O que me ensinou é que preciso de uma tática diferente.

Ele negou com a cabeça, o sorriso formando-se lentamente, embora ela não o visse e continuava sem alterar-se. Ela tinha que ser a pessoa mais decidida, resistente que alguma vez tinha conhecido. Duvidava inclusive que conhecesse a palavra “abandonar”.

—Precisa de um guardião.

O empurrão que deu a seu braço disse tudo.

—Posso cuidar de mim mesma.

Deslizou-lhe a mão sobre o ombro. Sua visão noturna era excelente. Embora não tão versátil quanto à diurna. Era mais uma franja de negro intenso e branco com um sombreado assombrosamente preciso. Tinha-lhe tomado um tempo acostumar-se à carência de cor, mas depois de seus primeiros cinquenta anos se ajustou. Especialmente desde que a acetinada textura da pele de Allie brilhava como o branco mais pálido sobre a escuridão que o rodeava. Como o brilho da lua, pedindo um toque mais longo. Um persistente. Ele resistiu à urgência. Ela poderia pensar que ele era um sonho, mas estava bastante seguro de que teria protestado inclusive se seu sonho tomasse liberdades.

Conformou-se fazendo um bracelete com os dedos e deslizando-os sob seu braço. Voltou-lhe a palma e acariciou a fenda no pulso que sua dentada tinha criado. A ponta de seu dedo se deslizou ao longo do sulco que marcava a mudança para todos eles. A profunda fenda logo seria invisível, apagada com sua completa conversão, mas, entretanto, permanente no efeito que teria sobre todos eles. Na mudança que isto traria.

Agora tinha uma esposa que proteger a que dar explicações. Uma companheira. Um brilho de movimento atraiu seu olhar à cara dela, bem a tempo para captar a nervosa passada de sua língua sobre os lábios. Uma muito assustada e confusa companheira que necessitava seus



cuidados. Sob a translúcida pele de sua garganta seu pulso palpitava uma rápida contradição com a insolência de sua atitude. Uma insolência da qual ele desfrutava completamente. Em seus tempos, teriam se referido a Allie como cheia de vida. Atrevida. Apaixonada. Seus olhos se estreitaram, concentrando-se em um ponto do pulso, seguindo o rico fluxo de sangue enquanto corria ao longo da artéria. Muito apaixonada. Uma mulher como ela atrairia aos homens como moscas, muitos pelas razões equivocadas. Uma mulher como ela incitaria o sentido aventureiro de um homem, trocando suas ideias preconcebidas, fazendo-o pensar, fazendo-o sentir. Uma mulher como ela definitivamente necessitava um protetor, porque uma mulher como ela era excepcional.

—Pode me soltar.

Mal sentiu o puxão em seu agarre. Outra coisa que tinha esquecido no último par de séculos: quanto mais delicada era à força de uma mulher humana que a de um homem. Levantou o olhar para encontrá-la olhando-o com olhos bem abertos e lábios separados, sua expressão era uma mistura de medo e fascinação. Como se ela, também, estivesse presa pela química entre eles. Como se o que havia ali fosse mais do que pudesse ser visto ou sentido. Mais do que pode ser ignorado.

—Estou deixando você nervosa?

—Sim.

Ele não esperou a verdade.

—É meu hábito.

—Olhar fixamente?

—Como sabe que estou olhando fixamente?

—Posso senti-lo.

—Ah.

Sua língua passou rapidamente sobre os lábios outra vez, deixando-os brilhantes, revelando a incerteza que não se mostrava em sua voz.

—Assim, acredita que poderá deixá-lo por esta noite?

—Seu sonho não está indo da maneira que planejava?

—Se o tivesse planejado, estaríamos tendo muito mais diversão.

—Ummm, aposto que a teríamos.

—Não posso ser um vampiro. —Sua mão livre se deslizou em baixo da dele, tocando seu próprio estômago.

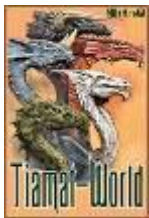
—Isso não é ruim.

—Os vampiros não existem.

—Oh, sim. —Ao menos ela estava tentando assimilar um pouco, embora estivesse dando voltas ao redor da realidade e trabalhando nela. Apertou-lhe os dedos.

—Vai precisar de ajuda com isto, Allie. Ao menos, em um princípio.

—E eu aqui pensando que tudo ia vir com naturalidade.



Ele ignorou o sarcasmo.

—Uma parte o fará. —Especialmente a necessidade de alimentar-se. Primitiva e violenta. Quando lhe chegasse pela primeira vez, consumiria toda a humanidade a que se segurava com tanta força. Deu-lhe leves golpes na testa— Em outra parte, terá que trabalhar.

—Como o que?

Como recuperar sua humanidade depois daquela primeira alimentação, retendo-a desde esse momento, mas não o disse. Haveria tempo suficiente para que se desse conta por si mesma.

—Aprender a dormir durante o dia, por exemplo.

Ela não riu. Pressionou o estômago com as mãos.

—Não me sinto bem.

Maldita seja ele tinha pensado que tinha suprimido as náuseas. Pôs a palma da mão entre o lençol e seu crânio, segurando sua cabeça, virando de lado.

—Vai ficar doente?

—Não é esse tipo de indisposição.

—Então o que?

Os olhos que se esforçavam para vê-lo por cima do ombro eram amplos, temerosos, e de certa maneira, determinados.

—Dei-me conta de que se isto não for um sonho, estou morta.

O terror a arranhou, seu grito de socorro inconscientemente o alcançou através de sua conexão. Ajuda que ele não queria lhe negar. Não era justo que ela estivesse ferida devido a ele, devido a nada. Caleb seguiu o terror pelo atalho mental, deixando atrás o lugar dos medos de Allie e cobrindo-o com calma, deslizando um traço de energia, alimentando sua instável crença de que isto era um sonho. Reforçando-a. Acrescentando um impulso verbal a sua ordem mental enquanto ela ficava de costas.

—Não está morta. Isto é um sonho, lembra?

Estava mau, mas queria que ela tivesse a tranquilidade desta ilusão tanto como fosse possível.

As unhas de Allie se cravaram no antebraço dele, com o desespero que faltava em seu tom cuidadosamente modulado.

—Tem certeza?

—Meu bem, me teria dado conta se precisasse ser enterrada.

Seus grandes olhos se estreitaram com suspeita.

—Como?

—Seria eu o que cavaría a tumba.

Ela piscou ante isso.

—Se não estou morta, mas sou um vampiro, como vou explicar isso?

—Não o fará.

—Mas tenho que dizer algo a minha família.



Merda. Esta era a parte dura.

—Qualquer um que a procure pensará que está morta.

A impressão disto a afetou como um golpe. Agitou-se e logo ficou absolutamente quieta. A rápida piscada de seus olhos conteve as lágrimas que ele podia ver brilhando ali.

—Por que pensariam isso?

Colocou-lhe o cabelo atrás de sua orelha, acariciando sua bochecha com os nódulos. A culpa o esfolou como um corte profundo de uma vara enquanto Allie jazia ali, olhando na escuridão, tentando ver seu rosto, temendo o que ia dizer-lhe, desejando que fosse algo diferente do que suspeitava.

—Provavelmente porque seu carro desapareceu e está no rio. Quando for encontrado, todo mundo achará que se afogou.

A verdade queimava como ácido em sua língua, mas devia a ela.

—Maldito seja. —Seu punho o golpeou na maçã do rosto, seus nódulos pressionando contra seu globo ocular, jogando sua cabeça bruscamente para trás— Tenho uma família!

Ele agarrou sua mão, pressionando-a contra o colchão, piscando para clarear seu olho lacrimejante. Tinha um murro rápido e infernal. O corpo dela se agitou enquanto levantava bruscamente o joelho. Ele a apanhou entre suas pernas, grunhindo quando lhe tocou as bolas. Resistiu em baixo dele, embora não foi rival para sua força. Em uns segundos a teve imobilizada.

—Sinto muito. Não havia nenhuma outra opção.

—Teve opção. Provavelmente centenas delas. Todas melhor que essa. —Allie girou a cabeça e afundou aqueles pequenos dentes brancos em seu pulso. A dentada queimava através dele como fogo, uma combinação de céu e inferno. O sangue perfumou o ar. O vampiro nele despertou à chamada. Entrelaçou os dedos livres na suave seda do cabelo dela e puxou para afastá-la.

—Maldita seja Allie, pensa. —Uma sacudida afirmou a declaração— Não há explicação para o inexplicável.

A simplicidade de sua visão noturna tornou o brilho das lágrimas de Allie prateadas.

—Você não conhece minha família.

—São do tipo de mente aberta que podem aceitar o pensamento de sua filha chupando seu sangue?

Ela ofegou e se encolheu no colchão.

—Nunca os tocara!

—Mas eles sempre se perguntariam se poderia, sempre especulariam se seria capaz.

—Nós resolveríamos o problema.

—Tudo o que resolveria é uma histeria coletiva quando as pessoas descobrissem que os vampiros existem realmente.

—Não sabe isso.

—Sim, sei. —Deixou-a lutar até que o esgotamento a obrigasse a cair contra o colchão.



—Maldito seja.

Realmente o estava.

—Não há volta atrás. Só para diante.

—Sem minha família?

—Sim.

Ondas de pena irradiaram dela. Cada estremecimento em seu fôlego jogava sal na ferida aberta de sua culpa.

—Odeio você.

—Sinto muito.

Ela tomou outro fôlego, aguentou-o, e depois seus olhos se estreitaram e levantou o queixo.

—Se isto não fosse um sonho, mataria-o por fazê-los passar esse inferno.

Ambos sabiam que isto não era um sonho, mas se lhe permitisse fingir um pouco mais economizava sua dor, ele não ia parar antes que tivesse que fazê-lo. A realidade era dura de tomar em pequenas doses, muito mais toda de repente.

—Então suponho que tenho que agradecer aos sonhos.

Abraçou-a, absorvendo sua pena e tensão enquanto ela lutava com a perda. Lágrimas silenciosas se deslizaram por suas bochechas até seu cabelo, gotejando no interior do braço de Caleb, onde jazeram em um atoleiro de quente acusação. Pedacinhos de cenas com seus irmãos e seu pai correram por sua mente, junto ao amor que lhes tinha. Um por um, ele silenciou as lembranças, criando um para-choque para colocar a dor detrás. Gradualmente, Allie relaxou. Seus dedos se afrouxaram e se estenderam sobre os ombros de Caleb. Baixou o queixo e em voz baixa, nada como a do Allie, perguntou:

—Então, não estou realmente morta?

—Nem muito menos.

Roçou sua mente sobre a dela outra vez. Sentiu sua determinação oculta de reunir-se com sua família junto com o vulto de tensão atrás de seus olhos, que indicava a piora de sua dor de cabeça. Empurrou-o fora do alcance de sua consciência e a alimentou com a crença de que isto era um sonho. Não foi tão fácil como tinha sido antes. A mente da mulher estava se tornando louca confundindo o que uma vez tinha sido um caminho claro. Preparou a si mesmo quando ela tomou um fôlego. Allie com suas lágrimas poderia destruí-lo.

—Quando alguém me descobrir indo à deriva pela noite, como vai explicar isso? Chamando-me de fantasma?

Ela continuava trabalhando em como passar sua imortalidade, usando a lógica para entender o ilógico.

—Não.

As unhas de Allie se cravaram em seus antebraços.

—Meus irmãos não deixarão de me procurar.



Caleb acariciou seu cabelo. Podia entender isso. Ele não poderia tampouco.

—Eles não a encontrarão.

—Por que não?

—Imagino que pela mudança em sua aparência.

—Com cirurgia plástica?

—Não. Com ilusão.

—Bem-vindo ao programa de amparo de testemunhas para vampirescas. —murmurou ela sob seu fôlego.

Sua resistência o fez rir.

—Mais ou menos, embora fosse mais fácil em minha época. Mais espaço, menos tecnologia.

Nos últimos setenta anos esconder-se à vista se havia feito mais difícil; nos últimos vinte, com o amor das pessoas pelas câmaras, quase impossível.

Sua cabeça se inclinou para um lado quando ela considerou sua declaração.

—Internet deve ser realmente uma merda em seu estilo de vida.

—Slade o considera seu novo melhor amigo e as câmaras digitais seu mortal inimigo.

—Posso entender isso. Se lhe tirar a aparência de cara bom Johnson, o homem tem tecnologia escrito por toda parte.

Seu vampiro se levantou com um grunhido.

—Eu sou o único Johnson cuja aparência atraente precisa notar.

Ela desprezou sua declaração como se ele estivesse brincando. Estava agradecido de que não pudesse ver o grunhido do vampiro ante o pensamento dela com outro homem. Uma olhada e ela estaria correndo para cobrir-se. Seu desejo de possuí-la completamente era absoluto.

—Então se não estou morta, como estou?

—Entre a espada e a parede.

Ela não apreciava seu senso de humor. Estava claro. Seus olhos se estreitaram e teve a impressão de que estava perto de esbofeteá-lo. Ela deixou ir seu braço, privando-o do sarcasmo de sua resposta, suas mãos apoiando-se em seu ombro, os dedos lhe acariciando o pescoço, enviando calafrios por sua coluna. Calafrios que se juntaram em sua virilha em pura antecipação quando esses mesmos dedos se envolveram no cabelo em cima de suas orelhas e o puxaram.

—Agora mesmo, neste momento, o que sou? Vampira ou humana?

Deixou de puxá-lo até deixá-lo a quinze centímetros de seu rosto e depois resistiu a seu puxão. Se não o fazia, um dos dois ia terminar com o nariz quebrado.

—Humana.

—Está seguro? —Ela se moveu em baixo dele, os dedos do pé lhe acariciando as pernas, seus quadris movendo-se contra as suas — Você comprovou?

Ele levantou o torso, deixando-lhe mais espaço para manobrar, saboreando o quente deslizamento de carne contra carne. Não importava se só estava tentando escapar. Seu corpo, tão



sintonizado ao dela, tomou o rítmico toque como um convite e respondeu com grande impaciência.

—Não nos últimos cinco minutos.

—Comprove-o.

—É uma ordem? —Ele não aceitava bem as ordens. Era algo que mais valia que ela compreendesse se iam passar a eternidade juntos.

Seu por favor, em tom brusco não foi muito menos que uma exigência, mas ele podia segui-la muito mais facilmente. Colocou a mão em seu estômago. Estava confusa em seu interior. Morando a mudança, a invasão começada, mas não completada. Dentro de pouco, ela se sentiria como o inferno, não importava o que ele fizesse para bloquear seu desconforto, mas ela ainda tinha tempo.

—Humana.

—Bem.

Não gostava como soava isso. Estava preparada para algo. As mãos no cabelo de Caleb se deslizaram até seus ombros.

—Não é um mau homem, verdade?

Ele era muitas coisas, mas não era um completo caso perdido.

—Não sou um santo.

—Alguma vez matou alguém?

—Não se não precisava.

O apertão de Allie diminuiu e, como se vencesse um argumento interno, apertou outra vez.

—E se seus irmãos não o houvessem... influenciado, ter-me-ia atacado?

—Não. —Mas finalmente a teria convertido, dava-se conta disso agora. Resistir a ela era uma batalha inútil, mas poderia haver feito da conversão um prazer, não um puro inferno. De maneira nenhuma ela o haveria descrito uma vez passado tudo, como um ataque. Deslizou a mão sob a cabeça dela, curvando os dedos ao redor, como se pudesse protegê-la da verdade com uma carícia.

—Mas agora não seria nada diferente.

Ela franziu o cenho, inclinando o crânio no espaço de sua palma.

—O que quer dizer?

—Continuaria deitada em meus braços e eu continuaria te ajudando a passar por isso.

—Sendo “isto” a transformação física em vampiro?

—Sim.

Allie mordeu o lábio inferior. Maldição, com todos os poderes que tinha neste momento o único que queria era o que não tinha. Não podia reescrever a história.

—Ter-me-ia dado escolha?

Caleb lhe afastou a franja dos olhos.

—Sim. Eu nunca lhe teria tirado isso.



—Mas pensa que eu teria aceitado?

—Finalmente.

Ela estirou seus dedos, pressionados contra sua palmas. Seu aroma se tingiu de vergonha.

Fechou os olhos e depois os abriu lentamente.

—Por que me fiz de tola ao seu redor?

Caleb negou com a cabeça.

—Você nunca foi tola.

O revirar de olhos era puro Allie.

—Mas por favooooor...

Ele tocou seu nariz com o seu.

—Você foi doce, divertida, incrivelmente valente e tentadora, mas nunca tola.

—Essa é uma forma de vê-lo.

Houve uma revoada nas bordas de sua memória. Estava-lhe voltando à memória?

—Salvou minha vida.

Os dedos de Allie passaram roçando sua clavícula, procurando e encontrando a pele sã de seu pescoço, movendo-se sobre a superfície em círculos que foram se alargando.

—Recordo o lobo... arrancando sua garganta?

Ele se inclinou para trás.

—Sim.

Definitivamente sua memória estava retornando.

Ela estremeceu, entortando os olhos contra a escuridão.

—Havia tanto sangue.

—Mas me salvou.

As pontas de seus dedos exploraram mais longe.

—Não há cicatriz.

—Os vampiros saram rápido se podem repor o sangue.

Seu cenho se aprofundou.

—Esse lobo psicopata ia matar-me.

O medo saltou com o conhecimento. Ele embrumou o vívido convertendo-o em um sonho irreal.

—Sim.

—Você não o permitiu.

Acariciou-lhe a bochecha.

—Não.

Nada lhe faria mal enquanto ele vivesse. Havia muito pouca risada no mundo e muito poucos que soubessem como nutrir sua luz.

—Quase o mata.

—Fez uma boa tentativa.



Os dedos dela se detiveram sobre seu pulso muito mais baixo.

—Arriscou sua vida por mim.

—Você arriscou a sua por mim.

—Faríamos um bom casal.

Disse isso como se converter-se em vampira destruísse todo o bom entre eles. Ele escolheu suas palavras cuidadosamente, odiando a crescente tristeza nos olhos dela, que falavam do bem e do mal, odiando ter sido ele o que matou o romance que ela tinha previsto entre eles.

—Ainda poderíamos.

—Não. É impossível agora.

—Por quê?

—É um vampiro.

Caleb sondou sua mente, captando imagens dela e dele juntos, nus em um matagal de roupa de cama, o branco dos lençóis contrastando com a escuridão de sua pele. Velas rodeando a cama. Uma brisa soprando para dentro através da janela, fazendo que as velas dançassem e o diáfano dossel se inchasse. Era uma incrivelmente suave e romântica imagem. Seu coração se retorceu no peito e seu membro ficou duro.

—Ah meu bem, ainda posso te dar o que quer.

—Pode?

—Sim. —Ao menos a parte do sexo. Não estava seguro do romantismo.

As pontas dos dedos de Allie acariciaram seus ombros em pequenas carícias duvidosas.

—O sexo não seria o bastante.

Ele podia sentir a ascensão de calor em suas bochechas, ver a cor escurecendo-se. Estava envergonhada. Maldição queria o romantismo também.

—Farei o melhor que puder.

—Do mesmo modo em que poderia se fosse humano?

—Sim. —E provavelmente com a mesma improbabilidade de êxito. Ele nunca tinha cortejado uma mulher.

Caleb deslizou sua mão direita para baixo pela lateral de Allie, acariciando a carne com suas unhas enquanto o fazia, notando sua brusca inalação, sentindo o desejo ansioso crescendo entre eles, alimentando-o. Enquanto seus dedos se curvavam na exuberância de sua nádega e a colocava debaixo dele.

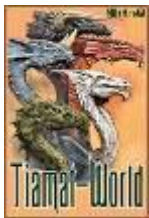
Seu membro se deslizou entre suas coxas, deslizando-se em sua cálida umidade. Ela estava desesperada e pronta.

Allie aguentou de novo a respiração e depois explodiu:

—Quero um orgasmo.

Era sua vez de piscar.

Ela pressionou os quadris em uma súplica silenciosa de maneira que ele não pensou que se desse conta do que estava fazendo.



—Nunca tive um e não quero morrer, nem sequer em sonhos, sem me unir com voc... com alguém dessa maneira.

Caleb supôs que podia entendê-la. Se um corpo queria que ocorresse um milagre, um sonho seria o lugar para fazer que ocorresse.

—E você me escolheu para fazer algo a respeito?

Seu “Me deve isso” fazia parecer como se ele estivesse pouco disposto. Quando cada terminação nervosa de seu corpo tinha movido sua completa atenção para o sul.

—E quer um pagamento em forma de orgasmo.

Ela negou com a cabeça, sua mandíbula adotando essa determinação que estava acostumado a quando queria algo.

—Não qualquer orgasmo. Quero-o do tipo que te faz gritar, perder a cabeça, perder-se em si mesmo, sobre o qual li em livros.

Ela leu sobre isso em livros? Jesus, Maria e José!

—Isso é algo difícil de fazer.

Avançou pouco a pouco seu polegar, acariciando a sensível dobra entre sua coxa e sua virilha. Ela se estremeceu. Era muito sensível ali. Mordia o lábio, controlando a resposta. Definitivamente, iam ter que trabalhar nisso. Uma coisa que não queria de Allie em sua cama era o controle.

Devia ter lhe dado voltas durante muito tempo porque ela continuou com uma pressa desesperada.

—Não tem que ser real. Não saberei a diferença se manipular minha mente. Só preciso pensar que é real.

Ela queria que lhe falsificasse o orgasmo?

Curvou os dedos sob o pescoço dela, pressionando na delicada vértebra, arqueando sua coluna, expondo os seios para seu prazer.

—Não tenho nenhum problema em fazer amor com você, mas Allie meu bem — beijou-lhe a curva do pescoço—, não haverá nada fingido nisso.

Ela franziu o cenho.

—Só quero ter um. Uma vez que mudar, nada será o mesmo.

—Mas eu continuarei estando aqui.

—Mas eu não.

Ela acreditava que a conversão mudaria mais que só seu corpo físico. Ele colocou o seguinte beijo no biquinho rebelde de seus lábios.

—Entendo.

—Então o fará?

Seu membro estava tão duro, tão quente com a necessidade de marcá-la, que se fosse por ele, já estaria dando-lhe. Sua consciência insistiu em que tirasse reluzir uma verdade.

—Está pedindo para fazer amor com um vampiro.



—Seu vampirismo é o que o faz o homem para o trabalho.

Isto é o fato de que ela se agarrava à esperança de que possivelmente ele fosse uma invenção de sua imaginação. Filho da puta, ele nunca tinha pensado estar nessa posição. Os quadris de Allie se inclinaram, deslizando sua carne úmida contra ele em um flagrante convite.

—Quando vai conseguir uma oferta melhor? Sexo livre de culpa, sem ataduras, com plena permissão para ser selvagem?

Nunca. Porque nunca haveria outra mulher para ele, e quando isto acabasse, quando ela não pudesse enganar a si mesma mais sobre que a realidade era um sonho, quando ele não pudesse sustentar a ilusão para ela, teria que pagar um inferno. Mas agora mesmo, o estava pedindo a única coisa que ele sabia que podia lhe dar. A única coisa que poderia ser todo prazer. Ele não podia dizer não.

—Será um prazer.

Allie lhe rodeou o pescoço com os braços e as coxas com as pernas, como se ela também sentisse a vaga incerteza do momento.

—Então, por favor, se apresse.

Capítulo 6

Dois minutos mais tarde, Caleb tinha uma maldita boa ideia de por que Allie não tinha tido o prazer que tinha procurado nas relações anteriores. “Depressa” parecia ser a palavra que a definia no que se referia às relações sexuais. Perseguia cada sensação como se fosse à última, bloqueando qualquer esforço de aumentá-la por seu resolvido esforço de apanhá-la. A quarta vez que ela puxou sua boca longe do mamilo teve o bastante. Agarrou-lhe as mãos e as colocou sobre os seios.

—As deixe aqui para mim por um minuto.

As mãos se assentaram onde ele as tinha colocado como se ela não pudesse adivinhar seu significado.

—Aperte esses bonitos mamilos para mim.

Ela deu um puxão tentativo. Ele alcançou a beira do lençol, puxando-o para ele até que pôde agarrá-lo no punho.

—Faz você sentir bem?

—Pode me ver?

—Todos os vampiros podem ver na escuridão.

A surpresa, a consternação e depois a atrocidade cruzaram a cara do Allie.

—Isso é tão injusto.

—E eu aqui pensando quão bem estava funcionando. —Rasgou uma tira do lençol, o forte



rasgão pontuou sua declaração.

Allie saltou, a cabeça girou para o som repentino.

—O que foi isso?

—O lençol se rasgou.

—Sem mais?

—Não fazem mais lençóis como antigamente. —Apertou um dedo sobre seu mamilo, criando a menor das marcas no centro cheio.

Allie entrecerrou os olhos. A protuberância diminuta se franziu.

—Não te dava eu um trabalho para fazer?

—Sim.

—Então por que não o faz?

—Pura perversão.

Como se a risada de Caleb liberasse as inibições de Allie, apertou os dedos contra os pequenos picos. Muito duro, muito rápido, trazendo nada mais que incômodo. Ele suspirou. Para ser uma mulher tão aventureira, não tinha tomado muito tempo em aprender o que a agradava. Tomou primeiro uma mão, logo a outra, estalando sobre os mamilos com a ponta dos dedos em desculpa. Beijou-lhe as palmas.

—Ponha as mãos por cima da cabeça.

Ela o fez muito facilmente, como se não conectasse a ruptura do lençol com nada do que estava acontecendo agora. Beijou-a outra vez por essa inocência e atou rapidamente o lençol ao redor dos pulsos e logo ao poste central da cabeceira arqueada.

A paixão se converteu em alarme dois pulsados do coração muito tarde para fazer nada.

Ele sacudiu a cabeça, um sorriso lhe puxava dos lábios quando ela puxou tentativamente das ataduras como se fosse incapaz de entender como tinham chegado ali.

—Allie, meu bem, para ser uma mulher moderna, é assombrosamente crédula.

Ela se retorceu na cama, arqueava o pescoço em um esforço vão por ver como a havia amarrado.

—Eu não estou nisto, Caleb.

—Não sabe no que está. —Disso estava absolutamente seguro.

—Não estou na dor.

Isso parou Caleb em seco. Deteve-se, apoiou o corpo de Allie de costas, a trinta centímetros do prêmio que procurava.

—O que a faz pensar que vou fazer machucá-la?

Ela puxou pulsos.

—Toda esta coisa de BDSM.

Ele verificou o lençol para assegurar-se de que havia bastante jogo no material para o que pensava fazer. Havia.

—Só quero freá-la para que esse orgasmo que deseja tenha uma oportunidade de ser



alcançado.

Essa explicação a fez parecer ofendida.

—Não preciso ir mais devagar.

—Nisso diferimos, e dado que não posso controlar sua dor nem suas mãos, vamos por esta rota.

Allie girou a cabeça com força.

—Disse que não ia me ferir.

—Não vou fazer isso. Estou falando da dor da conversão.

Ela puxou os pulsos um pouco mais, franziu o cenho e logo adicionou o movimento do corpo em um esforço por conseguir libertar-se.

—Para de falar disso!

—Porque não acredita ou porque não quer ser distraída?

—Os dois. —O colchão ondulou com seus esforços—Desate-me.

—Por quê? —Ele montou sobre seus quadris, agarrando-se quando o colchão se afundou— Eu gosto assim.

E gostava. Com os braços ancorados em cima da cabeça, os seios pressionavam acima e fora em um convite de pontas rosa, realçada pelos giros e as voltas que os faziam balançar-se de uma forma tão provocativa que nenhum macho de sangue quente poderia resistir.

Ela inclinou a cabeça e essa curiosidade incontrolável brilhou em seus olhos.

—Sério?

—Nunca falei mais sério a respeito de nada em minha vida. —Sopesou a borda da sua maçã do rosto com o comprimento de seu dedo. O polegar descansou sobre os lábios brandamente separados— Está malditamente tentadora estendida para meu prazer.

—E quanto ao meu prazer?

—Isto não parará até que me suplique. —Caleb riscou o osso delicado para baixo até a têmpora, afastando o lábio inferior dos dentes, medindo a elasticidade da úmida carne interior com uma pressão suave— E possivelmente nem então.

Allie aspirou um fôlego profundo. Ele podia sentir como seu cérebro trabalhava sobre essa possibilidade. O seguinte fôlego não foi tão profundo e quando ele se inclinou, subindo as mãos sobre o colchão para poder sustentar-se sobre ela, fragmentou-se em um ofego. Allie baixou as pálpebras e a especulação substituiu o protesto. Curvou os dedos sobre as tiras de tecido e levantou o corpo em convite quando ele apoiou as mãos a ambos os lados de sua cabeça.

—Falar é fácil, senhor.

Era uma tática um pouco óbvia, um pouco cedo.

—Não se preocupe meu bem, sei o que faço.

—A prova está ao fazê-lo.

A curva do ombro atraiu os lábios de Caleb.

—Se responder a isso, vai lançar-me outro clichê?



—Possivelmente. Tenho um milhão deles.

Aí estava essa insolência que ele admirava tanto.

—Adivinho que terei que trabalhar em uma distração.

—Melhor ter uma boa.

Caleb desceu o peito sobre o dela, desfrutando das sinuosas curvas desse corpo contra o seu, a carícia das pontas duras dos mamilos quando raspou delicadamente com os dentes a linha do músculo feminino, o tentador roçar de seu pelo púbico úmido através da virilha. Só tomou um ligeiro movimento para baixo dos quadris para levar o membro ao jogo, deixando que ela o esfregasse por toda parte no poço úmido de seu corpo, sem lhe dar o que ela necessitava, excitando-a com a leve pressão.

—Que tal se te fizer um trato?

Seu "Que tipo de trato" foi uma armadilha. Uma armadilha muito, muito boa.

—Que tal se me permite jogar um pouco deste modo e logo se quiser que te desate a desatarei.

—Quanto tempo?

—Dez minutos deveriam bastar.

—Dez minutos e me desatará? Só assim?

Ele assentiu, esquecendo que ela não podia vê-lo antes de adicionar.

—Simplesmente assim.

—E então poderei tocá-lo tanto o que quiser?

O corpo de Caleb se esticou ante a antecipação que levava essa pergunta.

—Se quiser.

Ela passou a língua lentamente sobre os lábios e seus olhos adotaram um olhar sonhador.

—Oh, quererei.

—Não se fizer isto bem. Se fizer isto bem, só vai querer estar deitada aqui e me deixar tê-la.

Ela arqueou as costas, pressionando os suaves seios firmemente contra seu duro peito.

—Se soubesse durante quanto tempo pensei em conseguir pôr minhas mãos sobre seu corpo, não diria isso com tal confiança.

Ele se deslizou para baixo, dobrando a cabeça a um lado para poder lhe sussurrar na orelha.

—Se soubesse durante quanto tempo esperei para te ter em minha boca, não estaria perdendo o tempo com palavras.

Seu "não estaria?" foi um ofego entrecortado.

Mordeu-lhe o lóbulo, com a força suficiente para arrancar um grito de sua reserva de prazer.

—Não. Temos um trato?

Ela girou mais a bochecha na cama, demandando em silêncio outro beliscão.



—Sim.

—Bem. —Ele ignorou a demanda, escolhendo em seu lugar estirar a sílaba pelos nervos do pescoço com um toque dos lábios, controlando o afastamento instintivo do corpo de Allie da estremecedora sensação da mão no quadril— Shh, meu bem. Deixa que se sintam bem.

Ela sacudiu a cabeça quando ele subiu a mão pelo estômago, sobre as curvas das costelas até a plenitude do seio. Tomou na palma da mão e envolveu os dedos ao redor da base.

—Não posso.

—Com certeza pode. Concentre-se em minhas mãos, no que estou te fazendo. Não se apresse nem lute contra isso, só deite-se aqui e me deixe te fazer sentir bem.

Ela levantou a cabeça do colchão com um cenho na cara.

—Os homens não gostam que as mulheres só se deitem aqui.

De maneira nenhuma ia deixá-la considerar esse caminho.

—Estou passado de moda e estaria encantado se fizesse isso.

Ela soprou a franja da testa e se deixou cair na cama.

—Ficam nove minutos.

Não era exatamente a declaração mais alentadora que tinha recebido ao brincar entre os lençóis, mas o fez sorrir de todos os modos. A mulher tinha a luta nos ossos.

—Obrigado.

Em um tom puramente coloquial, ela sugeriu.

—Possivelmente queira adicionar algum toque mental para aumentar o calor.

Como o inferno. Isto ia ser todo ela e todo ele sem nenhuma artimanha mental implicada.

—Foi isso um gemido de prazer?

Ela apertou os lábios, mas não ofereceu mais contribuições quando ele voltou a levar a mão à lateral do seio, separando os dedos até que rodeou a base uma vez mais. Depois de várias carícias lentas detectou um pico de interesse, uma interrupção em sua respiração quando lhe roçou o mamilo. Na seguinte passada, aumentou a pressão ligeiramente. A calma no corpo de Allie lhe disse que ela tinha detectado a mudança. Deu-lhe um golpezinho no queixo com a sua, para lhe expor o pescoço a sua boca. Seu aroma era mais forte ali, muito feminino. Tentador. Aditivo. Beijou-lhe o espaço da garganta, ignorando quando se esticou, seguindo seu ritmo por seu peito enquanto lambia o tenro canto, provando-a, saboreando-a. Esta era sua mulher. Sua companheira. Sugou a suave carne na boca. Dele.

Ela se moveu em baixo dele, sua petição clara. A deu, aumentando a pressão e o comprimento de sua carícia, apertando o mamilo o bastante forte para que se sobressaísse do corpo. O bastante para que ela contivesse a respiração nos pulmões e centrasse sua atenção, e logo moveu a mão abaixo, para os lados menos sensíveis, detendo-se abaixo durante mais tempo, deixando-a em espera. Deixando que ambos esperassem. Ela moveu as pernas na cama. Engoliu. Com força. A garganta trabalhou contra os lábios de Caleb, o pulso de Allie pulsava com uma isca tentadora. Esfregou a boca sobre a tentação e dobrou os dedos antes de sussurrar:



—Isto vai parecer tão bom.

Ela não discutiu, só respirou profundamente e o reteve quando a mão de Caleb subiu pelo atalho familiar, ela fechou os olhos, cada pensamento, cada fibra de seu ser centrada exatamente onde ele desejava. Na sensação que lhe estava dando. Quando alcançou o mamilo, parou e a reteve ali, inchada e comprimida por seu toque, sua boca, para tudo o que ele quisesse.

—Olhe Allie.

Ela levantou as pálpebras como se pesassem, lentamente, languidamente. Deu leves golpes no mamilo com o queixo.

—Olhe tomar seu seio esta primeira vez.

—Não posso ver.

—Imagina-o.

Ela se estirou para cima enquanto ele curvava a língua ao redor da protuberância necessitada. Ela gritou antes que ele fizesse contato, seu corpo se arqueou em antecipação ao úmido calor, lutando contra as restrições e sua necessidade. Ele a manteve sujeita com o braço através do torso, mantendo-a apresentada para seu prazer com a mão nos seios, permitindo que sua impotência alimentasse sua permissão para não fazer nada mais que sentir. O prazer de Allie fluíu quando ele lambeu e golpeou a ponta dura com a língua. Quando ela começou a retorcer-se frustrada e o ligeiro toque já não era suficiente, ele tomou na boca e chupou.

Ela saltou da cama, o ímpeto empurrou o seio na boca de Caleb, contra o ponto dos dentes. Ela gemeu e se recostou sobre a cabeça do membro, outorgando a Caleb o mais doce, o mais íntimo dos beijos. Torturando a ambos com a fricção quente, a promessa do que ia vir. Ele foi com ela quando se desabou no colchão, dando-lhe mais da paixão devastadora que fluía a ela dele e logo voltou outra vez, mais duro, mais forte, afinado na intensidade feminina, carregada com o prazer dela.

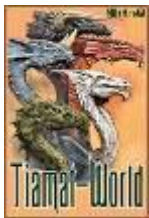
—Oh, Deus. Oh, Deus. —O cântico ofegante ressoava nas orelhas de Caleb, apanhando a beira de seu desejo, arrastando-o ao limite de seu controle. Suas presas se estenderam, estirando-se para ela. O mamilo pulsava entre as pontas agudas. Os músculos da mandíbula se apertaram. Ele desejava, precisava beber dela.

Muito cedo.

Embora apenas reconhecível, a advertência de seu lado racional se infiltrou por sua luxúria. Afastou a boca, gemendo sob o chicote do desejo insatisfeito. Deslizou a mão acima e pôde capturar a carne apertada do mamilo entre o polegar e o índice, substituiu a mordida por um beliscão, aumentando a pressão até que sua voz se rompeu em um gemido gutural, sustentou-o ali durante vários segundos enquanto ela se sacudia e ofegava, sua energia já não se espalhava para fora, mas sim se enfocava para dentro, para o orgasmo em construção.

—Assim, meu bem. Sente-o. —Ele queria este orgasmo para ela, gritos e tudo.

Estirou o mamilo, com calma, olhando com cuidado para ver como a nova sensação a golpeava. Ela franziu o cenho. Ele sacudiu a mão em movimentos rápidos utilizando o peso do



seio para entregar a sensação extraordinária. Allie abriu os olhos de par em par. Abriu a boca. Antes que ela pudesse expressar sua opinião, ele beliscou bruscamente. Ela se estremeceu com um ofego assustado, mas então rapidamente, voltou, empurrando o tenso pico de volta a sua mão em uma súplica silenciosa. Ele o deu lentamente desta vez, aumentando a pressão pouco a pouco, olhando como deslizava o lábio entre os dentes e mordia, afastando o sangue da carne suave, deixando-a branca nas sequelas. Um suave grito lhe rasgou a garganta quando ele beliscou o pedacinho mais diminuto.

—Justo aqui, Allie? É aqui onde você gosta?

—Sim. Não. —Golpeou a cabeça de um lado a outro— Não sei.

—Vamos averiguar então.

Caleb ficou de joelhos. Seu membro abandonou o quente ninho com um protesto, golpeou o quadril de Allie e ricocheteou antes de inclinar-se pela gravidade, a cabeça pesada descansou sobre o osso púbico. Abriu a mão esquerda sob o seio direito. Utilizando o mesmo movimento que antes, espremeu o fluxo de seu desejo. Sua recompensa foi ver como o pequeno mamilo se esticava imediatamente.

—Muito bom.

Ele não diminuiu a pressão quando alcançou o pico. Em vez disso, agarrou a ponta franzida para mover o seio para cima e fora, estirando-o e afastando-o do corpo, olhando sua expressão quando ela lutou contra os conflitivos impulsos de retorcer-se e estirar-se ou permanecer com o beliscão. O aroma da excitação de Allie os rodeou agora. Um incentivo embriagador para criar mais. Mais prazer. Mais aroma. Mais. Sempre mais.

—Caleb!

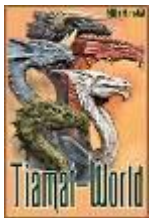
—Aqui mesmo.

Baixou a mão esquerda e moveu seu agarre até que se emparelhou com a direita. Caleb queria mais tempo, mas a mudança não estava disposta a esperar. Crescia mais forte, tomando mais de seu esforço por dominar os sintomas para que ela pudesse desfrutar de seu jogo. Se arrastava isto muito mais tempo, a perderia e as sensações no inferno que vinha. Ele tinha tomado tudo dela e ela só tinha pedido uma coisa de volta. E Allie tinha razão. Tendo em conta como ao conhecê-lo tinha desordenado completamente sua vida, o menos que lhe devia era um orgasmo alucinante.

Soltando seus mamilos, acariciou com os dedos as delicadas curvas exteriores. Seu gemido de desilusão ressoou com o dele. Ela tinha os seios mais doces.

—Logo, meu bem.

Seguiu a linha de músculo abaixo ao estômago, lutando pelo controle, movendo-se para trás, quase o perdeu quando seu membro escorregou entre as pernas e o ofego de Allie sussurrou em seu ouvido enquanto seu próprio gemido rompia além de seu controle. Cavando os quadris nas mãos, pressionou a boca contra o estômago, aspirando seu aroma. Maldição tinha que ir mais devagar. Prepará-la. Dar-se-ia um tiro se a machucasse. Precisava prepará-la.



Tomou um fôlego profundo, sentindo-se quase drogado pela riqueza de seu aroma, o movimento constante e o ritmo de seu desejo. Continuou baixando até que pôde pôr as pernas de Allie sobre seus ombros. Soube que o protesto estava por chegar pela tensão das coxas enquanto se assentava entre elas.

—Caleb? Não acredito...

—Supõe-se que não está pensando. —Sua voz era tão rouca?

Os quadris deram um puxão nas mãos de Caleb quando ela puxou as ataduras.

—Por que está lutando? Eu gosto assim, Allie. Aberta e disponível para tudo o que desejar.

—Oh.

A segurou.

—Agarre o pilar da cama.

Gostou que ela o fizesse imediatamente com tanta intensidade que os nódulos se puseram brancos. Isso apaziguou algo de seu selvagem e primitivo coração de vampiro.

—Agarre-se às boas sensações que estou a ponto de te dar e terá esse orgasmo gritando mais rápido do que possa dizer Jack Shit.

—Jack Sh...

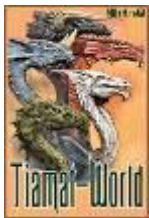
Um golpe da língua aniquilou a segunda parte, mas não sua diversão. Ela era uma descarada. Muito diferente das mulheres de seu tempo. Diferente das weres com as quais tinha dormido depois da conversão, e maldição, encontrava nessas diferenças uma parte grande de seu atrativo. O resto de seus pensamentos morreu sob a onda de luxúria que se encrespou sobre ele quando a primeira amostra de sua intimidade se espalhou através de seu ser como um fogo selvagem avivado pelo forte vento. Arqueou as costas e as presas lhe cortaram o lábio quando um rugido primitivo de satisfação bramou de sua alma.

Por fim.

O pensamento girou por sua mente, recolhendo força com cada revolução, afundando-se em seu intestino. Por fim, tinha a sua companheira. Ela estava aqui, necessitando-o. Nada mais importava enquanto se dava um banquete na carne delicadamente perfumada tão aberta a sua fome. Cada gemido, cada grito só o animava. Só estava Allie e o caminho para marcá-la, satisfazê-la, marcá-la como dele. Caleb lutou contra a primitiva luxúria, lutou pela coerência, para salvar sua humanidade, mas era uma causa perdida. A luxúria do vampiro estava sobre ele. Mais escura que a sede de sangue, mais forte do que podia ter imaginado. Um grito ressoou sobre sua cabeça.

Allie. Querido Deus, Allie. Deixou cair à testa contra ela, aspirando ar, alcançando o pouquinho de coerência que tinha deixado que lhe dissesse que quase não tinha tempo. Definitivamente fora de controle. Inclinou-se para trás.

Em um movimento muito rápido para registrá-lo, trocou posições, abrindo as coxas de Allie com as suas, usando a mão para alinhar-se antes de descer sobre ela e pressionar. Esfregou o polegar sobre seu lugar mais sensível, manteve a boca no seio, trabalhando em ambos



simultaneamente, prolongando seu orgasmo, aliviando-a pelo poder de sua reclamação porque não podia parar. A besta estava completamente sobre ele.

Maldição estava apertada. Muito malditamente apertada.

Através de sua conexão mental enviou uma ordem à confusão que a consumia uma fração de segundo antes de empurrar. *Relaxe.*

Ou ela não podia ou não o fazia. A confusão e a paixão guerreavam. Ele escorregou por essa fenda, enchendo sua mente com seu prazer, sua necessidade. A resistência cedeu e entrou nela deslizando-se lenta e brandamente. Manteve-se imóvel dentro do punho apertado de seu canal, gritos de vitória ressoavam por sua cabeça. Ela era sua agora. Só dele.

Abaixo dele Allie gemeu e se moveu. Subiu o calcanhar pela perna de Caleb, abrindo-se para mais do que ele quisesse. E de repente o que ele tinha não era o bastante. Necessitava mais. Mais de seus gritos, sua paixão, seu sabor.

Caleb se inclinou para trás. Allie se retorceu. Outro grunhido emanou. Era muito tarde para voltar atrás. Estavam unidos. Em uns poucos minutos seria irrevogável. Tinha que ser irrevogável.

Ele não podia aproximá-lo o bastante, entrar o bastante profundo. Levantou-lhe as coxas sobre os braços, abrindo-a mais, golpeando com a virilha sobre a dela com cada movimento descendente, a alegria de Allie ante o contato se derramou sobre ele em um estímulo ardente. Agachou-se, atraindo o mamilo profundamente a sua boca com cada retirada, mantendo-a com ele até que a explosão ardeu por sua espinha dorsal. Retirou-se, soltando seu mamilo da boca, liberando o estalo selvagem de emoção nos olhos de Allie com duas palavras.

—É minha.

Ela sacudiu a cabeça. Ele empurrou para dentro outra vez, deixando que ela tomasse o que pudesse, tranquilizando-a na ideia, procurando com seu corpo e sua mente. Não queria só possuí-la, queria até-la a ele. Assegurar sua aceitação de que ele era seu companheiro. Misturar para sempre suas vidas.

Olhou como ela tomava uma fração mais, e logo outra, seu corpo se estirava ante sua necessidade, os ofegos eram pequenas marcas sensuais para sua paixão.

—Minha. —A reclamação saltou da parte mais profunda dele— Diga-me que é minha.

Outra polegada desapareceu. E então outra. Com cada polegada a urgência aumentava. Inclinou-se, agachando-se sobre ela, centrando o polegar sobre o clitóris, esfregando ao mesmo ritmo que seus ofegos. A energia de Allie empurrou nele com o mesmo desespero, atraindo-o para ela com sua força de vontade, os traços de sua energia se envolviam ao redor dos dele. Ela gritou e seus quadris corcovaram, afundando Caleb mais profundamente.

—Diga-o, Allie. Dê-me isso.

Ela subiu o calcanhar até a coxa, atirando para ela. Seus músculos interiores se apertaram, revoaram. Arqueou as costas. Separou os lábios, atraindo seu beijo.

Ele trocou o ritmo, capturando seu grito, seu presente, segurando a declaração tão perto como a segurava.



—Sua. Sou Sua!

Antes que a última sílaba de seu grito se dissolvesse na escuridão que os abraçava, ele afundou suas presas no pescoço tão limpamente como seu membro se afundou esses últimos centímetros essenciais em seu corpo. Aderindo-se a ela, tomou seu grito, seu clímax como dele, mesclou suas mentes, seus corpos e as almas, relaxando-se no conhecimento de que ela era dele. Pelo menos por este momento. Esta vez tinha-a.

* * *

Ela ia ter que voltar a pensar em sua percepção de si mesma como amante. Era obviamente muito mais depravada do que nunca se imaginou. E Caleb tinha muita mais influência sobre ela do que jamais houvesse predito. Allie trocou de posição. Ele imediatamente a puxou contra ele, abrindo as mãos sobre as costas, protegendo-a. O qual atraiu imediatamente a pergunta, do que?

Ela meneou os dedos. Meu Deus, tinha-lhe permitido que a amarrasse. Puxou as mãos.

—Poderia me desatar agora?

—Em um minuto. —Acariciou-lhe a têmpora com o nariz. Uma carícia dos lábios na beira da orelha disparou um calafrio por sua espinha dorsal. A risada de Caleb lhe deu um arrepio.

—Preferiria-o agora. —Tinha que tomar o controle desta situação. Ele se estirou, seu peito esfregou o dela. Allie suspirou antes de conter-se. Sua pele se sentia tão bem contra ela.

—Acredito que você se sente bastante bem, também.

—Como faz isso?

As suaves ataduras dos pulsos caíram longe com um suave rasgão.

—Pensa muito forte.

—Não o faço.

—Conseguirá dirigi-lo.

—Dirigir o que?

—Controlar seus pensamentos.

Baixou-lhe as mãos, massageando seus músculos. Sua prostituta interior começou a ronronar.

—Não parece que possa controlar muito. —Não o apertão nauseantes no estômago, não suas reações a este homem, não no que se converteu— E não sou sua.

—É também. Disse isso.

—Isso foi só o sexo falando.

Ele a empurrou a seu lado e cobriu sua coxa com a sua.

—Um sexo malditamente bom.

A cabeça de Allie caiu naturalmente no espaço do ombro.

—Isso não significa nada.



—Eu digo que sim.

—Autoengano, verdade?

—Não. Só reconheço a verdade quando se levanta e morde meu pescoço.

—Eu não sou uma posse. Não pode simplesmente me reclamar.

Embalou-lhe o estômago.

—Mas posso te abraçar. Precisa de mim.

Sob seu toque, a dor que se retorcia diminuiu. Um aviso e uma salvação.

—Até que me converta.

Ela não esperava que ele estivesse de acordo, mas os lençóis sussurraram quando ele assentiu, dobrou o bíceps sob a cabeça dela enquanto lhe cobria o ombro em sua mão grande. O calor da palma se filtrou na pele de Allie, espalhando-se sob a superfície, estirando-se mais profundamente, alimentando uma fome que não tinha nada a ver com desejo sexual.

—Mas me compra tempo.

Ela inclinou a cabeça atrás, entortando os olhos contra a escuridão. Foi inútil. Não podia ver seu rosto.

—Jamais abandona?

Curta e doce, sua resposta não deixou lugar a dúvidas.

—Não se for algo que desejo.

E ele a desejava.

—E deseja sexo.

Uma flexão dos músculos do ombro e o rosto de Allie foi inclinado para cima.

—Eu desejo você.

Uma declaração tão simples teria que tê-la deixado nervosa, mas não o fez. Não se vinha de Caleb. Havia profundidades nesse homem. Do tipo que abrigava emoções profundas. Havia também uma força que sugeria estabilidade. Era do tipo de homem no qual uma mulher podia pôr sua fé. Se ela descontasse o fato de que era um vampiro.

A dor se enroscou em seu intestino. Franziu o cenho, recordando algo que ele havia dito.

—Disse que tinha passado por isso antes.

Ele abriu os dedos sobre seu estômago. Não ajudou desta vez.

—Sim. Com meus irmãos.

Ela nunca tinha ouvido tanto, dito com tão pouca emoção. Estirou-se, acariciando a aspereza do queixo, procurando até que encontrou sua boca. Toda a tensão ausente de sua voz estava nessa linha apertada. Ela curvou os dedos em um punho.

—Que aconteceu?

—Eu os converti.

—Por quê?

—Nós sempre estivemos muito unidos.

—Pediram-lhe que os convertesse?



Ainda esse mesmo tom monótono.

—Não. Só aconteceu.

Ela se separou dele, levantando-se, agarrando o estômago quando a náusea rodou por ele.

—Como algo como isso simplesmente acontece?

A escuridão se espessou. O pelo de seus braços se arrepiou quando o próprio ar se imobilizou.

—Tinha fome.

—Não entendo.

A mão de Caleb tocou sua bochecha com infinita ternura.

—Entenderá.

Capítulo 7

OH Deus, outro não. Allie segurou firmemente o estômago ante a dor atroz e observou como Jared meio arrastava e escoltava a um atrativo jovem ao escritório. Em seu interior, uma voz selvagem que não reconhecia gritou: Sim!

O júbilo e o horror emergiram enquanto a luxúria a percorria. Negou com a cabeça, inclinando-se para trás, chocando-se contra o peito de Caleb. Seu braço a rodeou, seguro e forte, segurando-a. Isto não era um sonho. Era um pesadelo. E o pior, um do qual nunca despertaria. Ali não ia haver mais enganos. Os vampiros eram reais e ela era um deles. E se por acaso isto não fosse o suficientemente ruim, além disso, Caleb esperava que tomasse o sangue de alguém. A sacudida de sua cabeça foi tão instintiva quanto pressionar as costas contra ele. Não viveria desta maneira.

—Não posso fazer isto, Caleb.

Ele não a empurrava para este como o havia feito para outros, mas apesar disso não houve nenhuma concessão em seu tom de voz.

—Tem que se alimentar Allie.

—Não. —Negou com a cabeça com mais intensidade enquanto suas presas atravessavam as gengivas— Não posso.

—Finge que é suco de cenoura.

O suco de cenoura nunca a afetou assim. Jared empurrou o jovem mais perto. Ela escutou seus batimentos, sentiu com total repugnância, a luxúria por seu sangue que emergia através dela enquanto seu aroma lhe chegava. Limpo e saudável. Deu-se palmadas na boca como se suas presas recém saídas doessem, e outra vez sacudiu a cabeça para Jared.

Não o faria. Não tinha que alimentar-se, não tinha que viver. Tinha opções.

—Certamente não pode colocar defeitos nesse. —Jared levantou o hipnotizado jovem em



frente a ela, pela parte traseira de seu casaco— Não há uma bolinha de sujeira nele.

Detrás dela Caleb grunhiu enquanto o homem a olhava com seus vazios olhos cinza, sorrindo e mostrando depois seu pescoço. Um olhar sobre seu ombro mostrou Caleb olhando o jovem, com um gesto agressivo na mandíbula.

—Oh, por Deus. —Ela assinalou com a mão a pobre vítima, agradecida porque a exasperação a ajudava a conter a fome selvagem— Está enfeitado e é o café da manhã. Como pode estar com ciúmes?

Seu comentário foi ignorado. Caleb olhou com frieza para Jared.

—Não pôde encontrar a qualquer outro?

Jared soltou o homem, que imediatamente caiu ao chão. Allie afastou bruscamente o pé do alcance de sua mão. Outro descobrimento mais. Hipnotizados lhe davam asco.

—A quem demônios sugere? Não tocará em mulheres, anciões e não importa quão malvada seja uma pessoa, se houver uma bolinha de sujeira à vista, estão fora do carro. Em uma área tão remota, nesta época do ano, tem sorte de que o encontrasse.

—Está perdendo o tempo. —Possivelmente, se dissesse com muita frequência, alguém acreditasse.

Com um aborrecido golpe de sua bota, Caleb afastou a mão insegura do homem da perna de Allie.

—Bom, não está se alimentando dele.

—Preocupa-se que queira algo mais e tenha competência?

Mais? Ninguém lhe havia dito que houvesse mais. Allie olhou para Caleb e seu irmão.

—Que mais?

—Ele não te falou que...?

—Jared...

Definitivamente soava uma advertência na voz de Caleb e suas suspeitas aumentaram tanto como se ia curvando o canto da boca de Jared. O tipo nunca sorria. Olhou para Caleb, sem gostar do gesto de sua mandíbula.

—Não.

—Não é algo do que ela deva preocupar-se.

—Não quando lhe traz despojos para sua primeira alimentação, isso asseguro. —respondeu Jace da entrada, graças a Deus sem nenhuma oferta entre suas mãos— Inclino-me a acreditar que inclusive em baixo desse tipo de calor, uma mulher teria normas.

—Não deveria procurar algo para comer? —perguntou Caleb, o torcido de sua voz convertendo-se em um grunhido.

O jovem gemeu. A besta interior que tinha estabelecido sua residência ontem à noite no interior de Allie uivou, demandando a comida que jazia de qualquer maneira no chão. Com cada minuto que passava a demanda aumentava. Logo, soube ela, não poderia resistir. E agora insinuavam que tinha algo mais do que preocupar-se? Meu Deus, quem pensava que ser um



vampiro ia ser tão complicado?

—Não vou chupar o sangue de ninguém. —Incluiu Jace em seu olhar desta vez.

Ele, a sua vez, recostou seu ombro contra o velho umbral de madeira.

—Dá-se conta de que logo não terá escolha?

—Sempre há escolha.

—Não nisto. —A certeza na voz de Jared fez com que quisesse esbofeteá-lo.

—Na alimentação ou no outro? —O que seja que fosse isso.

—Não deixarei que nada saia errado. —A mão de Caleb a agarrou pela cintura e a puxou para trás, contra ele.

Olhou-o sobre o ombro.

—Pode sair algo errado agora?

—Poderia haver complicações se eu não estivesse aqui.

—O que é essa preocupação que acredita que pode controlar?

A porta de trás se abriu. O estalo do trinco soou de maneira anormalmente alta em seus ouvidos.

Slade fechou a porta atrás dele com um golpe decidido.

—A luxúria por sangue está frequentemente ligada com a luxúria por intimidade.

—Vou me apaixonar por eles? —Ela se virou entre os braços de Caleb e o golpeou no peito quando não a deixou dar um passo atrás— Quis que me apaixonasse por esse velho fedorento, infestado de piolhos a quem tratou de me trazer para que o atacasse?

Caleb lhe agarrou a mão, sua expressão mais de desgosto que de cólera.

—Não é nada tão permanente como o amor e é alimentar-se, não atacar ninguém.

Sexo estavam falando de sexo.

—Queria ter relações sexuais com esse desfeito?

Três sim e um não. Não sabia a quem acreditar, mas não ia formar parte disto, nem de chupar sangue nem do sexo indiscriminado.

—Estou fora de jogo.

Com uma torção, libertou-se do agarre de Caleb. Enquanto dava um passo rodeando ao jovem, ele tentou alcançá-la. A primitiva, luxuriosa voz em seu interior lhe sussurrava quão fácil seria acabar com a dor de ambos. Quão simples seria saciar a fome. A voz se fortaleceu, o instinto de inclinar-se e morder violentamente se fortaleceu. Muito forte para ser natural.

Alimente-se.

Ela se girou. A ordem permaneceu muito tempo em sua mente. Débil e estranha, sem parecer-se com nada que houvesse sentido antes.

Quem disse isso?

Não houve resposta dos homens que a rodeavam. Entretanto, todos a estavam observando com a mesma intensidade peculiar de antes, os olhos brilhando. Fios de invisível energia se entrelaçavam a seu redor. Muito reconhecíveis, individuais, e em massa. Com um



movimento da mão, descartou sua influência.

—Deixem já. —Empurrou Jace para passar. Precisava sair dali— Sou uma maldita vegetariana. O sangue não está em minha dieta.

Foi para o centro do vestíbulo antes que a onda escura de fome se derramasse sobre ela, impossivelmente convincente em sua ordem. Desta vez era real, chegando do interior. Formando parte dela. E segundo Caleb, estava ali para ficar. Depois da onda de fome chegou à dor esmagante. Mais forte. Mais duradoura. Aumentando de intensidade em vez de diminuir. Caiu para trás contra a parede e fechou os olhos. Um gemido que não pôde suprimir se rasgou em sua garganta. Pressionou as mãos contra o estômago, deslizando-se para baixo pela parede. Não ajudou. Segundo Caleb, nada ia ajudar. Aguentou a dor, ofegando como tinha visto na TV que faziam as mulheres quando estavam em trabalho de parto. Por muito que doesse isto, isso não podia ser pior.

—Está lutando uma batalha perdida.

Não teve que abrir os olhos para reconhecer Caleb. O som de sua voz, seu aroma, a percepção de sua energia eram tão reconhecíveis para ela como a sua própria. Talvez todo esse mito sobre que, quem cria um vampiro o possui fosse verdade, porque ela claramente sentia como se Caleb tivesse ações nela.

—Assim me continue dizendo isso.

Seu joelho lhe roçou o braço enquanto se inclinava.

—Provavelmente porque é verdade.

Seu calor a envolveu como uma acolhedora manta. Teve o incrível desejo de virar-se para ele e lhe deixar fazer que afastasse tudo isto. Exceto porque não poderia. Ele era o inimigo.

—Vá.

Uma fria onda de náuseas a percorreu, unindo-se com a dor, fazendo-a maior do que era e só um pouco menos do que podia suportar.

—Não posso.

Acreditou nele. O que fosse que a ligava o ligava a também. Fazer amor com ele tinha feito isso. Ao menos o orgasmo havia valido a pena.

—Poderia tentá-lo com mais força.

A mão que ele colocou em sua testa tinha calos e era cálida. Inclinou-se para a carícia de seu polegar.

—Não quero. Não me alimentarei de outro humano, Caleb.

—Não tem escolha se quer viver.

Ela não respondeu. O silêncio se alongou, tornando-se pesado com a implicação. Seu polegar se deteve na metade da carícia, pressionando. A tensão se reuniu dentro dele e fluíu dela através de seu toque. Abriu os olhos para encontrá-lo olhando-a fixamente com esses redemoinhos dourados brilhando em seu verde olhar. Sua fome ascendeu, inchou-se e se reafirmou com a tentação que representava belamente. Ela trouxe à colação a concessão que



tinha mencionado antes.

—Poderia simplesmente me alimentar de você.

Os redemoinhos estalaram em chamas. Definitivamente gostava da ideia.

—Já discutimos isso. Precisa saber como se valer por si mesma.

—Sei como me valer por mim mesma. Sabê-lo não é o problema.

—Agora não é o melhor momento para se deixar levar por sua aversão.

Porque sentiam que ela não ia ser capaz de controlar-se, que seus instintos prevaleceriam sobre sua vontade. A ingenuidade disso quase a fez sorrir. Quase.

—Você só segue acreditando-o.

Esta vez, quando a dor chegou, não foi um retumbar, foi um arpão atravessando seu intestino.

—Maldição.

Blasfemar não ajudava. A dor seguia fazendo-se mais e mais profunda, rindo de seu próprio impulso, enterrando-se em seu abdômen. Levou os joelhos ao peito em um esforço para contê-la. A mão de Caleb protegia sua cabeça para que não a golpeasse contra os joelhos e se ressentiu como os demônios por isso. Precisava controlar algo e se o melhor que lhe ocorria era golpear o crânio contra os joelhos, ele devia lhe deixar fazê-lo.

—Allie, pequena.

—Não o diga. —Agitada e débil, a advertência careceu da força que lhe queria imprimir. O frio a alagava lhe pisando os talões à dor.

Ele separou seus joelhos e de repente ela estava entre elas, levantada para o calor de seu corpo, seu ombro pressionando contra a dureza de sua virilha, sua bochecha contra a firmeza de seu estômago.

—Que não diga o que? Que está se machucando em vão, que ao final, vai alimentar-se?

Ele era tão quente. Tão quente quando ela estava tão fria por dentro. Allie desejou ter a coragem de arrancar sua roupa. Necessitava o calor que ele conservava.

—Não caço pessoas. —resmungou através das castanholas dente.

—Não é diferente a qualquer outra espécie na cadeia alimentar. É inclusive melhor. Não tem que matar para viver.

—Não é o mesmo para mim.

Os dedos de Caleb lhe massagearam os tensos músculos do ombro.

—Com o tempo não precisará se alimentar tão frequentemente.

Era uma medida de seu desespero que ela visse isso como uma coisa boa.

—Quanto tempo?

—Meses. Talvez anos.

—Não parece estar muito seguro.

—É diferente para cada um.

—A cada quanto tempo você precisa se alimentar?



—A cada alguns meses.

Isso era muito tempo entre comidas, o qual poderia explicar, junto com a utilização das ilusões óticas, como tinham passado despercebidos os vampiros Johnson ante os humanos.

—Quando te dá fome, sai em movimento e despedaça a cidade?

—Não. Com o passar do tempo ganha controle. —Seus dedos se deslizaram à base de seu pescoço enquanto outro estalo de agonia a atravessava como um relâmpago. Ela mordeu o joelho, esquecendo-se das presas. O sabor metálico do sangue alagou sua boca.

—Querida, quanto tempo acredita que vou permitir que continue isto?

Allie tratou de ficar tão séria como ele, mas o estalo de agonia que se disparava desde seu interior arruinou o efeito. Seus lábios se apertaram com um gemido.

—Tanto como eu quizer. — sussurrou com o que ficava de fôlego.

Seu polegar lhe acariciou a bochecha. O brilho de seus olhos entrecerrados se embaçou enquanto se fixavam na mancha de sangue que podia sentir sobre a boca.

—Está equivocada. Poderia forçá-la.

Sua outra mão se curvou sobre suas costas e a levantou para deixá-la sobre seus joelhos e abraçá-la. O aroma de Caleb alagou os sentidos de Allie, seu calor alcançou sua frieza interior e seu sangue, o doce ritmo de seu sangue a fez inclinar-se. Seu ventre se apertou com devastadora precisão. Agonia e esperança. Por que essas duas emoções sempre formavam parte do que sentia por ele?

—Não acredito. —Ela colocou a mão contra seu peito, mantendo o espaço entre eles— Porque se pudesse, a estas alturas já o teria feito.

Ela sentiu o estremecimento dos músculos que indicavam sua surpresa.

—Estou certa, verdade? Não pode me dar uma machadada mental para forçá-lo.

—Agora não.

E isso não agradava absolutamente ao mandão que havia nele, podia dizê-lo.

—Porque sinto muita repulsão ante o pensamento.

—Sim.

Allie o deixou então abraçá-la com suavidade, principalmente porque a seguinte dor lhe tiraria cada átomo de força que ficasse. Suas presas doíam e pulsavam.

—Ao final a dor eventualmente porá a prova suas convicções.

Caleb disse isso com um cansaço que disse tudo.

—Durante quanto tempo resistiu?

—O suficiente para saber que não quer percorrer esse caminho.

—Não tenho escolha. —Não queria, não podia alimentar-se de outro ser humano.

—Como disse, sempre há escolha.

Odiava absolutamente que lhe jogasse na cara suas palavras.

—Poderia beber de mim.

A sugestão veio de sua esquerda, uma voz que reconheceu vagamente sobre o grunhido de



Caleb.

Allie levantou a vista, muito acima, à cara do valentão loiro musculoso que a tinha jogado na casinha do estábulo.

—Essa ideia tem seu mérito. —Gostaria de chupar a vida desse idiota arrogante.

—Não. —espetou Caleb.

Entre uma respiração e a seguinte foi empurrada contra a parede, sua vista se limitava às largas costas de Caleb. Não precisava ouvir o grunhido para saber que não estava contente. O gesto de seus ombros lhe comunicava a mensagem com total clareza.

—Um were é uma boa escolha para sua primeira alimentação. Não pode me matar.

—E tampouco vai fodê-la.

—Perdoa? —Não tinha nem a mais mínima intenção de fazer amor com o loiro idiota. Ou com qualquer outro. E então se deu conta do que acaba de dizer o loiro. Encolheu-se de medo contra a parede, muito agradecida pela forma como Caleb a apertava.

—É um deles. —ficou sem fôlego, agarrando firmemente a camisa de Caleb entre seus dedos. Onde diabos estava sua pistola quando precisava dela?— Como pode ter a um desses monstruosos lobos trabalhando aqui?

—Derek não é um dos were D'Nally.

Os homens lobos eram homens lobos em seu livro.

—E... — a dor a fez dobrar-se sobre suas costas. Sua mão a rodeou imediatamente para estabilizá-la— isso que significa para mim? —Concluiu com um sussurro apenas audível, os olhos fechados, lutando para arrumar-se com o crescente enjoo em seu interior.

—Quer dizer que pode confiar nele.

—Mas não como fonte de alimentação?

—Não.

—Preocupa-o que simplesmente possa desenvolver o gosto pelos lobos.

O silêncio de Caleb foi inesperado, até que incrivelmente, Derek pôs-se a rir. A risada o converteu de um homem de traços duros em um atraente tão rapidamente que a deixou olhando-o fixamente.

—Pode mostrar as presas o quanto quiser Caleb. A escolha é dela.

Allie olhou o pescoço de Derek. Como não poderia? Estava bronzeado e era forte e seu pulso pulsava com um atrativo intoxicante. Saudável. Inspirou o instinto guiando a busca de mais pistas, recolhendo instintivamente o conhecimento de um indício de como saborearia ele preso em seu aroma. Muito tarde. O conhecimento se alojou profundamente em seu subconsciência. Outra vez a selvagem onda de luxúria se elevou, a física e a sexual, tão entrelaçadas que não havia separação entre elas. Bom Deus, no que estava convertendo-se?

—Sinto muito, mas... ah! —Oh Deus, doía tanto!— Apesar do bem que fez o convite, não é meu tipo.

Seu rechaço só provocou que levantasse as sobrancelhas.



—Tem em mente um tipo? Há vários weres que estariam dispostos a ajudar os irmãos.

Allie esfregou a cabeça contra as costas de Caleb.

—Jesus, faz isso soar como uma cena do poderoso chefão.

Caleb estendeu a mão para trás e apanhou a sua. Não teve forças para opor-se a ele enquanto a levava para rodear sua cintura e a arrastou contra a sólida força de suas costas. Uma parte da dor se desvaneceu, mas não a fome.

—Há uma similaridade em que temos uma relação cooperativa.

—Poderia querer pôr ao tanto aos das presas e companhia daí fora, que os vampiros e os homens lobos podem viver em paz.

—Não escutariam.

—Por que não?

—É uma longa história.

—Pensei que parte das vantagens deste assunto dos vampiros era que não andavam escassos de tempo.

Contra sua bochecha, a respiração de Caleb era errática. Só podia pensar em uma razão. A dor que deveria estar sentindo ela estava sendo absorvida por ele.

—Não pode me defender para sempre.

—Posso fazer o que me dê vontade.

—Então, quer se explicar?

Ele grunhiu e logo ofereceu.

—Os weres nascem. Os vampiros se fazem. As diferenças causaram problemas durante anos.

—Não para você e Derek.

—Os McClarens são diferentes.

Derek cruzou os braços sobre o peito.

—Realmente são os Johnsons os que são diferentes.

A dor apertou suas vísceras como um parafuso.

—Como é isso?

A pergunta foi um agudo chiado.

—Pensam mais como homens lobos que como vampiros.

Ela catalogou a informação para mais adiante.

Os frios olhos cinza de Derek se estreitaram como se estudassem sua expressão. Teve a sensação de que via tudo o que ela queria esconder.

—Fiz a oferta a sério. Tenho uma dívida com Caleb. Seria agradável prover suas necessidades.

Outra vez surgiu o interesse em seu sangue, seguido imediatamente da repulsão.

—Não, obrigada.

—Lástima. Teria desfrutado de sua dentada.



Caleb grunhiu e o retumbar vibrou subindo por suas costas.

—Força os limites de nossa amizade, Derek.

Derek levantou uma sobrancelha.

—Tem companhia. Poderia se esforçar em ser generoso.

—Entretanto, em lugar disso me encontro me sentindo possessivo.

O sorriso de Derek voltou.

—Não mais do que o faria um lobo. —Com uma inclinação de cabeça, foi como o vento fresco.

Allie esperou até que Derek esteve a três metros antes de levantar o olhar para Caleb.

—Vou converter-me em uma vagabunda, também?

—Que demônios a faz me perguntar isso?

Ela observou o avanço de Derek pelo vestíbulo, confiança e sexualidade seguindo-o como o ondear de uma capa.

—A forma como me olha todo mundo.

O fixo olhar de Caleb seguiu o seu.

—Só têm fome.

—De mim? —Ela fez uma careta— Não quero ofendê-lo, mas essa não é a emoção que parecem transmitir.

Ele negou com a cabeça.

—Não. Não de você. De seus próprios companheiros. Os weres se emparelham uma vez por vida, e se for um verdadeiro emparelhamento, então só uma vez.

—E os vampiros?

—Não são tão seletivos.

—Perdão?

Seu dedo se deslizou descendo por seu braço.

—Felizmente para você, os Johnsons não só são seletivos além do que possa acreditar, são malditamente leais.

Ela fez uma careta quando a tensão a fez retorcer-se.

—Quer dizer, felizmente para você. Não sou do tipo complacente.

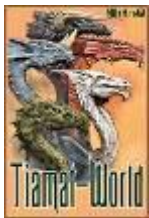
—Não foda.

A tensão se retorceu em um nó duro e abrasador, consumindo-a com uma agonia tão violenta que não teve esperanças de poder suportá-lo. Caiu ao chão, fez-se um novelo rodeando a dor e lutou para contê-la.

Os secos golpes dos joelhos de Caleb golpeando o chão a seu lado fizeram jogo com o trovejar de seu coração.

—Maldita seja, Allie.

Esbofeteou-lhe as mãos enquanto se deslizavam em baixo dela. Não podia suportar seu toque. Não podia suportar nada. Não lhe deixou escolha enquanto a levantava entre seus braços



e a levava tão cuidadosamente como podia, praguejando outra vez quando ela gritou e se esforçou contra seu agarre, presa em um cárcere de dor que não cederia. Consumida por uma fome terrível ante a qual não podia sucumbir.

O ruído de pegadas atravessando a casa, equilibrando-se sobre ela de todas as direções. Para seus ouvidos excessivamente sensitivos soava como um exército invasor. Para seu agudo olfato, cheiravam a jantar vivinho e abanando o rabo. Retorceu-se entre os braços de Caleb, sua mente rebelando-se ante o pensamento. Caleb a apanhou antes que pudesse cair, deixando-a deslizar-se ao chão até o piso enquanto secas arcadas atormentavam seu corpo.

—Filho da puta. Caleb, se não fizer algo, farei eu.

Caleb lhe tirou as palavras da boca quando disse:

—Fecha o bico, Jared.

—É simplesmente uma mulher. A fome a matará.

Assim que acabasse de vomitar as tripas, ia falar quatro palavras com eles sobre a estupidez de “só uma mulher”.

—Sei.

Ele sabia. Que demônios sabia Caleb? Com a seguinte arcada devolveu sangue. Um montão dele. Estava tendo uma hemorragia interna? O pensamento não foi tão atemorizante como deveria ter sido.

Cuspiu os restos de sangue da boca, ofegando rudemente entre uma contração e a seguinte, encontrou um fio de voz.

—Caleb?

Seu “O que” foi um sopro de tranquilidade, desmentindo a tensão que podia sentir em suas mãos.

—Não me deixe fazer isso. —Ela envolveu os dedos ao redor de seu mindinho. Muito fraco para levantar sua cabeça e olhá-lo no rosto— Custe o que custar não me deixe sucumbir.

—Jesus.

Ela não soube qual dos irmãos soltou a rude maldição. Estavam todos ali, formando um círculo de botas cheias de arranhões e atitude de valentão, vigiando-a como se fosse algum monstro de feira. Limpou a boca com o dorso da mão, cravando desconcertada os olhos na mancha vermelha que cruzava a pele antigamente limpa. Voltou-se de costas, confiando que Caleb a abraçaria, gritando quando as costelas comprimiram seu abdômen, e piscando para conter as lágrimas enquanto encontrava seu olhar.

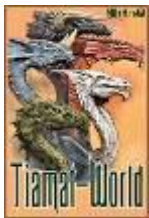
—Não poderia viver comigo mesma.

Os redemoinhos em seus olhos verdes se estreitaram para depois brilhar.

—Aguenta.

—Falo sério, Caleb.

Pela extremidade do olho encontrou o olhar de Slade. Graças a Deus que alguém a entendia.



—Sei. —A mão do Caleb cavou seu queixo, dando-lhe suporte adicional— Entendo sua postura, Allie. Simplesmente não a compartilho.

Tinha que fazê-lo. Ela rodeou com os dedos o antebraço de Caleb, agarrando-se enquanto a seguinte onda se cravava profundamente em seu intestino. Nunca tinha suplicado por nada na vida, mas necessitava isto.

—Necessito que o faça. —OH Deus!— Prometa-me — sussurrou isso entre ofegos.

Caleb cravou os olhos nela, sua vontade um impenetrável muro que ela não tinha esperança de escalar, até que o viu. A piscada em seu olhar. Allie lhe cravou as unhas no pulso. Tinha brigado com menos esperança no passado.

—Por favor. —Durante um segundo, pensou que tinha perdido que sua determinação duraria mais que a sua, mas então ele lentamente inclinou a cabeça e lhe deu as palavras que precisava ouvir.

—Prometo.

Ela se agarrou mais forte, o alívio abatendo-se nas beiras da confiança.

—Posso confiar em que cuidará de mim?

Seu fixo olhar não abandonou o seu. Seus dedos pressionaram a base de seu pescoço, arqueando sua cabeça para trás.

—Sempre.

A luta a abandonou. Sofreu um colapso na proteção de seus braços, o sustento de sua inesgotável energia, aguentando contra a agonia simplesmente porque ele o desejava.

—Obrigada.

—Nos deixem. —ordenou Caleb a outros.

Sim. Necessitava que se fossem.

—Não.

Jared. Ele sempre causando problemas. Ela girou de repente a cabeça, seu grunhido fazendo o de Caleb muito mais profundo. Jared simplesmente levantou a sobrelha por volta dos dois enquanto tomava a toalha que Jace lhe estendia.

—Ela é muito imprevisível. —Jared a lançou sobre o atoleiro de sangue, afastando o olhar— E você, Caleb, muito vulnerável.

Caleb não afastou os olhos dela, como se soubesse que ela não poderia resistir sem a conexão, oferecendo-lhe a força para resistir durante só um minuto mais, um segundo mais.

—Saia agora mesmo.

Abriu a camisa e a aproximou mais ao calor de seu corpo, à luxúria de seu sangue.

—Caleb. —O sussurro rasgou sua garganta. Estava oferecendo a si mesmo?

—Tenho você, Allie.

A cólera e a frustração de Jared encheram o ar junto com o acre perfume do... medo?

—Não tem uma merda.

Durante um batimento Allie ficou sem a graça sustentadora do olhar fixo de Caleb



enquanto ele lançava um frio olhar a seu irmão.

—Saia daqui, Jared.

—Me obrigue.

Ela não ouviu a resposta de Caleb, não ouvia nada que não fosse o rítmico batimento de seu coração e o eco surdo do vivificante fluxo de sangue em suas veias. Sabia como seria seu sabor. Intoxicante. Saboroso como um rico vinho, mas melhor, mais completo. Sabia como se sentiria depois de que tomasse o primeiro gole. O calor de sua pele abrasaria seus lábios. Suas presas se estenderam, doendo com uma fome própria.

—Alimente-se, pequena.

Sim! O forte sabor salubre de seu aroma ardeu no seu nariz. Isto era o que necessitava, desejou com ardor. Dobrou os pés sob os quadris e seguiu a direção a que a forçavam as pontas de seus dedos. Tinha bastante sangue, tudo o que pudesse querer. Tudo o que necessitava. O tocar sua pele com suas presas foi uma sorte deliciosa. Tão bom. Sua besta rugia em busca da vida, revelando o nível de sua necessidade, sua absoluta fome, a profundidade da qual a assustava como a merda. Teve só a suficiente presença de ânimo para extrair outra promessa de Caleb antes de afundar-se.

—Não me deixe feri-lo.

Capítulo 8

Não me deixe feri-lo.

As palavras de Allie ressoaram na cabeça de Caleb enquanto ele esfregava suas costas.

—Uma coisinha como você não poderia me machucar. —ela se moveu contra ele inquieta pequena, delicada, imensamente feminina.

Ela franziu o cenho quando ele excitou sua pele com os dentes.

—Então por que Jared está tão preocupado?

—Só é propenso a isso.

—Isso mesmo. —Suas presas raspam a clavícula de Caleb antes de mover-se para cima. Seu membro pulsou e Caleb ficou sem fôlego. Ele cavou seu rosto com a mão, empurrando a boca dela contra seu pescoço, evitando sua resistência.

—Maldição, Caleb, sabe muito bem que não deve deixá-la alimentar-se de uma artéria —grunhiu Jared.

Mas ele desejava que o fizesse. Queria saciar sua necessidade tão rapidamente quanto fosse possível. Desejava-o com uma força tão primitiva que era quase impossível de resistir.

—Por quê? —baixa e rouca, a pergunta de Allie escorregou entre eles, junto com sua mão. O aroma de sangue fresco os rodeou. O sangue dela. Ele envolveu os dedos em seu cabelo e lhe



jogou para trás a cabeça. A navalhada no dorso de sua mão falou de seu sacrifício. Ela tinha se mordido para evitar mordê-lo.

Allie repetiu a pergunta.

Caleb a ignorou, retirando a mão de sua bochecha, lambeu o sangue de sua pele, fechando os olhos ante o sabor, insistindo-a em silêncio a alimentar-se, incapaz de suportar os ecos de sua agonia golpeando nele. Jared não tinha tal remorso.

—Sou propenso a me preocupar porque você poderia drená-lo.

Allie afastou suas presas da clavícula. Ele a agarrou pela nuca com a mão, evitando que se retirasse.

—Cale-se, Jared!

—Alguém tem que falar razoavelmente.

—Fora.

Jared se recostou contra a parede, com os braços cruzados contra o peito.

—Me obrigue.

—Com prazer.

—Que acontece se o deixo seco? —perguntou Allie outra vez.

—Ele morre — disse Jared.

—Nada — disse Caleb, coincidindo ao mesmo tempo com Jared.

Ela olhou de um para outro, em um gesto muito dilacerador pela lentidão com que o fez.

—Acreditava que os vampiros eram imortais.

—Normalmente sim, mas chupe-os até deixá-los secos e morrem como qualquer outro.

A retirada de Allie foi tão emocional como física, apertou os dedos na coxa de Caleb. Se ela tivesse toda sua força, ele estaria estremecendo-se. Como fosse mal podia sentir a pressão. Ela necessitava sangue, agora.

—Só o ignore e ele irá.

Jared bufou.

—Apenas.

Ela olhou para Jared.

—Não posso machucá-lo.

Infundiu cada pedacinho do que ficava de humanidade nesse sussurro suave, que falava mais de esperanças que de convicção.

Caleb esfregou as pontas de seus dedos sobre sua cabeleira.

—Não me machucará, meu bem.

—Não vai ter o controle — disse Jared, estabelecendo com acalmada lógica, apesar das consequências.

Caleb cortou seu irmão com um olhar furioso.

—Tem que sair.

—Já o convidei a me obrigar.



Se ele não tivesse que preocupar-se por Allie, daria a Jared a surra que estava pedindo.

—Não sabia que tinha que olhar.

Tudo o que conseguiu foi que Jared levantasse uma sobrancelha.

—Há muito que não sabe sobre mim.

Isso era verdade. Nos últimos duzentos e cinquenta anos Jared tinha conseguido ser malditamente reservado a respeito de muitas coisas.

—Ela não aprecia sua presença.

—Ela não é minha preocupação.

—Deveria ser.

Abaixo dele, Allie se retorceu e disse:

—Ela ainda está aqui.

Caleb tocou sua bochecha com as pontas de seus dedos para lhe deixar saber que a tinha ouvido, sem afastar nunca os olhos de seu irmão.

—Se ela se for, eu também.

—Sei, é por isso que não confio em seu julgamento nisto.

—Caleb?

Ele olhou para baixo. A cara de Allie estava retorcida de dor e determinação, os olhos azuis secos e escuros em sua cara. Estava desidratada.

—Poderiam deixar de brigar e procurar uma saída?

—Caleb é o irracional. Não compartilhará.

—Não compreendo.

—Vai necessitar mais sangue do que uma pessoa pode subministrar.

—Argh.

Um movimento na boca de Jared foi à única indicação de seu lado mais leve.

—Argh ou não, é a verdade. Combina isso com o fato de que Caleb é um possessivo filho da puta, e que o primeiro sangue ata, e tem todas as papeletas para um desastre.

Caleb colocou Allie contra seu peito.

—Confia em mim, Allie.

—Não — disse Jared, fazendo-a retirar-se para trás mais rápido que com um laço.

Apertou as mãos contra as costelas de Caleb.

—Está me sufocando.

Ele a deixou afastar uma polegada. Com o que ela se acomodou até que pôde ver Jared outra vez.

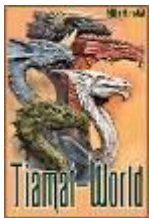
—Não posso aguentar muito mais.

—Sei.

—Tem que resolver isto.

A sobrancelha levantada de Jared foi à única reação à ordem.

—Estou disposto.



Allie afundou as unhas no antebraço de Caleb, enchendo o ar com o aroma dele, elevando o olhar para seu rosto. Toda essa incrível força interior se refletiu em seus olhos enquanto rogava por um impossível.

—Por favor.

Caleb sacudiu a cabeça. Era mais do que podia suportar, olhar como se entregava a outro. Tirava de outro.

—Não a deixarei morrer.

Ela abriu a mão sobre os cinco cortes de meia lua das unhas.

—E eu não posso matá-lo.

—Se já acabou com o melodrama — interrompeu Jared —, tenho uma solução.

Mal terminou a frase, Allie se dobrou ante uma nova onda de dor. Caleb a segurou através do espasmo que a rasgava, sua determinação escorregando sob a realidade da situação. Ela podia morrer por isso. Sustentou-lhe a cabeça a um lado enquanto tinha arcadas, sem poder vomitar nada, só arcada após arcada até que não pôde suportá-lo mais. Dar-lhe-ia tudo para que isto parasse. Apoiou a palma sobre a dela, segurando-a no seguinte espasmo enquanto perguntava a seu irmão:

—Qual é seu plano?

Jared deu um passo afastando-se da porta, aproximando-se mais, seus olhos não se desviaram de Allie. Embora sua expressão estivesse em branco, Caleb sabia que seu sofrimento o rasgava. Jared tinha fraqueza pelas mulheres e as crianças.

—Se seu primeiro e último sangue é o seu, seus problemas resolvem.

—E o meio?

—Ela tiraria de mim.

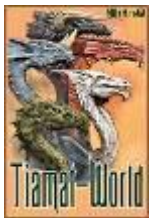
Era um compromisso. Ele e Jared sempre tinham sido próximos, compartilhando a responsabilidade e o castigo por igual. Isto seria só algo mais na união que não poderiam romper. Por dentro, sua besta rugiu um protesto. Nenhum homem deveria conhecer o prazer de Allie exceto ele. Com cada pinga de prudência, lutou contra ela. Foi uma dura batalha, a entristecedora atitude possessiva de seu lado vampiro encontrou um aliado em sua natureza humana. O seguinte gemido dela equilibrou a balança.

Prometa-me isso

Ele tinha dado sua palavra. Não podia permitir que ela sofresse mais. E não podia lhe dar mais futuros traumas. Aprenderia a arrumar-se. Nada, nem seu orgulho nem sua tênue relação com seu irmão, importavam mais que Allie.

Com um duro assentimento, deu sua permissão. Jared deu o último passo para frente. Caleb rasgou uma navalhada no seu músculo peitoral direito, sentindo que a força mental de seu irmão se unia à sua, animando Allie a alimentar-se. O sangue fluiu como um rio.

Allie ofegou e se cambaleou para frente. A pressão dos lábios sobre sua pele enviou chamadas a sua própria luxúria. As presas dela roçaram, pressionaram e logo entraram. Ela se



alimentou tentativamente ao princípio, permitindo que seu sangue somente fluísse sobre a língua mais que beber realmente.

Caleb sentiu o momento exato em que a besta saltou à vida dentro dela. Cada músculo em seu corpo se esticou e sua mente se abriu à dele, lutando contra ele pelo controle, sua luxúria golpeando nele, construindo-a, confiando no impulso primitivo da emoção para criar uma cunha que ela pudesse utilizar mais instinto que delicadeza na manobra, mas isso não diminuiu o poder detrás disso. Allie queria o controle.

Ele deixou cair à cabeça contra a parede, a paixão consumia sua determinação.

—Ela é forte.

—Inferno, irmão, sabia que ia acertar.

Caleb sacudiu a cabeça, o desejo aumentava com cada lambida da língua dela, cada quente sucção.

—Não deste modo.

Caleb apertou a boca de Allie contra sua carne, antes de puxar suas coxas para abri-las e empurrá-la para baixo sobre ele. Sentiu o quente raio de euforia disparar-se por ela enquanto conectavam intimamente, o tecido de seu jeans não era barreira para o calor que os unia, centrando a ambos em tudo o que importava; a paixão entre eles, a emoção. O intercâmbio elementar era tão essencial como respirar para os de sua espécie. A dentada dela se tornou mais faminta, demandando, rompendo qualquer resistência enquanto começava a balançar o corpo violentamente contra o dele. Não ia dar a ninguém, deixaria que cada pulso dos quadris o atraísse para a finalização. Allie podia ter o que quisesse dele, seu sangue, sua semente, sua vida.

—Merda.

Ignorou a exalação de Jared e empurrou seu braço a um lado quando teria que ter empurrado Allie longe dele. Arqueando os quadris, cedeu ante sua demanda, crescendo com sua necessidade, sorrindo com satisfação quando ela choramingou enquanto ele rebatia seus movimentos, grunhindo quando Jared se estirou para ela outra vez.

—Ainda não, maldito seja.

—Agora.

—Não! —A ordem veio muito tarde, Jared a tirou de seus braços e a sustentou contra seu corpo. O branco rosto de Allie resplandecia contra o negro da camisa de Jared enquanto sua cabeça caía sobre o braço dele. O selvagem gemido de desilusão que se elevou da garganta de Allie ressoou com sua própria perda. Caleb se lançou ao espaço entre eles. Jared saltou atrás, com seus reflexos não diminuídos pela luxúria de sangue ou de companhia. Sua mão se moveu ao pescoço de Allie. Não com paixão, mas sim com intenção.

—Tente e a matarei.

Caleb parou em seco. Uma coisa era certa a respeito de Jared, ele nunca enganava. Mataria Allie se o conduzisse a isso. Caleb fechou os punhos, para manter-se a raia contra o instinto de reclamar a sua companhia. Allie lutou ante o agarre de Jared. Se ela lutava para fugir ou chegar



ao pescoço de Jared, não sabia. Não importava realmente.

—Deixa-a ir.

Jared sacudiu a cabeça.

—Ou vai como acordamos, ou termino isso agora.

Caleb acreditou nele. Seu lado racional estava de acordo ainda com o plano, mas isso não detinha a violenta reação do vampiro por que Allie foi arrancada de seus braços. Nem tampouco detinha a próxima compulsão de ver o homem que a segurava estripado e morto. Seu irmão. Enterrou as presas no lábio, capturando a dor interior com a dor física enquanto dizia.

—Terminemos de uma vez.

—Vire-se.

Isso era pedir muito.

—Não.

—Jesus, Caleb, não faça isto a si mesmo.

O sangue lhe gotejava do queixo ao peito, unindo-se ao lento rio que já fluía de sua ferida.

—Faça. Agora.

—Filho da puta — Jared rasgou o pulso direito. O sangue saiu a fervuras em um arco, salpicando um lado do rosto de Allie quando esta se girou e pôs sua boca contra sua fonte de alimento. Depois de uma inicial careta de dor, a expressão de Jared ficou em branco e sua energia se retirou, ocultando-se detrás de uma parede de determinação. Contra seu corpo, Allie se retorceu, a sede de sangue mesclado com a luxúria física por Caleb, para ela os dois eram indistinguíveis.

Cega. Insaciável.

Não havia maneira no inferno de que Jared fosse imune. Caleb havia sentido a força de Allie. Sabia, embora não podia vê-lo nem senti-lo, que o corpo de Jared respondia à atração feminina. O conhecimento quase o fez cair. Ela era sua companheira. A de ninguém mais, dele. Jared levantou o olhar, seus olhos cor avelã brilhavam com luzes prateadas, a única indicação de sua pena.

—Tome-a.

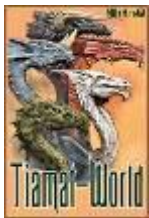
Durante uns segundos essenciais, Caleb não pôde mover-se, a sede de sangue ainda correndo por suas veias, cada fôlego era uma agonia, seu lado vampiro gritando em busca de justiça, e então a névoa se clareou. Deu um passo para frente, a piscada de alívio do Jared uma bala a sua alma. Depois de tudo pelo que tinham passado Jared não tinha estado seguro de que ele a tivesse detido.

Caleb envolveu o braço ao redor da cintura de Allie. Com a outra mão lhe cavou o queixo, exercendo pressão na mandíbula, sustentando o olhar de Jared enquanto o fazia.

—Irmãos até o final, lembra?

Jared grunhiu quando Allie se colou a ele.

—Ela vai complicar isso.



—Nunca tanto.

Caleb apertou com mais força. Inferno ia fazer que lhe rompesse a mandíbula?

—Deixa-o, Allie.

Ela sacudiu a cabeça e grunhiu.

Jared, incrivelmente riu.

—Soa como um gatinho que mordeu mais do que pode mastigar.

A última sílaba teve uma ambiguidade que Caleb não gostou. Allie estava tomando muito. Ele se inclinou contra as costas dela, colocando-a entre suas coxas, e gemeu quando ela esfregou seu suave traseiro contra ele. Permitiu que uma gota de sangue caísse sobre seu ombro como uma isca poderosa e lhe cochichou na orelha.

—Isso, Allie. Sou eu. Venha aqui, eu te darei tudo o que desejar.

O mais leve relaxamento nos músculos da mandíbula foi o sinal que tinha estado esperando. O olhou pela extremidade do olho.

Roçando sua orelha com os lábios, murmurou:

—Lembra-se de mim, meu bem? —apertou-se contra ela, rebatendo o movimento de seus quadris com os próprios, seduzindo-a com a mente, o corpo e a voz.

—Estou preparado para cavalgar sempre que você estiver.

Ela saltou seu peito, os braços foram ao redor de seu pescoço, o suave cochicho de seu nome um bálsamo para sua alma.

—Inferno, estaria insultado se tivesse a força suficiente. —Jared se desabou contra a parede, fechando a ferida do pulso enquanto se deslizava para baixo.

Caleb ignorou Jared, mais concentrado no milagre de Allie exercendo seu lado humano em meio da sede de sangue. Maldição, ela era forte.

—Venha aqui, meu bem. —Apertou-lhe a cara contra o peito, deixou cair à cabeça até que a bochecha se encontrou com a dela, e sentiu sua confusão, misturado com horror e luxúria— Está tudo bem, Allie. Qualquer coisa que aconteça entre nós, eu a desejo, e tudo está bem. Deixe ir.

—Sinto muito.

Levantou-a contra a parede.

—Não o sinta. —Não queria que o sentisse— Só envolve as pernas ao redor de meus quadris e me deixe ver exatamente quão selvagem pode ser.

—Estarei do outro lado da porta se precisar de mim.

Caleb não esbanjou tempo em olhar para Jared. Não precisava dele. Allie era sua única preocupação. As presas dela se afundaram no peito, os quadris procurando enquanto os tornozelos se enganchavam detrás das costas. Selvagem, impetuosa e totalmente feminina, o fazia arder até o centro, o fazia zangar-se, o fazia doer, o fazia forte. Ela deslizou as mãos ao sangue do pescoço. Ofegou e se agarrou a seus ombros. Deu-lhe um pequeno impulso, movendo as mãos aos quadris, afundando os dedos na curva exuberante de suas nádegas, dando-lhe o



apoio que necessitava. Deslizou uma mão mais abaixo, estendeu a garra e cortou a costura dos jeans antes de alcançar o zíper.

—Agora, querida, deixe-me ver esse lado selvagem.

* * *

—Não é um inútil.

Não foi o melhor elogio que um homem poderia ouvir jamais, sussurrado depois da sensação de total satisfação, mas era puro Allie.

—Isso é bom de ouvir. —Caleb inclinou a cabeça contra a parede pela que tinham escorregado durante esses últimos momentos frenéticos e atraiu um fôlego duramente ganho em seus pulmões. Contra seu flanco, Allie respirava com igual dificuldade. Abriu a pálpebra direita — Alguma razão em particular pela qual pensou que o seria?

—Era uma preocupação. —Seu encolhimento de ombros fez que o seio acariciasse o peito escorregadio pelo suor de Caleb. A este, o corpo lhe esticou de novo, muito envolto no prazer anterior para compreender que não tinha suficiente ânimo para começar outra vez. Allie era uma mulher exigente quando se deixava levar. Acariciou-lhe as costas com a mão. Teria que conseguir que se deixasse levar mais frequentemente.

—É só que acumulou muitos “lhe devo isso” durante o último mês e não estava segura de que pudesse fazer bom uso deles.

—A outra noite não te convenceu?

—A outra noite estava bêbada.

Ele entreabriu a outra pálpebra.

—Inferno se o estava.

Allie levantou o olhar de onde estava olhando como seu dedo criava desenhos no pelo de seu peito. Cavou-lhe o ombro na palma, sorrindo quando ela se curvou mais apertadamente contra ele. A coxa dela subiu pela sua em um doce convite.

—Não o estava?

—Não.

O puxão que lhe deu no cabelo doeu.

—Bem, então... Uauh!

—Estarei de acordo com esse uauh. —O sorriso lhe chegou surpreendentemente fácil.

—Você, Allie, é uma mulher exigente.

—Ouça, não era eu a que o segurava contra a parede.

—Isso seria uma boa visão, você me segurando acima.

Houve uma pausa.

—Poderia? Agora?

Ele abriu os olhos completamente.



—Agora que é vampira?

—Sim.

—Não sei. —Deu de ombros— Os homens se tornam muito mais fortes, mas não sei de mulheres.

—Não há vampiros fêmea?

Oh sim, havia.

—Pelo menos uma.

—Só uma?

—Isso é tudo o que jamais vi.

Allie sacudiu a cabeça. Ele só tinha visto um vampiro fêmea? Tão facilmente como a tinha convertido, outros tinham que ter convertido muitas mais.

—Isso não tem sentido.

—Não posso evitar. —A almofadinha do polegar lhe tocou o centro do lábio inferior. Apesar do fato de que ela se sentia saciada até os ossos, seu pulso ainda se acelerou. O que era ele? Parte mago?

O sorriso de Caleb se ampliou.

—Não está lendo minha mente.

—Só um pouco.

—Não existe um pouco no que se refere a isso.

A pressão no lábio aumentou.

—Sim. Há.

O qual tirou a colocação de outro ponto.

—Como é que eu não posso ler sua mente?

—Não pode?

Ela fechou os olhos e tentou. Nada.

—Não. O única coisa que chocalho por aí sou eu e eu mesma.

—Soa bastante lotado.

Ela se inclinou sobre seu corpo grande. Apesar do fato de que não havia nada brando no homem, ele era bastante confortável.

—Isso realmente vai emprestar Johnson, se não consigo algumas das gorjetas que acompanham o ser um vampiro.

O polegar de Caleb empurrou o lábio para baixo. O ar fresco vagou através deles.

—É diferente para todos.

—Como?

—Todos temos força, mas cada um de nós temos diferentes... gorjetas, como as chamas. Jared conseguiu a capacidade de controlar as mentes. Slade chegou a ser mais preparado que um bibliotecário acamado. Jace é super forte e pode estar três vezes mais que o resto de nós sem alimentar-se.



—E você?

—Eu, minha doce Allie, consegui o melhor presente de todos.

—A mim?

O sorriso foi indulgente, a carícia do polegar uma promessa ardente.

—Isso também, mas posso andar a luz do sol.

Um vampiro que podia andar a luz do sol?

—Dá-se conta de que isso destroça totalmente toda minha educação infantil na ciência paranormal.

—Teve essa educação?

Ela assentiu.

—Todos os sábados pela tarde e os cursos intensivos do Halloween.

Deslizou o polegar entre os dentes, montando as sílabas.

—Olhava a televisão.

—Você não?

O sorriso no canto da boca dizia mais que suas palavras. O homem não era tão sério como gostaria que ela acreditasse.

—Slade insiste.

Ela bufou ante a nota de desgosto em sua voz. Era um mentiroso.

—E você foi cavalgar.

—Isso.

—Está tão cheio de merda.

—Não acredita em mim?

Ela aconchegou a cabeça em seu ombro. Estava tão cansada.

—Tenho que encontrar um homem que não é viciado em ESPN e no controle remoto.

A risada dele expulsou sob sua bochecha. Caleb colocou o polegar sob o queixo e os dedos se curvaram atrás do crânio dela.

—Ninguém consegue o controle remoto de Jace.

—E você? —Ela definitivamente estava mais interessada em seus hábitos.

—Eu gosto de futebol e de rodeio.

Ela abriu a palma sobre a curva do peitoral, trançando os dedos entre os cachos apertados do peito.

—E os vídeos musicais? Os homens sempre adoram as mulheres quase nuas que se pavoneiam neles.

—Como sabe tanto a respeito dos hábitos dos homens?

Isso eram ciúmes?

—Com seis irmãos mais velhos, uma garota aprende muito.

—Seis?

Ela abriu a palma, esfregando-a sobre a áspera superfície, saboreando o comichão.



—Sim.

—Maldição, em meus tempos esses irmãos me chutariam o traseiro daqui a Cheyenne por me atrever a olhar uma mulher como você.

—Hmm, ainda poderiam.

—E o mereceria.

—Pensa alguma vez, que às vezes as coisas funcionam do modo em que se supõe que devem fazê-lo?

—Não.

Ela adivinhou que não deveria estar surpreendida por sua incredulidade ante o destino. Não era um conceito extensamente mantido em 1860. Sufocou um bocejo contra o músculo duro do braço de Caleb.

—Então, que tal os vídeos musicais? Assiste-os?

—Sempre que o som está desligado.

Ela sorriu e se apoiou mais contra ele, relaxando-se completamente.

—Eu gosto que não minta para mim.

—Como sabe que não o faço?

Como sabia ela? Não tinha sabor de ciência certa, mas estava segura.

—Instinto.

—Ah.

Caleb a empurrou sobre seu colo, levantando suas coxas e segurando-a sobre seu torso.

—Cansada?

Allie sufocou outro bocejo.

—Não sei por que.

Os lábios dele tocaram sua orelha.

—Teve um dia fodido.

—Que horas são?

—Perto da alvorada.

Ela olhou o interior mal iluminado.

—Como pode saber?

—O ar parece mais pesado.

—Por isso estou cansada?

—O fato de que acaba de atravessar a conversão também pode ter algo a ver com isso.

—Pensei que havia dito que estaria curada.

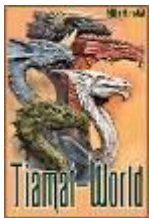
—Está curada, mas seu corpo ainda tem que curar-se.

—Mas não consigo ler mentes?

—Não estou seguro.

Ela se aconchegou.

—Esperava realmente ler as mentes.



Outra vez essa risada que a rodeava.

—Aposto que sim.

Tocou-lhe o ombro quando a sonolência desceu sobre ela como uma nuvem impenetrável.

—Realmente queria ler sua mente.

—Por quê?

—Assim saberia o que pensa de mim.

* * *

—Ela é uma mulher estranha. — disse Jared, envolvendo uma manta sobre o corpo adormecido de Allie.

Caleb a colocou ao redor dos ombros.

—Definitivamente diferente.

—Não é uma surpresa que você goste.

Surgiu uma raiva possessiva, preparada, ansiosa para defender sua reclamação. Manteve sua voz cortês com esforço.

—Não muita, espero.

Jared inclinou a cabeça, o único sinal de que estava sentindo uma raiva fervendo a fogo lento, desviou-a com um suspiro.

—É minha cunhada, Caleb. É bom que eu goste.

A raiva se desvaneceu sob a razão. Não importa qual fosse à provocação, Jared nunca violaria seu vínculo. Mas ainda assim, a constante sensação de que Allie poderia ser afastada dele, permanecia.

—Sinto muito.

—Não há nenhum problema. —Jared se recostou contra a parede e cruzou os braços sobre o peito — Ouvi que tem um gênio tremendo.

—O que o faz pensar isso?

—Os rumores entre os lobos é que chutou as bolas de Dane até os dentes quanto tentou pegá-la. Causou uma boa impressão entre os McClarens.

—Ela não está impressionada com eles.

—Chegara a gostar deles com o tempo.

Caleb não estava muito seguro disso. Allie tinha muito que vencer, e a primeira impressão que os weres D’Nally tinham tido dela faria que os esforços dos outros were para lhe caírem nas graças, um osso duro de roer. As pestanas de Allie revoaram enquanto a franja lhe fazia cócegas nos olhos. Afastou-lhe as mechas da testa, adicionando uma ordem mental de que voltasse a dormir. Ela se recostou em seu ombro com um suspiro suave.

—Esse bastardo de Dane ia estuprá-la antes de matá-la.

—Não estava criticando. —Jared fez gestos para Allie— Acredita que ela teve uma suspeita



de suas intenções?

—Não. —Cortou seu irmão com um olhar— E essa informação permanece entre nós.

Dane tinha liberado de infligir terror. Uma maçã podre em um barril. Não lhe daria a satisfação do horror de Allie pós- morte.

—Uma garota com a coragem de enfrentar um were sem nada mais que com um pedaço de batata e suas mãos nuas pode lidar com um pouco de verdade.

—Algumas coisas uma mulher não precisa saber. —Afundou o dedo no escurecido buraco por cima da clavícula— Ela já tem suficiente medo.

O sorriso do Jared foi uma coisa rara.

—Do que? Certamente não de você ou de mim.

—Ela tem medo.

—Então faz um trabalho malditamente bom ocultando-o.

Caleb assentiu. Moveu seu agarre sobre Allie e ficou de pé.

—Sim. Fez. Às vezes inclusive de si mesma.

—Não soa feliz a respeito disso.

Caleb se dirigiu ao vestíbulo.

—Provavelmente porque não estou.

Jared se arrastou atrás de sua esteira, uma sombra mortalmente curiosa.

—Por quê?

—Temo que a faça mais decidida a não abandonar.

—Então?

Ele se dirigiu às escadas.

—Pensa nisso. Toda essa curiosidade, todos esses novos poderes, toda essa energia que a leva a qualquer lugar que deseje sem nenhum freio.

—Merda.

Caleb a colocou na cama.

—Sim. Vou ter as mãos cheias mantendo-a ocupada enquanto se ajusta.

Capítulo 9

Caleb estava recostado contra o travesseiro e saboreava o calor que desprendia o corpo adormecido de Allie a seu lado, pensando no que ela havia dito antes de sucumbir ao esgotamento.

Assim saberia o que pensa de mim.

Ela queria ler sua mente porque queria saber o que ele pensava dela. Como se ele o tivesse mantido em segredo. Beijou-lhe o topo da cabeça virando-a um pouco, desfrutando da pressão de



seus seios. Pensava que era perfeita, mas Allie não parecia querer compreender isso.

Ainda com todas suas demonstrações de afeto, havia um espaço de insegurança em Allie que precisava ser atendido. Ela parecia aceitar facilmente que ele a desejava fisicamente, mas no que se referia a desejá-la como pessoa, lutava contra o conhecimento com unhas e dentes. Suspirando, atraiu-a mais perto. Teria que trabalhar nisso. Um machucado no ombro de Allie lhe chamou a atenção. Colocou o polegar sobre a marca, encaixava perfeitamente. Deixou sair o fôlego. Outra coisa para sua lista de afazeres. Deixaria-a dormir um pouco e logo lhe mostraria o lado mais suave de fazer amor. Ela desfrutaria disso. Assumindo que conseguisse que fosse mais devagar. A mulher sempre tinha pressa.

Um sussurro em sua mente o arrancou de suas meditações.

Caleb temos problemas.

Merda. Sempre que Jared utilizava a palavra "problema," era mais sábio substituí-la por palavras maiores como "desastre," ou "inferno em chamas".

Já vou.

Deslizando-se dos braços de Allie, Caleb colocou sua mão sobre a cama antes que pudesse cair. Não a necessitava acordada nesse momento. Não até que se encarregasse da ameaça.

Seus sentidos lhe disseram que Jared não estava na casa. Caleb agarrou o chapéu e o rifle enquanto se deslizava em silêncio para a porta traseira e avançou sem ruído para as últimas horas da escura noite. Só tomou uns minutos encontrar Jared. Estava na parte de baixo, na porta traseira, com a arma desencapada, agachado sobre Jace. Jace não se movia, mas havia muito movimento além da barreira. O pelo da sua nuca se arrepiou, sentindo um formigamento de advertência. Perigo.

—Que demônios aconteceu? —perguntou logo que se aproximou.

—Jace tomou um de seus constitucionais.

O que significava que tinha entrado no território D’Nally para procurar o que fosse que sempre procurava.

—Filho da puta.

Outro passo e o aroma do sangue o rodeou. O sangue de Jace. Examinou a escuridão, pressentindo a agitação que rondava aos homens lobo D’Nally.

—Quantos há por ali?

Jared levantou o olhar.

—Aproximadamente dez.

Dez D’Nally podiam fazer muito mais dano que um exército. E tão forte como Jace era, havia probabilidades de que nem sequer ele pudesse ganhar. Caleb se ajoelhou ao lado de Jace.

—Os irritou?

Jared deu de ombros.

—Como sempre.

Caleb sacudiu a cabeça.



—Maldito seja, Jace, por que não pode deixá-los em paz?

Os D’Nally eram um clã muito unido. Fortes lutadores com um código de honra que era branco ou negro, e se não estivessem tentando matar seu irmão, Caleb provavelmente gostaria deles.

—Não acredito que possa ouvi-lo. —exclamou Jared retorcidamente.

Caleb jogou uma olhada a Jace, deu-se conta dos talhos através do torso, uma grande quantidade de sangue empapava sua roupa. Não, provavelmente não podia.

Um raminho estalou justo além da ilusão. Caleb deu a volta. Se os D’Nally averiguavam como passar a ilusão, acompanhar-lhes-ia fora ao velho estilo. Gostava das coisas ao velho estilo. Limpo e rápido, sem nenhum tipo de imprecisa hesitação que parecia tão inerente à tecnologia que Slade gostava tanto.

—Não resolveram a ilusão. — disse Jared, como sempre sintonizado com ele.

—É só questão de tempo.

—Sim, isso significa que provavelmente deveria negociar uma paz com o teimoso filho da puta antes que isto seja uma guerra total.

—Isso seria muito mais fácil se Jace deixasse de provocá-los.

—Não vai acontecer. —replicou Jace em um sussurro rouco.

Estava pálido, os lábios secos e gretados, indicando a extensão de sua perda de sangue, mas ainda assim se levantou.

—Tenho notícias para você, vai acontecer. —Tinha que acontecer. Sua posição era muito precária para chamar uma guerra com um clã tão forte como o D’Nally. Caleb alcançou o rifle de Jace, para aliviá-lo da carga.

Jace grunhiu, expondo suas presas em uma advertência clara.

—Inferno, Jace, só ia segurá-lo.

—Quando estiver morto e for cinza pode tê-lo, nem um segundo antes.

Jared estendeu a mão.

—Maldição, está tão suscetível.

Jace tomou a arma, oscilando enquanto ficava de pé.

—Estou tendo uma má noite.

—Uma em uma série de várias. —indicou Caleb contendo seu gênio— O que seja que o está carcomendo, tem que detê-lo antes de iniciar uma guerra.

Jace sorriu um sorriso que fez que o sangue se esfriasse obscurecendo um lado de sua cara.

—Não me importaria chutar alguns traseiros D’Nally.

Caleb bufou.

—Parece-me que o único traseiro chutado ultimamente é o seu.

—Isso é simplesmente porque eles se tornaram mais preparados e começaram a atirar-se sobre mim em mais quantidade.

Caleb quis lhe indicar a falta de lógica de sua postura. Jace possivelmente era incrivelmente



forte, mas não podia derrubar a uma manada de lutadores D'Nallys, mas Caleb podia apostar que não ia fazer nenhum bem. Jace não desejava lógica, desejava uma luta.

—Bem, se continuar trazendo-os por aqui, também vão fazer seu trabalho resolvendo a ilusão, e isso é uma ameaça para alguém mais que só você.

Jace fez uma careta.

—Bom ponto.

—Assim possivelmente deveria deixá-los em paz. —ofereceu Jared.

—Ou possivelmente preciso levar à luta a outra parte.

Os disparos vieram da escuridão, misteriosos uivos romperam a noite.

—Quem está aí fora? —perguntou Jace.

—Derek e nove de seus favoritos.

—Mantendo as probabilidades ainda?

—Conhece o Derek —Jared deu de ombros— O último negociador.

Sim o era, e um tremendo bom homem cuja amizade com os Johnson o tinha caminhando por uma fina linha entre o mundo dos homens lobo e os vampiros, onde a decisão equivocada podia deixar a sua manada condenada. E ainda assim se negava a abandonar a aliança.

—E teimoso. —suspirou Caleb, olhando à escuridão além da ilusão. Território McClaren, onde os McClaren estavam autorizados legalmente pela lei da manada a defender-se contra os intrusos. Até a morte se o desejassem.

—Com quem temos uma dívida. —recordou Jared a Jace— O que significa que não pode sair para armar animação sempre que sua cadeira arder e logo se afastar.

Jace grunhiu novamente.

—Posso fazer qualquer maldita coisa que quiser.

Caleb o golpeou no ombro fazendo-o dar um passo atrás, atraindo sua atenção.

—Não, não pode. —assinalou detrás de Jace— Esses são nossos amigos, lutando para salvar seu traseiro por uma simples razão, a seus olhos, é família e isso é o que a família faz. Eles defenderão até a morte se tiverem que fazê-lo, mas filho da puta, se for pedir esse tipo de sacrifício, será melhor que tenha uma razão malditamente boa, que todos possamos compreender.

Jace fechou a mandíbula e pôs esse olhar teimoso tão familiar para Caleb. O sangue ainda se deslizava de um corte sob o olho, criando um cansado atalho, recordando a Caleb quão frequentemente no último ano tinha visto seu irmão desse modo.

Caleb cuspiu, sabendo que não ia conseguir uma resposta a sua pergunta, mas obrigado a perguntar de todos os modos.

—No que está andando, Jace?

Jace girou sobre os calcanhares, dirigindo-se para a ilusão e a batalha que acontecia mais à frente. A resposta vagou detrás dele, mais fatigada que zangada.

—Nada que possa explicar.



Caleb ia.

—Alguém precisa dizer a Jace.

O olhou fixamente, a culpa pesava nele. Quanto tempo mais passaria antes que o que havia feito deixasse de afetar a todos?

Jared martelou sua arma.

—Inferno. As coisas eram mais fáceis nos velhos tempos.

—Os velhos tempos se foram.

—Acabo de fazer isso. —Caleb colocou a arma na mão de Jared— Vai atrás dele?

Jared baixou o chapéu sobre os olhos.

—Se não o fizer, vai fritar-se. Em outros cinco minutos o sol estará acima.

Os sons da batalha se desvaneciam. Fraco e ferido, Jace os estaria perseguindo, como sempre fazia a ferocidade nele procurando como sempre uma saída.

—Irei com você.

Jared levantou mão.

—Tem uma mulher para instalar.

Tinha-a. Mas por mais feliz que isso lhe fizesse, entretanto, não diminuía o desejo de ir com seus irmãos, de lutar a seu lado, de cobrir suas costas. Embora todos fossem adultos e letais vampiros, seu primeiro instinto era sempre protegê-los como tinha prometido que faria quando seus pais morreram. Caleb olhou Jared mover-se tão silencioso como uma sombra pelo atalho que Jace tinha tomado. A frustração lhe roia a alma. Outro irmão que estava perdendo porque não podiam pôr esse momento irrevogável detrás deles.

Jared chegou ao bordo da ilusão e se voltou, parando como Caleb o tinha visto parado tantas vezes antes: alto, mortal, decidido. Caleb se preparou para o que sabia que vinha. O que obteve em seu lugar o surpreendeu.

—O que seja que aconteça com Jace, Caleb, não é por sua causa.

Desapareceu da vista, deixando só a concessão atrás, a primeira que Caleb tinha recebido dele em muito tempo. Na superfície, não era muito, mas de Jared, também poderia ser uma declaração de paz.

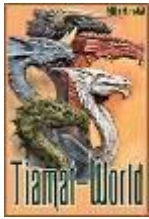
Agora se ele só pudesse conseguir que Allie fizesse o mesmo.

* * *

Ela finalmente tinha encontrado algo para manter-se ocupada.

Allie estava na cozinha e sorriu ante seu último projeto.

Era um monstro. Grande, negro e feio. Não tinha absolutamente nenhuma razão para estar apaixonada por isso... Mas ela estava. Desesperada e completamente apaixonada. Allie tocou a superfície recém enegrecida da antiga cozinha de madeira e sorriu outra vez. A roupa não fazia o homem e uma nova mão de pintura não ia fazer arrumar a estufa, mas o desafio de assar a



maneira de seus antepassados, ah, isso era a sedução em si mesmo.

No canto distante do quarto, o último raio de luz do dia desaparecia pelo espaço que tinha aberto nas cortinas. Sentia falta de ver o sol e as cores do outono. Caleb era categórico em que tinha que ajustar-se, aprender a amar a beleza da noite. O homem parecia estar convencido de muitas coisas no que se referia a ela. Tão assim, que não teve coragem para lhe dizer que não estava por ajustar-se. Preferia muito mais trocar seu ambiente para que encaixasse com ela que ajustar-se a algo que não gostava.

Acariciou a cozinha com o dedo outra vez, riscando os buracos do ferro afiados pelo tempo, imaginando as mulheres que tinham olhado a este gigante e tinham tido os mesmos sentimentos de esperança e insuficiência. A mão formigou com o desafio de obter algo comestível da besta. Possivelmente inclusive as garras de urso que Caleb tanto gostava. É obvio conseguir os ingredientes que precisava seria um grande problema, mas essa era uma complicação para amanhã. Hoje precisava religar a chaminé e esperava poder ter bastante sorte para não queimar a casa inteira quando a acendesse.

Os últimos raios do sol se desvaneceram do quarto, afundando-o na penumbra. Sua visão mudou à intensa visão noturna em branco e preto que odiava. Não importava quão detalhada fosse, esta era a única coisa que a irritava a ser vampira. Odiava absolutamente ter que ver o mundo de forma diferente, mas tinha prometido a Caleb que tentaria ajustar-se. E ele, em troca lhe tinha prometido que podia tentar devolver a vida a esta cozinha velha.

Foi abrir a pesada porta do forno. Uns ruídos do interior a fizeram afastar imediatamente a mão da asa e retroceder. Não queria averiguar da maneira difícil que havia "were" ratos. Só o pensamento a fazia estremecer-se.

—Problemas?

Girou-se, insegura de com que irmão se encontraria. Olhou os olhos avelã de Slade e sorriu. As coisas melhoravam. O intelectual, ligeiramente selvagem e muito intenso. Exatamente o que necessitava.

—Nada com o que não possa me ajudar.

Ele retrocedeu um passo.

—Se quiser ajuda para mudar outra vez, vai ter que esperar Caleb.

Ela arqueou a sobrancelha.

—Covarde.

Ele nem se incomodou em negá-lo.

—Caleb esteve para me matar depois do último fiasco. Não esteve contente de vê-la correndo com plumas se sobressaindo dos dedos.

—Peguei o truque.

Ele jogou o chapéu para trás, com um sorriso mais relaxado.

—Isso espero porque trocar de forma certamente que não é natural em você.

Ela cruzou os braços sobre o peito.



—Suponho que nenhum de vocês teve problemas para trocar sua primeira vez?

Um cenho substituiu o sorriso.

—Realmente, não. Se recordo bem, de algum jeito trocamos sem pensar nem sequer nisso.

Deu-nos um susto até que nos demos conta de que podíamos voltar a mudar.

Ela girou os olhos.

—Genial. Se tudo isto foi tão fácil para vocês, por que é tão malditamente difícil para mim?

Em vez de rir, a expressão de Slade se tornou séria, a intensidade interior irradiando para fora.

—Realmente, essa é uma pergunta interessante. Quero que venha ao laboratório para algumas provas.

As cenas do Jovenzinho Frankenstein cintilaram por sua mente.

—Obrigada, mas não.

Ele franziu o cenho, pondo em seu rosto essa expressão científica de em-busca-de-respostas que a assustava.

—Necessitamos algumas respostas. Poderia haver múltiplas razões para o que está experimentando.

Provavelmente, e nenhuma boa, que era pelo qual não ia explorá-las.

—Isso pode esperar.

—Realmente quanto mais cedo...

O cortou.

—Slade, preciso de sua ajuda.

Imediatamente, ela teve toda sua atenção.

—O que está errado?

Com um gesto da mão, ela indicou a estufa.

—Sabe como fazer que isto funcione?

Seu olhar seguiu a direção de seu gesto.

—Sim.

Ela girou os olhos quando ele não deu detalhes.

—Pode me dizer como fazê-la funcionar?

Agora tinha sua atenção. Slade não podia resistir a algo que implicasse a palavra "como".

—Por quê? Temos uma cozinha em perfeito estado na casa.

—Porque quero cozinhar nesta cozinha.

Slade levantou a sobrancelha direita junto com um lado da boca. Com um sobressalto, deu-se conta de que era tão bonito como Caleb a sua própria maneira. Nunca tinha pensado em nenhum dos irmãos de Caleb como homens, mas os irmãos eram realmente muito atraentes.

—Isso imaginava, mas para que? Os vampiros têm uma dieta limitada.

Ela não necessitava o aviso. Caleb estava fora "enchendo o depósito" neste momento. Algo que normalmente ele não teria que fazer, se ela não tivesse necessidade de sangue. Parecia



requerer alimentar-se diariamente.

—A Caleb por exemplo. Gosta de minhas garras de urso.

—Caleb comeu suas garras de urso?

Bem. Eles poderiam questionar sua competência em muitas áreas, mas não no que se referia em sua cozinha.

—Retrocede Slade.

Ele levantou as mãos.

—Ouça, não questiono sua capacidade de cozinhar, só a capacidade de Caleb para comer.

—O homem esteve aparecendo em minha padaria como um relógio durante todo o mês passado. Comia duas garras de urso e um café a cada manhã, e comia com aparência de desfrutar muito. —Prazer que não acreditaria que fora falso— Acredito que pode comer.

—Não a menos que o tenha estado vomitando logo que saísse pela porta.

Isso era algo que ela não tinha considerado.

—Acredita que Caleb é bulímico?

—Bul o que?

—Bulímico. Quando vomita tudo o que come, um hábito mau e às vezes fatal no qual algumas mulheres entram para não engordar.

Slade pareceu primeiro surpreso e logo divertido.

—Teimoso possivelmente, mas não acredito que esteja preocupado excessivamente com o peso.

—Então por que vomita?

O olhar que lhe deu foi longo e intenso antes de encolher-se de ombros e adicionar enigmaticamente.

—Provavelmente pela mesma razão que você quer restaurar esta velha estufa. Uma afeição ao passado. E possivelmente uma atração muito forte para o proprietário.

—Mencionou algo a respeito disso. —Um fato que ela ainda tinha problemas em aceitar.

—Aposto que o fez —Slade se ajoelhou diante da estufa— Já verificou a chaminé?

—Não.

Ele olhou o exterior recém pintado. Seu olhar dizia claramente que ela tinha madrugado.

—Por que não?

—Estive um pouco nervosa a respeito de perturbar os habitantes.

Ele inclinou a cabeça quando escutou o sussurro que começou de novo.

—Tem medo dos ratos?

—Não discuto que têm um fator alto de "argh", mas não foi por isso que estava duvidando.

Antes de abrir a porta, ia perguntar...

—O que?

—Não existem os were ratos... verdade?

Sua recompensa foi um sorriso, completamente natural, masculino e atraente. Maldição, é



que os irmãos Johnson foram amamentados com testosterona?

Slade abriu a porta.

—Não.

Os sons de uma saída apressada ressoaram no interior. O tubo que se elevava da parte traseira tremeu e logo ficou quieto.

—Bem, inferno.

Allie olhou para baixo. Slade se ajoelhou e colocou suas mãos no interior. Quando as tirou, tinha o que parecia uma pilha de lixo, mas não havia forma de que fosse só lixo. Estava segurando-a com muito cuidado para que fosse só isso. E se movia com vontade própria, provavelmente estava viva.

—O Sr. e a Sra. Camundongo têm família.

O primeiro instinto de Allie quando ele os estendeu foi pôr o grito no céu e demandar um fim instantâneo para a explosão demográfica dos roedores, mas então Slade separou o topo do montão com os polegares para revelar oito diminutos e cinzas pequenos bebês impotentes.

—Por que infernos têm que ser bonitos?

Outra vez ele arqueou uma sobrancelha. Ela se perguntou se sabia quão arrogante, e ao mesmo tempo sexy o fazia o gesto. Não tão sexy quanto Caleb, mas o bastante para atrair o interesse de qualquer mulher.

—Preferiria-os feios?

—Claro que sim. Então possivelmente não acharia repulsivo o pensamento de esmagar os seus crânios.

Ele segurou aos bebês contra o peito.

—Ninguém esmaga crânios.

Bem, ela não ia fazer isso realmente, mas ele não tinha porque olhá-la como se tivesse sugerido oferecer um sacrifício de sangue.

—Então o que vai fazer com eles?

—Os pais não retornarão assim adivinho que cuidarei deles até que seja o momento de que encontrem seu caminho.

Ela sacudiu a cabeça. Ele era um vampiro e um cientista. Algumas coisas deveriam simplesmente sabê-las sem que as dissessem.

—Dá-se conta de que eles estão abaixo da cadeia alimentar, e de que você está lhes salvando a vida para que algo mais possa ter um lanche de meia-noite mais tarde, verdade?

Ele parou.

—Isso não significa que não tenham valor.

Não.

—Adivinho que acabo de me surpreender de te ouvir dizer isso.

—Por quê? Por que sou um vampiro?

—Francamente, sim.



Ele deu de ombros.

—Essa não foi minha vontade.

—A minha tampouco.

Ele a observou com um olhar ardiloso.

—Mas todos temos que aprender a viver com isso.

Sim. Faziam-no. A pequena pilha empurrou e emitiu chiados agudos. Ela se moveu para os ratos.

—Viverão?

—Não sei, mas pelo menos têm uma oportunidade.

—Isso é melhor que nada.

—Sim. —Ele se deteve— Sempre que a ira do que tinha feito remonte com força e se sinta presa, deveria recordar que você também tem uma oportunidade.

Será que todos conheciam a briga que tinha tido com Caleb antes que ele saísse? Envolveu-se com os braços.

—Não é o mesmo.

—Inferno que não.

—Bom. Possivelmente é que não é fácil então.

—Senhora, jamais é. —Fez um gesto com o queixo para a estufa— Os weres têm um forno à lenha em seu complexo. Verei se têm alguns tubos para este grupo.

—Obrigada.

—Pode instalá-lo, mas não o acenda até que verifique a chaminé.

Pensava ele que ela era uma total idiota?

—Não ia fazer isso.

—Caleb estará aliviado de ouvi-lo.

—Ele sabe que trabalho na estufa?

—O lugar inteiro sabe. Essa pintura fede por toda parte.

—Oh... claro. Adivinho que não se importa.

—Por que deveria?

—Não sei.

—Ele deseja que seja feliz Allie.

—Sei. —Só que não estava segura de que ela pudesse lhe dar isso, presa como estava nesta forma de vida que não encaixava com ela, que não funcionava do modo como deveria— Só que não sou boa em me ajustar.

—Deixe-me ajudá-la.

Ela esfregou os braços com as mãos quando a familiar dor começou outra vez. Ia precisar de sangue logo. Novamente. Em vez de espaçar-se, sua necessidade de alimentar-se chegava cada vez mais cedo.

—Essa é outra coisa em que não sou boa.



—O que?

—Estar impotente.

Desta vez a aura que a rodeou era uma de força e ela verificou seu radar interior e encontrou sabedoria?

—Às vezes só tem que aceitar o que é, antes que possa seguir adiante.

* * *

Aceitar o que é. Allie jazia no chão da cozinha, lutando contra a dor que a paralisava. Como demônios se supunha que tinha que aceitar isto? O frio ardia mais profundamente do que os fogos do inferno poderiam esperar arder. E onde infernos estava Caleb?

Já vou.

Mais rápido. A réplica mental disparou antes que ela a pudesse conter.

Agente meu bem.

A culpa em seu atalho mental a fez sentir-se como uma imbecil. Caleb estava completamente neurótico em mantê-la feliz. Se atrasava não era por escolha.

Sinto muito, esta maldita dor me faz me comportar como uma bruxa.

Pode se desculpar comigo mais tarde.

Tão doente estava que nem sequer com seu nível atual de dor, seu corpo deixava de responder ante o pensamento de compensar Caleb.

Não está doente.

A risada se disparou por sua miséria.

Você pensaria isso.

Outra dor a fez golpear a cabeça contra os joelhos. Mordeu o lábio pelo espasmo, tratando de bloquear o conhecimento a Caleb de quão mau era. Foi inútil. Ele estava em sua cabeça, muito longe para absorvê-lo, mas ali, compartilhando-o como melhor podia, segurando mentalmente sua mão. Ela se agarrou a sua presença, a sua força, quando a seguinte onda se elevou e elevou, mas nunca chegava ao pico, só a enviou a um reino de espantosa dor.

Odiava-o, esse lugar criado pela agonia onde o engano reinava e ouvia vozes sem caras, sem palavras. Só vozes, atraindo-a para que desse esse passo sobre o saliente invisível que ela podia pressentir, mas não sentir, animando-a a dar o passo decisivo. Cada instinto lhe dizia que se afastasse que se voltasse, mas não podia. Não desta vez. Não tinha força. Desta vez seguiu caindo mais profundamente no poço do subconsciente, mais profundo na cacofonia. Mais profundo no inferno.

—Venha aqui, Allie.

O sussurro se deslizou entre ela e o desastre. Caleb. As vozes soltaram um protesto. Ela sacudiu a cabeça contra a desolação total de sua súplica. Não podia ajudá-lo.

—Tenho você, neném. —Outro sussurro, mais acolhedor que o primeiro. Ela saltou para a



tranquilidade com tudo o que tinha, retirando do saliente, longe dessa voz oculta que se elevava por cima do resto, quase hipnótica em seu ritmo.

Fique...

Não. Não o faria. Allie lutou para sair do vazio, lutando para chegar à luz que era Caleb, arrastou-se para ele, sentindo o puxão do vazio como um peso morto que se aderiu a suas pernas. Lutou com mais força, o desespero lhe deu força adicional. Não queria ser um deles. Ela não.

—Não quer ser como quem?

Oh Deus, era essa a voz de Caleb ou imaginava? Ele estava finalmente aqui?

—Estou aqui. —As firmes mãos em seus ombros confirmaram as palavras que se infiltravam na escuridão. Escuridão total. O tipo que vinha por ter os olhos fechados.

—Já não estou sonhando, verdade?

—Não. —A mão que cobria sua cabeça era acolhedora— Alimente-se, meu bem.

Ela se moveu para ele antes que terminasse a frase, embriagava-lhe seu aroma, o consolo constante do batimento do coração, o sussurro de seu sangue reparador que fluía por suas veias. A pressão do mindinho inclinou sua cabeça ao ângulo correto. A boca encaixou na firmeza do músculo peitoral, permitindo que a curva lhe abrisse os lábios enquanto ele apertava, tomando a carne na boca. O beijou uma vez. Duas vezes. A terceira vez um pouco mais acima, os músculos se prepararam para o empurrão que lhe faria conseguir o que queria. Sua artéria. A mão livre dele se abriu sobre o ombro, pressionando.

—Não.

Sua fome gemeu um protesto, mas se rendeu ao conhecimento aprendido de que ela não podia ganhar contra a força dele. Aceitou seu guia, esfregando os lábios através do peito até que encontrou o ritmo do pulso, mordendo profundamente na carne em cima dele, desejando que formasse parte dela.

—Aí vai. Tenho o que necessita.

Tinha-o. Só ele o tinha. Nenhum outro podia satisfazer as demandas de seu corpo. Nenhum outro tinha direito. O rico e único sabor de seu sangue se espalhou por sua língua. Segurou-o ali por um momento, sem engolir, permitindo que o êxtase freasse a ferocidade antes de beber.

Ele continuou lhe acariciando o cabelo, acrescentando calma a sua fome.

—Eu sempre terei o que necessita.

Ela esperou até que pôde suportar separar-se dele antes de perguntar:

—Por quê? —A mão esfregava suas costas enquanto lhe acariciava a ferida com a língua, fechando-a — Por que é assim?

O toque se suavizou quando ele a empurrou para cima, preparado para a segunda fome que a tomaria tão fortemente quanto a primeira.

—Não sei, — sussurrou ele, aproximando seu rosto do dela — mas lidaremos com isso, assim está bem.



Sim, a voz sussurrou por sua alma. Fariam-no. Isto era correto. O sangue de Caleb em suas veias. A boca de Caleb se uniu à sua, isto era o que necessitava. Nada mais. Retorceu-se em seus braços, puxando sua camisa, alcançando suas próprias calças só para encontrar as mãos dele já ali. Com um grunhido, ele as separou do corpo. Por uma fração de segundo as mãos a abandonaram e logo seu membro estava ali, tão feroz e preparada como o resto dele enquanto golpeava contra o interior da coxa de Allie.

Ela deixou cair a cabeça para trás e fechou os olhos ante seu calor, sua força. Com igual ferocidade o agarrou pelos ombros e montou sobre seus quadris. Precisava dele nela. Necessitava que gozasse que selasse o vínculo entre eles, necessitava-o com cada fibra de seu ser. As palmas de Caleb a agarraram pelos quadris, evitando que baixasse. Desta vez o grunhido foi dela.

—Pode despir essas bonitas e pequenas presas tudo o que quiser, mas vamos mais devagar.

—Não. —Ela abriu os olhos. Os traços de Caleb eram tão claros para ela na noite, cinzelados em planos de branco, cavados com vales em negro, o resplendor formando redemoinhos em seus olhos como uma declaração incandescente de poder. E o desejava. Agora — Faça amor comigo, Caleb.

—Estou nisso.

—Agora.

—É muito suave para ir tão depressa. —Ele começou a entrar lentamente, excitando-a com a promessa de enchê-la por completo. Ela dobrou os joelhos, tentando forçar uma união mais rápida. Ele sacudiu a cabeça, segurando seu olhar com o seu enquanto lhe dava o que ela desejava com um ritmo constante— Não quero rasgá-la.

Ela lutou com sua restrição.

—Não me importa. Sou um vampiro, sanarei.

Seu “me importa” foi tão decidido quanto sua expressão enquanto marcava o ritmo da união.

—Maldição, isso é tão bom, Allie.

Ele estava dentro dela, a cabeça larga se embalava justo dentro da abertura. Um pouco da louca ferocidade remeteu com o conhecimento, mas não a necessidade.

—Preciso que goze.

—Trabalho nisso.

—Agora. —Oh Deus, por que ela se sentia assim?

Ele a baixou como se fosse o mais frágil dos tesouros, como se ela fosse delicada mais que imortal, permitindo que tivesse mais do que ela desejava, respondendo a sua pergunta mental.

—Não sei, mas eu gosto.

—Realmente estou começando a odiar essa expressão. —E estava começando a pensar que os irmãos Johnson não sabiam muitas coisas que deveriam a respeito de ser vampiros.

A tensão na cara de Caleb se estendeu a sua rouca voz, tornando-a áspera.



—Desejaria ter melhores respostas. Pedi ao Slade que investigue.

Outro centímetro. O corpo dela revoou ao redor do dele. A maldição de Caleb soou como música celestial. Quando elevou o olhar, ela viu algo primitivo cintilando por seus olhos.

—Sente-o, também.

Ele não respondeu diretamente, só cravou os dedos em suas nádegas e a manteve quieta enquanto a excitava com agudos golpes dos quadris, tornando-a selvagem.

—Caleb!

—Tenho você.

Ela já sabia.

—Maldito seja, não me quebrarei.

—Parece malditamente frágil. —Desta vez lhe deu mais, mais duro, um pouco mais profundo levando um ofego enlevado a seus lábios. Ah sim, isso é o que ela desejava.

—Frágil, quente e molhada.

Cravou-lhe as unhas nos ombros, esfregando os seios contra o pelo áspero de seu peito, uma punhalada aguda de prazer à fez apertar-se ao redor dele.

—Esqueceu a ansiedade.

O seguinte apertão foi deliberado. O gemido de Caleb não foi. Ela flexionou os músculos internos outra vez, enrolando-o ao ritmo que ela desejava. Inclinando-se, levantou-se até que ele apenas a tocava, excitando a ambos com a implicação do que podia vir depois, pelo que viria. Sussurrou-lhe na orelha.

—Muito, muito ansiosa e se você não gozar logo para mim, gritarei.

Contra ela, o grande corpo dele estremeceu.

—Cuidado ao me tentar, Allie. Não tem a menor ideia de quão perto estou de te dar o que está rogando.

Realmente, sabia. As correntes de energia se vertiam dele, escapando de seu controle, e junto com elas vinham imagens aleatórias de seu desejo. A que mais gostava era a de onde ele a tinha de costas, os tornozelos sobre os ombros, indefesa ante seu desejo, tomando-a como ele queria porque ela não tinha escolha. Oh sim, isso tinha verdadeiras possibilidades.

Ela agarrou a imagem, enfocou-a e a enviou de volta, sabendo que tinha tido êxito por como Caleb tomou fôlego de forma áspera e pela calma repentina de seu corpo. Sob os dedos, os músculos dele se esticaram.

—Dê-me isso, Caleb. Isso é o que desejo.

Como se seu sussurro fosse o que seu demônio esperava, ele se tornou selvagem. Com uma maldição que soou mais como uma súplica, jogou-a no ar. Ela se preparou para o impacto com o chão, mas as mãos dele estavam ali, embalando-a enquanto se movia entre as coxas. Seu membro empurrou dentro dela intimamente enquanto o agarre trocava. Ela levantou o traseiro, facilitando seus esforços. Sua recompensa foi outra dessas maldições que a atravessaram com um tremor, e o erótico estiramento dos tendões de detrás dos joelhos quando ele enganchou os



tornozelos sobre seus largos ombros. Ele apoiou as mãos em ambos os lados de seu peito. Sua expressão era uma combinação de desespero e desejo quando seu olhar se encontrou com o dela.

—Pare-me.

Ela sacudiu a cabeça.

—Nem pensar. Desejo você desta maneira. —Reforçando a mão sobre a dele, agarrou-se com força— Selvagem e meu.

—Então tome. —conduziu-se dentro dela com força desumana, entrando profundamente, levando sua surpresa e êxtase até o centro dela onde um uivo de alegria cresceu.

—Sim!

Os lábios de Caleb retrocederam dos dentes enquanto se tornava para trás.

—Filho da puta. —Arremeteu, enchendo-a ao máximo, mas não o bastante. Não completamente. A pressão intolerável confinava com a dor crescente— Todo eu.

E ela o fez. Abrindo-se mais e mais com cada impulso, seu desejo ricocheteava no dele até esse lugar interior que desejava mais. Necessitava mais. Arranhou-lhe o dorso das mãos com as unhas enquanto empurrava com os quadris sobre os dele, sua necessidade não menos selvagem, não menos apaixonada que a dele. Seus gritos de "sim" se envolveram ao redor dos “grunhidos” de Caleb, criando um ritmo primitivo e pulsante que se acelerou para uma conclusão que ela não podia evitar mas a que não sabia se sobreviveria.

—Caleb!

—Aqui mesmo.

Ela sacudiu a cabeça, a energia muito viva para suportá-la.

—Não posso...

A mão dele a agarrou pelo cabelo, procurando seu olhar até que se uniu com o dele. Nada em sua cara ou voz era suave. Ele era um puro macho primitivo, fazendo sua reclamação.

—Poderá.

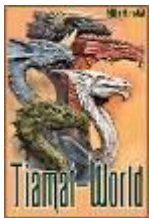
Ela quase não reconheceu sua cara enquanto seu corpo golpeava no seu, seus traços retorcidos pela luxúria e a intensidade do vampiro, mas o fogo em seus olhos, esse o reconheceu. Abraçou-se a isso enquanto seu corpo golpeava nela, demandando a resposta que ela temia. A energia de Caleb trabalhava mais profundamente, forçando outra abertura.

—Minha.

Apertou o punho no cabelo, jogou-lhe a cabeça para trás, a pequena dor se uniu à agonia que a consumia. Os tendões nas pernas protestaram quando sua espinha dorsal se arqueou, levantando seus seios em uma oferta igualmente primitiva. Ele baixou a cabeça. Seu "Sempre minha" foi um prelúdio feroz à antecipação candente de sua mordida.

Oh Deus, sua mordida. Ela tremeu e conteve a respiração, necessitando-o.

Ele a fez esperar. Um batimento do coração, dois, e então esteve ali, afundou as presas na carne enquanto seu membro se afundava profundamente, inchando-se e sacudindo-se dentro



enquanto lhe dava o que ela desejava, a dupla posse, mais do que ela podia tolerar, ardente prazer que enviava a seus sentidos além de seu controle, enquanto o mundo inteiro estalava em êxtase.

Capítulo 10

—Conte-me sobre o sonho.

Allie tomou seu tempo para pôr o prato de garras de urso em frente à Caleb. Este lote tinha melhor aspecto que o último. Comestível pelo menos.

—Qual?

Ele se recostou na cadeira, os músculos poderosos de seus braços e peito revelando-se nitidamente sob o negro de sua camisa. Agarrou-a pela mão antes que ela pudesse fugir. Os olhos verdes se enfocaram astutamente sobre ela enquanto a puxava para frente.

—Do que esteve evitando falar durante os últimos quatro dias.

Ela libertou a mão de um puxão.

—Só é um sonho. O que quer que diga?

Ele se estirou por volta de um dos bolos. A preguiça do movimento não fez nada para mitigar o impacto desses olhos. Um inseto sob um microscópio conseguia mais margem do que lhe estava mostrando.

—Quero que o descreva.

Ela deu de ombros.

—Não posso. É um conjunto de brilhos aleatórios de imagens e coisas.

—Então possivelmente possamos falar disso.

Deu uma grande dentada à garra de urso. O olhou enquanto mastigava e engolia. Ele não fez caretas, mas pegou o café.

—Muito seco?

Com uma sacudida da cabeça, ele deu outra dentada.

—Está bastante passável.

—Bastante passável? O que significa isso?

Caleb enrugou os cantos dos olhos.

—Significa que não decida me pôr nas pontas dos pés na próxima dentada.

—Genial. —Realmente tinha pensado que o tinha esta vez. Possivelmente se deixasse que a madeira ardesse mais antes de colocar as garras de urso... Suspirou—Continuarei tentando.

Agarrou-lhe a mão outra vez. Os dedos, com suas pontas quadradas e unhas, eram tão completamente masculinos como o resto dele, e igualmente fortes.

O olhar voou ao rosto dela e estreitou os olhos. A sensação de ser um inseto sob o



microscópio aumentou.

—Sente-se estranha hoje?

—Por que o limita a hoje?

O aborrecimento e a frustração a tinham quase saltando fora da pele.

—Quer falar disso?

Ainda recostado na cadeira, com as longas pernas estendidas, uma bota cruzada sobre a outra, Caleb era a imagem da total indiferença. Se ela, e era um grande se, descontasse a intensidade de seu olhar e a tensão dos músculos da mandíbula.

—Não especialmente.

Não o conhecia o bastante bem para isso, o qual era estranho, mas verdadeiro. Apesar de tudo o que tinha acontecido, de quanto dependia dele, não o conhecia o bastante bem para comunicar quanto dessa dependência a deixava louca. Como se estivesse presa em uma prisão sem paredes, sem regras e o pior de tudo, sem propósito.

—Por que não?

Ele atraiu a palma à sua boca, apertando os lábios no centro antes de estalar a língua sobre a pele sensível com pequenas e eróticas passadas, que estalaram como faíscas pelo sistema dela. Esta passada semana, o desejo tinha sido suficiente para distraí-la do aborrecimento, mas hoje a irritação triunfava sobre o prazer potencial. Puxou a mão. Ele não a soltou. Fulminou-o com o olhar.

—Não quero fazer amor tampouco.

—O que? —O canto direito dessa sexy boca se curvou com a diversão que ela podia ouvir em sua voz arrastada— Já perdeu o interesse em mim?

Ela girou os olhos. Como se alguma mulher se cansasse de que toda essa intensidade resolvida, toda essa masculinidade, toda essa testosterona ocupasse sua cama.

—Não.

—Mas?

—Estou farta de que utilize o sexo para me distrair como se fosse alguma Barbie sem inteligência.

Caleb levantou a sobrancelha e um sorriso começou em seus olhos, aprofundando-se lentamente, enquanto seu olhar se afundava nos quadris de Allie, onde se atrasou antes de subir a seus seios. Tirou a língua, molhando os lábios uma vez, duas, quando sua atenção se centrou nos dois bicos que estiravam o suave algodão da camisa.

—É?

Ela olhou como passava a língua sobre os lábios, sentiu o imaginário toque contra o seio, respirou fundo, e se esqueceu de soltá-lo. Sob a camisa, seus seios se incharam tentadoramente, oferecendo-se como uns sacrifícios gêmeos ao prazer de seu beijo. Allie soltou o fôlego que tinha estado prendendo com uma maldição e deu um passo atrás. O homem era positivamente letal!

—Sim. A verdade é que estou pendendo por um fio, e se desfia rapidamente.



Um cenho substituiu o sorriso. Ela não se surpreendeu quando ele entrelaçou os dedos com os dela, separando-os, rompendo a tensão em seu punho, rompendo a tensão nela. Ele estava incrivelmente sintonizado com ela, o qual era uma mudança com seus amantes usuais, que sempre parecia titubear, só centrando-se quando o impulso os golpeava. Ele inclinou a cabeça ligeiramente e dirigiu sua atenção a ela, procurando, ela sabia, qualquer indício do que estava pensando.

—Suponho que não haverá nenhuma maneira de agarrá-lo antes que se desfie ainda mais?

—Não, a menos que me encontre algo para fazer.

Apertou-lhe a mão.

—Cozinhar e limpar não é alguma coisa?

Tinha que estar brincando.

—Dormiu durante todo o movimento da liberação das mulheres?

Ele bufou, e o humor se estendeu e chamou à risada nela antes que a palavra passasse pelos lábios dele.

—Não, apenas. Essa coisa de queimar sutiãs foi um verdadeiro captador de atenção.

Allie girou os olhos.

—Aposto que sim.

Como se ele fosse superficial. Conhecia-o bastante bem para saber isso, o qual era um oásis de alívio em meio do caos. Os olhos lhe arderam com lágrimas. Oh, Deus, agora ia chorar?

Caleb suspirou. Desta vez ela sentiu sua preocupação. Precisava trabalhar para desenvolver suas barreiras.

—Devo estar perdendo meu toque. Estou acostumado que me exorte até que minha orelha caia por exprimir um comentário como esse.

—Possivelmente estou perdendo o juízo. —Estes extremos emocionais iam deixá-la louca. Não sabia se era devido à mudança, ao aborrecimento, ou devido a algo mais, mas ultimamente queria gritar, rugir e ao mesmo tempo, colocar-se a chorar. O último não era aceitável. Os primeiros dois, discutíveis.

O polegar de Caleb acariciou o dorso da sua mão.

—Pensou alguma vez que acaba de ter que fazer muitos ajustes e possivelmente necessita mais tempo do que o que se dá?

—Não. —Fungou o nariz, forçou um sorriso, tomou um fôlego profundo e lento, e afastou a franja do rosto— O que faço, entretanto, é pensar que ser inútil está cobrando seu pedágio.

Caleb ficou imóvel, tão imóvel que o ar a seu redor ficou quieto enquanto perguntava com uma voz que nunca o tinha ouvido utilizar antes:

—Quem te disse que é inútil?

Estava zangado. A emoção a golpeou como um punho. O instinto de sobrevivência a fez retroceder um passo antes de dar-se conta do que tinha feito. Sacudiu o instintivo temor e deu um passo imediatamente no lugar que acabava de desocupar. Inclinou a cabeça.



—Isso é um truque genial, projetar sua ira. Funciona com todos os que tenta intimidar?

—A maioria das vezes. —Nenhuma pinga de inflexão manchava sua voz arrastada quando perguntou outra vez— Agora, quem te disse que é inútil?

—Ninguém. —Tirou de um puxão uma cadeira da mesa, colocou-a fazendo esquina com a dele e se deixou cair nela. A mesa protestou quando golpeou a perna com o joelho. Devolveu-a seu lugar. —Compreendi por mim mesma.

—Porque não pode mudar?

Ela afundou a unha em uma rachada madeira marcada.

—Porque não posso fazer nada. Demônios, nem sequer posso arrumar isso como uma vampira mimada.

Os dedos a agarraram pelo queixo, equilibrando-o na beira do nódulo, fazendo-a levantar o olhar.

—Está fazendo bem.

Ele não o entendia. Não importava o que ele pensasse. Afastou-lhe a mão de um golpe.

—Como pode dizer isso? Já não sou humana, mas não posso fazer as coisas mais simples de um vampiro. Tenho que dormir todo o tempo e se não dormir, tenho que me alimentar. —Levantou as mãos— Quase duas vezes ao dia agora, e como não posso me alimentar de ninguém mais, você tem que alimentar três vezes ao dia, arriscando-se expor a você e a seus irmãos.

Caleb lhe agarrou as mãos nas suas, as atraindo à mesa entre eles.

—Nada disso importa.

A raiva se construía em contraste direto à restrição. Quanto mais forte a retinha ele, mais queria lutar ela.

—É obvio que sim. Você evitou a detecção durante duzentos e cinquenta anos. Todos por aqui pensam que são os filhos de vocês mesmos. —Soltou-se de um puxão, a punhalada de dor no ombro era bem-vinda enquanto golpeava a resistência de seu agarre— Eles acreditam que é normal, pelo amor de Deus, estou pondo você em perigo sendo um completo parasita.

Prendeu seus pulsos em uma das suas mãos, seu punho como ferro.

—Olhe-me. Não é uma parasita!

Os dedos que posteriormente agarraram seu queixo apertaram quase até a dor. Não havia maneira de afastar o olhar. Nenhum fingimento. Tudo o que ela sentia, jazia entre eles, tudo o que ele sentia era igualmente visível. Seu temor. Sua convicção. O laço emocional entre eles parecia tão sólido, embora tivesse se formado tão rapidamente. Oh, Deus, tudo estava ali. E parecia muito permanente, quando ela não o fazia permanente.

Allie encontrou um fragmento de voz.

—Precisa de outra pessoa.

Estando tão perto que podia ver as manchas verdes mais luminosas e as faíscas douradas iluminando o interior dos olhos. Também podia ver sua resolução.



—Tenho o que quero.

Ela fechou os olhos contra a força de sua vontade, tratando de fechar a mente também. Incapaz disso, sentiu a determinação e o temor de Caleb. Só que sua preocupação não era que o descobrissem. Ele tinha medo de que o deixasse. Ela não estava segura de que não o faria.

—Não posso ser o que quer.

Ele não afastou o olhar.

—Já é.

—Não sou o tipo de pessoa do qual alguém devesse depender. Pergunte a meus pais, a meus irmãos, a meus ex. —Ondeou uma mão, abrangendo a todo o maldito mundo de gente a que tinha decepcionado— Pergunta a qualquer um.

—Não preciso perguntar a ninguém.

Ela sacudiu a cabeça ante a enormidade da responsabilidade que ele estava colocando sobre ela.

—Sempre faço mal, sempre falho, por melhores que sejam minhas intenções. E isso nas melhores circunstâncias.

Caleb não afrouxou o punho e tampouco o fez a resolução com que mentalmente a rodeou.

—Allie, eu sei quem é, pelo que é capaz, e não há uma maldita coisa a respeito de você que me preocupe.

—Bem, pois deveria! —Ele não tinha a menor ideia de quanto podia ela danificar as coisas sem sequer tentá-lo.

A mão de Caleb se deslizou ao redor da nuca dela. Sua expressão se desfocou quando arrastou seu testa à dele. A esta proximidade não havia forma de evitar seu empurrão mental.

—Eu não sou seu pai, nem seus irmãos, nem qualquer outro maldito homem que tenha conhecido alguma vez. Não quero enquadrá-la em uma caixa que não serve. Eu gosto do modo como é.

E eles a chamavam estranha. Tentou outra vez.

—Isto é um engano.

—Não, não é. —Não havia tremor em sua voz, como tinha havido na dela — Estive em sua mente. Você esteve na minha. Sabe tão bem como eu a força do que temos.

Sua convicção tranquilizou sua ira, deslizou-se em sua esperança.

—Oh, Deus. —Pouco mais que uma exalação, a oração diminuta pendurou entre eles. Ele estava pedindo muito.

Caleb deslizou as pontas dos dedos pela garganta, abrindo-os sobre o ombro. O polegar apertou contra o pulso do pescoço.

—Sei quem é, Allie. Soube no primeiro instante em que a vi, quando meu vampiro se excitou.

Um pouco da boa vontade de Allie para acreditar escorregou.



—Assim é seu vampiro quem me deseja?

—Definitivamente, com meu lado humano duplamente duro.

Ela odiava a maneira como ele insistia que havia duas partes dele, e que as duas não trabalhavam em harmonia.

—Eles são um e são o mesmo, Caleb.

—Não.

Como um homem tão inteligente, podia estar tão cego. Mostraria a ele se não tivesse um mau momento. Um no que não queria lutar contra ele.

—Ainda sou uma carga.

—Odeio te arruinar isto, meu bem, e sinceramente estou correndo o risco de que me acuse de ter voltado para 1860 outra vez, mas eu gosto que precise de mim. Que dependa de mim. Eu gosto de ter uma mulher para cuidar, alguém próprio. —Esfregou-lhe os lábios com o polegar enquanto cochichava contra sua bochecha— Eu gosto de tê-la em minha casa, em minha cozinha e definitivamente, em minha cama.

Todas as coisas muito normais para um homem que já não podia ter normalidade.

—Cavernícola.

Ele sorriu e lhe beijou a ponta do nariz.

—Possivelmente, mas é quem sou.

Estava equivocado. Ele era muito mais que isso. Mas não era responsável por ela nem de seus sentimentos, inclusive se sua crise nervosa lhe tinha dado essa impressão. Ela se aproximou da beira da cadeira, abrindo as coxas a ambos os lados das dele, e descansou o polegar sobre o canto tenso de sua boca onde a culpa pressionava com uma tensão constante. A culpa por convertê-la e a culpa por não poder arrumar as coisas para ela uma vez convertida. Culpa que ela odiava, porque era insensata. Ele possivelmente acreditasse que era o único importante em tudo o que lhe estava acontecendo, mas ela acreditava em um poder mais alto e nos intuitos do destino. Além disso, não queria que se sentisse responsável por ela. Pelo menos não assim.

Caleb a levantou da cadeira para que estivesse sobre suas duras coxas. Ela soprou a franja. Maldição, podia uma relação ser mais complicada?

—Isso ainda não muda o fato de que preciso ter um trabalho, Caleb.

—Só se dê tempo. Encontrará seu lugar.

Ele soava muito mais seguro do que qualquer homem tinha direito a estar. Ela abriu as palmas sobre os ombros e apoiou os braços enquanto ele abria as pernas e apanhava a outra mão na sua.

—Não me faça arranhá-lo.

O sorriso cresceu enquanto ele seguia empurrando-a entre essas fortes coxas que lhe diziam que não lhe preocupava.

—Eu gosto de suas garras.

—Quero respostas, Caleb, não sexo.



—Está absolutamente segura? —Ele deslizou as mãos ao redor de sua cintura, seu toque ardia através do fino algodão da camiseta.

Ela arqueou as costas para que os seios livres se balançassem a centímetros de sua cara. Poderia tê-lo esbofeteado por tomar suas preocupações tão levemente; exceto que estando tão perto, podia ver que não o fazia. Ele fazia quanto podia, confiando na distração, porque realmente não sabia o que estava acontecendo com ela mais do que ela sabia. Entretanto, finalmente teria que compreender que ela estaria bem com que ele admitisse isso.

Allie agarrou sua mão antes que pudesse escorregar por seu quadril e a colocou de novo em sua cintura.

—Não pode continuar fazendo isto.

O anúncio atraiu o olhar de seus seios.

—O que?

—Esta rotina chauvinista, macho, proteger-a-pequena-sem-cérebro com a qual estive se dando prazer durante a passada semana.

Os dedos de Caleb se deslizaram pelas costas e logo para baixo outra vez, cruzando a beira de suas vértebras, uma dupla linha de tentação que atraiu o resto do interesse dela.

—Por que não?

—Porque já não estamos em 1860.

Ele não respondeu imediatamente, só reorientou esses dedos depois de chegar ao sensível espaço na base de sua espinha dorsal. A pele ardia enquanto absorvia sua intenção. Arqueou as costas sutilmente, ansiosa pela culminação da viagem, inclusive se sua mente operasse em um plano mais intelectual.

—E se dissesse que só faço isso porque sei que está preocupada e não posso pensar em nenhuma outra maneira para conseguir desviar sua mente?

Ela aspirou um fôlego enquanto ele aceitava o convite, riscando o inchaço das nádegas. O arrepio anunciou imediatamente o prazer. O sorriso ardiloso e as manchinhas douradas nas profundidades dos olhos obscurecidos, disseram-lhe que ela não estava sozinha na maré crescente de desejo.

—Diria que isso é honesto e que você é muito doce, embora equivocado.

—Disse a você antes, não sou doce.

Se os dedos que se arrastavam sobre a curva de seu traseiro eram tentadores, não eram nada comparados com os calafrios de atração quando se deslizaram dentro das coxas. O homem tinha mais magia nos dedos que esse brinquedo de coelho, representado tão prominentemente em “Sex and The City”. E isso dizia algo.

—Sim, é.

Como declaração, era muito entrecortada e despreocupada, assim não se surpreendeu quando Caleb a ignorou. Com um movimento fácil que a estremeceu até o fundo de sua alma feminina, ele a levantou. Allie se agarrou a seus ombros tão apertadamente que correu o risco de



arranhá-lo. Um apertão em sua nádega direita a fez levantar a coxa sobre o dele. Um apertão na esquerda a fez repetir o movimento com a outra. Com essa mesma força fácil, ele a baixou sobre seu colo, as coxas cavalcando as suas, a carne mais sensível dela abraçando a dureza da dele. O calor do corpo de Caleb era tal que se sentia como se as duas capas de tecido jeans não existissem. O pulso de Allie disparou sob o chicote do prazer. Também o dele. Pulsava a centímetros sob o profundo bronzeado da pele de Caleb. Sob seus ouvidos golpeava o batimento do coração de Caleb como um convite sedutor. Sua fome se elevou. Empurrou-o para trás, olhando fixamente a sua garganta. Sua garganta bronzeada.

—Como é que não é branco e pálido? —A pergunta foi mais uma distração para si mesmo que uma busca de verdadeiro conhecimento.

—Porque escolho não sê-lo.

Agora, isso era interessante.

—Quer dizer que posso fazer brotar um bronzeado, também?

—Provavelmente.

Não precisava ser um gênio para compreender que punha vacilação em sua voz. Ela não tinha demonstrado ser excessivamente perita em aprender as habilidades de vampiro, mas quão difícil poderia ser ficar morena?

—Acredito que vou dar ao moreno uma oportunidade. Algo que vá mal não pode ser pior que o tom laranja que consegui com os autobronzeadores.

—Pintou-se de laranja?

Por sua expressão pôde dizer que não podia imaginar.

—Não de propósito.

—Me alegre de ouvir isso. Mas no caso disto vai pelo mesmo caminho que o resto de seus esforços, adiar suas tentativas de se bronzear até que esteja a seu redor.

Ele não tinha que ser tão cético. Empurrou-o com as palmas.

—Não tem que ir vomitar ou algo?

Quão único provocou o empurrão foi um cenho.

—Quem te contou a respeito disso?

—Slade.

Ele suspirou e voltou a acariciá-la.

—Terei que falar com ele a respeito de divulgar segredos.

—Por que é um segredo? Tem algum problema com isso?

—Não. —A mão se deslizou de volta a sua espinha dorsal. Sua risada, tão profunda e tão sexy como sempre, roçou-lhe a orelha— É só que não é um esporte para olhar. —Um tremor percorreu Allie do topo da cabeça à ponta dos dedos. Deus, ele era malditamente muito sexy.

—Por que faz isso?

Ele deu de ombros.

—Porque eu gosto do sabor do alimento inclusive se já não me sinta bem.



—E não há nada mais que isso?

—Nenhuma coisa.

Não acreditou nele. Slade tinha razão. Caleb comia alimento pela mesma razão que ela cozinhava nessa estufa estúpida. O fazia sentir-se conectada ao que tinha perdido. O fazia sentir-se normal.

—Agora que te contei meu segredo —cochichou Caleb com essa profunda voz arrastada que era uma sedução em si mesmo—, por que não me conta algum seu?

—Eu não tenho nenhum segredo.

A calma do corpo de Caleb deveria ter sido uma advertência, mas ela estava tão centrada nas faíscas da dança de desejo atrás de seu toque, que nunca viu o que vinha.

—Conte-me sobre o sonho.

Ela deixou cair à cabeça atrás ao berço das suas palmas. Ele a tinha estado distraindo, mas não para o sexo.

—Oh, é bom.

—Obrigado. —Sob a diversão persistente em seu olhar, havia uma seriedade inconfundível. Ela tocou o entalhe do sorriso.

—Suponho que Slade contribuiu com isto?

—Não está contente consigo neste momento. Quer fazer essas provas.

Ela arrastou o dedo pelo queixo até o pescoço, riscando os fortes tendões sob o pescoço da camisa à aresta da clavícula. Não lhe importava especialmente o que Slade desejasse. Não queria ser cravada e agulhada e possivelmente ser achada deficiente.

—O qual, em que me concerne?

Ele a olhou severamente.

—Seu desgosto é o meu.

Ela sacudiu a cabeça. A quem pensava que estava enganando, com essa coisa intimidatória?

—Estou tremendo de medo.

A mão de Caleb riscou a curva das costelas.

—Se não for cuidadosa, conseguirá que eu surre esse traseirinho tão bonito.

Só Caleb descreveria seu traseiro como bonito. Beijou-lhe o queixo, meneando o traseiro sobre suas coxas.

—Promessas, promessas.

Abaixo dela, os músculos se contraíram com a estreiteza de seu agarre. O sorriso que ela adorava suavizou sua voz arrastada.

—É uma mulher selvagem.

Outras áreas de sua relação possivelmente a mantiveram acordada pelas noites, mas não esta. O sexo entre eles era bom. Muito bom.

—Você gosta.



—Sim, mas isso não significa que não me ocuparei de você se precisar.

Ela girou os olhos.

—Isso é tão arcaico.

Caleb agarrou seu queixo com os dedos e atraiu seu olhar ao seu.

—Eu não sou um de seus homens modernos, Allie. Protejo o que é meu. Seja o que for o que tenha que fazer.

Ela puxou o queixo. Caleb não a deixou ir. Bateu na sua mão. Não necessitava seu apoio. A irritação funcionava bem.

—Como? Me surrando?

—Se for necessário.

Bom Deus, falava a sério!

—E quando isso não funcionar, qual é o plano B? Prender-me na torre sem comida nem água?

—O que a faz pensar que não funcionará?

Agarrou-lhe pulso, permitindo-a entrar em sua mente, a permitindo ver sua reação ao pensamento.

—Só uma intuição.

Caleb aguçou seu olhar ante a intensidade que ela sentiu em seu interior. Deixou-a ler tudo o que quis.

O agarre se apertou, logo se suavizou enquanto ele retrocedia mentalmente.

—É uma maldita mulher teimosa, Allie Johnson.

Ela ignorou o suspiro sofrido que pontuou a declaração.

—Você gosta disso, também.

Ele arqueou os lábios.

—Às vezes.

Ela deu de ombros, relaxando seu próprio aperto.

—E é Allie Sanders.

Caleb esticou o corpo desse modo sexy e intimidante ao mesmo tempo.

—Como o inferno.

Agora provavelmente não era o momento de expô-lo, mas já que a porta tinha sido aberta, havia algo que Caleb precisava compreender, e mais cedo era melhor que mais tarde.

—Não considero um intercâmbio de sangue tão vinculante quanto os votos matrimoniais.

Quadrar os ombros e o queixo inflexível disse tudo.

—Estamos casados.

—Não. —Ela sacudiu a cabeça— Não estamos. É bonito, sexy e tem o sangue mais saboroso dos arredores, mas pessoalmente não considero essas como sólidas características com as quais construir um matrimônio.

—Então melhor que encontre algo que você goste e que o agarre forte, meu bem, porque



está bem e verdadeiramente presa.

Ela se levantou.

—Não estamos casados até que eu nos considere casados. E não o faço.

Ele a empurrou até que a virilha se emparelhou com a sua. Estava excitado, zangado e resolvido, e o corpo de Allie reagiu com um pulso enlevado e de esperança.

—Você gostaria que o demonstrasse?

Ela despediu a reação de seu corpo com um gesto da mão.

—Isto é só sexo.

Ele pressionou os quadris dela sobre as suas, extraindo um gemido de seus lábios. Ele parecia tão bom.

—Este corpinho sexy reage comigo e só comigo.

—Tudo isso quer dizer que somos compatíveis na cama.

—Em meus tempos, duas pessoas que tinha exercitado essa compatibilidade ao nível que nós temos feito, estavam casados.

Tocou-lhe a bochecha, sentindo sua frustração.

—Mas seus dias vieram e se foram. Os tempos mudaram e as mulheres com ele.

—Nem tanto.

—Oh sim, tanto.

A unha do polegar de Caleb cortou entre as pernas dos jeans, retraiu a garra quando deslizou o polegar pelas úmidas dobras que se apertavam contra ele, esfregando, procurando, até que ela ofegou e deu um puxão em cima dele.

—Não estou de acordo.

—Repito, isto é só sexo, química sem inteligência.

Mas ele tinha razão. Era útil. Ele já não a estava atando com os sonhos e os experimentos de Slade.

Caleb sacudiu a cabeça, os olhos verdes se cravaram nos seus, desafiando-a com a verdade que ele obviamente acreditava intacta. Estudou-o mais de perto, recordando o medo que tinha sentido nele. Possivelmente uma verdade que ele precisava acreditar que estava intacta.

—Isto somos nós juntos —grunhiu Caleb. A almofadinha áspera do polegar começou uma suave massagem que faiscou em uma resposta todo menos suave. Um coro inteiro de sim separou em seu centro, cavalgando sobre o timbre de seu grunhido assim como sobre a conhecedora carícia — Isto é como sei que é minha.

Respirou profundamente, mas nada podia controlar a paixão que se elevava, o caminho ao momento mágico que ele invariavelmente entregava. Nem sequer o tentou, deu-lhe seu “você ganha” porque ele o necessitava tanto, o permitindo que a levasse ao orgasmo que queria. Enquanto o corpo de Allie dava puxões e se contraía, ele parou a carícia, mas não se deteve, manteve-a zumbindo nas repercussões. Puxou-a contra seu peito, envolvendo-a em sua força como se soubesse a isca que era para ela.



—É assim como sei que seus protestos são só palavras ditas pelo orgulho.

—Por que é tão difícil para você separar o sexo do amor?

—Eu não falo de amor.

Ele a podia ter enganado.

—Então de que fala?

—Compromisso, e o fato de que o vampiro primitivo em mim se torna louco pela vampira primitiva em você, e sendo esse o caso, nenhum de nós tem escolha em estar juntos daqui em diante.

—Quer dizer que não me escolheu?

—Não mais do que você me escolheu .

Oh inferno, isso doeu. Possivelmente não estava preparada para o compromisso do matrimônio mas definitivamente tinha estado guiando-se com o coração. Empurrou contra seu peito. Caleb não a soltou. Ela despiu as garras. Ele só a olhava, com uma calma irritante na cara ante sua ameaça. Allie cravou-lhe as pontas no peito. Ele escoiceou, mas em vez de afastar-se, sentou-se ali, deixando-a fazer o que quisesse, umas luzes estranhas se formavam redemoinhos em seu olhar. O polegar a acariciou com mais força, enquanto o sangue gotejava de sua camisa.

—Embainha as garras.

—Não. —Queria feri-lo do modo como ele acabava de feri-la. Profundamente. Permanentemente.

—Está fazendo-o feliz.

—A quem?

—Ao vampiro.

—Você é o vampiro.

—Não sou.

Era.

—Deixe ir.

—Logo que aceitar o que acontece, fá-lo-ei.

Arranhou-lhe o torso, contente quando grunhiu de dor, furiosa quando ele apertou a mão entre eles com mais força, o polegar acariciava enquanto os dedos mediam. A imediata traição do corpo de Allie irritou seu orgulho.

—Que o fodam.

—Se continuar assim, a única que será fodida será você.

—Vá para o inferno.

—Já estou ali.

—É tão antiquado.

Apesar de sua ira, seu corpo se abriu para o impulso dos dedos e sua mente se abriu para a intrusão da dele.

—Mas me deseja.



—Não. Não desejo.

Era uma mentira. Por muito zangada que estivesse, isso não importava a seu corpo. Desejava-o e nada do que fazia apagava o fogo.

—Mas ela sim —sussurrou ele em sua orelha quando a levantou— E você não pode lutar contra ela, verdade?

—Sim. —Podia. Ela era a proprietária de seu corpo.

Ele a manteve imóvel enquanto abria a zíper dos jeans, então a empurrou de volta contra ele até que o duro membro pressionou contra o poço de sua vagina. Uma pequena pulsação e um puxão e o líquido sedoso fluíu através da carne, ardente calor enquanto imprimia a necessidade de Caleb na pele de Allie.

—Demonstra-o —sussurrou com voz arrastada e dura—Diga-me que pare.

Para.

A ordem nunca passou por sua garganta enquanto seu corpo chorava e implorava pela polegada que necessitava para completar a união. A queimadura se estendeu em seu interior, enterrando-se profundamente em sua própria necessidade, amplificando-a.

—Vamos, meu bem. Diga-me que pare. —Caleb a desceu uma fração mais, o bastante para excitá-la com a promessa de enchê-la como ela desejava — Antes que seja muito tarde.

Oh Deus, não podia. Não podia. Todo seu corpo pulsava e doía, rogava pela potencial união com um ardor cego. Desejava-o, precisava dele, com um desejo que era tão mais profundo que a ira ou a luxúria. Tanto se ele sentia o mesmo ou não. Tanto se diferenciava que parte dele desejava ou não, ela soube o que necessitava. A ele. Envolveu as pernas ao redor de sua cintura. O respaldo da cadeira a mordeu nas panturrilhas. A dor aguda se mesclou com o momento, conduzindo sua necessidade mais alto.

Deu-lhe uma fração mais, o gemido se deslizou pelos lábios de Allie; uma traição mais profunda que a necessidade interna. Havia compaixão mesclada com luxúria na voz arrastada dele quando a baixou com força sobre sua ereção. O guincho de Allie se envolveu ao redor da verdade quando ele disse tranquilamente:

—Nisto, Allie, ambos estamos fodidos.

Capítulo 11

—Não me considero fodida.

—Seu corpo ainda não deixou de pulsar ao redor do meu —disse Caleb, sua voz sonolenta e sensual—, e já está discutindo?

Ela assentiu contra seu peito nu, seus músculos como gelatina, incapaz de fazer mais.

—Sim.



A mão de Caleb em suas costas a acariciou brandamente.

—Confessa, você gosta de discutir.

—Não realmente, mas tenho uma incompatibilidade genética com as mentiras.

—O que significa isso?

—Não posso deixar que algo continue se não acreditar nisso.

Ele grunhiu. A cadeira rangeu quando a moveu mais acima. O tremor que a atravessou quando seu corpo se ajustou ao dele ressoou em seu gemido.

—Com que não está de acordo?

—Não estou de acordo com que agora sou esquizofrênica. Não há uma vampira e um eu.

—Então o que vê?

—A mim com uma realidade ligeiramente alterada.

—Ligeiramente? —Ela não precisava olhar para saber que ele tinha arqueado sua sobrancelha direita. Seu tom sonolento e seco disse tudo— Como diz isso?

Ela riscou a curva do músculo peitoral, empurrando a borda da camisa a um lado, notando os botões perdidos ao fazê-lo. Tinha a vaga lembrança deles saltando quando a abriu de repente, ansiosa para chegar à pele. Realmente era uma mulher selvagem com ele.

—Ainda estou neste mundo, ainda em contato com quem sou e ainda sob controle.

—Menos quando sonha.

Ela franziu os lábios com exasperação.

—É como um cão com um osso, Johnson.

Ele a levantou e a sentou contra seu flanco.

—É importante.

Ela apertou as coxas contra a sensação de vazio. Sentia-se tão vazia sem ele. Tão incompleta. Aconchegou-se em seu calor, deixou cair à mão em cima de seu estômago e logo mais abaixo para a tábua de seus abdominais. Apertou. Não havia nada brando. O homem era cabeça dura e corpo duro.

—Não vejo como. Nem sequer é um sonho, é mais como um engano causado pela dor e a privação química.

Ele curvou um braço ao redor de seu ombro.

—Isso espera.

Ele a tinha ali. Ela estava esperando seriamente que isso fosse tudo.

—Não pode ser mais.

—Não averiguou ainda que tudo é possível?

—Então, se algo for possível, é possível que o sonho seja só uma ilusão.

Ele a olhou por debaixo das pestanas.

—Então por que não falamos disso?

—Porque trará os anos 1860 sobre mim e quererá me envolver em algodão mais apertadamente do que já faz.



—Isso é mau?

—É estranho, da maneira como todos os sonhos são.

—De uma maneira que a deixa preocupada.

—O que o faz pensar isso?

—A maneira como se cola em mim quando sai dele.

Com um pouco da força que tinha voltado para seus músculos, ela empurrou. Alcançou a curva de seu cotovelo antes que ele pusesse fim a sua retirada. Elevando o olhar, ela se deu conta de que lhe tinha permitido esse pouco para poder ver seu rosto. Cravou-lhe o peito com o dedo.

—Um dia destes aperfeiçoarei a cara de pôquer e você não terá tanta sorte.

—Então adivinho que terei que ler sua mente.

Não se ela aprendesse a bloqueá-la primeiro.

—Uma alternativa seria me permitir algum espaço onde trabalhar para resolver meus próprios problemas.

O pequeno sorriso se desvaneceu.

—Não existe tal coisa como seus problemas. Tudo o que te acontece me concerne.

—Simplesmente porque os outros consintam sua curiosidade não significa que eu tenha que fazê-lo.

O dedo sob o queixo o fez olhá-lo outra vez aos olhos.

—Estar a par de todas as possíveis ameaças nos manteve vivos durante os últimos dois séculos.

—A expressão dessa oração implicaria uma ameaça existente.

—Sempre há algo preparado para vir pelo que um homem tem.

Disse-o com a calma total de um homem acostumado ao conflito, que o considerava como um estilo de vida. Ela não sabia se estava aliviada ou consternada por esse ponto de vista.

—A guerra não tem que ser um estilo de vida.

—Eu não estou em guerra.

Allie piscou, observou sua expressão e a analisou outra vez, mas nada tinha mudado.

—Fala a sério.

—Não pareço falar sério?

Ele sempre parecia sério.

—Se não está em guerra, por que se esconde aqui com seu exército de weres detrás de uma parede de ilusão, com as armas sempre preparadas? —Ela sacudiu a cabeça— Ou está em guerra com algo ou é extremamente paranoico.

—Isso que implica?

—Implica que não acredito que seja paranoico.

Caleb arqueou o canto da boca.

—Alguns discutiriam com você sobre isso.

—Então estariam equivocados, mas isso deixa a pergunta, o que é?



—Cuidadoso. —O chão rangeu quando mudou de postura— Muito cuidadoso.

Allie se agarrou mais acima.

—Possivelmente muito cuidadoso?

Caleb riu e a beijou nos lábios.

—Não há tal coisa.

Beijou a sua vez antes de dar-se conta do que estava fazendo.

—Com declarações como essa conseguirá outra discussão.

Ele deu de ombros, despreocupado, a despenteando com os dedos.

—Posso lidar com isso.

Sim, podia. Allie começava a acreditar que ele poderia lidar com qualquer coisa. Exceto a ela, porque ele tinha a ideia de que ela necessitava paz. Todo o tempo.

—Caleb?

—O que?

—Sabe esta área anti-estresse que está tentando estabelecer a meu redor?

Deixou de despenteá-la.

—Sim.

—É uma das coisas que me crispa os nervos.

—Acredito que teve suficiente excitação para este ano.

Ela abriu a boca para replicar quando um tumulto no vestíbulo redirecionou sua energia. Allie agarrou os jeans e os pôs, disparando a Caleb um ressentido olhar quando tudo o que ele teve que fazer foi colocá-lo e abotoá-lo. Ela não ia lutar com Caleb enquanto seus irmãos faziam de testemunhas. Não porque temesse uma discussão pública, mas sim por algo que tinha aprendido durante as últimas duas semanas. Os irmãos Johnson permaneciam juntos. Não importava se todos estavam de acordo no ponto a discutir, deixavam que o forasteiro discordasse com um deles, e todos se lançavam totalmente sobre o mesmo lugar com uma representação assombrosa de lealdade. Algo que um raramente via hoje em dia na mentalidade mais aberta da sociedade. Era uma das coisas que realmente gostava dos Johnsons. Só que era uma dor no traseiro que a vissem como uma absoluta forasteira quando discordava com Caleb.

Afastou as mãos de Caleb quando ele baixou sua camiseta sobre os seios. Saltando sobre seus pés, colocou os jeans justo quando a porta da cozinha se abriu. Jared inclinou o chapéu enquanto passava. Jace estava detrás um pouco mais longe, seus sorrisos lhe deixaram ver que sabiam o que ela e Caleb tinham estado fazendo. Ela sorriu para eles. O homem lobo que fechava a marcha conseguiu um olhar furioso. Ela ainda não tinha perdoado Derek por encarcerá-la essa primeira noite.

Derek alcançou uma garra de urso enquanto limpava a porta. Allie arrebatou o prato de debaixo da sua mão. Caleb levantou uma sobrancelha enquanto ficava de pé com graça preguiçosa.

—Não são suficientemente boas para os convidados ainda.



Derek sorriu.

—Não sou melindroso.

Ela se encontrou com seus olhos cinza quadro-negro.

—Mas eu sim.

Pôs o prato na cozinha fora de seu alcance. Detrás dela, ouviu que um dos homens ria entre dentes, e então Jace disse:

—Parece que vai ter que se comportar para se reconciliar, Derek, antes que consiga comidas assadas.

Uma cadeira raspou pelo chão.

—Não vejo por que. Seguia a ordem de Jared.

Allie se girou a tempo de ver Derek sentar sua grande forma na cadeira, esgotando-a com nada mais que músculo e osso.

—A próxima vez possivelmente considere exercitar o pensamento independente.

Ele se recostou e o respaldo da cadeira chiou um protesto.

—Não. Muito trabalho.

Ela desejou realmente que a cadeira se quebrasse. Ele era tão arrogante que necessitava que lhe baixassem as fumaças.

—Então adivinho que lhe arrumará sem isso.

Como isso, os homens puseram-se a rir.

—O que?

Caleb sacudiu a cabeça e sorriu, tomando assento ao lado do Jace.

—Uma coisa que um were nunca está, é sem.

Ela girou os olhos.

—Tinha que ir ao fator sexo, verdade?

Jared se recostou na cadeira, balançando-a até o ponto de derrubar e pegou um pão-doce.

—Você começou. —Atirou o bolo a Derek que o agarrou habilmente— Só seguíamos o jogo.

Derek deu uma dentada.

—Estão um pouco secos.

Allie alcançou algo detrás dela. O cabo do pau de macarrão escorregou em sua palma.

—Tem a compulsão de viver perigosamente.

Derek se estirou e ela piscou ante a quantidade de músculo que se reunia e fluía com o movimento.

—Pode me enterrar em baixo de dois metros quando se for.

O golpe repentino de Caleb em seu traseiro fez que todos a olhassem. Derek sorrindo, os irmãos franzindo o sobrecenho.

—O que? —Levantou as mãos— Não é como se estivesse interessada.

O sorriso de Derek se ampliou enquanto baixava os braços. Seu olhar caiu no peito dela.



—Tem certeza, querida?

Os pulsos de energia sexual que soltava Derek a faziam vividamente consciente de que tinha prescindido do sutiã essa manhã em deferência ao calor da cozinha. Cruzou os braços sobre o peito. Tratar com Caleb era o bastante. Não necessitava um fator imprevisível como o homem lobo na combinação.

—Tenho certeza.

—Se trocar de opinião no futuro, sabe onde pode me encontrar.

Céu santo, é que o bom Deus a tinha entregado aos weres junto com a longa vida, uma quantidade excessiva de ego e confiança?

—Quer me fazer um favor?

—O que?

Ela sorriu.

—Contenha a respiração até que se localize.

Em vez de tomar o comentário como um insulto, Derek riu em voz alta e o interesse que ela podia sentir nele aumentou.

—Quanto tempo planeja guardar rancor por essa primeira noite?

—Isso depende.

—De que?

Ela sustentou seu olhar.

—De sua esperança de vida.

Mais risada ao redor da mesa. Caleb embalou seu quadril com a mão, acariciando a curva cheia com os dedos.

—Para de paquerar com o homem, Allie.

—Eu não paquero, incomodo-o.

—Com um were, é o mesmo. —cortou Jace.

Derek riu entre dentes. O desgosto agitou a energia de Caleb, mesclando-se com o antagonismo que ela sentia para o grande were. Incrementava sua necessidade de irritá-lo.

Allie girou no agarre de Caleb para fulminá-lo com o olhar.

—O que acontece com vocês, os homens paranormais? Quando entram na linha de uma longa vida, passam com escondidas uma dupla dose de arrogância?

Derek alcançou outra garra de urso.

—Sim.

Allie afastou suas mãos.

—Reservo esses para os amigos.

O sorriso abandonou a cara bronzeada.

—O que a faz pensar que não sou seu amigo?

—Algo a respeito da maneira como você gosta de me atirar aos estábulos sujos, em me deixar à misericórdia de minha bexiga e logo em me usar como isca.



—Admitirei o primeiro mas o último foi tudo de Jared e os rapazes.

—Poderia tê-los detido. —Ainda a irritava que ninguém o tivesse feito. As cadeiras rangeram enquanto se moviam. A tensão no ar aumentou.

—Não. Ele não podia.

Allie olhou aos olhos de Caleb, atraída pela certeza em sua voz. A inquieta sensação no buraco do estômago não era devida completamente à volta de sua fome insaciável.

—Poderia havê-lo tentado.

—Não. —A mão se deslizou até envolver-se ao redor da cintura, os dedos lhe esquentaram a turbulência interior— Não mais que ninguém aqui te permitiria morrer, eles não podiam permitir que eu morresse.

—Seus irmãos nem sequer gostam de mim.

—Isso não é verdade —intercalou Jared.

Ela não teria questionado a declaração de Slade ou Jace, mas Jared?

—Oh, vamos.

Ele a olhou com esses olhos tão parecidos com os de Caleb, a força de sua personalidade a golpeou como um martelo, a falta de um sorriso não lhe dava nada ao que agarrar-se.

—Agora é uma dos nossos. Pode-nos gostar tanto como queiramos.

O qual não lhe dizia nada. Caleb a puxou completamente a seu abraço. O consolo fluiu sobre ela, apaziguando o temor que pressionava sob sua resolução de tirar o melhor de sua situação. Afastou-se. Queria uma boa distância entre eles. Conseguiu uma polegada. Girou-se e o empurrou a mão.

—Sabe que não estou interessada em Derek, verdade? —Ignorou o seco «Ai» do were— É só que não estou acostumada a toda esta insólita testosterona vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. É como estar em meio de uma estranha festa.

—Sei.

Derek riu abertamente, os músculos da garganta ondularam com o som. Na base, seu pulso pulsou. Seu radar interior saltou atento, lhe recordando que não só era um were grande e bonito, era um café da manhã andante.

—Tenho uma oferenda de paz se a aceitar.

—O que é?

Ele enganchou outra garra de urso, agarrou-a mais rápido do que ela tentou tirar-lhe.

—Minha mãe escreveu um livro de cozinha faz algum tempo. Guardei-o.

—Quanto tempo é algum?

—Um par de centenas de anos.

Era uma medida com a que tinha sido bombardeada tanto nas últimas duas semanas que Allie nem sequer piscou ante a referência aos duzentos anos.

—É como «Conselhos para idiotas sobre velhos dispositivos de cozinha»?

—Sim. Escreveu-o para as novas noivas da congregação.



Um homem lobo que escrevia receituários para a congregação?

—Dão-se conta de que estão fazendo voar totalmente todas minhas concepções do paranormais induzidas pela televisão?

—Eles poderiam causar algumas comoções —cortou Slade, atirando o chapéu para a prateleira da porta. Golpeou a beira do gancho e caiu no piso— Tem algumas noções perigosas no que se refere aos vampiros.

Cale-se. Caleb disparou a ordem mental a Slade, mas foi muito tarde. Slade tinha a completa atenção de Allie.

—Bem, possivelmente possa me proporcionar alguns fatos e eu poderia deixar de especular.

Slade sendo Slade esteve feliz de fazer o favor. Recolheu o chapéu, tirou-lhe o pó da aba e o pôs no gancho.

—O que quer saber?

—Quero saber como vai ser. Quero saber se há outros como Simon e os D’Nally. Quero saber por que não posso...

Slade retornou à mesa.

—Isso é uma enorme quantidade de quero saber.

—Estive economizando.

Caleb sacudiu a cabeça para Slade.

—Agora não é o momento.

—Ela merece respostas.

Allie fulminou Caleb.

—Sim, mereço-as.

Caleb suspirou quando Allie se desprende dele. Obviamente, não ia conseguir trabalhar muito com esse novo castrado esta noite. Não com a maneira como Allie se retorcia em seu confinamento.

—Ela já tem bastante com o que tratar.

Jared se aproveitou da distração de Allie para pegar uma garra de urso.

—Sua mudança provavelmente seria algo muito mais fácil com o que tratar se tivesse alguns antecedentes.

É obvio, Allie estava de acordo com isso.

—Absolutamente.

A única segurança que Caleb tinha para lhe oferecer era a ilusão de que ele sabia que lhe estava acontecendo e que tudo estava sob controle. Se ela sabia que ele não tinha o menor indício quanto ao que lhe estava acontecendo, se sabia quão perto estiveram os D’Nally de violar o complexo, ela não teria nenhuma sensação de segurança.

—Não.

—Bem, se não podermos falar de Allie, falaremos de você.



—Jared.

Jared ignorou a advertência, atirou a garra de urso a Derek e se girou para Allie.

—Sabe que Caleb foi transformado por uma fêmea?

Allie se animou.

—Não, não sabia.

Merda, agora foram ter que reviver isto, e ao fazê-lo, tiraria reluzir toda a ira amargurada do Jared. O dia definitivamente ia de mal a pior.

—Ela o encontrou depois que emboscaram e saltou sobre ele quando estava muito fraco pela perda de sangue para lutar.

—Maldita seja, Jared, quando vai deixar ir?

—Quando o diabo começar a fazer bolas de neve no inferno.

Caleb rangeu os molares. A noite de sua conversão emanou de suas lembranças. Débil, fora de si e dolorido por um disparo no intestino, com a preocupação por seus irmãos em primeiro lugar em sua mente, tinha-a visto sair ao anoitecer parecendo um anjo, o comprido cabelo loiro fluía além de seus quadris, destacando a magreza etérea e sua pálida e perfeita pele. O havia tocado, os olhos castanhos úmidos com tristeza. O calor tinha alagado o frio que o recobria. Ele a tinha abraçado completamente quando ela baixou a cabeça. Ele tinha aceitado sua mordida, pensou que o êxtase era um sinal da libertação de Deus e o perdão pelas coisas mais escuras que havia feito para manter seus irmãos e a ele juntos e vivos. Quando, no último momento, lhe perguntou se estava seguro, ele havia dito.

—Sim.

Assim que o tinha convertido, dando-lhe a segunda oportunidade que tinha pedido, inclusive se não fosse a que tinha antecipado. E ele, em troca, tinha-a passado a seus irmãos.

—A única pessoa a quem culpar pelo que somos é a mim.

—Ela manipulou sua mente. —disse com brutalidade Jared.

—Não preciso que me diga como foi. —replicou furioso Caleb imediatamente— Estava lá.

—Quando a encontrar, tirá-la-ei de sua miséria.

Era um estribilho frequentemente repetido, e Caleb estava farto dele.

—Se quer culpar a alguém por ser vampiro, culpe a mim.

Jared se recostou na cadeira.

—Estou confortável com que escolhi.

Caleb suspirou.

—Ela era muito frágil, Jared. Me converter possivelmente a matou.

—Obviamente não, ainda somos vampiros.

—Está se prendendo a um mito. Matá-la não vai nos mudar.

—Possivelmente.

O ódio na voz de Jared se espalhou pelo cômodo. Que Deus o perdoasse, ele tinha sido quem havia feito isso a Jared. A todos. Não a mulher. Ela tinha sido inocente. Apostaria sua alma



nisso. Fechou os olhos e recordou o rosto com a delicada malícia, sua debilidade, a tristeza nos olhos. E sentiu sua própria tristeza.

—Ela precisava de ajuda.

A seu lado, Allie se esticou. Muito tarde se deu conta de que ela tinha entrado em sua mente. Seu grunhido se misturou com as “sandices” de Jared. Um toque mental revelou o ciúmes primitivos que a consumiam. A sua vampira não gostava dos pensamentos sobre outra mulher.

—Relaxe, Allie. Aconteceu há muito tempo.

Ela cruzou os braços sobre o peito. As unhas fizeram marcas em sua pele, tirando sangue, causando vales profundos na suave carne.

—Você gostava dela.

Ele aumentou o apertão em seu quadril para evitar que ela se afastasse.

—Salvou minha vida, como não ia gostar dela?

Ignorou o bufido de Jared, centrou-se no olhar furioso de Allie. Suspirou.

—Ela necessitava ajuda, neném e eu não a dava. É culpa, não desejo o que sinto.

—Demônios, Allie, não pode culpar um homem por seus pensamentos. —interrompeu Derek.

Esse queixo teimoso se levantou.

—Sim, posso.

O desafio permaneceu ali. Ao redor deles, os outros machos se imobilizaram. A antecipação espessou o ar. O suave aroma da ansiedade feminina vagou sobre o aroma mais pesado da luxúria. A dele, a do were e seus irmãos.

Não gostava da mistura, a tensão. Ficou de pé. Algo não estava bem.

—Allie?

—O que?

Ele se encontrou com o olhar dos outros. A maneira como os olhos se separaram dos seus lhe disse algo. Não estava imaginando coisas.

—Todos terminamos com as perguntas.

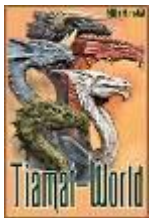
—Não. —Ira, desejo e temor nessa sílaba.

Ele reforçou sua primeira ordem com uma mental. Foi rechaçada sumariamente igual. O desejo dos outros machos se estendeu, tocando as bordas de sua linha particular com Allie. Fome, necessidade, desejo. Caleb se dobrou, seus instintos gritavam uma advertência. Precisava tirá-la dali. Ignorando o grito surpreso de Allie, atirou-a sobre o ombro e agarrou o chapéu. Os punhos dela o golpearam nos quadris enquanto a tirava da cozinha.

* * *

—É um idiota total.

Caleb seguiu Allie pelas escadas de trás, colocando o chapéu na cabeça. Cada degrau reverberava com a ira que irradiava dela. Seu traseiro exuberante oscilava com cada golpe do pé



na madeira, cada prisão terminava em uma tentadora sacudida que fazia que lhe ardessem as mãos por capturá-la. Podia cheirar seu sangue de onde se cravou as garras nas palmas. Ela ainda tinha problemas com o controle.

—Um completo e total imbecil. —reiterou.

—A situação com o Derek estava saindo das suas mãos. —Não podia decidir-se a mencionar seus irmãos— Te adverti que não fosse sem sutiã.

Ela pisoteou três degraus mais.

—Faz calor na cozinha.

—Ajusta sua temperatura corporal.

—Não me funciona.

—Então use um sutiã.

Ela girou no patamar.

—Não tem direito de me dizer o que vestir.

O vampiro do Caleb rugiu em resposta ao desafio feminino, seu orgulho humano justo a seu lado. Subiu os seguintes dois degraus de uma passo longo. Os olhos do Allie se abriram alarmados. Retrocedeu, arrastando os pés rapidamente até que sentiu a parede. Ele a seguiu. Um passo, dois, até que as costas de Allie golpeou a placa de gesso. Ele colocou com força as mãos a ambos os lados de sua cabeça, prendendo-a com seu corpo.

—E você não tem direito a babar sobre outro homem.

A tensão dentro dela trocou e se reconcentrou com seus pensamentos. Ele procurou seus olhos, tentou sua mente, mas o excluía. Quando demônios ela tinha aprendido a fazer isso?

—Acredita que outros homens me desejam?

—Derek o fazia. —E mais inquietante, seus irmãos também.

Ela revirou os olhos.

—Ele só estava puxando sua cadeia.

—Se tivesse lhe dado um olhar, estaria em sua cama mais rápido do que poderia lhe cortar a garganta.

—E isso o preocupa?

—Nunca acontecerá. —O mero pensamento do lobo em qualquer lugar perto de Allie o deixava homicida— E se você realmente o desejar morto, continue usando-o para me provocar.

—É Caleb o vampiro quem fala ou Caleb o homem?

O arco das sobrancelhas transmitia como se sentia ela a respeito de seu sentido da dualidade. Ele ignorou seu sarcasmo e respondeu com a verdade.

—Os dois.

Allie envolveu os dedos ao redor dos dele, o sangue gotejou para baixo, salpicando seus traços antes de vagar nas fendas, enchendo o espaço entre eles, eliminando-o. Ele colocou o polegar na palma, a cortou e conteve o fôlego quando seu sangue se mesclou com o dela. Allie o franziu o cenho.



—Não te compreendo.

—Não precisa me compreender. Só me obedeça.

—Isso jamais acontecerá.

—Por que não?

—Lembra de mim, Caleb? A mulher que fala com vozes em sua cabeça e não escuta nada valioso.

Oh, lembrava. Recordava o temor que lhe retorcia os intestinos porque não chegaria a tempo quando Dane a tinha atacado essa primeira noite. O horror de que Dane a violentaria, mataria-a antes que ele pudesse detê-lo. Sua fúria completa por que ela se negou a fugir quando lhe havia dito que o fizesse. Sua decisão totalmente louca de retornar lá por ele. Filho de puta, claro que recordava.

Caleb atraiu as mãos unidas entre eles, fez que apoiasse o queixo nos dedos entrelaçados para que o olhasse nos olhos.

—Quando se refere a sua segurança, me escutará.

Ela inclinou a cabeça, o cabelo castanho se deslizou ao débil resplendor da luz do teto, recolhendo vermelhos e dourados, destacando sua cara em piscadas de cor.

—Ou o que? Irá me surrar? OH, isso será efetivo.

Outra vez girou os olhos com uma falta total de preocupação. Tocou-lhe o centro da boca com o polegar, sacudindo a cabeça enquanto um sorriso lutava com sua ira.

—Você, mulher, tem bastante insolência para duas pessoas.

—Você gosta.

Gostava. Esfregou-lhe a mancha de sangue do queixo.

—Às vezes.

—Mas não agora?

Ele sacudiu a cabeça.

—Não.

—Por quê?

Desta vez quando ela puxou, ele soltou a mão.

—É minha responsabilidade.

—Ai. Primeiro não fui sua escolha e agora sou uma responsabilidade. Em uma escala de um a dez, está em menos três na competição de ganhe-a-garota.

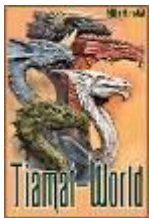
—Isso não vem ao caso. Sempre que estiver a salvo, meu trabalho aparece.

—E me manter a salvo implica usar um sutiã e calcinhas, fazer o que me diz e não atrair o interesse de outros homens?

Ele rangeu os dentes.

—Sim.

Olhou-o fixamente com esses olhos azuis que viam muito. E então sorriu, um total, inadequado e completamente sorriso de Allie.



—Não tem que estar ciumento, Caleb.

Apontou com o membro a sua virilha, aborrecido por que o leu tão facilmente, aliviado de que o lesse tão facilmente.

—É minha.

O sorriso de Allie floresceu até o prazer. Subiu o pé nu por sua panturrilha coberta de tecido jeans, deixou cair à coxa a um lado, abrindo-se mais a seu impulso.

—Diga-me algo, está preocupado somente porque tenha sexo com alguém mais ou há algo mais?

Afastou-lhe a franja do rosto. Outra mulher teria estado gritando. Outra mulher teria utilizado seu desejo contra ele. Allie queria compreendê-lo. Ele não tinha nada para lhe oferecer exceto o que sentia em seu interior.

—É minha.

Ele tinha visto criaturas morrendo que conseguiam menos olhares de compaixão que a que ela deu.

—Caleb, não pode me reter a menos que eu queira ficar.

—Olhe-me

O tapinha no ombro que lhe deu era mais que condescendente.

—É grande, sexy e intenso, mas ao menos que faça que esta relação valha a pena que fique, nada me reterá aqui.

Se ela pensava que ele a perderia, teria que pensar outra vez. Seria mais fácil se ela retomasse o ritmo como uma mulher mais manejável, mas um tipo mais manejável provavelmente a aborreceria, assim que os dois teriam que aprender a aceitar o bom e o mau. Começando com ele aqui, lhe dando o que necessitava. Apertou-a um pouco mais entre seus braços. Ela subiu as pernas até a cintura, apertando com força.

—O que levaria um homem como eu a começar a se interessar por uma mulher como você?

Abriu a mão sobre o espinha dorsal, aliviando o espasmo de dor que disparou pelas costas de Allie. O espasmo de fome que ela tratava de lhe ocultar.

—Poderia começar me recordando por que fantasiei tanto sobre você antes de tudo isto acontecesse.

Ele deslizou a mão sob a camiseta.

—Você fantasiou a respeito de mim?

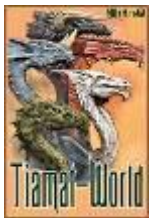
O calor de seu rubor contradisse a audácia.

—Sim.

Ele gostava inclusive mais que ela não utilizasse esse acanhamento como uma barreira. Baixou a cabeça até que lhe acariciou a orelha com a boca.

—Sobre minha boca?

Afundou-lhe as unhas na beira da mão.



—Sim.

Os mamilos lhe brocaram o peito em demanda silenciosa, seu aroma aumentava em ondas tentadoras, envolvendo-se ao redor dele em um abraço acolhedor. Manteve a voz em um sussurro, tão baixo que ela teve que esforçar-se para ouvir, aumentando a intimidade entre eles. A necessidade.

—Era bom?

—Muito bom.

Abaixou-lhe os pés ao chão.

—E onde estava minha boca que a fazia sentir tão bem? —Acariciou-lhe a bochecha com a mão— Aqui?

Ela sacudiu a cabeça.

—Não.

Ela deslizou o lábio inferior entre as bordas dos dentes enquanto ele cortava um lado de seu jeans com a unha. Ele dobrou os joelhos, baixando por um lado do pescoço com beliscões, cortando o tecido enquanto o fazia, o rangido da malha rompendo-se era um ardente acompanhamento de sua viagem, apertando a boca na curva acolhedora entre o ombro e o pescoço.

—Ou possivelmente aqui?

Outra vez sacudiu a cabeça, desta vez acompanhada de um pequeno gemido.

—Mas você gosta aqui.

Ele chupou ligeiramente, molhando a carne sensível, respirando profundamente enquanto o corpo dela reconhecia o prazer, acentuando o arco de seu corpo no seu, manteve-lhe as mãos presas por cima da cabeça enquanto seguia mordiscando e descendo por sua blusa.

—Foi possivelmente... mais abaixo?

—Sim.

Raspou o topo do seio direito com os dentes, sabendo que o magro tecido não era barreira para os agudos bordos tentadores. Ela se cambaleou contra ele, praguejando quando os pulsos presos a jogaram para trás.

—Deixe ir, Caleb.

Ele sacudiu a cabeça.

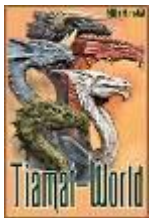
—Ainda não.

Agarrou um mamilo entre os incisivos, apertando levemente o turgente ardor. Allie o fulminou com o olhar, telegrafando temor e desejo a partes iguais. Ele a provocou com uma sacudida da cabeça, mantendo os pulsos sujeitos à parede, sentindo seu ofego até nas plantas dos pés. As mãos puxaram contra seu punho. Ele as apertou contra a parede.

—Mantenha-se aí.

—Aí vai, me dando ordens outra vez.

Abriu-lhe a camisa para que o mamilo aparecesse, admirando a vista antes de afundar a



boca para o tentador bocado.

—Opõe-se?

Ela sacudiu a cabeça enquanto cada palavra fazia que o mamilo se apertasse mais. O sangue correu mais perto da superfície da pele. Vergonha ou excitação?

Um estremecimento a percorreu da cabeça aos pés quando ele o lambeu delicadamente. Ela arqueou as costas ante o final da breve carícia, as mãos firmemente apertadas na parede, oferecendo-se para mais. Seu “não no dormitório” foi pura antecipação ofegante.

Ah, excitação. Ele sorriu e apertou a língua contra o ponto ansioso, esquentando-o.

—É uma pequena alma aventureira.

As mãos se esticaram em seu agarre quando ela se orientou para ter mais espaço onde manobrar, ficando nas pontas dos pés em um esforço por esfregar o mamilo contra os lábios.

—É isso uma queixa?

—Infernos, não.

Allie afundou a cabeça contra a parede quando lhe deu o que queria, tomando a dura protuberância entre os lábios, chupando brandamente, desfrutando de sua resposta à simples carícia. Ela era tão aberta e honesta quando estava com ele. Gostava disso. Inclinou-se para trás o justo para ver melhor o resultado de seus cuidados. Maldição! Ela tinha uns seios bonitos. Pequenos, tensos e impertinentes, com mamilos do tamanho correto para morder ou beliscar. Dirigiu um olhar ao seu rosto. Tudo o que podia ver era a face inferior do queixo e a maneira como os músculos de sua garganta trabalhavam enquanto engolia com força.

—Pareço tolo? —Soprou-lhe ao mamilo direito antes de beijá-lo ligeiramente em recompensa por sua imediata resposta. Com um corte da garra, cortou o outro lado dos jeans do quadril à prega. Deslizaram-se ao piso, não deixando nada exceto pele acetinada sob os dedos. Cavou-lhe os quadris nas mãos.

Ela deixou cair às mãos sobre seus ombros quando ele se levantou.

—Não, mas ainda não está no lugar correto.

Ele colocou o ombro esquerdo sob a coxa. Ela floresceu sob seu toque, as coxas abertas, a respiração entrecortada e os ombros apoiados contra a parede. Ele se deslizou justo sob sua perna direita, estreitando seu agarre até que os dedos rodearam o delicado tornozelo. Moveu-o acima até que ela tomou o controle da tarefa por ele, envolvendo essas doces pernas ao redor do pescoço.

—Como me faz isto?

—Não sou o único com fantasias. —Passou os dedos pelos apertados cachos, separando os grossos lábios exteriores— Doce.

Os quadris de Allie se levantaram para a mão. Deixou cair às palmas sobre os ombros.

—Não vai permitir me esquecer disto, não é?

Caleb permitiu que seu dedo escorregasse pelo caminho que ela estabelecia, remontando as inchadas beiras dos lábios interiores, sorrindo. Levantou uma sobrancelha enquanto afundava



o dedo mais profundamente, além das dobras exteriores à umidade interior.

—Nenhuma oportunidade.

—Oh Deus.

Ele queria afogar-se em seu aroma, seu desejo, até-la a ele de mil maneiras, nenhuma delas ética, todas efetivas; mas lhe tinha prometido uma escolha e era um homem de palavra.

—É aqui onde sonhava com minha boca, Allie? Nesta bonita vagina?

—Oh Deus, sim.

Ele cavou as nádegas nas palmas, apertando e abrindo as curvas exuberantes enquanto a empurrava para ele. A aba do chapéu golpeou contra o estômago. Estirou-se acima, só para encontrar as mãos de Allie ali primeiro, para manter o posto. Um olhar revelou o lábio entre os dentes, um olhar de incerteza na cara. E uma quantidade diabólica de esperança.

—Isto formava parte da fantasia, também.

O sorriso começou no interior. Ele colocou o polegar em seu centro e esfregou levemente, acalmando-a com seu toque, fazendo-a voltar da vergonha ao fogo. Definitivamente queria que ardesse. Allie em chamas pelo desejo era o sonho de todos os homens.

—Posso trabalhar com isso.

O sorriso débil dela o apanhou em seu lado frágil, deslizando-se sob sua prudência, golpeando nas emoções que aparentemente buliam ante sua ordem. Colocou-lhe o chapéu na cabeça, baixou os ombros e orientou os quadris para cima.

—Bem.

Capítulo 12

—Um aspecto interessante.

Caleb estava de pé na porta de entrada, com um ombro apoiado contra o umbral e os olhos examinando-a da cabeça aos pés. Sem dúvida procurando uma ferida. Estava obcecado com o pensamento de que algo ia lhe ocorrer.

Allie estendeu a mão até a cabeça, tocando as três brilhantes plumas azuis, não podia desfazer-se desse erguido emplastro de betume. Os embaraçosos efeitos secundários de sua tentativa fracassada de se transformar em um gaio azul. Uma tentativa que havia feito porque desesperadamente precisava ter êxito em algo. Forçou seus lábios em um sorriso tão falso como sua confiança nesses dias.

—Parecia-me que sim.

Separou-se do umbral e foi para ela. Os olhos entrecerrados contradiziam o preguiçoso balanço ao andar.

—Pensava que estávamos de acordo... não mais experimentos com a mudança até que



Slade descubra o que ocorre com você.

Quanto mais se aproximava, mais queimava a marca no dedo dela.

—Em realidade penso que estavam irritados e estabeleceram algum tipo de decreto.

—O qual escolheu desobedecer.

—É obvio. —Mais que sorrir como ela tinha esperado, a boca de Caleb se esticou. Sentiu uma ridícula necessidade de desculpar-se. Estendeu a mão para as plumas, medindo o cenho de Caleb, e deixou cair à mão— Além disso, não pode considerar alguns folículos capilares uma mudança completa.

Deteve-se dois passos em frente a ela, os olhos cravados nessas plumas como se contivessem o segredo da vida. Moveu os dedos.

—Não, suponho que não se pode.

Ela esfregou a marca no dedo, sem acreditar-se no mais mínimo seu fácil consentimento.

—Teve uma boa caça?

O olhar de Caleb se moveu rapidamente ao dela enquanto estendia as mãos para sua “manifestação”.

—Jantei se isso é o que quer dizer.

Ai! O homem não estava contente se tinha optado pela franqueza.

—Penso que seria mais fácil se simplesmente se conectasse a uma intravenosa.

Com uma leve sacudida de cabeça, tocou-lhe as plumas.

—Mas não tão divertido.

Com a proximidade ela não pôde evitar ver a fadiga esticando a pele ao redor de seus olhos e a ligeira palidez sublinhando a cor escura natural de sua pele. Estava exausto.

—Penso que minha necessidade foi além da diversão.

Estava-o matando, e Caleb nem sequer tinha o instinto de sobrevivência para salvar a si mesmo.

Caleb roçou para trás as plumas com a mão, fazendo-lhe cócegas. Ele se aproveitou de seu estremecimento para lhe cavar a nuca com a mão. Descansou pesadamente ali durante um segundo antes de ajustar o peso, logo se converteu em uma insistente e suave carícia de calor e segurança enquanto a arrastava para seu peito.

—Certamente tem muito apetite —disse ele despenteando sua franja.

Inclinou-lhe a cabeça para trás ao descender a boca. O homem sempre estava tocando-a, beijando-a. E maldição, ela fechou os olhos quando seus lábios se moveram sobre os seus, acariciando, provando, abrindo-os com o passo da língua que sempre enviava um disparo de pura luxúria através dela, era verdadeiramente bom nisso.

Soprou o fôlego na boca de Allie.

—Alegro-me de que pense assim.

Nem sequer abriu os olhos ante o comentário, simplesmente inclinou a cabeça uma fração mais.



—Hummm, estava projetando outra vez?

Provocou-a com a língua no canto da boca, o estremecimento que a atravessou inspirou o sorriso que ela sentiu em sua bochecha.

—Sim.

—Suponho que terei que trabalhar mais duro para ter isso sob controle.

—Por mim não se incomode. —Os calafrios se uniram ao estremecimento enquanto riscava um rastro através do suave terreno do lábio dela, utilizando o sensível revestimento interior do inferior como guia, sem deter-se até que alcançou o outro canto. Anunciou a chegada com outro provocador golpe de língua. As pernas de Allie falharam. A segurou com uma mão na nuca, mantendo os lábios em movimento sem nada mais que fome de mais. Ela o beijou em resposta, permanecendo nas pontas dos pés para incrementar a pressão.

—Muito bem. —Allie apanhou seu lábio inferior entre os dentes, deixando que o estremecimento de Caleb se mesclasse com o desejo dela enquanto o mordida ligeiramente e falou:

—Guardarei meus motivos estritamente egoístas.

Outra risada, outra despreocupada carícia, e logo a calidez de sua mão descendo pelas costas, deslizando-se mais abaixo.

—Já o faz.

O corpo dela se abrandou ante o jogo enquanto sua mente se aguçava, aumentando até esse ponto de hiperconcentração que reduzia seu mundo só a ele. Depois de duas semanas, estava conseguindo utilizar esse aspecto de sua interação. Apoiou os quadris contra os de Caleb.

—Pelo amor de Deus!

Allie saltou ante a interrupção. Caleb a segurou, aproximando-a com uma mão na base das costas, girando-os, assim seu enorme corpo a defendia da vista enquanto seus irmãos entravam no cômodo. Outro conjunto de pegadas anunciaram alguém entrando detrás dos Johnsons. Derek?

—Precisam conseguir um quarto. —acrescentou Jace à exclamação de Slade.

—Têm um quarto, e se não começarem a usá-lo vou começar a pensar que essas demonstrações são um convite. —disse Derek arrastando as palavras.

Caleb grunhiu... um profundo retumbar que lhe reverberou contra a bochecha. Ela sacudiu a cabeça, o qual em sua posição atual resultou pouco mais que esfregar a bochecha contra o peito dele. Mantendo a voz baixa disse:

—Só está tirando o sarro de novo.

Suas plumas se alvoroçaram quando ele inclinou a cabeça e sussurrou em resposta:

—Então pode desfrutar das consequências.

Pela posição de sua mandíbula, as consequências se traduziam em uma briga. Os homens eram tão previsíveis.

—Em realidade. —interveio Jared— Não acredito que o faça.



Allie fechou os olhos. Maldita audição vampírica. Não importava onde se girasse ou o que fizesse, alguém estava sempre observando-a ou escutando-a. Estava deixando-a nervosa.

—Não deveria escutar às escondidas.

A carícia da mão de Caleb descendo por suas costas não acalmou sua irritação.

—Deixa estar, Allie.

—Não.

—Não acredito que nenhum de nós possa permitir isso. — disse Slade, com uma anormal tensão em seu sotaque.

Contra ela, Caleb ficou rígido. Elevou a cabeça. Uma baforada de ar frio passou sobre a testa onde tinha apoiado a bochecha. Ela suspirou. O momento de intimidade tinha desaparecido. Deu um passo atrás. Como sempre houve esse momento de resistência antes que Caleb a soltasse.

—O que é que o preocupa?

Os olhos de Jace se elevaram, imitando a surpresa em todos os rostos dos homens quando as plumas se fizeram visíveis.

—Plumas na cabeça?

Não tinha nenhuma razão para estar à defensiva. Mas estava. Também se sentia inepta e a carga maior que uma pessoa pudesse ser. Dobrou os braços sobre o peito.

—Estava aborrecida.

—E pensou que as plumas animariam seu dia? —disse Slade, cujos agudos olhos provavelmente viam mais do que ela queria.

Não ia admitir que tinha tentado a mudança e falhou.

—Foi um começo.

—Plumas azuis?

—Refletiam meu humor.

O olhar de Caleb se dirigiu para ela, fazendo que a marca queimasse de novo.

—Estava triste?

Ela esfregou o polegar por cima da queimação.

—Por que estaria deprimida? Tenho todo um grupo de homens à minha inteira disposição, preparados para satisfazer cada uma de minhas necessidades se tão só me dignasse a comunicá-las.

Derek fechou os olhos durante um segundo, forjado na boca um indubitavelmente sorriso sensual enquanto balançava a cadeira para trás sobre duas patas.

—Isto é um quadro que um homem passaria.

A tentativa de derrubá-lo da cadeira o resto do percurso esporeou seus pés. Caleb não tinha tantos receios. Elevando a bota, o were foi para trás e caiu. Derek aterrissou com um estrépito que a fez saltar mas nem sequer ganhou uma olhada dos outros homens. Como um só a olhavam fixamente, lendo seu rosto, sondando sua mente, procurando a verdade. A dor aflorou em sua cabeça. Pressionou os dedos nas têmporas.



—Parem!

Imediatamente, os sondagens se detiveram, mas os irmãos ainda a observavam fixamente. Fulminou-os com o olhar.

—O que acontece com vocês? Posso entender a preocupação de Caleb, está em sua natureza, mas o resto de vocês precisam ter vidas próprias. Estão muito implicados em nossa relação.

—Ela tem razão.

Jared era o último que Allie teria pensado que estaria do seu lado.

—O qual me leva a minha pergunta anterior.

Uma olhada ao rosto de Slade lhe deixou mais claro que a água que não ia gostar do que tinha a dizer. Estendeu a mão e Caleb a apanhou. Deixou-o levá-la a seu lado. Pelo olhar nos rostos dos irmãos, ia necessitar um pouco de apoio.

—Cospe. —ordenou Caleb.

—Sua relação está afetando a todos.

—De que modo?

—Ao princípio não estava seguro, mas ao passar o tempo, não pode ser ignorado.

A profunda respiração de Caleb lhe pressionou as costelas contra o ombro.

—O que não pode ser ignorado?

Slade, Derek, Jared e Jace trocaram um olhar. O silêncio se estendeu até um fio tenso, logo Jace suspirou e disse algo muito desagradável, Allie teve que pedir que o repetisse. Os olhos verdes, dois tons mais claros que os de Caleb, encontraram-se com os dela.

—A desejamos.

Caleb grunhiu e a empurrou detrás dele, a vacilante conformidade em parte pelo retrocesso do anúncio, deixou-a cambaleando-se. Desejavam-na? O sussurro simplesmente se deslizou.

—Isso não tem sentido.

—Não tem. —pronunciou Jared categoricamente.

—Ninguém quer desejá-la. —acrescentou Jace.

De repente o cômodo pareceu muito pequeno.

—Mas... obrigada! —Ela retrocedeu outro passo, olhando para Jace, sentindo como se nunca o tivesse visto antes.

Caleb foi com ela, imobilizando-a entre a parede e suas amplas costas. Ela não pensava que fosse consciente do que estava fazendo. Estava completamente concentrado nos outros homens, a tensão em seu corpo assinalando sua boa disposição para brigar.

—Fale por você. —interveio Derek sobre o sarcasmo dela— Estou mais que feliz de desejá-la. O que eu não gosto é desta crescente necessidade de fazer algo com isso. —Elevou uma sobancelha para Caleb— Se tivesse sabido que compartilhar meu sangue com você teria este efeito colateral, teria passado.



Durante um segundo não houve nenhum ruído no cômodo, exceto o som da respiração controlada e o ranger da madeira quando os homens se deslocaram nas cadeiras. Ao final, Caleb perguntou:

—Todos se sentem do mesmo modo?

Allie enterrou a cara entre as omoplatas de Caleb, sem querer saber a resposta a sua pergunta, mas incapaz de resistir à oportunidade. Agarrou entre os dedos um punhado da camiseta de Caleb.

—Não me diga isso... todos estão assentindo, não?

—Acaba de me dizer que não lhe diga isso.

—Sabe bem que é uma maneira de falar.

—Tem uma extravagante maneira de disfarçar tudo.

—Simplesmente responda à pergunta.

—Sim.

Ela pressionou a cabeça em sua coluna.

—Isto não pode ser bom.

—Não —conveio Slade— Não é.

—Tem isto algo a ver com minha crescente necessidade de protegê-la? —perguntou Caleb.

—Assim o penso.

—Alguma ideia de por quê?

—Sei que está ligado com a energia mental que todos podemos compartilhar à vontade, e obviamente ligado ao instinto, mas por que se estende como uma febre, e por que aumenta proporcionalmente ao consumo de sangue de sua parte, não posso dizê-lo.

Simplesmente se imaginou que a primeira vez que Slade tinha uma teoria sobre sua diferença tinha que ser uma que assustasse até lhe secar a boca. Allie retrocedeu outro passo contra o muro.

—Quanta mais sangue quero, mais me desejam?

Um desconcertante sentimento lhe formigava pela coluna. Olhou ao redor da habitação, assimilando os rostos dos homens, suas duras expressões, sentindo como se nunca os tivesse visto antes. Levou-lhe um momento averiguar o que era. Medo. Tinha medo deles. As sombras das abas de seus chapéus intensificavam o brilho em seus olhos com uma sinistra projeção. A largura de seus ombros assumia mais significado, a força de suas mãos mais ameaça.

Dobrou os braços através do peito. Queria dar um passo, outro passo para trás, fugir, mas não havia nenhum lugar aonde ir. Nenhum lugar onde pudesse ocultar-se disto... deles. Nenhum lugar onde pudesse esconder-se de si mesmo.

—Por que é tudo tão diferente comigo?

Slade suspirou.

—Você jogou um pau nas rodas do que dávamos por certo.

Nenhuma observação tranquilizadora. Por outra parte, nada durante o último mês tinha



sido tranquilizador. Tocou as costas de Caleb, necessitando que se movesse assim poderia ir. Sob as pontas dos dedos, seus músculos eram rígidos pedaços de agressividade. Despedia ondas de dor e determinação. Se as declarações dos irmãos pareciam como uma traição para ela, o que devia sentir ele? Tinha cuidado de seus irmãos toda sua vida. Com eles, tinha compartilhado um vínculo tão íntimo que os tinha levado com ele à imortalidade antes de perdê-lo. Com o Derek tinha compartilhado uma amizade tão próxima que era mais que um irmão. Vínculos como esses tinham que funcionar em ambos os sentidos. Os Johnsons e Derek talvez o duvidassem, mas ela não, e alguém tinha que fazer algo para tirar à luz esse fato antes que todo fosse de cabeça ao inferno. Já que estavam nesse aperto por sua causa, dependia dela tirá-los.

Rodeou Caleb, esquivando seu agarre. Os olhos dele brocaram suas costas enquanto ela dava quatro passos trementes para a mesa. Puxou uma cadeira ao lado da de Jared. Ele ficou rígido. O coração do Allie saltou um batimento. Não poderia afastar-se desta proximidade se ficava tosco com ela. Caleb grunhiu. Um olhar para cima lhe mostrou os músculos tensos da mandíbula de Jared e o olhar evitando o de seus irmãos. O mal-estar alagou a cozinha.

Allie deu uma cotovelada em Jared no flanco. Baixou as sobrancelhas de repente junto com o queixo. Igualou-lhe o olhar. Talvez não fosse capaz de fazer a mais mínima coisa de vampiros, mas podia lidar com os homens, e esses cinco iam ser razoáveis, embora tivesse que sacudi-los.

—Não me importa que vozes resmunguem em sua cabeça, Jared Johnson. Talvez seja um idiota arrogante, mas é o irmão de Caleb. Não há nada neste mundo que possa te fazer trai-lo, assim para de me olhar como se fosse algum tipo de ameaça.

Agarrou a cadeira e a arrastou para frente. Ficou presa em uma tábua do chão, deslizando-se de seu agarre. Antes que pudesse arrastá-la de novo, moveu-se. Um olhar para trás mostrou Jared empurrando-a.

—Soa malditamente segura.

Por uma vez, a arrogância não se entrelaçou em seu tom.

—Estou. —Aceitou sua ajuda com a cadeira, sentando-se com tanta indiferença como pôde mostrar.

—Como?

—É instinto.

Ele piscou. Esse brilho de sentimento que lhe cruzou a expressão podia ter sido alívio. Ela esperava que fosse. O fato de que ele tomasse assento ao outro extremo da mesa não era alentador.

—Não despreze suas intuições. —disse Caleb, aproximando-se detrás dela— São os que me salvaram o traseiro quando estava em forma de lobo.

Derek assobiou.

—Que intuições!

—E lhe dizem que não somos uma ameaça? —perguntou Jace.

Não, diziam que fugisse, mas nenhum dos homens precisava ouvir isso.



—Nenhum de vocês trairia Caleb.

A mão de Caleb baixou sobre o ombro dela e lhe deu um apertão.

—Obrigado.

Pôs os dedos sobre os seus.

—De nada.

A cadeira a sua esquerda roçou o chão quando Caleb a retirou. Sob a mesa, enganchou os dedos ao redor do dedo mindinho do Caleb enquanto os outros irmãos tomavam assento tão longe como puderam. Derek se sentou à direita com os irmãos. Ela duvidava do simbolismo dela e Caleb estando em um lado, quando involuntariamente, ninguém se tinha dado conta, Caleb menos que ninguém. Havia definitivamente um simbolismo “nós contra eles” em vias de desenvolvimento. Completamente inaceitável, na opinião do Allie.

—Isto não pode continuar.

—Com certeza —disse Caleb em um arrastar de palavras tão tranquilo que ela podia tê-lo beijado— Ou superam esta fascinação por minha esposa ou nós partiremos, mas isto tem que acabar.

Outra vez com a coisa de “esposa”.

—Ainda não sou sua esposa.

A cabeça de Slade fez um movimento brusco. Jace sacudiu a cabeça, o onipresente sorriso desapareceu dos cantos de sua larga boca.

—Acredito que isso não é um ponto que queira discutir agora mesmo.

Allie se deslocou na cadeira, a inquietação revooou através dela. Não eram suas olhadas o que a incomodavam, se não uma indefinível e subjacente tensão que percebia. O pelo da sua nuca se arrepiou. A mão de Caleb envolveu as suas. A tensão zumbia nele também, mas mais letal. Mais concentrada. Suspirou.

—Talvez não.

Caleb lhe deu um apertão no joelho. Consolo ou uma ordem de calar?

—Desde quando está acontecendo? —perguntou ele.

—Imagino que começou no segundo dia depois que ela chegou.

Allie fez os cálculos. Elevou o olhar para Caleb, que estava estudando os outros homens da mesa como se nunca os tivesse visto antes.

—Isso seria depois de que nós...

Outro apertão, mais forte desta vez. Ela se calou.

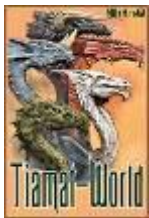
—E foi crescendo sem parar? —perguntou.

Jace passou a mão pelo cabelo.

—Mais ou menos, cada vez que se dava conta que ela necessitava mais sangue, nos dávamos conta do tão atraente que ficava.

—Sexualmente. —Caleb não o expôs como uma pergunta e ninguém a tratou como tal.

O terminante e frio “sem dúvida” de Jared foi mais aterrador do que mil palavras



pudessem ter sido. O pelo da nuca de seu pescoço escoceu. A mão de Caleb voltou para seu joelho, jazendo ali em um convite que ela não duvidou em aceitar. Tomou um tranquilizador fôlego quando seus dedos se fecharam sobre os seus. Algumas coisas, como ser o centro de uma concentração de luxúria, eram mais fáceis de aceitar com um aviso de que ele estava ali se o necessitava.

—Juro, não fiz nada diferente.

Outra dessas frias realidades que a colocavam um arrepio. Desta vez de Slade.

—Sabemos.

—Quão grave é? —Nenhuma das mortais emoções que ela podia sentir retorcendo-se no interior do Caleb tingiu seu tom.

A espiral de profunda dor em suas vísceras a fez ofegar. Fome. Como podia estar faminta tão cedo? Em resposta a sua pergunta, a tensão começou de novo. Junto com a fome chegou algo mais. Uma sensação de formigamento, e logo um estranho som sussurrante tão fraco que nem sequer esteve segura de que fosse real e não um pequeno contratempo de sua imaginação.

Venha.

Ela piscou lentamente, olhando ao redor da mesa. Alguém mais tinha ouvido a ordem? Tinha-a dado? Nada indicava nenhuma das duas. Todos os homens olhavam para Caleb. Ela esperou. O sussurro não se repetiu. A sensação não persistiu. Só a fome permaneceu, forte e crescendo mais forte a cada segundo. A empurrou a um lado quando começou sua reclamação. Agora mesmo não podia tratar com isso. Especialmente sabendo que os outros estavam à corrente da luta que ela pensava fosse privada. Outro olhar ao redor da mesa mostrou que cada homem presente a estava olhando com uma expressão de urgência e determinação.

—Céu santo! Mais me valeria levar um pôster de néon.

—É certo. —Jared ondeou a mão para seus dedos entrelaçados— Ela tira o impulso de ativar a bolsa da comida e nós queremos alimentá-la. Ela tem outras... necessidades, e também queremos as satisfazer.

Outras necessidades. Levantou-se tão rápido que a cadeira se cambaleou e logo se balançou com um estalo continuado estalar. Ele não podia estar falando sobre o que ela pensava que estava falando.

—Necessidades sexuais. —reiterou Caleb, arrastando-a a seu colo.

—Exatamente.

Allie disparou a Slade um olhar furioso.

—Não teria que soar tão excitado por isso. Com um de vocês me basta.

Estava bastante orgulhosa do modo em que manteve a voz firme, porque em realidade, o pensar em cada homem das imediações desejando reclamar sua parte era aterrador. O calor lhe abrasou o rosto ante as imagens que podiam estar cruzando por suas mentes neste mesmo instante. Cortou os pensamentos e apertou os dentes contra o tremendo e totalmente compreensível impulso de fugir. Depois de tudo não estava falando com ratos de biblioteca e



estudiosos. Cada homem que tinha visto durante as últimas três semanas era um anúncio andante de musculosa perfeição carregada de testosterona. O qual tinha sido bastante intimidante quando tinha pensado que a viam como uma parte do mobiliário ou como uma obrigação a suportar. Sabendo que agora a viam como algum tipo de brinquedo sexual a disposição de qualquer um, enviou-lhe calafrios em perseguição da fome que rondava seu ser.

Slade meneou a cabeça e sacudiu um miolo da beira da mesa.

—Excita-me reunir as pistas. Não me excita desejar à mulher de meu irmão.

Acreditou nele. Não podia haver um inferno pior para os irmãos que o impulso de voltar-se em contra do outro. Por sua culpa. Ela não soube que dizer exceto:

—Sinto muito.

Caleb a puxou para trás, contra o sólido músculo de seu abdômen. As mãos cavaram seus ombros, os dedos estendendo-se sobre a clavícula, movendo-se de um lado ao outro com tranquilizadora regularidade.

—Não é sua culpa, Allie.

—Continue me dizendo isso. —Ela contornou um velho entalhe na superfície da mesa de arce. A calidez de seu toque não alcançava o frio e profundo vazio de seu interior. Quem sabia que seu talento para o desastre a seguiria à imortalidade?— Mas cada vez que me viro, provooco um transtorno em sua existência.

—Um pouco de agitação é bom para nós.

Um pouco talvez, mas isto estava arruinando sua vida. Ela elevou o olhar. Os olhares de Derek e Jace estavam cravadas nos dedos de Caleb, em seus rostos plasmado um fogo inquietante. Baixou o olhar. O terceiro botão da blusa estava desabotoado, mostrando o começo do decote. Estendeu a mão para ele, observando seus rostos enquanto o fazia, notando o modo como suas gargantas se moviam enquanto engoliam, observando como a língua de Derek umedecia os lábios e sentia sua luxúria tão claramente como a de Caleb por cima dela, o “filho da puta” do Caleb chiou através do denso silêncio.

Abotoou o botão com dedos trementes, sua mente correndo a cem quilômetros por hora. Isto não era bom. Não podia ser bom. Não podia terminar bem. Se deslizou do agarre de Caleb, conseguindo ficar em pé, sacudindo a cabeça quando quis arrastá-la para ele, incapaz de ignorar mais a ameaça que a rodeava, não desejando nada mais que voltar atrás uma hora no tempo quando tinha a sorte da ignorância.

—Allie.

Ela negou com a cabeça.

—Agora não, Caleb.

—Ninguém vai machucá-la.

—Sei. —Pelo menos a lógica o fazia, mas havia outra parte dela, uma primitivamente feminina, que lhe dizia que escapasse, para esconder-se— Simplesmente preciso de um pouco de privacidade.



O “Para que?” de Jace acabou com um grunhido quando o cotovelo de Derek se conectou com sua caixa torácica. A ínfima violência desgastou sua compostura. Seus sentidos, muito mais agudos do que estavam acostumados a ser, avivaram essa semente de pânico com o crescente aroma de interesse masculino, os batimentos acelerados, o som mais profundo de respirações muito rápidas. Apanhou-os e amplificou, uma advertência anexa a cada fio sensorial. Corre!

Não correu, mas saiu caminhando com passo firme da cozinha. Quando alcançou as escadas, soltou-se, queimando o fio de adrenalina com uma rápida ascensão, obrigando-se a ir mais lento quando alcançou a parte superior, para evitar as tábuas do corredor em frente à porta do primeiro dormitório, tranquilamente avançou para a porta onde estava o quarto dela e de Caleb. Os irmãos Johnson não eram uma ameaça e não ia deixar que sua louca imaginação os convertesse em uma.

* * *

—Não está a salvo conosco, Caleb.

—Assim parece. —Não podia acreditar nisso. O aroma do pânico de Allie persistia na esteira de sua fuga. Acima uma porta se fechou muito lentamente. Como se a pessoa que fechava o estivesse fazendo intencionalmente. Caleb se perguntou quem se supunha que tinha que assimilá-lo, Allie ou ele. Olhou para Slade — O que quero saber é, o que mudou?

—Não sei.

—Não é a resposta que procurava.

Slade deu de ombros.

—É a única que tenho.

—Descobriu algo nessa maldita Internet?

—Mais à frente do fato que há mais mitos em torno dos vampiros que fatos reais? Não.

—Uma busca mais intensiva.

—Fui tão longe como posso sem despertar o interesse de grupos como os D’Nallys.

—Merda.

—Podemos perguntar a esse grupo de loucos do outro lado da montanha.

—Tudo o que fariam seria tentar convertê-la a sua religião. —E ele não necessitava que Allie se envolvesse com esse tipo de realidade alterada desse grupo.

—Caramba! Nem sequer falaram conosco depois que Jared jogou de traseiro a esse muito bonito aspirante quando se aproximou dele para um tempo especial.

—Mesmo assim, têm muito mais contato com outros vampiros.

—Viu-os alguém alguma vez com uma mulher convertida? —perguntou Caleb.

Ele não tinha visto nenhuma e não se surpreendeu quando seus irmãos negaram com a cabeça. Jogou uma olhada a Derek. O were deu de ombros.

—É difícil de dizer com certeza porque são rápidos em correr quando alguém se aproxima,



mas nenhum were por aqui nunca viu um vampiro fêmea. Ou se viram, nunca o mencionaram.

E o teriam mencionado. Disso Caleb estava seguro. Tomou fôlego, examinando Allie. Estava em seu quarto. Desgostosa, faminta e tentando não mostrá-lo.

—Então não têm mais experiência que nós. Sendo esse o caso, não tem sentido em alertá-los da presença de Allie.

Jared assentiu.

—Estou de acordo. Embora sejam mais propensos a cuspir filosofia que balas, não precisamos nos arriscar. Especialmente se seu efeito é o mesmo em todos os varões.

A cadeira de Derek rangeu quando a girou e se sentou escarranchado.

—Há outra possibilidade que pode explicar o que está acontecendo.

—O que?

Colocou os braços no respaldo.

—Quando um emparelhamento na manada perturba... à família, o instinto leva a mãe a separar-se.

—Por quê? —perguntou Jace.

—Uma fêmea fértil é um artigo muito valioso. Que vale a pena roubar.

—Outra vez, por quê? Se pode fazer tantos weres como quer, por que engravidá-la é tão especial?

—Não podemos.

—O que não podemos?

—Fazer tantos weres como queremos. É raro o humano que pode ser convertido, pois a maioria morrem, envenenados pela dentada em vez de convertidos.

—Merda. —Caleb não tinha sabido — Mas alguns podem ser convertidos?

—Sim.

—E acreditar que pensávamos que de tudo o que tínhamos que nos preocupar era com a raiva.

Caleb cortou Jace fulminando-o com o olhar antes de voltar sua atenção a Derek de novo.

—Como sabe se um humano pode ser convertido?

Derek deu de ombros.

—Basicamente, simples instinto.

—Alguém falhou alguma vez? —perguntou Jace.

A torcedura na boca de Derek contou a história.

—Basta que alguém tente converter a um humano hoje em dia para que enfrente a execução.

—O qual não explica por que engravidar a fêmeas leva ao isolamento. —assinalou Slade.

—Os weres se emparelham uma vez na vida e só os casais emparelhados têm a sorte de dar a luz a sua descendência.

—Não entendo.



—Emparelhar-se com uma fêmea fértil significa muita posição e poder. Alguém que quiser esse poder tem que matar ao primeiro macho e a toda sua prole para assegurar a propagação de sua própria estirpe. —explicou Derek, a expressão em seu rosto não refletia exatamente felicidade com os assuntos were.

—Filho da puta!

Caleb jogou uma olhada a seu irmão caçula.

—Jace?

Jace parecia não escutar, sua atenção estava absorta, os lábios apertados em uma linha plana, os olhos redemoinhando com zangadas luzes. Caleb repetiu seu nome:

—Jace? Está bem?

Jace se passou a mão pelo cabelo.

—Estou bem. —girou-se para o Derek— Quanto tempo pode uma mulher permanecer oculta?

—Tanto quanto quiser.

—Inferno!

—Algo que queira compartilhar, Jace? —Maldição, Caleb esperava que Jace não se prendesse com uma mulher were outra vez. Com tudo o que estava acontecendo, não precisavam de uma escalada da guerra.

Jace encontrou o olhar de Caleb sem piscar.

—Não.

Derek jogou uma olhada para Caleb, uma sobrancelha arqueada para cima.

—Pode Allie estar grávida?

A pergunta o golpeou como um murro na barriga, lhe tirando o fôlego em um discordante grunhido. Podia estar grávida? Podiam as vampiras ficar grávidas?

—Não sei.

—Não sabe se estiver grávida ou se pode ficar grávida?

—Nenhuma das duas coisas. —Nem sequer tinha considerado a possibilidade. Girou-se para Slade — Pode um vampiro deixar uma vampira grávida?

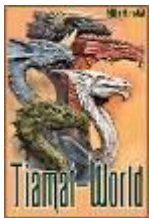
—Como demônios deveria saber? A procriação não foi um assunto que surgisse nunca com antecedência.

—Foi o único que procurou todas as tradições.

—Você sabe o que eu sei. De acordo com as tradições, o qual não é exatamente científico, os vampiros são estéreis.

—Merda! —Caleb passou a mão pelo cabelo, deixando a mão na parte posterior do pescoço, apertando forte enquanto assimilava o que Slade disse. Tinha estado fazendo amor durante séculos sob a hipótese, a hipótese, que não podia deixar uma mulher grávida. Maldita seja a graça! Podia Allie estar grávida?

—Isso explicaria bastante coisas. —disse Jared.



—Se por acaso serve de algo, nunca ouvi que de um emparelhamento vampiro resulte descendência. —brindou Derek.

Caleb passou a mão pelo cabelo de novo, rasgando-se entre um grunhido, frustração, euforia, esperança e pânico tudo combinado em suas vísceras. Talvez não fosse possível para uma vampira ficar grávida, mas tinha tomado Allie como humana, em parte transformada, admitia, mas ainda em parte humana. Talvez o bastante humana para conceber.

—Um bebê vampiro? —Tomou fôlego, lutando para conter a euforia que se disparava. Um menino. Podia ter um menino. Fincou outra vez o chapéu na cabeça, tentando procurar um pouco de calma quando tudo o que queria era gritar de alegria. Maldição, um bebê. Talvez inclusive uma pequena Allie. Não seria fantástico? Não tinha estado ao redor de um bebê desde que Jace nasceu. Eram umas coisinhas diminutas. Delicadas. Indefesas. Seria maior um bebê vampiro? Cresceria mais rápido? Com certeza precisaria de seus pais. Tomou tudo o que tinha manter o tom neutro.

—A que demônios se pareceria?

—A nós.

O rouco, zangado sussurro irrompeu na cozinha. Caleb se girou. Allie permanecia de pé na porta, as plumas inclinando-se em sua cabeça, os dedos agarrando o umbral até que os nódulos ficaram brancos, e toda a dor do mundo brilhando ante ele de seus grandes olhos azuis.

Merda.

Capítulo 13

—Quanto tempo passa aí? —perguntou Caleb.

Allie se separou da parede. As mãos apertadas em punhos na lateral do corpo.

—O suficiente para saber que sob o vampiro, os homens ainda são homens.

Deu um passo para ela.

—Allie meu bem...

—Não.

O gesto da mão se supunha que era uma advertência para que se afastasse, mas se ela pensava que isso era suficiente para que ele se afastasse quando ela estava ferida, ia saber. Mal esteve à distância de tiro, ela o golpeou. Caleb apanhou seu pulso com a mão. Fazê-la girar foi fácil considerando que pôs todo o empenho nesse golpe. Agarrou-lhe a outra mão e cruzou seus braços sobre o torso, puxando-a para ele, fazendo um gesto de dor quando o salto se conectou com sua tíbia.

—Solte-me.

—Não. Está ferida.



—Chamou o nosso bebê de monstro.

Allie bateu no seu rosto com sua cabeça, golpeando-o totalmente no queixo. As estrelas explodiram entre seus olhos.

—Filha da puta!

A suas costas, as cadeiras se arrastaram pelo chão. Slade tentou alcançá-la.

—Allie...

Caleb lhe fez um sinal de que se afastasse, cravando-se ao chão, agarrou Allie. Ela não facilitou, brigando com ele todo o momento, sua dor o golpeava mais forte do que poderia fazer qualquer golpe. Pensava que não queria seu bebê. Escorou as costas contra a parede, girando Allie em seus braços enquanto se sentava, mantendo os braços dela presos ao torso com um braço, com o outro lhe agarrou o queixo, atraindo seu olhar para o dele. Allie gesticulava com a boca.

—Se me cuspir, juro por Deus, Allie Johnson, que a despirei aqui mesmo e surrarei esse exuberante traseiro que tem.

Não cuspiu, mas o motim não abandonou seu rosto.

—Sanders! É Allie Sanders!

—A chame como quiser, isso não troca os fatos.

—Não mais que qualquer passo que faça agora troca o fato de que não quer nosso bebê.

Que não queria o seu bebê? Ele sacudiu a cabeça. Não podia estar mais equivocada.

—Abre essas orelhas e me escute bem. Durante duzentos anos vivi com a certeza que isto era tão bom como podia ser, a um dia seguia outro. Sem crianças, sem esposa e sem esperança. Simplesmente um futuro caminhando lenta e pesadamente como um cavalo dirigindo-se a seguinte parada.

—E?

—E, se você, mulher teimosa, e isto é uma dúvida importante, de algum modo milagrosamente carrega meu filho, então tenho uma razão para seguir. Uma que nunca pensei que teria.

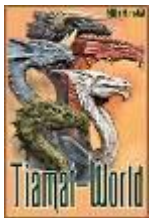
—O que significa?

—Que quero o meu maldito bebê!

—E se parece com um monstro?

Sacana, estava pressionando-o. Inclinou-lhe a cabeça para trás e seu aborrecimento desapareceu como se nunca tivesse existido, porque sob a provocação e a irritação, viu o medo e a ferida que a destroçavam. A mesma esperança e dor que se alojaram nele quando a olhou no rosto e ela desmentiu a permanência de sua relação.

Uma lágrima lhe caiu pela bochecha, os lábios comprimidos, e o queixo levantado como se por pura força de vontade pudesse dissipar esse momento de debilidade. Acariciou-lhe a bochecha com o polegar, apanhando essa lágrima na ponta do dedo, observando-a estender-se quando topou com os sulcos dos rastros. A seguinte carícia espalhou a gota salgada pela pele de



Allie. Outra lágrima se abatia, pronta para cair.

—Quero a criança, Allie. Vermelho, azul ou infestado de verrugas, quero o meu filho. Mais do que nunca poderá compreender.

A dúvida obstinada a sua expressão, mas queria acreditar nele. Ele podia sentir. Fechou a pouca distância que se estendia como um canhão entre eles. A necessidade e o desejo representados a partes iguais em um beijo inicialmente mais de pressão que de paixão.

Allie tinha que acreditar nele. Seus lábios estavam ainda sob os dele, resistindo com passividade à sua demanda. Ao Caleb lhe rasgaram as vísceras. Allie nunca foi passiva. Retirou-se um milímetro, permitindo o espaço justo para que um sopro de ar pudesse circular. Esticou seu agarre, arrastando-a mais ainda em seu abraço, como se eliminando a distância física entre eles pudesse fazer algo com a distância mental que ela tinha estabelecido.

“Pode acreditar em mim, meu bem” estendeu uma ponte sobre o abismo, deixando-se levar pela persistente umidade e emoção, estendendo-se através da boca de Allie, deslizando-se dentro enquanto seus lábios se abriam em um suspiro. Fechou a distância, encaixando os lábios com os dela, beira com beira, canto com canto. Delicadamente. Docemente. Respeitosamente. Porque, por Deus, Allie o merecia. Tentou manter a paixão fora do momento, tentou expressar o que ela significava para ele através do beijo porque sua mente estava fechada a Caleb.

E o deixou, simplesmente recostada contra ele, permitindo-o fazer o que quisesse. Como se não importasse, ele não importasse, e logo, quando o desespero estava em seu apogeu e o vampiro uivava que a obrigasse a aceitá-lo, os lábios se moveram. Primeiro com indecisão, um pouco mais que um suave bater de asas, mas logo se abriram, relaxando-se completamente, convidando-o a entrar.

Ele não vacilou. O impulso de sua língua dentro da escura calidez, reclamando-a como dele, reclamando-o como dela, a puxou mais perto, precisando estar mais perto, querendo arrastá-la tão profundamente dentro dele que nunca fosse capaz de manter-se separada outra vez.

Quando se retirou, estava-o olhando com os lábios machucados e olhos que mostravam a ferida de sua alma. Equilibrou o queixo dela com o indicador, deslizando o polegar na umidade que permanecia na curva inferior, lhe baixando o lábio até que os bordos brancos de seus dentes apareceram. Outra lágrima se abatia, pronta para cair.

—Estas lágrimas são desnecessárias.

Allie elevou a mão até rodear seu pulso. Seu olhar cravado no dele com a mesma incerteza.

—Estou assustada.

Essa suave confissão partiu sua alma. Sua indomável Allie tinha medo.

—Não tem nada a temer.

—Se estiver grávida há muito, muito que me aterroriza.

—Cuidarei de você.

—A menos que tenha uma série de iniciais depois de seu nome que digam O&G, não acredito que seus cuidados me ajudem muito.



Acariciou-lhe com o polegar o bordo do lábio.

—Sou seu marido.

—Amante.

Podia procurar pelo em ovo tanto quanto quisesse, isso não mudava os fatos. Ela era seu futuro e ele era o seu.

—Sou tudo o que tem. Com iniciais ou não.

—Isso não é um consolo.

Ele também sabia.

—Consolo ou não, é o que tem.

Ela entreabriu os olhos. O agarre sobre o pulso permanecia firme, mas algo em seus olhos se suavizou, brindando-o com esperança.

—Não falharei com você, Allie.

—Dá-se conta, é obvio, que não tenho nenhuma razão absolutamente para acreditar, embora você o diga, que sua promessa vai ser suficiente.

—Certo.

Cravou seu olhar no dele, os limites de sua mente se estendiam para lhe envolver. Sentiu a ira de Allie, sua frustração, mas em sua maior parte esperança.

—Então por que demônios vou acreditar em você?

—Porque não minto.

Ela estava negando com a cabeça antes de terminar a frase.

—Isso não é assim.

—Está dizendo que minto?

—Estou dizendo que sua honestidade, ou a falta da mesma, não forma parte da equação.

—Então, por que pensa que acredita em mim?

Nenhum minuto foi nunca tão longo como ao que ela o submeteu enquanto o examinava, os lábios franzidos ao redor de seu dedo com o ritmo de seus pensamentos. Em realidade não podia acreditar nele. A lógica dizia que era o demônio de seu anjo, a maldade de sua bondade, mas sentado ali enquanto passavam os segundos, mais e mais dele desejava sua fé. Sua confiança. Merda, era tão irracional quanto ela.

—Confio em você pela mesma razão pela qual retornei depois que o lobo rasgou sua garganta. —Tocou-lhe a ferida com o dedo, permanente porque ele o desejou assim— Confio em você porque minhas vísceras dizem isso.

Caleb a envolveu em seus braços, arrastando-a a seu abraço, pressionando seu rosto contra o peito, inalando seu aroma, fazendo-o parte dele, a gratidão a quem quer que lhe tenha dado esta mulher emanava dele em uma oração silenciosa de agradecimento.

—Então, Allie Johnson, é uma exímia idiota.



Ela não era idiota. Sua família pensava que estava morta. Seu vampirismo a converteu em algo que não admitia, talvez estivesse grávida, e tudo o que tinha para segurar--se era Caleb, mas não era uma idiota. Era um peixe, temporariamente, fora da água, mas inclusive fracassando por aí como estava, procurando seu lugar, podia ver as vantagens e desvantagens da lógica de Caleb. Sendo o ponto a favor mais importante que era o pai de seu bebê. Não havia nada mais sólido que Caleb. Nem um grupo mais unido que os Johnsons. Não obstante, um bebê ia mudar tudo. Subiria as apostas em qualquer jogo que os vampiros e os weres estivessem jogando. Subiria-as além de um insignificante ir e vir de hostilidades. Allie elevou a cabeça do peito de Caleb, ignorando os olhares dos homens que a rodeavam, e olhou para Caleb.

—Não vai ser suficiente.

—Também tem a minha família.

Ela negou com a cabeça.

—Que acabam de declarar-se como a maior ameaça.

—Isso não é verdade. —disse Jared.

—O que mudou? —perguntou ela.

—A possibilidade de que possa estar grávida.

—De acordo com Derek, isso só piorará as coisas.

—De onde viemos, a família permanece unida.

—Está falando dos dias pré-vampiros.

Jared dobrou as mãos através do peito.

—Vampiro ou não, a família é a família.

E isso aparentemente era tudo o que preocupava aos irmãos Johnson. Ia começar a apreciar sua visão em branco e preto de algumas coisas. Sua tentativa de se liberar do abraço de Caleb não conseguiu nada. Jogou uma olhada deliberada ao braço ao redor de sua cintura.

—Importa-se?

Ele sacudiu a cabeça.

—Sua fome retornou.

Como se não soubesse.

—Por isso desci aqui, para fazê-lo saber.

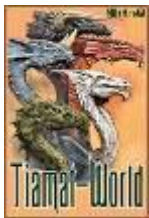
—E em troca acabou escutando o que não devia.

—Eu diria que voltei bem a tempo para ouvir o que necessitava. —Beliscou-lhe o braço, deixando-o saber com os olhos que podia beliscar mais forte se não entrasse em razão—Solte-me.

—Sinto-me um pouco protetor agora mesmo, assim provavelmente quererá me seguir normalmente

—Protetor para este milênio, ou para dezoito décadas atrás?

A mão dele caiu sobre seu estômago, cobrindo a plana superfície. Tão leve como foi seu toque, não diminuiu a profunda emoção detrás disso.



—Definitivamente dezoito décadas.

—Bem, muito bem. —soltou-se de seu abraço. Um beliscão não ia evitar isso. Jogando uma olhada viu que todos os irmãos a olhavam intensamente com o mesmo *protegemos-você-com-nossa-visão*.—Dão-se conta que sou a mesma mulher que desejavam faz quinze minutos, não? Nada mudou.

A única satisfação que obteve foi uma infinitesimal sacudida de seus olhares para o dela. Um reflexo de vergonha pelos sentimentos que não tinham sido capazes de evitar sentir. De todo o mundo exceto Derek. Ainda era arrogante e estava divertido.

—Doçura, se não saber que para os irmãos mudou tudo, então é que não conhece seus homens.

—Não há nada confirmado.

—Algumas vezes possível significa tanto como real.

Outra vez essa sutil tensão se somou aos músculos de Caleb quando perguntou:

—Mas não para você?

Derek deu de ombros.

—Não tenho sua educação. Para mim, sua gravidez só a faz mais atraente.

Caleb a empurrou para um lado. Levantou-se sobre seus pés em um lento e mortal desdobramento de músculos e propósito.

—Esse tipo de franqueza provavelmente conseguirá que o matem.

A sobancelha direita de Derek se elevou.

—Ou esse tipo de franqueza poderia simplesmente me fazer um homem lobo.

Caleb estendeu a mão. Ela tomou. Levantou-a sobre seus pés e a seu lado. Derek seguiu olhando fixamente e a tensão continuou crescendo. Contra ela, Allie sentiu o retumbar que começava no peito de Caleb. Morto. O lobo ia estar morto. As garras de Caleb pressionaram na mão dela. Do outro lado do cômodo, Derek estava sentado observando, não havia a mesma tensão nele, o qual só podia significar uma coisa. Estava provocando Caleb. Para que? Havia tantas substâncias aqui que não entendia, tantas capas nas relações das quais não tinha nem ideia. Não afastou o olhar, manteve os olhos cravados nos de Derek.

—Caleb?

—O que?

—Está ciumento sem razão. Derek nunca trairia a um amigo. Não é desse tipo.

—E como você sabe isso? —Foi Derek quem perguntou, um apenas perceptível movimento em suas pálpebras traiu sua surpresa. Surpresa ante suas ações diretas ou por saber o que estava tramando?

—Da mesma maneira que Caleb o fará uma vez que supere sua primeira resposta emocional. Instinto.

—Pensa que Caleb é emocional? —perguntou Jared, com um tom de diversão em sua voz que ela reconheceu ao ter tido irmãos. Estava perseguindo Caleb. Ela podia pôr ponto final, mas



Caleb merecia a fustigação por um montão de coisas e em parte por ser um sacana.

—Tem tendência a ir por esse caminho.

—E uma merda.

—Acredito que esse grunhido poderia contar como exibição A. —propôs Slade.

—Definitivamente penso igual. —lançou Jace.

—Nunca pensei nisto antes, mas é propenso a gritar.

—Jared, cale-se de uma maldita vez.

Derek chamou a atenção de Allie e lhe brindou um leve assentimento, e logo entendeu.

Não era Caleb a quem estava provando, mas sim a ela.

Sacudiu a cabeça. Outra capa para acrescentar ao crescente montão.

—Estão todos loucos.

Caleb afrouxou o agarre e estendeu a mão para as plumas agitando-se no alto da cabeça.

—Diz a mulher com plumas na cabeça.

Ela se afastou rapidamente um passo, a sensação de incompetência retornou.

—Plumas ou não, precisamos falar.

Ele sorriu, com um sorriso de sigamos-a-normal-mulherzinha. A que lhe colocava os cabelos arrepiados.

—Vai tomar muito tempo para me levar a sério com essas plumas ondeando.

—Oh, não sei —interferiu Slade. — Se parece um pouco à garota do realejo dos velhos tempos.

—Garotas do realejo?

A expressão de Caleb passou da diversão à precaução em uma piscada. Só podia haver uma razão para isso. Allie colocou a mão no quadril e deslizou um pé para frente.

—Você gostava das garotas do realejo, Caleb?

—Se ele gostava delas? Infernos. —Riu Jace— As mantinha entre plumas.

Tomou bastante tempo imaginar isso. Allie simplesmente não podia ver um homem como Caleb tendo que pagar por sexo.

—De verdade?

—Jace está exagerando.

O olhar com que Caleb fulminou Jace dizia o contrário.

Jace simplesmente deu de ombros. O sorriso que puxava seus lábios iluminava sua expressão, oferecendo a ela uma pista de como devia ter sido antes que toda a conversação acontecesse. Audaz, temerário, e passando-lhe bem sobre dois pés.

—Big Red sempre estava verdadeiramente feliz em vê-lo.

—Do modo que eu o recordo. —interrompeu Jared, esmiuçando o canto de um pão-doce— Caleb sempre a pagava para que estivesse fora de seu colo.

—A mulher pesava uns cento e trinta quilogramas.

Allie esquivou a mão de Caleb outra vez. O brilho em seus olhos não era um bom sinal para



o êxito contínuo.

—Você não gosta das mulheres grandes?

—Nem vá por aí. —advertiu Derek.

—Não planejava fazê-lo. —disse Caleb arrastando as palavras. Ela se deslizou passando para a cozinha, decepcionada em segredo quando não se equilibrou para ela, seu coração pulsando como se o tivesse feito.

—Sério, se eu ficar grande como um celeiro, pensa me tirar de seu colo?

—Se ficar, eu estarei ali para apanhá-la.

Ofereceu a Derek um doce sorriso.

—Obrigada. —girou-se para o Caleb — Não me respondeu.

—Certamente porque não é pertinente. —Cruzou os braços sobre o peito, os bíceps avultados pelo movimento— Os vampiros não engordam.

—Sempre está me dizendo o que podem ou não podem fazer os vampiros, uma coisa foi que as vampiras não ficam grávidas. —Ela abriu as mãos amplamente, deu um passo para trás quando ele ficou reto— Mas, aqui estou potencialmente grávida, solteira, não-morta e sem evidentes meios para me sustentar. —Deu de ombros— Imagine.

Umas mãos a apanharam por trás. A risada masculina envolveu seu grito. Chegou a ver o rosto de Jared antes que a passasse a Slade que a passou a Jace quem com um giro a passou para Caleb, que aceitou seu peso com um mero sorriso de superioridade e um leve beijo.

—Tem um montão de sutiã.

Allie relaxou no abraço do Caleb e fulminou com o olhar Jared.

—Isso foi desleal.

—O que Caleb quer, tendo a ver que o consiga.

—Isso não o faz correto.

—Não estou muito preocupado pelo correto.

Ela o recordaria para futuras alusões. Inclinou a cabeça para trás para olhar para Caleb. Ele a estava olhando, sem nem sequer fazer a tentativa de ocultar o sorriso.

—E é muito feio desfrutar-se.

—Lembrarei disso.

Recordaria-o, mas ela não acreditava que pensasse fazer algo a respeito. Como não acreditava que pensasse baixá-la próximo. O qual não era uma boa coisa, assim de perto, não podia evitar a tentação de seu aroma.

Seu estômago se oprimiu e a conhecida dor reatou o lento amassar interno. As orelhas de Allie hiperconcentradas no lento pulsar do coração de Caleb, o som da corrente sanguínea através das válvulas, o contínuo entrar e sair de seu fôlego. O bom humor fugiu com a intrusão da realidade. Ela era um vampiro. Talvez esperando um bebê vampiro, e era totalmente dependente deste homem. E não tinha nem ideia do que isso significava. Necessitava respostas.

—Desça-me.



—O que acontece?

—Acabo de recordar que estou totalmente irritada.

Caleb deslocou o peso, mas não a baixou.

—Não está irritada.

Allie encolheu os ombros, movendo o braço mais abaixo contra o flanco, procurando um lugar para fazer alavanca.

—Isso é discutível.

Ancorou o cotovelo na pélvis de Caleb. Com um empurrão e um giro saiu de seus braços. Infelizmente, sem a graça que teria preferido. Aterrissou em um montão a seus pés.

Como um sozinho, os homens amaldiçoaram, o “filho da puta” de Caleb mais alto que o resto, ou talvez mais audível para seus ouvidos. Deu-se conta na última semana que seus sentidos pareciam estar concentrados nele. Esteve a seu lado em um instante, os dedos pressionando ao longo de seus quadris como se procurasse ossos quebrados.

—Fazer isso foi uma maldita estupidez.

Afastou-lhe as mãos.

—Estou bem. E não é tão estúpido como me sacudir como um saco de grão.

Inclinou-lhe o queixo para cima e a olhou nos olhos.

—A diferença é que eu nunca a deixaria cair.

Não, não o faria. Tocou-lhe o pulso, com o dedo no pulso.

—Sei.

Arrastou a bota pelo chão enquanto trocava de posição.

—Você se machucou em alguma parte?

Não podia afastar o olhar. Havia algo diferente na maneira como a observava.

—Meu orgulho está ressentido.

—Quer que o beije e sare?

—A risco de arruinar minhas possibilidades com você, vou estar de acordo com os Johnsons nisto. —Derek se mantinha afastado dos irmãos. Só um passo mais atrás, mas era um passo importante. Assinalava-o como um intruso— Foi uma tolice.

A fome se retorcia em seu interior, reduzindo sua réplica a um estridente ofego. Desta vez Caleb não se incomodou com uma mão. Agarrou-a pelo antebraço e a levantou. Retorceu o braço para libertar-se logo que se encontrou de pé. O imediato tropeção foi um reverso em seu momento de mulher-capaz, mas se estabilizou ela mesma sem mais necessidade de ajuda. Graças a Deus. Seria uma tola, mas não queria demonstrá-lo além de nenhuma sombra de dúvida com cinco maciços na sala. Estava morta, mas não dessa maneira.

—Temos que parar de brigar entre nós.

Caleb dobrou os braços no amplo peito enquanto a observava como um falcão.

—Não era consciente de que o fazíamos.

Tentou levantar a sobrancelha como ele fazia, mas não funcionou. Pelo arqueamento de



seus lábios, tudo o que tinha conseguido era retorcer a cara em uma divertida caricatura. Era muito. Ondeou a mão, o gesto abrangeu a todos os homens da sala.

—Todos são família, inclusive Derek, e penso que precisamos manter essa postura por cima das estranhas coisas emocionais que estão acontecendo.

Caleb não o aceitou imediatamente. Estava em desacordo com sua declaração ou sua objeção ser guiada pela inclusão de Derek no círculo da família Johnson? Ela colou os braços no peito.

—Tanto se vale com seu código ou não, Caleb, Derek e todos os weres que estão aqui são da família. Você os considera família. Eles os consideram família, assim também pode chamá-los família.

Nenhuma reação ainda.

—Digo-o a sério, Caleb.

Caleb levantou a mão, detendo seu raciocínio.

—Não estou discutindo com você.

—Tampouco está de acordo.

—Certamente porque as objeções de que Derek seja da família não são minhas.

Ao outro lado da sala, uma tábua rangeu, a única indicação que Derek se moveu. Allie não podia acreditar. Mas a resposta estava em seu rosto.

—Você é o único que discorda?

—Nossa amizade com os Johnsons quase pôs a nossa manada ao bordo do ostracismo. Uma lealdade não seria aceita.

—Por quem?

—Pelos outros weres.

—Alterna com outros homens lobos?

—Sim.

—Como em uma hierarquia de homens lobos, uma rede mais à frente do Circle J?

—É obvio.

Um fugaz movimento em sua vista periférica a advertiu.

—Não se atreva a lhe dizer que se cale, Caleb.

Deu-lhe um soco nas nádegas. Os dedos ficaram de maneira casual.

—Você está crescendo muito.

—Impossível. Acaba de me dizer que não posso engordar.

Pressionou os dedos.

—Bonito momento escolheu para ser literal.

Mostrou-lhe um sorriso, gostava da maneira como seus olhos sorriram em resposta com essa certa diferença que não podia identificar de tudo.

—Simplesmente tento seguir as regras que dispôs.

A pressão aumentou e ela deu um passo mais perto. Mais perto desse sorriso. Mais perto



desse certo algo fascinante.

—Estou pensando que qualquer sinal de cooperação por sua parte é uma razão para que um homem comece a procurar a emboscada. —Uniu a mão direita com a esquerda.

—Oh, mas por favor. —Allie esfregou o estômago, pressionando os nódulos contra os espasmos — Assim se os homens lobos tiverem uma hierarquia, os vampiros também tem?

O “Não” de Slade foi muito rápido. O modo como um homem se inclinava para ocultar algo seria a resposta. Olhou fixamente para Caleb, esperando. Ele elevou a sobrancelha. Ela pressionou mais forte seu estômago, sufocando a dor com pura força de vontade.

—Em um minuto vou começar a vomitar, e se não me disser o que está acontecendo, vais ser o primeiro em sofrer o pior.

A segunda sobrancelha se uniu à primeira. Cobriu-lhe a mão com a sua.

—Fui vomitado em cima de mim pelo melhor. Para que as ameaças funcionem, vai ter que fazer isso melhor.

Como sempre, sob seu toque, a dor se fez mais manejável.

—É um desafio?

Caleb fez sua mão a um lado, deslizando a sua debaixo. Ela quase gemeu de alívio pelo calor que irradiava para dentro.

—Simplesmente exponho o fato. —Ela apertou os dedos de Caleb, agarrando-os bem enquanto dava rédea solta aos temores que a estavam comendo viva.

Dedos.

—Em realidade não tenho ameaças.

—Então o que tem? —perguntou Slade, com os olhos entrecerrados.

—Um montão de medos e uma necessidade de respostas. Um montão.

—Qual é sua preocupação principal? —perguntou Derek.

—Que se não fizerem as pazes com os D’Nallys, formando fortes alianças com os de seu redor, algo que está ali fora, seja o que for o que controla as vozes que invadem minha mente, vai entrar aqui. Chegará até meu filho. —Ela tomou fôlego— Isso me aterroriza.

Caleb amaldiçoou. Apertou o braço ao redor de Allie. Odiava pôr pressão sobre ele, mas ao mesmo tempo, não podia evitá-lo. Isto não podia continuar.

—Isso aterrorizaria a qualquer um. —esteve de acordo Jared.

Caleb passou a mão pelo cabelo. Sentia-se desprotegida sem ambas as mãos rodeando-a. Maldição, não podia ser boa a maneira que estava chegando a depender dele.

—Não estou seguro que uma aliança com os D’Nallys seja possível.

Derek assentiu.

—Estão irritados.

—Por quê? —perguntou Allie.

Ninguém respondeu. Provavelmente porque ninguém sabia. Ela suspirou.

—Então talvez por onde deveriam começar seria por essa resposta.



Jace se moveu em seu assento.

—Vou tentar falar com eles.

—Pensava que estava mais interessado em irritá-los que em falar com eles. —disse Caleb.

Jace deu de ombros, olhando pela janela como se o que estivesse procurando acabasse de passar pelo vidro.

—Allie tem razão. Se formos começar a ser homens de família, as coisas precisam mudar.

—Nós? —perguntou Caleb arqueando a sobrancelha.

Jace olhou para Allie. Havia uma dor em seus olhos que fazia que ela quisesse alcançá-lo e lhe oferecer consolo.

—Se você encontrou uma companheira, é lógico pensar que há esperança para o resto de nós.

—Esperança. —Derek bateu os dedos na mesa uma vez— Bem-vindo ao mundo dos homens lobos.

—Exceto que somos vampiros —assinalou Slade com essa infalível lógica dele.

—Como disse antes, não é que alguém se desse conta.

Allie esfregou a marca no dedo.

—Exceto as pessoas que mordem.

—Não acredita que um were sabe como marcar sua companheira? —perguntou Derek, a diversão em sua expressão e em sua voz.

Ela girou os olhos.

—Estou segura que conhecem todo tipo de coisas arcaicas e chauvinistas, nenhuma das quais guarda relação com a situação que se está tratando.

—E o que seria pertinente?

As palavras assaltaram sua garganta, entupidas pelo que ficava de seu controle. Controle que tinha sido destruído pelo simples toque dos lábios de Caleb em seu cabelo.

—Diga o que tem que dizer, meu bem.

Queriam ouvi-lo? Olhou ao redor para encontrar com que todos a observavam. Todos queriam ouvi-lo? Bem. Ouviriam-no.

—Muito bem. Que tal com isto? Meu instinto me diz que estou grávida. Tão louco como parece, tão impossível como parece, em realidade penso que estou. Quando me ponho realmente doente, ouço vozes me chamando, me exigindo que vá, e realmente tenho uma forte necessidade de ir, mas meu instinto me diz que há perigo, mas não sei de onde, não sei de quem, e porque todos vocês me mantêm tão malditamente protegida e na escuridão, estou bastante segura que estou a ponto de fazer algo estúpido para descobri-lo, porque simplesmente não posso viver assim, temendo cada sombra porque não sei o que é verdade e que não é.

Logo que ela se envolveu estreitamente em Caleb, ele lhe roçou a cabeça com o queixo, os lábios na orelha.

—Merda.



Cravou-lhe as unhas no braço, abraçando-o por volta dela porque agora que os temores se expressaram com palavras, tinham muito mais força.

—Você tem tudo resumido em uma palavra, mas agora mesmo eu preciso explicações. Fatos. Respostas.

—Conseguir-lhe-emos as respostas. —prometeu Caleb.

—Embora leve tempo. —advertiu Derek.

—Porque têm medo de que alguém esteja vigiando?

—Algo assim.

—É muito fácil nestes dias para as pessoas seguirem a pista das investigações.

—Que pessoas?

—Qualquer pessoa.

Isto estava ficando pior a cada momento.

—Nem sequer têm inimigos específicos?

—A tecnologia permitiu a muita gente explorar suas fascinações.

E os vampiros fascinavam aos humanos.

—Mas quem está falando em minha cabeça?

—Tem que ser o Santuário. —disse Jace, reclinando-se na cadeira.

—O que é o Santuário?

Ninguém respondeu.

—Se for o Santuário, o subestimamos seriamente. —Slade tamborilou os dedos sobre a mesa— Não deveriam ser capazes de fixar-se nela à vontade.

—Merda, não. —Caleb olhou para Derek — Alguma contribuição?

—O Santuário é um grupo muito grande de vampiros, mas ninguém nunca os achou perigosos.

—E?

—E eu que complicações sei. —Derek deu de ombros— São um grupo estranho. Passam muito tempo adiando e estudando. Eles os deixaram em paz porque mais ou menos não são de interesse, ocultos como estão aqui em sua parte do bosque treinando cavalos e agindo como humanos. Mas ao trazer uma mulher, especialmente uma grávida, captariam seu interesse. Fazem ciência do estudo de todo o vampiro.

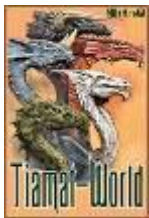
Allie não podia acreditar nele. Havia outros vampiros ali fora o bastante perto para visitá-los. Vampiros que talvez tivessem respostas às perguntas que ela necessitava. Fulminou Caleb com o olhar.

—Esteve me ocultando coisas.

Ele rechaçou a acusação.

—São fanáticos.

Poderiam adorar a cor amarela e não lhe importaria sempre que pudessem verter um pouco de luz em sua situação atual.



—Quer dizer uma turma de fanáticos que fizeram de sua vida eterna a missão de entender seu vampirismo?

—Pelo menos sua versão disso. —respondeu Derek.

—Neste ponto, algo é melhor que nada. E nada é o que vocês têm para me oferecer quando se trata de informação sobre o que está acontecendo com minha conversão.

Derek sacudiu a cabeça e soltou um suspiro cético.

—Como fonte de informação, digo que são discutíveis. Suas crenças são mais que um pouco deturpadas.

—Mas podem ter indícios do que está me acontecendo.

—Ou podem simplesmente decidir que é uma pecadora com necessidade de redenção.

—Vale à pena tentar falar com eles.

O “Não” de Caleb foi categórico. Não lhe importou.

—Preciso de respostas, Caleb. Se uma turma de fanáticos loucos as têm, estou disposta a lhes fazer uma visita.

—Talvez eu seja capaz de verter um pouco de luz sobre sua situação. —interrompeu Slade.

—Tem uma teoria? —perguntou Caleb.

Slade assentiu e se inclinou para diante sobre a mesa, os cotovelos apoiados, juntando os dedos das mãos, a excitação iluminou seus profundos olhos avelã.

—Todos nós mudamos quando nos convertemos. O que fosse que tivéssemos antes melhorou. É lógico pensar que o mesmo teria acontecido com Allie.

Ela soprou a franja da testa, tocando as plumas timidamente. Era embaraçoso.

—Acredito que não obtive nada.

Caleb sacudiu a cabeça e se separou da bancada, levando Allie com ele, colocando-a a seu lado em um suave movimento.

—Está fazendo isso bem, Allie. Simplesmente ainda não temos descoberto seu segredo.

—Não posso me transformar nem na coisa mais simples, nem se quiser posso comer como um vampiro normal. Como pode estar bem?

Desta vez quando Caleb lhe tocou o queixo, ela inclinou a cabeça para cima, apoiando-se no flanco dele. Em realidade precisava escutar algo bom sobre si mesma agora mesmo.

—Meu bem, pode fazer algo melhor.

—E o que é?

A boca de Caleb se suavizou. Cobriu-lhe a curva do ventre. Exatamente sobre os dois quilogramas que ela culpava completamente a seu vício pré-vampírica ao chocolate. A única coisa que evitou que se estremecesse timidamente foi essa expressão nos olhos de Caleb.

—Você pode fazer que os milagres ocorram.



—Sua capacidade para fazer milagres possivelmente seja a razão de seus fracassos em outras coisas —continuou Slade— Por exemplo, não posso acreditar que seja sadio para o bebê que uma mulher grávida se transforme.

—Oh Deus, fiz mal ao bebê?

Slade sacudiu a cabeça.

—Esse é meu ponto. Seu corpo não permite que faça nada que faça mal ao bebê.

Allie esfregou nervosamente as pontas dos dedos sobre o dorso da mão de Caleb.

—Explique-se.

—Tudo a respeito dos vampiros está vinculado ao sangue. O que se pode alimentar-se de ninguém exceto de Caleb porque significa que tem que ser assim?

—Alimentei-me de Jared.

—Só uma vez e possivelmente era muito nova a gravidez para que houvesse problemas.

Jace franziu o cenho.

—Inferno, isso foi só o dia depois de que chegou aqui.

—Exatamente. —Slade se sentou, as sobancelhas levantadas, esperando.

—Como suporia isso uma diferen...? —Jace olhou Caleb, a compreensão substituiu à confusão quando deixou cair o olhar às mãos unidas e logo voltou a subi-la — E eu aqui pensando que convertê-la em vampiro o havia parado.

De um em um os homens a olharam, logo para Caleb e então de volta a ela outra vez. Um rubor que provinha de seu interior esquentou as bochechas de Allie até que se sentiram como se estivessem em chamas.

—O que?

—Allie...

Ignorou a advertência de Caleb. Às vezes uma mulher tinha simplesmente que deixar a um lado a vergonha.

—Vai ficar aí e dizer que não têm vida sexual?

Jace riu.

—Apenas.

Slade pareceu ofendido.

—Não.

Jared foi ao ponto.

—Seguro como a merda que não.

Ele a olhou dos pés à cabeça. A última garra de urso se esmiuçou na mesa ante ele. O canto de sua boca se retorceu.

—Embora não posso dizer que jamais me tenha dado o gosto em meio de uma conversão.

Ela não cedeu terreno e levantou o queixo.



—O que te faz pensar que o fiz?

—Allie?

Girou-se para Caleb.

—Não há maneira de que ele possa saber quando...

—O dom de Jared é a capacidade de ler as mentes.

Bateu no seu braço, a mortificação se elevava com a náusea ante o aviso.

—Não me diga que sabe o que fizemos.

Caleb olhou para Jared, que deu de ombros. Isso não era bom sinal.

—É provável.

Ela cravou as unhas no estômago quando a fome se afundou profundamente, logo se retorceu com exasperação.

—Que parte de “não me diga isso” não entendeu?

—A parte da metade. —Acariciou-lhe a bochecha com o dorso dos dedos com uma carícia suave como uma pluma, detendo-se quando alcançaram o pescoço, esfregando duas vezes antes de investir o curso— Deve se alimentar, Allie.

—Ainda não.

—Agora.

Ela sacudiu a cabeça. As plumas balançaram, lhe fazendo cócegas na pele. Não é de estranhar que ninguém a escutasse. Ainda parecia uma rechaçada do ninho de um cuco.

—Eu gostaria de me desfazer destas plumas primeiro.

Era uma coisa pequena, mas devia controlar algo.

—Pensava que você gostava.

—Não seja um idiota. Sabe malditamente bem que não posso averiguar como me desfazer delas sem me arriscar a outra catástrofe.

Jared sacudiu a cabeça e empurrou a cadeira.

—Você, mulher, é uma ameaça.

—Isso é tão grosseiro.

Caleb a segurou quando a fome a fez dobrar-se. Deslizou a mão sob a dela para lhe massagear os músculos apertados, seu corpo servindo como apoio para o dela. Allie ofegou pela dor, escoiceando quando as plumas lhe cravaram na cabeça ao apertar-se contra ele.

—Como os pássaros levam estas coisas?

O mundo se inclinou e outra dor a apunhalou tão profundamente que Caleb a acomodou em seu colo. Imediatamente, suas mãos estiveram ali, apaziguando e esquentando-a. Cuidando dela. Ele sempre estava cuidando-a e não lhe devolvia nada.

—Allie?

A profunda voz arrastada de Caleb se entrelaçou com sua concentração. A dor retrocedeu, alagando a determinação de Caleb. Não estava feliz com ela neste momento.

—O que?



—Quanto tempo acredita que permitirei que seu sofrimento continue?

—O suficiente para que me desfaça das plumas?

A ponta de uma bota invadiu sua visão. Estava riscada, gasta e era dura. Como seu proprietário.

—Posso ajudá-la com isso. —ofereceu Jared.

Podia se ela estivesse disposta a permiti-lo entrar em sua mente. À luz de tudo o que tinha sido revelado esta tarde, estava um pouco suspicaz por isso. Descansou a bochecha contra o ombro de Caleb e tratou o temor com lógica. Por duro que Jared fosse, não era rival para Caleb. Jared ardia com um bordo inquieto, mas Caleb levava sua força como outros levavam chapéus, com uma confiança tranquila. Sendo esse o caso, ela realmente não tinha que estar nervosa da intenção do Jared. Mas o estava, embora soubesse que Caleb nunca permitiria que ninguém lhe fizesse mal. Ela nunca se acostumaria a ter outra pessoa bisbilhotando por sua mente, mas se queria que as plumas se fossem, teria que permiti-lo.

—Há outra maneira?

A mão de Caleb se deslizou sob seu cabelo para esfregar sutilmente a tensão do pescoço.

—Quer que se vão?

Ela jogou a cabeça para trás. O sorriso que espreitava no olhar de Caleb lhe roubou o afiado de sua réplica.

—Você não?

O sorriso criou umas dobras atraentes nos cantos de seus olhos, acrescentando uma maturidade intrigante à beleza inata de Caleb. Este era um homem que tinha vivido antes e depois de ter sido convertido. Este era um homem que sabia o que queria e não tinha medo de ir atrás disso.

—Absoluto que são bonitas de uma maneira diferente.

Este era o homem que a desejava. Os dedos que lhe acariciavam se abriram e a palma se acomodou atrás do crânio, sem exigir nada, só descansava ali em um convite, deixando que ela a aceitasse ou não. Ela não vacilou. Deixou-lhe que a segurasse, compreendendo que, para ele, a necessidade de fazer isso era muito mais profunda que este momento.

Ele via sua relação como um novo princípio. Para um homem que tinha perdido tudo, reedificar sua vida, e logo perder tudo outra vez, era imenso.

—Já sou bastante diferente, muito obrigada.

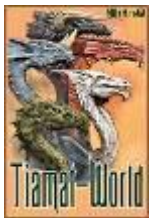
O polegar lhe acariciou a mandíbula, e a sacudida da cabeça anulou a punhalada de humor de Allie.

—Não há nenhuma maldita coisa errada em você.

—Só você diria isso.

O canto da boca do Caleb se levantou. O calor de seu toque se estendeu mais profundamente.

—Só você pensaria isso.



Ela sacudiu a cabeça. Era uma mulher muito normal.

—Isso mesmo.

O outro canto da boca se uniu ao primeiro. Baixou as pálpebras e a atraente sorriso se disparou diretamente a seu centro, adicionando uma pontada de desejo à fome que lhe revolia por dentro. O polegar parou no ponto do pulso justo sob a mandíbula.

—Que tal se permitirmos que Jared se ocupe dessas plumas, e logo a leve escada acima e trabalho em demonstrá-lo?

A sugestão deixou sua boca seca.

—Estou disposto a cumprir minha parte.

Jared se agachou ao lado dela. A mão calosa lhe cavou a bochecha, forte como a de Caleb, mas sem o calor.

—Olhe para mim, Allie.

Ela o fez pela simples razão de que não podia fazer nada mais sob sua compulsão. Nas íris de cor avelã os redemoinhos se juntaram, tomaram forma, destacando umas intrigantes manchas de cor azul e verde. Quanto mais profundo olhasse, mais sabia que deveria compreender o que via.

—Concentre-se.

A ordem formou redemoinhos ao redor dela em um eco oco, puxando sua vontade a todas as direções. Os olhos do Jared estalaram em luzes prateadas, tão diferente dos de Caleb. Estirou-se para cima e agarrou o pulso de Caleb. Não gostava disto.

Caleb segurou sua mão e uniu seus dedos aos seus.

—Confia nele, meu bem.

Era fácil para ele dizê-lo. Ele não era o que estava sentindo como se sua mente estivesse sendo lançada ao oceano negro de um nada.

—Não é um nada, Allie. —As palavras roçaram a superfície de seu consciente.

—Não. —Ela manuseou pelas ondas cegamente, nadando para a voz de Caleb. Não era um nada.

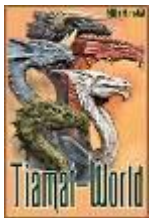
—Encontra o padrão —ordenou Jared, sua voz ressonou como um trovão na cabeça.

O padrão? Supunha-se que havia um padrão nisto? Não via nenhum padrão, só uma escuridão entristecedora e ondas desconexas de energia que a puxavam, empurrando-a para o centro da escuridão que se fechava sobre ela como um torno, atraindo-a. O pânico lhe arranhou a mente. Não queria ir ali.

Respira.

A força de Caleb fluiu pelo caos, uma faixa sólida de energia. Ela se agarrou, aderiu-se ao que não podia ver, negou-se a soltá-lo, procurado esse "algo mais" que esperava mais à frente do olho de sua mente. O estranho puxão golpeou com seu poder, pondo em perigo seu agarre. Lutou contra isso e lutou contra os esforços de Caleb de soltar-se. Não queria estar sozinha nisto.

Tenta-o.



Podia sentir que ele se soltava.

Não!

Era muito tarde. Caleb se soltou e ela não teve escolha. Estava sozinha. O pânico e a resolução guerrearam pela dominação. A resolução ganhou. Podia fazer isto. Faria isto. Empurrou a cortina em sua mente. Ali. Em um canto da escuridão impenetrável, uma mancha de cinza. Mergulhou para ela, concentrou-se, empurrou, lutou, reunindo forças da energia a seu redor. Com uma brutalidade que a deixou ofegando, a escuridão piscou afastando-se. Uma vez mais, estava na cozinha, os dedos envoltos apertadamente ao redor dos de Caleb. As mãos do Jared ainda seguravam seu rosto. Os olhos, entrecerrados e sérios, estudavam-lhe o rosto. Ele separou os lábios e respirou uma palavra.

—Impressionante.

—Muito. —esteve de acordo Caleb.

Slade fez a pergunta que ela queria perguntar.

—O que?

—Rompeu o cabo de Jared. —explicou Caleb.

—Maldição!

A admiração no “Maldição” de Jace e Slade era mais estranha que a verdadeira experiência. Se não tivesse estado apertadamente pressionada contra o peito de Caleb, teria se estirado para ele.

—Alguém havia feito isso alguma vez antes, Jared? —perguntou Caleb.

—Não. —O olhar de Jared procurou o dela com uma avaliação clínica que só acrescentou nervosismo a Allie.

—Foram-se as plumas? —perguntou ela.

Levantou a mão para ver. A mão de Jared a bloqueou, baixando-a a um lado.

—Imagina que se foram, Allie. —dirigiu Caleb.

—Já tentei —suspirou. Jared lhe soltou a mão — Umas centenas de vezes.

—Vamos fazer o cento e um.

—Bem. Mas não suporá nenhuma diferença. —Ela era um fracasso total nisto.

—Me agrade.

Fechando os olhos, fez o que Caleb lhe tinha pedido, sem esperar nada, mas houve um suave formigamento e logo... soube. Manteve os olhos fechados e apertou à mão de Caleb, a excitação crescia.

—Foram-se, verdade?

—Sim.

A alegria explodiu em seu interior. Abriu os olhos. A primeira coisa que viu foi Caleb. Envolveu os braços ao redor de seu pescoço e o beijou com força, passando a língua sobre seus lábios quando ele não os abriu imediatamente, lhe mordiscando o inferior até que se rendeu. Com um gemido, ele tomou o controle, beijando-a profundamente e com calor, compartilhando



sua alegria, devolvendo-lhe junto com paixão e... desespero?

Franzindo o sobrececho, ela retrocedeu. Um olhar ao redor mostrou que nenhum dos homens sorria. Todos pareciam como se as parcas estivessem batendo na porta. De todos, Caleb parecia o mais sério. Seus olhos verdes estavam escuros, as luzes douradas formavam redemoinhos lentamente nas profundidades, contradizendo a gentileza de seu toque e a felicidade do momento.

As pálpebras de Caleb piscaram. A ansiedade reuniu-se no estômago de Allie, esmagando o entusiasmo, unindo-se ao cilindro de dor da fome.

—Por que não parece feliz? Fiz tudo muito bem.

Jared lhe pôs a mão no ombro, como faziam as pessoas quando repartiam más notícias.

—Porque acabamos de averiguar qual é seu dom.

Isto não ia ser bom.

—O que?

Slade entregou as notícias.

—É uma empática.

Caleb o terminou.

—Que drena a energia.

* * *

Ela tinha estado esperando algo com um pouco mais de energia. Um pouco mais interessante. Algo mais sexy.

—Isso? Sou uma empática parasita?

Profunda e baixa e inclusive, muito suave, o tom de voz arrastado de Caleb rodou por ela.

—Sim.

—Bem, inferno. —deixou-se cair contra seu peito.

—Não há nada errado em ser uma empática.

—É brando e...

—Feminino e sexy. —Terminou Caleb por ela.

Ela girou os olhos.

—Esperava algo que se inclinasse mais para a Lara Croft na escala de habilidades.

Jace bufou.

—Não acredito que o coração de Caleb pudesse sobreviver a isso.

Ela fez o melhor que pôde para ignorar a náusea crescente e a agulha de pânico que lhe penetrava no coração.

—Como sentir as emoções de outras pessoas pode ser perigoso? —Soava tão aborrecido como o barro.

—A empatia não é perigosa, mas a capacidade de drenar a energia da pessoa que sente a emoção... —Se o idioma do corpo de Caleb tivesse em consonância com a calma de sua voz



arrastada, ela possivelmente teria podido tranquilizar sua crescente sensação de terror, mas ele a segurava muito apertadamente, seu corpo curvado muito protetoramente ao redor do dela.

—Isso é uma história diferente, não?

—Isso poderia convertê-la em uma arma.

—Dependendo de?

—Dependendo de se houver limites em quanto pode atrair. —respondeu Slade.

—Assim, alguém poderia estar me espreitando porque sou mulher, porque sou fértil ou porque sou uma arma potencial?

—Mais ou menos.

Fulminou Jared.

—Odeio quando diz isso.

—Terei isso em conta.

—Acredita que são os outros vampiros?

—Inferno. —Jared recolheu na mão a pilha de partes que tinham sido uma garra de urso — De maneira nenhuma o presunçoso planejará algo como isto.

—Quem é o presunçoso?

Ele se levantou e os descarregou no balde do lixo.

—A Ordem de Vampiros. Os membros do Santuário. —O modo como disse "Santuário" continha mais desprezo do que ela reservava para as grandes aranhas peludas.

—Faz isso por mim, quem são eles?

—Um montão de vampiros famintos de regras, que têm muito boa opinião de si mesmos, que se juntaram e se puseram ao cargo de decidir que está bem para os vampiros de todas as partes.

—Bem em que sentido?

—Em qualquer sentido que estimem que renda.

Deslizou-se do colo de Caleb, uma energia inquieta e a fome crescente a faziam passear.

—Parecem encantadores.

—Oh, eles são.

—Faz alguns anos, convidaram-nos ao redil. —Informou-lhe Caleb enquanto olhava cada um de seus movimentos, catalogando sem dúvida cada nuance das emoções que ela revelava.

Cruzou os braços sobre o peito.

—Não apreciaram o convite?

Uma breve negativa da cabeça disse tudo.

—Não é um grupo ao que queira prender a minha equipe.

Ela esfregou os braços contra o calafrio que se arrastou sobre sua pele.

—Por que não?

—Muita filosofia e muito pouco sentido.

—Houve também essa briga que Jace teve com o Grande-Chefe a única vez que fomos



chamados. —exclamou Slade secamente.

—Ouça, o tipo agarrou meu charuto.

Ali tinha que haver mais história que isso.

—E?

Slade se recostou em sua cadeira. O chiado de protesto se acrescentou à estranha tensão no quarto.

—Naquele momento, Jace tinha muito carinho a seu charuto.

—E?

—Ofenderam-se.

Isto era como tirar molaes.

—E?

—Houve uma luta.

Ela podia ver isso facilmente. A lembrança fez que Caleb flexionasse os dedos.

—E perderam?

—Precisariam de mais que esses afeminados para chutar os traseiros dos irmãos Johnson.

—replicou Jace.

Ela respirou quando uma cãibra apanhou seu intestino.

—Então ganharam?

—Sim.

A dor lhe crispou a voz.

—E sua recompensa foi?

—Foram realmente suscetíveis sobre se a cara bonita do irmão poderia voltar a ser arrumada depois que batêssemos no Grande-Chefe. —Caleb deu de ombros de uma maneira que disse claramente que a represália do Santuário não importava— Fomos exilados.

A seguinte cãibra a fez dobrar-se.

—Agora por que não me surpreende isso? —ofegou ela.

Ninguém respondeu.

O qual tampouco a surpreendeu. Os irmãos Johnson tinham entrado em guerra com uma sociedade estabelecida e ganhado a batalha, mas tinham perdido a guerra e não o viam como algo negativo. Ou os Johnson eram uns contrários incríveis, ou os membros do Santuário eram muito diferentes para relacionar-se com eles.

Estendeu a mão. A mão de Caleb abrangeu a sua, sempre ali. Caleb lhe envolveu o braço ao redor da cintura, apoiando-a. Os dedos se estiraram para cobrir tanto de seu abdômen como pudesse. A dor a atravessou com força, mais forte do que havia sentido jamais, mais violento. Havia algo a respeito do que deveria questionar, uma diferença que a perturbava. Antes que pudesse concentrar-se na diferença, um raio de agonia golpeou, subindo por sua espinha dorsal, alojando-se no crânio.

—Caleb!



—Aqui mesmo.

Ela se agarrou à mão, afundando as garras. O desespero lhe ordenava segurar-se tão apertadamente como pudesse.

—Preciso de você.

Os joelhos se dobraram. As maldições salpicaram a neblina crescente a seu redor, tão violentas como a presença estranha que se espalhava por seu interior. Malévola, implacável, rondava por atalhos mentais que ela nem sequer sabia que existiam, levando o aríete de dor mais profundamente em sua psique. O aroma do sangue se misturou com o momento.

—Alimente-se, Allie.

Ela sacudiu a cabeça. Não queria alimento. Necessitava...

—Jared?

—O que é?

Tinha que dizer a Jared. Ele era o telepata. Saberia o que fazer. A dor se juntou em um nó na garganta, cortando sua voz.

—Maldição, Allie, alimente-se agora, bate-papo mais tarde. —grunhiu Caleb.

Ela sacudiu a cabeça, a dor se intensificava enquanto lutava em busca de coerência.

—Algo está errado.

As mãos de Caleb se imobilizaram e todos seus músculos se esticaram em preparação mortal.

—O que?

—Está atrás de mim.

Ela teve uma impressão de olhos verdes explodindo com ira mortal, à carícia da mente de Caleb sobre a sua e então um suave imperativo.

—Jared.

—Aqui mesmo.

—Entra.

As mãos duras a tocaram, tão irritantes como calmantes as de Caleb. Estremeceu-se.

—Concentre-se só em mim, meu bem. Tenho você.

—É asqueroso.

A sensação dessa presença era asquerosa e gosmenta, como se uma larva se arrastasse por sua mente. Um raio de dor serpenteou ao redor de suas cordas vocais, as estrangulando até fechá-las, seguiram apertando, lhe tirando o fôlego. Caleb estirou seu pescoço, tentando abrir um atalho para o ar que não chegava.

—Ajude-me. —Tinha conseguido dizer em voz alta?

Um brilho desorientado, como o relâmpago, mas mais longo, maior, disparou-se pela escuridão. Outra presença se uniu ao intruso. Zangada, forte e implacável, rasgou pelas bordas do escuro raio, rompendo seu agarre. Ela tomou um fôlego instável.

Caleb. O sussurro foi mental e físico.



Venha aqui, meu bem.

A calma em meio do caos. “Aqui” era um lugar vazio na profundidade das sombras. Uma baliza diminuta de luz. O mau se reunia ao redor dela, atirando para trás.

Não posso. Não podia deixar atrás o mal que a asfixiava. Nada podia.

Agora.

Ela sacudiu a cabeça. *Mova-se.* A luz se disparou da borda do buraco. A escuridão se retorceu e se retirou, mais longe, fervendo furiosa e juntando-se nas bordas da fronteira novamente estabelecida. A escuridão gosmenta se encrespou em dois braços separados, que ondearam em um grito silencioso. Entre essas duas extensões repugnantes havia um atalho estreito.

Mova-se. O grunhido a golpeou através dos nervos. Saltou. Os braços pareciam preparados para esmagar qualquer coisa que fosse o bastante estúpida para entrar no atalho. Não podia acreditar que ela estivesse sendo essa estúpida. Mas ela era. Porque Caleb havia dito isso. Com uma oração, disparou-se para frente, correndo cegamente pelo atalho, para a salvação que Caleb oferecia. Detrás dela, a escuridão flutuou. Dor, uma dor paralisante, cegadora, e pouco natural cresceu, roubando sua concentração, esgotando-a com um propósito firme. Concentrou-se no buraco. Estava perto. Tão perto. Não podia falhar agora. Sua força vacilou.

Ajude-me.

A calma cobriu o pânico.

Um pouco mais, Allie.

Não tinha nada mais. A escuridão era muito forte. Mais forte do que jamais havia sentido e tão firme. Desejava-a e ia consegui-la. Não havia nada que ninguém pudesse fazer. Lutar só deixava em perigo a todos. Era preferível render-se. Os irmãos não precisavam dela. Estariam melhor sem ela.

Não. Os protestos unidos dos irmãos rugiram em sua cabeça.

A voz de Caleb se elevou mais forte que as de outros. *Maldita seja, Allie, meu bem, se render-se agora vou surrar seu fodido traseiro.*

Ele era tão resmungão. Ela se cravou com mais força. A luz branca cintilou. A escuridão piscou. Ela reuniu sua vontade.

Vamos, Allie. Venha aqui.

Ela foi, dando uma última investida desesperada, já estava a meio caminho antes que a energia a cortasse em seco.

Caleb!

Outra luz brilhante se disparou, envolveu-se ao redor dela e puxou. Por um momento, esteve suspensa entre a luz e a escuridão, presa em um jogo de puxa e relaxa enquanto a agonia a rasgava de dentro a fora. A resolução de Jared golpeava inexoravelmente em sua rendição. A força firme de Caleb lhe dava esperança.

Mas a escuridão a seduzia mais sutilmente. Prometia-lhe alívio da dor. Prometia-lhe paz.



Conhecimento.

Não tem nada a oferecer a você, Allie.

Sim, tinha. A compreensão era óbvia no bordo da agonia. Se só pudesse agarrar-se ao momento, veria o que era. Aprenderia.

Não tinha seu momento. Com uma puxão que ameaçou lhe romper a psique, caiu no buraco que Caleb tinha esculpido. Logo que aterrissou na área segura, três raios de luz se separaram do buraco, golpeando a escuridão com calculada fúria, rompendo-a em fragmentos de um nada. Desapareceu com um grito que reverberou em uma cacofonia de frustração. Os ecos se desvaneceram como o retumbar de uma tormenta, afastando-se a contra gosto na distância, levando a ameaça com eles. Por enquanto.

Ela abriu os olhos, arrastando ar aos pulmões em roucos fôlegos. Realidade, oh Deus, tinha parecido tão real.

Uns braços a rodearam. Ela gritou e se empurrou, em vão. Cortou-lhe com as garras. Umas mãos agarraram as suas, retorceram-nas. Um largo peito amorteceu suas costas em um abraço familiar. A luta a drenou e se estremeceu com um suspiro.

—Caleb...

—Tudo está bem, Allie. Tenho você. Tudo está bem.

Capítulo 15

Não estava bem.

—Encheram-me de babas.

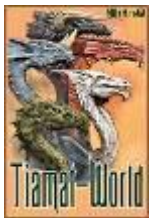
Completa e realmente. No interior, ela ainda podia sentir a presença gordurenta, sinistra e penetrante. Espessa. Allie manteve os olhos fechados enquanto percebia seus arredores. Estava em uma cama. Os lençóis estavam limpos. Sentia-se saciada, ainda sentia que poderia morder, o que significava que se alimentou provavelmente fazia algumas horas. Ao longe, amortecida pelas paredes e portas, podia ouvir as vozes dos homens, murmúrios baixos que subiam e baixavam com uma quietude deliberada. A casa rangia com o vento que sussurrava entre as folhas das árvores. A energia vagava para ela. Intensa. Impaciente e preocupada. Caleb. Reconheceria-o em qualquer parte.

—Tem o nome da entidade que me babou?

—E acha que esse comentário tem sentido?

Ela entreabriu um olho. Caleb estava ao lado da cama, a pele resplandecia de forma estranhamente pálida em sua visão noturna. As linhas ao lado da boca eram sombras mais profundas do mesmo cinza, mais esculpidas do que recordava. Ele parecia cansado.

—Adivinho que não é fã dos Caça Fantasmas.



Acariciou-lhe o cabelo, afastando-o dos olhos. As pontas dos dedos lhe roçaram a pele com um toque insustancial, enquanto a luz da lua entrava pela janela, vagando desde sua bochecha ao ombro, aprofundando o espaço em cima de sua clavícula, parando a meio caminho para baixo.

—Não.

Enquanto que seu tom era normal, os olhos nunca pararam de vagar por sua cara. Procurando. Ela teve medo de perguntar por que.

—Tem alguma de ideia de que são os Caça Fantasmas?

—Adivinho que um filme.

A manta pesava como chumbo, lhe segurando os braços ao peito. Por que estava tão fraca?

—Um filme muito bom. —corrigiu— Um que está cheio de demônios, ruídos e atividade paranormal. —Ela entreabriu outra pálpebra— Em outras palavras, apropriado para você.

—Isso mesmo.

Sua piada nem sequer ganhou uma sacudida dos lábios. Maldição, isto devia ser grave.

—Seria esse um isso mesmo de estou-acompanhando-você-porque-está-as-portas-da-morte ou um isso mesmo de eu não gosto-dos-filmes-modernos?

—O último. Sou mais aficionado à leitura.

Ela fechou os olhos aliviada, logo imediatamente voltou a abri-los, porque a persistente sensação de que algo estava muito mal não se ia. Desde este ângulo, os ombros de Caleb pareciam mais largos que nunca, o suficientemente fortes para dirigir algo. Sorriu quando se deu conta de que ele usava sua camisa favorita. A flanela verde que ressaltava seus olhos quando ela podia ver cores. Deixou cair o olhar mais abaixo. Também usava seu jeans favoritos. Estavam realmente desbotados e gastos, até o ponto de que não só encaixavam em seu corpo, mas também o abraçavam de forma amorosa, revelando cada ondulação de músculo, cada protuberância de carne masculina, em uma apresentação deliciosa. O homem estava realmente abençoado.

—Poderia acender a luz? —Queria ver sua camisa, a cor de seus olhos.

—Por quê?

—Eu não gosto desta visão noturna.

Esticar-se para o abajur foi mais uma impressão de movimento que um movimento em si. O chão não rangeu, o ar não foi perturbado. Ele simplesmente se deslizou a seu destino.

—Tenho que aprender a fazer isso.

—O que?

—Essa coisa de flutuar.

A luz se acendeu. A cor assaltou seus sentidos, o rico marrom dos chãos, o estragado borgonha das paredes, o profundo verde da camisa de Caleb, o verde mais profundo de seus olhos. Tomou um momento para absorver a familiaridade. A total normalidade disso.



—Obrigada.

Em dois passos deslizantes, ele voltou para seu lado. Ajustou as mantas sobre seus ombros, o fantasma de um sorriso em seus lábios enquanto lhe acariciava a bochecha com os nódulos.

—De nada.

—Tem bom aspecto.

E o tinha, apesar dos sinais de fadiga, ele tinha um aspecto muito, muito bom. Sempre o tinha, e vê-lo fazia que as coisas em seu mundo fossem corretas. Caleb levantou a sobrancelha direita. Era um momento benditamente familiar depois da excentricidade de antes, girou a cabeça para lhe beijar o antebraço.

—Jared acaba de me dizer que tenho um aspecto infernal.

Além de uma interrupção no seguinte fôlego, Caleb não se relaxou. Isso só foi suficiente para preocupá-la. Ela soprou.

—O que sabe Jared? Se não estiver vestido de negro, não pode relacionar-se.

—Estou contente de ver que recuperou a insolência.

Tocou a ela arquear as sobrancelhas.

—Tinha-a perdido?

Ele se sentou no lado da cama. O corpo de Allie seguiu a depressão do colchão, rodando até que tropeçou com seu quadril. Caleb apoiou a mão no colchão atrás do ombro esquerdo. A sombra de seu corpo a envolveu em um casulo de íntima escuridão. Sua visão noturna fez efeito. O branco e negro acentuava a severidade de sua estrutura facial, destacava o caráter tão profundamente esculpido dos traços. Recordou a horrível presença, a maneira em que tinha tomado o controle, mas em sua maior parte recordou a maneira como Caleb o tinha perseguido, ardendo de luz e fúria, valente e decidido, sem nenhuma vacilação. Tinha precisado dele e tinha estado lá. Todos eles tinham estado lá.

—Você esteve fora um dia.

Um dia inteiro?

—Bom Deus!

A boca de Caleb se apertou a uma linha fina quando pôs as mãos com cuidado debaixo dos ombros.

—Deus estava muito longe dessa confusão.

—E o que era exatamente essa confusão?

Ele a levantou.

—Alguém, nós acreditamos que era um vampiro, que foi convocado.

—As pessoas do Santuário?

A sacudida da cabeça foi enfática.

—Eles estariam mais dispostos a convertê-la que em atacá-la.

Ela se sentia tão rígida e rangente como uma porta velha quando ele se deslizou detrás dela. Suas articulações protestaram pelo movimento, os ossos chiaram com o esforço. A mão foi



ao estômago.

—Nosso bebê.

Caleb lhe cobriu a mão com a sua enquanto ela se acomodava contra ele.

—Tudo está igual à antes pelo que podemos dizer.

—O que significa isso?

Caleb suspirou. Allie queria saber com segurança se estava grávida, mas ele não tinha uma resposta. Não era como se só tivessem que ir passeando a cidade para comprar um teste de gravidez e certamente não podiam mandar sangue a um laboratório.

Sob a mão, o estômago de Allie revooou com as opostas emoções que ricocheteavam dentro dela. Desejava poder lhe dizer se estava grávida ou não, mas não sabia. Filho da puta, não sabiam nada do que precisavam saber no que se referia a ela.

—Se levava um bebê, ainda o leva e se não, ainda não.

A palma de Allie cobriu a sua. Suave, quente, apertou a mão contra ela. No lugar onde possivelmente seu filho descansava. O milagre dessa possibilidade o derrubava. Caleb freou sua respiração, olhando fixamente às sombras, aos velhos sonhos que retornavam. Sonhos que tinha construído para seus irmãos também. Sonhos que tinham guardado como inúteis quando se converteram em vampiros. Sonhos que envolviam família e crianças e em criar um lugar para eles que fosse melhor que o que eles tinham perdido. E agora, depois de todos esses anos, balançavam-se diante dele justo fora de seu alcance.

Como demônios se supunha que um homem se resignava a isto? Como demônios se supunha que tinha que tratar com a confusão de emoções que vinham com a ressurreição? Raiva sobre qualquer um que ameaçasse Allie. Alegria pelo presente que ela trazia. Medo de que a arrebatassem. De qualquer maneira, Allie o fazia vulnerável, e isso ia comportar alguns ajustes.

Ela trocou de postura em seus braços. Ajustando seu agarre para acomodá-la em sua nova posição, ele olhou para baixo. Os olhos de Allie estavam fechados.

—Cansada?

Ela sacudiu a cabeça, o aroma de alecrim do xampu com o que lhe tinha lavado a cabeça tentou seu nariz.

—Só finjo que estamos você e eu aqui, na escuridão. Nenhum tipo mau, nenhuma entidade aterradora de visita, nenhum futuro incerto. Só você e eu e a possibilidade.

Caleb passou o indicador pela ponte do seu nariz, seu próprio milagre pessoal, apoiou os dedos contra a testa, movendo com cuidado a cabeça contra seu ombro.

—Isso eu gostaria.

—A mim, também.

Houve um silêncio como muito de Allie e logo ela respirou. Caleb se preparou. Ela ia dizer que queria partir. Sempre tinha sabido que ela alcançaria um ponto aonde às coisas chegariam a ser muito entristecedoras para ela. Embora se houvesse dito que respeitaria sua decisão se o pedia para partir, não estava seguro de poder deixá-la ir. Não agora. Gostava de acreditar que



poderia, mas aproximadamente noventa por cento dessa ideia era um puro blefe.

Ainda com os olhos fechados e o corpo relaxado contra o seu, ela suspirou.

—Faço muitas piadas, já sabe.

—Sei. —Assim era como ela enfrentava ao pedágio da vida sobre suas emoções e se defendia do modo em que o mundo, às vezes golpeava esse sensível coração.

—Mas posso ser séria.

As bordas de seus cílios brilhavam com a onda de lágrimas. Piscou uma vez, duas vezes. Ele a embalou mais perto, descansando o queixo no cabelo. Na terceira piscada, ela engoliu com dificuldade e encontrou a voz.

—E realmente desejo que haja um bebê.

Uma lágrima lhe desceu pela bochecha, uma baliza de prata. Ele deixou que a umidade se estendesse por seus lábios, uma ponte salgada entre a tristeza e a esperança.

—Eu também.

Ela ficou imóvel, como se tivesse medo de mover-se, como se ao fazê-lo pudesse fazer pedacinhos à possibilidade que desejava tão desesperadamente.

—Eu gostaria de um garotinho com seus olhos.

—Tenho meu coração posto em uma garotinha com seu espírito e seu sorriso.

—Provavelmente só estamos brincando com respeito a que as vampiras podem ficar grávidas.

—Provavelmente.

—Que tipo de pais seríamos nós?

Ele a puxou mais acima contra ele, abrindo a mão e pressionando, desejando.

—Os melhores que aprenderíamos a ser.

—Eu cometeria enganos.

—Então eu ajudaria a consertá-los.

—E quando se irritar?

Caleb levantou a sobrelhaça direita e o sorriso fácil com o que curiosamente reagia desde que o tinha conhecido esticou sua boca.

—Que a faz pensar que me irritaria?

Allie se recostou, permitindo que ele apanhasse seu peso enquanto se deslizava o bastante a um lado para ver seu rosto. A confiança implícita no movimento o tocou.

—É um fato, Johnson. Com você como pai e comigo como mãe, ela tem que ter um lado selvagem. Combina isso com sua inclinação a envolver as pessoas a seu redor em algodão e haverá alguns choques.

—É malditamente certo que ela estaria protegida. Não vou ter a nenhum were nem a nenhum vampiro farejando ao redor de minha menina.

Olhou-o com esses grandes olhos azuis e um sorriso ligeiramente zombador.

—Da maneira que você farejou ao redor das deles?



Caleb sacudiu a cabeça e lhe tocou o canto desse sorriso. Se seu bebê fosse uma garota, bastante seguro que ia ter que trabalhar muito duro para manter os meninos longe. Passou-lhe o dedo pelo maçã do rosto. Tanto espírito intrépido contido dentro de um corpo tão suave. Se sua filha tivesse a metade de seu atrativo ele ia necessitar reforços.

—Exatamente.

—O que significa que terei que pôr defesas a seu redor para que ela tenha uma vida.

—Não acredito.

Ela estreitou os olhos.

—Conta com isso. As garotas têm direito a tanta liberdade como os garotos.

—As meninas são vulneráveis de maneira que os meninos não.

—Então lhe ensinaremos karatê.

—O karatê não lhe dará a força de um homem.

—Eu não precisei de karatê para salvá-lo.

Ele assentiu.

—Bastante certo. Ensiná-la a atirar é definitivamente um plano.

Mas ainda assim não a deixaria sair desprotegida. Jamais.

Allie franziu o cenho, os lábios apertados. Ele não tinha protegido esse último pensamento tão bem como pensava.

—Estamos no século XXI.

Sempre estava atirando isso nele como se o tempo trocasse os instintos básicos dos machos e as fêmeas.

—Notei.

Ela não afastou os olhos dele, olhando-o como um falcão.

—Antes que tenhamos algum filho, deve aceitar isso.

—Que a faz pensar que não o faço?

—Suas opiniões arcaicas sobre os homens e as mulheres.

—O tempo possivelmente muda a maneira em que as pessoas falam com outros, mas não muda os impulsos sob a pele.

Ela deslizou o lábio entre os dentes. Houve uma pausa longa em que ele contou o pulso na garganta. Quando chegou a doze, ela deixou sair o fôlego.

—Somos tão diferentes.

—Não onde conta.

—Onde seria isso?

—No que valorizamos. Lealdade. Honradez. Coragem.

Ela piscou.

—Somos semelhantes nisso, verdade?

Roçou-lhe a testa com os lábios, necessitando o contato. Embora a segurasse em seus braços, tinha a sensação de que ela estava escapulindo.



—Como duas ervilhas em uma vagem.

Ela afundou mais os dentes no lábio. Ele podia sentir a resolução dentro dela, tomando forças em um empurrão constante de energia contra a intimidade que ele construía.

—O que ocorre?

A palma de Allie lhe esfregou o dorso da mão, a que defendia a possibilidade de seu filho.

—Só quero que saiba que se tivesse tido a oportunidade de escolher um pai para meu bebê, teria sido alguém como você.

Filho da puta! Ela ia arraigar-se duramente debaixo dele como dissesse essas coisas. Embalou-lhe a cabeça, com cuidado de não forçar seus músculos, e lhe inclinou o queixo pra cima com o polegar.

—Escolheu-me.

—Não completamente.

—Completamente. —Totalmente, com uma compreensão instintiva em que ela não confiava, mas o tinha escolhido. Caleb não permitiria que esquecesse isso. Levou sua boca a dela. Com cuidado, com muito cuidado, sentindo sua surpresa no fôlego sobre seus lábios, o sussurro de seu nome... Uma inclinação da cabeça e a boca esteve sob a sua, suave e feminina, tão generosa como sua alma, permitindo que ele se atrasasse onde desejava, acariciasse como o necessitava, a animando a encontrar as palavras que não podia expressar.

—Allie...

As mãos dela foram a seu pescoço.

—Sei.

E inclusive sem tocar as mentes, ele soube que ela sabia. Não queria romper o momento, mas havia coisas que ela tinha que saber. Para sua proteção e possivelmente a de seu filho, tinha que adverti-la. Terminou o beijo, preparando-a para a seriedade da conversa com um golpezinho do polegar através da boca.

Ela suspirou e lhe beijou a almofadinha.

—Vai arruinar o momento, verdade?

—Sinto muito.

Levantando-se, ela sacudiu a cabeça.

—Definitivamente, vamos ter que trabalhar em sua faceta de desmancha-prazeres junto com suas tendências chauvinistas.

—Isso. —Ele não permitiu que abandonasse seus braços. O susto que lhe tinha dado era muito recente para que a deixasse ir totalmente.

Quando ela se sentou em uma posição meio vertical, ondeou a mão.

—Solta-o se deve fazê-lo.

Não havia nenhuma outra maneira de dizer isso que de maneira franca.

—Quem quer que veio aqui a deseja.

Ela nem piscou, o qual lhe disse que ela já tinha imaginado.



—Para que?

—Oxalá soubesse.

—Está seguro que não são as pessoas do Santuário?

—Eles nunca mostraram antes nem a inclinação nem o poder. —Mas isso não os tirava do atoleiro.

Ela afastou a franja com um sopro.

—Canalhas.

—Slade trabalha nisso. Derek e sua manada também.

—De verdade?

—Esta última pequena visita nos deu um bom chute no traseiro.

Allie apostava que sim. O Círculo J tinha sido invadido, por um inimigo mental, mas por um inimigo ao fim e ao cabo. Isso teve que agitar a todos. Por sua parte, não podia recordar nada mais lá de uma presença gosmenta que invadia sua alma e ainda se estremeceu. Não tinha tido ilusão de segurança nem controle enquanto Caleb esteve no lado oposto do espectro, sempre assumindo que tudo o que ele viu estivesse sob seu domínio.

—Estou contente de que tudo seja uma mancha para mim.

A mão no estômago se contraiu.

—Não recorda nada?

—Confia em mim, vou fazer quanto puder para erradicar a sensação de uma lembrança.

Caleb a girou em seus braços, cobrindo suas coxas com as suas, levantando sua cabeça para a sua. As débeis luzes douradas formavam redemoinhos detrás de suas pupilas enquanto dizia.

—Temo que não possa deixá-la fazer isso.

Allie suspirou.

—Tinha a sensação de que ia dizer isso.

—Mas não pedirei que se lembre neste momento.

—Isso é um alívio.

Caleb lhe tocou o canto da boca.

—Deve se alimentar.

—Não tenho fome.

—Slade pensa que permitir que a fome se torne muito mal debilita suas proteções mentais e cria uma oportunidade para os intrusos.

—Como?

—É uma empática, Allie. Significa que a menos que o feche, há um atalho aberto para você para todos ao seu redor.

Ela agarrou seus braços com mais força, desejando ter a força para levantar a cabeça.

—Não está me alegrando o dia.

Os lábios lhe despentearam o cabelo.



—Eu não estou dançando exatamente uma giga.

—Alguma oportunidade de que possa trocar este presente?

—Temo que não.

—Primeiro, você é um vampiro. Logo, é um convite andante a uma festa de estranhos.

Juro, Caleb, se não começar a me despertar com melhores notícias, vou chutar seu traseiro.

Ele abriu a camisa e cortou a pele com uma unha. O sangue fluíu, seu aroma no ar, atraindo a paixão ao redor deles em um casulo tão suave como a compreensão em sua voz.

—Trabalharei nisso.

* * *

Aparentemente para Caleb, trabalhar nisso significava manter sua tomada de sangue alta e seu nível de estímulo baixo. Allie caminhou à janela, afastou as cortinas, e olhou ao pátio iluminado pela lua. Os homens se moviam dentro das sombras, fundindo-se em uma antes de mover-se a seguinte. Homens poderosos. Weres chamados para protegê-la. De algo que não reconheciam. Algo que não podiam ver. Algo que atacava mentalmente. Algo que a necessitava.

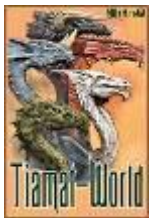
Desejava saber para quê.

Por muito que Allie tentasse recordar essa noite, os detalhes permaneciam enterrados detrás de uma neblina que não podia penetrar. Persistindo em sua mente como um câncer, mortal e invisível, ocultando a identidade do espreitador que a tinha atacado. Mas em algum lugar na escuridão, além da janela, estava à espreita, tornando-se mais forte.

Deixou cair à cortina com exasperação. Possivelmente não soubesse o que era essa coisa, mas sabia malditamente bem que não deviam esperar. Essa coisa, essa ameaça, tinha a vantagem, e se não sabiam o que necessitavam logo estariam todos mortos. Convencer Caleb disso era a parte mais difícil. Ele não tinha tanta fé em seu instinto como ela. Ou possivelmente seria preferível dizer que não lhe importava se o instinto de Allie tinha razão ou não. Sua máxima prioridade era sua segurança imediata e a de seu possível bebê. As prioridades dela eram um pouco a maior escala. Queria uma casa onde trazer para seu bebê quando nascesse.

Enquanto Caleb e os outros sentiam que ela devia permanecer aqui, que estas paredes de algum modo a protegiam, ela sentia que estavam equivocados. Profundamente em seu interior sabia que estavam errados. Esse tanto de conhecimento que tinha conseguido do visitante, era uma torção interessante do aspecto de transmissor/receptor de suas capacidades empáticas. Aparentemente, quando algo a escasseava, ela também podia cabê-lo. Alguma capacidade parecia ser instintiva, mas tinha descoberto que definitivamente melhorava com as sessões de instrução da prática-faz-a-perfeição que Jared e Caleb a faziam passar.

A parte mais dura era não permitir que o que escaneava soubesse que jogava uma olhada furtiva. Não era tão boa nisso. Por isso estava tão emocionada ao ver o convite, escrito exclusivamente para ela que tinha chegado do Santuário fazia dois dias. Falar com membros do



Santuário possivelmente lhe desse a informação essencial que necessitava para poder proteger-se.

Caleb não tinha compartilhado seu entusiasmo. Hipersensível, em alarme vermelho do ataque psicótico, tinha querido queimar o convite imediatamente. Jared tinha querido entrar e limpar o lugar pelo insulto. Em sua opinião, passar por cima da posição de Caleb como seu companheiro era uma ofensa mortal. Slade tinha sido mais cordato. Pensou que primeiro deveriam analisar o convite, averiguar como tinham sabido de Allie e logo arrasar o Santuário pela indecente proposta à mulher de seu irmão.

A sugestão lógica de Allie de aceitar o convite e logo uma igualmente lógica discussão com as pessoas que tinham passado sua vida aprendendo tudo o que podiam sobre o que tinham descoberto sobre o vampirismo nem sequer foram consideradas. Partiu zangada, mas algo a havia feito levar o convite com ela. E algo a manteve voltando para ele uma e outra vez. O instinto lhe dizia que devia aceitar o convite. Necessitava o pedaço perdido do enigma que estava encerrado em sua mente. Se havia uma oportunidade de que os membros do Santuário pudessem lhe proporcionar as habilidades que necessitava para resolver o enigma, devia ir.

Apareceu pela janela outra vez. Ao final, esta noite ia forçar algumas verdades. Agarrou a mochila da cama e abriu a janela. Graças ao óleo que tinha esfregado mais cedo, deslizou-se com suavidade. Entrou o ar frio e junto com ele um calafrio. Puxou o casaco ao redor dela e canalizou mais energia em proteger a mente como Caleb lhe tinha ensinado. Não podia permitir ser detectada. Colocou a mochila no teto e deslizou a perna sobre o batente. Tentando não fazer nenhum ruído, saiu ao telhado. O pé não escorregou e quando pôs seu peso em cima, não atravessou as tabuletas. Até agora tudo bem.

Endireitou-se e estirou as costas, respirando profundamente o ar fresco, o primeiro que tinha tido durante a semana passada. Da última "visita" Caleb lhe tinha atribuído um guarda, e desde que temia a acessibilidade do ar livre, mantinha-a dentro.

Arrastar-se pelo teto não foi tão difícil como tinha temido. Com sorte, evitar os guardas tampouco o seria. Olhou o relógio. Figurava-se que tinha duas horas antes que Caleb voltasse. Uma mulher podia ir bastante longe em duas horas. A suficiente distância para que ele não pudesse forçá-la a voltar antes da alvorada, por medo de que fosse apanhada sob o sol. Bastante distância, para que ele estivesse forçado a cooperar se tinha sorte.

Allie parou no beiral, os dedos na borda da canaleta. Um piso não soava muito alto até que a gente não olhava para baixo dessa altura. Era um longo caminho até o chão, e a luz da lua não fazia nada para suavizar a imagem de seu corpo impactando contra a dura superfície. Possivelmente era tempo de repensar a descida. Em vez de simplesmente saltar e esperar poder flutuar, decidiu fazer um "balanço e deixar cair". Com a mochila sobre o ombro e o metal da canaleta lhe cortando os dedos, fechou os olhos e se imaginou flutuando para baixo. Quando o teve solidamente em sua mente, deixou ir.

Golpeou o chão com tanta força que os ossos se sacudiram. Os dentes rangeram e os



tornozelos estalaram. Agachou-se, esfregando a dor aguda até que chegou a ser manejável, então se inclinou detrás de um arbusto sem folhas enquanto esperava a ver se alguém devia investigar o alvoroço. Ninguém o fez. Oh sim, estava a salvo com estes guardas.

Arrastou-se à esquerda, dirigindo-se ao incômodo bosque com as folhas que sussurravam nas árvores. Para sua imaginação hiperativa, soavam como cochichos riscando seu atalho. Mulher ou vampiro, ainda não gostava da escuridão.

Logo que ela alcançou os arbustos ocultos na beira do bosque, apertou a alça do ombro direito e pegou o ritmo, seguindo a vibração interior que captava do convite, que a atraía com o passar do caminho da lua. Não sabia onde acabava a propriedade dos Johnson, mas assumiu que haveria uma ilusão no caminho, como tinha havido antes. Só esperava que não houvesse outra manada de assassinos weres D’Nally ao lado. As últimas duas semanas lhe tinham proporcionado bastante excitação para toda a vida, muito obrigada. Não necessitava mais.

Com os nervos à flor da pele, examinando constantemente em busca de lobos, duendes ou qualquer outra raridade paranormal, continuou caminhando, agradecida a pelo menos uma coisa, o vampirismo tinha aumentado sua resistência. Uma raposa patinou saindo do cercado à esquerda e ela gritou antes de poder conter-se. Bateu a boca com as mãos, como se assim, de algum modo, pudesse engolir o traidor ruído. Era muito tarde.

—Vai a alguma parte?

Caleb estava a seu lado, sem advertência, sem pressenti-lo. Aí mesmo. Grande, mau e louco. Era bastante para que seu coração revoasse. Coração estúpido. Colocou as mãos nos quadris.

—Como faz isso?

Ele não fingiu entender errado. Levantou uma sobrancelha e cruzou os braços sobre o peito.

—Prática.

Não parecia feliz. Justo ao contrário, mas isso era fanfarronice. Ela tinha posto uma cara triste para tentar fazê-lo entrar em razão. A teima extrema gritava por uma chamada de atenção.

—E para sua informação, dirijo-me ao leste.

—Então se dirige na direção equivocada.

Allie girou os olhos.

—Bom, ao norte.

—Tente outra vez.

Ela assinalou à parte mais profunda do bosque, onde o formigamento lhe dizia que fosse.

—por ali então.

—Oeste.

Segurou a mochila no ombro.

—Oeste. Dirijo-me ao oeste. Mais perguntas?

Ele a agarrou pelo braço antes que ela pudesse dar um passo.



—Sim. Por quê?

—Porque você não tem as respostas que preciso.

—E acredita que algo ali fora sim?

—Não algo... alguém. —Estava segura disso.

—Essa coisa está aí fora.

—Também, aparentemente, um montão de outros vampiros com, otimistamente, muitos mais estudos sobre a síndrome.

—Não há nada que eles possam te dar que eu não.

Oh, isso era uma enorme quantidade de orgulho. Ignorou a mão no braço e cruzou os braços sobre o peito.

—Que tal uma resposta sobre se estiver grávida ou não?

—O tempo dirá isso.

—Também um teste de gravidez, se os corpos dos vampiros funcionam como os humanos.

—Isso não é necessariamente verdade, segundo Slade.

—Isso mesmo. —A mochila lhe cravou no ombro. Moveu-a uma posição mais cômoda— Segundo Slade, muitas coisas são possíveis, mas sem a equipe correta, está bastante cheio com a teoria.

—Trabalho nisso.

—Não tenho tempo de esperar.

A boca de Caleb era uma linha reta que lhe disse que tinha despertado seu lado teimoso.

—Tempo é tudo o que temos.

Ela quis chutá-lo nas canelas por isso. Tinham o potencial para muito. Uma grande relação, um grande futuro. Possivelmente inclusive uma família.

—Sabe, se continuar procurando o negativo, sempre o encontrará.

—Não sou negativo, sou prático.

—Bem, sou aventureira.

—É descuidada.

—Vá se acostumando.

—Não é uma opção. —O puxão no braço pontuou sua convicção— Devemos voltar.

—Não.

Ele trocou o peso aos calcanhares e o agarre no braço se afrouxou, mas apesar de toda sua indiferença, ela não podia sacudir a sensação de que ele só estava esperando para equilibrar-se. Seu próprio grande lobo mau.

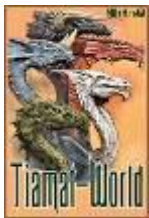
—Poderia jogá-la sobre meu ombro e levá-la de volta.

Ela ignorou a preguiça de sua voz arrastada e olhou para baixo.

—Isso é tão de 1860.

—Mas tão real.

Seu tom a ridicularizou, mas os olhos disseram que ele ia mais à frente do momento,



estava considerando suas opções. Allie ajustou a mochila.

—Dá-se conta, é obvio, que desta vez arrumei isso para que pudesse me encontrar.

A beira da boca do Caleb se curvou em um sorriso.

—Acredita que haverá um tempo quando não puder?

—Acredito que poderia arrumar no futuro para que não pudesse me encontrar a tempo.

Deixou que o conhecimento se filtrasse entre eles. Viu o estalo de ira em seus olhos antes que se desvanecesse detrás de uma parede de coragem.

—A tempo para que?

—Para que seja parte do que seja que planejei.

Capítulo 16

—Se disser “eu te disse”, gritarei.

Caleb se inclinou contra a porta de ferro forjado e cruzou os braços sobre o peito.

—Posso ao menos mencionar que minha decisão de esperar até esta noite antes que esperar a aparecer a altas horas da manhã era um plano muito melhor depois de tudo?

—Não.

Os homens seguros de si mesmo eram tão aborrecidos.

—Sabe como tirar a diversão do dia de um homem.

Quem pensou que ele brincava? Cada três minutos o homem encontrava algo a respeito dela que inspirava uma risada. Se não pensasse que ele precisava rir tanto, ofender-se-ia. Allie apertou o botão de intercomunicador outra vez. Houve um zumbido baixo enquanto a campainha soava dentro da estrutura.

—Está com a filosofia de que dez vezes é um encanto?

—Não. —Começou a bater o botão em um ritmo aterrorizante— Trabalho na teoria de que se você destroçar os nervos de alguém o suficiente, eles finalmente aparecerão, se por nenhuma outra razão pelo menos para te dizer que o deixe.

—E uma vez que os tenha ali?

—Penso mantê-los ali até que entre pela porta.

—Apoiado no fator incômodo?

Cortou-a com um olhar. A diversão nos olhos verdes se deslizou por sua frustração para estirar um sorriso igualmente divertido na boca.

—Pensei que uma vez que os tivesse aqui, iria pelo ângulo da pobre mulherzinha lastimosa.

—Parece bastante patética envolvida nesses dois casacos.

—Caramba, obrigada.



—Não precisa aparar suas plumas —Olhou o topo de sua cabeça— Já é malditamente bonita.

Ela já estava estirando para a cabeça antes de dar-se conta de que não havia forma de que as plumas tivessem retornado. *É obvio*, advertiu Caleb. Ela girou os olhos. Ele riu entre dentes.

Ela golpeou a campainha em um tempo de 15 minutos.

—Espero que quem quer que venha à porta seja tão antiquado como você.

—Por quê?

—Porque não há maneira de que eles possam ignorar a uma vampira em apuros. Todo esse cavalheirismo antigo o forçará a cumprir meus desejos.

Caleb examinou as portas.

—Este seria provavelmente um mau momento para mencionar que o antigo cavalheirismo do que fala continuamente foi mais um mito que um fato.

Ela seguiu seu olhar.

—Um momento muito mau.

O homem que vinha para eles era o paradigma da revelação de uma novela de horror. Estava vestido com uma longa túnica branca que parecia estranha em combinação com suas presas monstruosas e os olhos pequenos e brilhantes.

Um zumbido suave e as portas, a única barreira entre ele e eles, começaram a abrir-se. Caleb se endireitou.

—Coloca-se atrás de mim.

—Simplesmente porque ele pareça...

Ela nunca teve oportunidade de terminar a frase. Caleb a agarrou pelo braço e virtualmente a jogou para trás. Recuperou o equilíbrio quando o homem-besta abriu as portas. Mas bem voou por elas. Direto a Caleb.

—Fique abaixo —disse com brutalidade Caleb.

Acreditava que ela estava tão louca como ele? A mochila com a arma estava ao outro lado do homem-besta. Um olhar ao redor demonstrou um chão imaculado sem rastro de lixo. Por que demônios não havia alguma vez um pau ao redor quando ela necessitava um?

Fechou os olhos quando o homem-besta se chocou com Caleb. Imediatamente os forçou a abrir-se, afastando seu instintivo temor e alcançando sua coragem. Caleb ia precisar da sua ajuda. De maneira nenhuma ele podia ganhar sozinho contra algo tão grande. Tão feio.

O grunhido de resposta de Caleb retumbou quando as sombras dos dois homens se mesclaram, um contraponto mortal, baixo e de algum modo são ao rugido feroz da besta. Ela subiu a um lado, tentando ver o que acontecia. Só necessitava uma oportunidade, uma abertura para ajudar Caleb. Outro ruído surdo e o som de ossos rompendo a fizeram girar o olhar de repente. Os homens saltaram no ar, girando quando se juntavam, caindo quando se davam murros um ao outro. O chão se sacudiu quando se golpearam outra vez. O homem-besta estava em cima. A ira surgiu, enviando dardos formigantes de energia por seus braços e dedos. Se essa



coisa feria o Caleb, ela pessoalmente ia castrá-lo com um alicate enferrujado. Os homens rodaram e se detiveram. Caleb se levantou em cima do monstro, chutou-lhe a virilha e afundou as garras no enorme peito do homem.

—Você escolheu o dia equivocado para chamar o meu lado mau.

Uma declaração tão inócua levava uma intenção muito mais mortal. Pelo modo como os olhos do homem-besta estavam movendo-se, teve a impressão de que estava muito aterrorizado para fazer algum som. Ela não podia culpá-lo. Caleb como um vampiro zangado era aterrador. Algo muito aterrador. Levantou-se detrás de Caleb, tentando não centrar-se na imagem dos nódulos das mãos afundados nas costelas da criatura.

—Juro a Deus que se arrancar seu coração, vomitarei você por toda parte.

Isso seria um grunhido da garganta.

—Disse a você que ficasse atrás.

—Acreditava que possivelmente necessitaria ajuda com este homem-besta daqui.

O olhar que lhe dirigiu foi de desgosto.

—Acreditou errado.

O sangue se reuniu ao redor das pontas dos dedos. Ela afastou rapidamente os olhos. Havia algumas coisas a respeito dos vampiros às que nunca conseguiria acostumar-se.

—Então atire em mim.

—Preferia surrar seu traseiro.

—Tem uma verdadeira fixação com meu traseiro.

Ele nunca afastou os olhos do homem-besta, mas ainda conseguiu pôr um sexy retumbar em sua voz.

—Não posso evitar. É um traseiro malditamente atraente.

Pelo menos um deles pensava isso.

—O que vai fazer com ele?

—Pensava terminar com sua miserável vida.

Isso é o que ela temia.

—Mas já que sabe que isso seria realmente incivilizado de sua parte...

Caleb levantou o torso do homem do chão, mantendo-o no chão com a bota na virilha.

—Minha mulher acredita que não deveria matá-lo.

O homem-besta cuspiu sangue da boca.

—Nunca sairá daqui se o fizer.

Caleb sacudiu a cabeça.

—Penso que foi enviado porque é dispensável, o qual faria que terminar com sua lamentável vida fosse uma opção agradável.

Isso estava tão equivocado.

—Ninguém é dispensável, Caleb.

—Muito mau para este tipo que eu não compartilhe sua filosofia.



Ele soava tão calmo, tão completamente tranquilo com a perspectiva de tomar uma vida, que a fez sentir-se incômoda. E a maneira como os músculos do pulso se sobressaíam como se pensasse fazê-lo em qualquer segundo a preocupava. Ele não podia matar um homem. Vampiro. Ou o que fosse.

—A violência não resolve tudo.

—Funciona para mim.

—A senhora tem razão.

Uma voz muito culta se deslizou através da violência como um bálsamo. Allie se girou para quem tinha falado, dando um passo atrás enquanto o fazia. Bom Deus. Não podia ser. Mas era.

—Vincent?

Não era o Vincent que ela recordava, que usava pólos e jeans e falava de folhas de cálculo até que ela queria cair em coma. Este Vincent era ainda muito bonito à maneira suave e urbana, mas o cabelo loiro que ela recordava era agora tão pálido que quase resplandecia ao mesmo tempo do mesmo branco que sua longa túnica. Também irradiava um aura de poder e controle que ela não recordava, mas ao menos não apresentava uma ameaça. O qual era bom. Já tinha tido sua quota de violência selvagem. Congregou um sorriso diante de seu assombro ante a mudança.

—Olá.

Vincent inclinou a cabeça.

—É bom vê-la outra vez.

—Conhece este ordinário? —grunhiu Caleb.

—Tivemos alguns encontros. —Lá quando sua fracassada fase conservadora sem êxito. Tinha trabalhado como eventual em uma empresa de investimentos. Ele tinha sido um dos meninos prodígios. A relação terminou quando ela tinha começado a tratá-lo como um humano mais que como a um Deus.

Outro grunhido de Caleb, seguido rapidamente por uma ordem.

—Venha aqui, Allie.

Ela ignorou a ordem de Caleb e estendeu a mão a Vincent.

—Não sabia que foi você quem me enviou o convite.

O sorriso de Vincent foi benigno.

—Não estava seguro de como tomaria a revelação de que era vampiro.

—Bem, pelo menos explica por que sempre insistiu em jantares com horário noturno.

—Devolveu-lhe o sorriso, mas havia algo mau com seu olhar. Ou possivelmente era sua energia.

—Este é meu amigo...

O homem-besta golpeou o chão com um ruído surdo. Caleb deu um passo a seu lado e, com uma mão manchada de sangue sobre o ombro, colocou-a não muito brandamente, detrás dele.

—Marido.



Bom Deus, Caleb era quase um cavernícola. Ela jogou uma olhada por cima do ombro. O homem-besta estava deitado de forma pouco natural. Caleb tinha-o matado?

—Caleb Johnson.

—Allie...

O grunhido na voz de Caleb fez que Vincent levantasse as sobrancelhas. O gesto era pelo menos familiar.

—Ouvi sobre os irmãos Johnson. São mas bem uma lenda local.

Não o fez soar como uma coisa boa. Embora ela soubesse quão irritantes podiam ser os irmãos, irritava-a que Vincent se sentisse tão livre de destacar isso com o Caleb ali de pé.

—São um pouco excêntricos, mas você gosta com o tempo.

Caleb os olhou, do que seja que estivesse fazendo com o homem-besta.

—Está me empurrando, Allie.

Ela ignorou sua ordem de ir a seu lado. Não ia sentar-se a seus pés como um filhote. Especialmente diante de um conhecido.

—Isso é só justo. Você está me incomodando.

—Ouvi que não é uma boa ideia —ofereceu Vincent.

Allie deu de ombros.

—Acostumei com sua mordida.

O olhar do Vincent se aguçou.

—Mordeu você?

—Por que parece tão surpreso? É uma coisa de vampiros depois de tudo.

—Certo. E uma a que parece estar se adaptando bem. —A maneira como baixou a cabeça foi uma afetação encantadora que não recordava. Era quase como se ele fosse dois homens. O que tinha na memória e o que estava ante ela. É obvio, o homem que tinha conhecido o ano que viveu na Califórnia possivelmente não tinha sido quem ela pensava que era, o qual resistia a recordar.

—Era vampiro quando o conheci?

—Sim —disse Caleb, indo ao lado dela— É um vampiro muito velho.

Ela levantou o olhar.

—Como sabe?

Caleb lhe agarrou a mão na sua, mantendo-a quieta.

—Pode sentir em sua energia. O qual só suplica a pergunta, por que fareja a seu redor?

—Bem, caramba. Obrigado pelo voto de confiança.

A expressão de Vincent foi ativa em um abrir e fechar de olhos. Isso ela recordava.

—Provavelmente fui atraído a ela pela mesma razão que você. Allie é uma mulher muito atraente.

Para os vampiros pelo menos. Não era um pensamento consolador.

—Obrigada, Vincent.



Caleb bufou. O ignorou. Vincent cabeceou ao homem-besta que gemia no chão.

—Sinto suas boas-vindas. Tivemos algum problema ultimamente, e alguns dos membros se tornaram muito protetores com nossa intimidade.

—O qual explicaria sua política de matar e não perguntar. —arrastou Caleb as palavras.

—Não é nossa política, mas temo que Daniel teve uma experiência má com humanos antes.

Caleb despiu suas presas.

—Eu não sou humano.

—Sou consciente disso e não posso me desculpar o bastante. —Com um elegante gesto da mão indicou o casaco do Allie— Está bem?

—Estou bem, por que pergunta?

—A maioria dos vampiros não sentem frio.

Caleb a colocou a seu lado.

—Minha mulher não é como a maioria. —Havia um mundo de posse na palavra "mulher".

—Estou seguro. —Vincent fez gestos para a porta— Entram?

Allie abraçou o peito com os braços e olhou para Caleb em busca de algum movimento repentino.

—Nós adoráramos.

O homem-besta grunhiu e se sustentou sobre os cotovelos. Caleb levantou o lábio. O homem-besta se deixou cair para trás.

—Comporte-se —sussurrou para ele.

—Faço isso.

—Bem, me faça um favor e trate de não ser tão 1860 uma vez entremos. Precisamos respostas e não as conseguiremos se arrancar os corações de todos com os que nos encontremos.

Ele deu de ombros, os redemoinhos dourados muito predominantes nos olhos.

—É um hábito.

—Oh pelo amor de Deus. —Ele estava decidido a ser difícil.

Vincent deu um passo para a porta.

—Entramos onde possa estar quente enquanto falamos?

Seu instinto se cambaleou entre permanecer fora e entrar. Caleb não foi de ajuda. Só lhe levantou uma sobrancelha. Agora tinha que ir de igualitário?

Estudou a porta e o complexo de mais à frente. Não parecia especialmente impressionante. Apostava que Caleb podia saltar a cerca com ajuda dessa coisa flutuante que fazia, e mais à frente só havia as formas escuras de estruturas de aspecto normal. Não havia nada que causasse o mal-estar que se arrastava sob sua pele. Forçando um sorriso, assentiu em direção a Vincent.

—Absolutamente.

Vincent gesticulou para que se adiantassem, o gesto restabeleceu o sentido de



familiaridade. Ainda estava contente pela proximidade de Caleb. Quando lhe tocava a mão, ele curvava os dedos ao redor dos seus, quentes e fortes. Allie o segurou com força. Havia uma corrente subterrânea no lugar que não se confiava.

A energia de Caleb a acariciou em um definido.

—Você o disse.

—Há alguma razão em particular pela qual decidiu aceitar nosso convite? —perguntou Vincent quando alcançaram a porta.

Pelo menos ela não ia ter que esperar uma abertura para o assunto de que queria começar a falar.

—Sim. Tenho algumas pergunta a respeito da conversão.

Caleb lhe soltou a mão quando ela entrou.

—Para você mesma ou para alguém a quem quer abençoar?

Ela piscou. Para alguém a quem queria abençoar?

—Essa é uma maneira interessante de vê-lo.

—Nós, aqui no Santuário, sentimos que o vampirismo é um estilo de vida mais rico. Um onde os poucos recipientes seletos são elevados a um plano mais alto através de seus dons.

—Ondeou por um passadiço adiante— Nem todos podem ser convertidos, sabe.

—Não, não sabia isso.

—É verdade. Morrem mais dos que sobrevivem.

Quão mesmo com os homens lobo. Ela olhou atrás por cima do ombro. Caleb estava a uns poucos passos atrás, o ouro que se formava redemoinhos nos olhos ainda vívido. O encolhimento dos ombros lhe permitiu saber que isto era novo para ele, também.

—Adivinho que devo me considerar afortunada.

—Oh, muito. Especialmente se foi convertida sem conhecimento prévio.

Ela parou em seco dois passos adiante do passadiço. Por toda parte florescia e luzes estavam reunidas com arcadas de pedra e ângulos para criar um brilhante e, formoso país das maravilhas que maximizava a prata, o cinza e o branco de sua visão noturna. Pela primeira vez desfrutou desse aspecto de seu vampirismo.

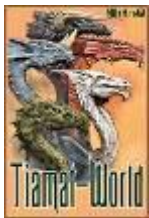
—Isto é impressionante.

—Obrigado. Uma das coisas que encontramos que nossos membros precisavam foi esse sentido de harmonia com a natureza que se perdeu quando perderam a luz do sol. A harmonia com a natureza é uma das bases principais de nossas crenças.

Crenças? Ela olhou a uma samambaia brilhante e quase iridescente. Os cabelos da nuca se arrepiaram. A maioria das pessoas não deixavam cair uma palavra assim na conversação. Não sem razão.

—Posso ver onde a harmonia seria importante.

Vincent a dirigiu pelo atalho da esquerda onde a luz da lua parecia mais branca, amplificada. Tinha que ser um truque. Entortou os olhos à escuridão de mais à frente. Uma mão



Lhe tocou o ombro. Ela saltou e girou a cabeça. Caleb estava justo detrás dela. Geralmente, sentia sua energia antes de vê-lo, assim o que, como tinha se aproximado sigilosamente?

—Assustou-me.

—Sinto muito. —Ele estudava tudo ao redor deles, dando especial atenção ao buraco escuro.

A Allie lhe ocorreu de repente que possivelmente ele tinha estado de acordo em vir por razões que nada tinham a ver com ela. Diminuiu seus passos, permitindo que Vincent se adiantasse e que Caleb a alcançasse. Ele descansou a palma em seu ombro, o polegar em sua nuca. Ela se inclinou contra sua mão e lhe falou mentalmente, defendendo-se como melhor pôde.

Este lugar é estranho.

Você disse que havia umas poucas palhas curtas no fardo.

Realmente, acredito que insististe mais por sua arrogância.

Tem isso, também. Permanece perto.

Tentarei.

Os dedos se apertaram.

Faça isso.

Adiante, Vincent se deteve e se voltou, sorrindo como se desse conta de que não o estava seguindo. Algo piscou em seus olhos quando a viu com Caleb. Algo que o instinto de Allie não gostou, mas então se foi e a deixou perguntando-se se tinha sido só uma ilusão da estranha iluminação...

—Há algum problema?

—Nenhum absolutamente.

Allie sorriu, perguntando-se se tinha visto o que pensava que tinha visto, ou se as suspeitas de Caleb influíam em suas percepções. Ainda não dirigia bastante esta coisa da conexão mental e as emoções de Caleb tendiam a fluir sobre ela.

—Caleb e eu discutíamos sobre a complexidade deste ambiente. —Não era completamente uma mentira— Como consegue uma luz de lua tão brilhante aqui dentro?

Vincent se agachou, a mão muito suave em uma samambaia surpreendentemente bonita. Afastou-o. Detrás, ela pôde ver um espelho.

—Pedimos emprestada um pouco da magia dos antigos egípcios.

Aposto que utiliza fumaça e espelhos em outra parte, também.

O comentário mental de Caleb foi quase indistinguível pelo zumbido de insetos e o roce do ar noturno na bochecha. A fadiga e sua fome crescente deviam estar afetando sua percepção. Ou os protetores que mantinha acima contra Vincent fluíam sobre Caleb. Esfregou a frente. Desejava ser melhor na fala mental.

Vincent se endireitou, o suspiro de sua roupa de seda mais forte que qualquer outro som.

—Não se sente bem?

O suave apertão da mão de Caleb lhe advertiu que calasse.



—Minha mulher tem fome.

Ela se estirou para trás e lhe agarrou o pulso. O plano era que ela se encorajasse se queria continuar e ele a seguiria.

—Estou bem.

—Estou seguro de que podemos te encontrar algo que vá bem a seu gosto.

Essa era uma maneira interessante de expressar as coisas. Possivelmente ele não sabia que ela estava convertida.

—Um, sou uma vampira.

A expressão de Vincent não mudou.

—E uma muito encantadora, também. A quem nós estaríamos mais que felizes de prover.

Chamou uma campainha que estava conectado a uma parede. Imediatamente, um homem vestido com a mesma túnica que Vincent avançou.

—Nossos hóspedes têm fome. Por favor, acerta uma comida para eles.

Não pode querer dizer o que acredito que significa.

O pensamento mental que enviou a Caleb acabou no beco sem saída desse incômodo zumbido que anteriormente tinha pensado que era de insetos. Sacudiu a cabeça. Deu um passo mais perto dele, tomando consolo do toque familiar.

—Isso não será necessário, mas se nos pudesse reservar uns poucos minutos de seu tempo para responder algumas pergunta, seria genial.

Vincent sacudiu a cabeça antes que ela terminasse.

—Não ouviria nada disso. Ninguém deixa o Santuário faminto de qualquer tipo de sustento.

Se ele me trazer sangue em uma taça, vomito.

Outra vez, nenhum sinal de que sua mensagem passasse a Caleb. A vazia sensação de desconexão cresceu. Gesticulou afastando a oferta de Vincent.

—Realmente, estarei bem.

—Não há necessidade do sacrifício. —moveu-se pelo atalho que se separava de que tinham tomado— Nossos fiéis estão mais que dispostos a servir.

Três homens e três mulheres, usando longas túnicas brancas que resplandeciam com a mesma prata que as samambaias, aproximaram-se, as mãos dobradas na frente, as cabeças abaixadas, uns perfeitos suplicantes.

—Isso mesmo.

Ela deu um passo atrás. Não sabia como terminar o pensamento. Caleb não tinha tais problemas.

—Minha mulher se alimenta só de mim.

Por uma vez não o corrigiu, contente de seu apoio. Estudou os humanos. Definitivamente não estavam bem.

—Estão drogados?



Vincent pareceu surpreso.

—Claro que não. —E então, como se o explicasse tudo —São aspirantes.

Ela piscou.

—A que? A prudência?

O sorriso de Vincent chegou a ser ainda mais agradável, mais benévolo. Mais estranho.

—Há muitos humanos que queriam enriquecer suas vidas com a bênção do vampirismo.

Proporcionamos-lhes uma oportunidade para a esperança.

—Assim realmente lhes proporciona um serviço. —E mantinha uma conveniente manada de humanos loucos e preparados.

—Sim.

—Isso é verdadeiramente doce por sua parte, mas não estou tão faminta.

Ela nunca estaria tão faminta. Apertou-se contra Caleb tão forte que sentiu os ossos das costelas, ainda através de ambos os casacos. O que não sentiu foi sua conexão mental. Em seu lugar havia esse leve e incômodo zumbido.

Ouve isso?

Nenhuma resposta. Ela respirou, e então outra e outra vez, estirando-se em busca de paciência e tranquilidade com tudo o que tinha enquanto seu instinto tilintava como um alarme passado de moda. O grande império vampiro parecia ser mais um pequeno culto com todos os acessórios apropriados, inclusive aspirantes com o cérebro morto.

A fome se retorceu com mais força quando um dos homens deu um passo adiante, a cara classicamente bonita, sua aura loucamente pacífica, como se verdadeiramente acreditasse que o servir a si mesmo como peça era o caminho à salvação.

—Ama, seria meu prazer vir por suas necessidades esta noite.

—Não, obrigada.

Outro passo adiante, o arco da sobancelha e o conjunto da boca deixavam claro que estava mais interessado no que vinha depois de alimentar-se que em servir.

—É nosso prazer servi-la de qualquer maneira que você quiser.

Antes que ela pudesse sacudir a cabeça, uma mulher deu um passo adiante, seu longo cabelo loiro flutuava a seu redor como uma nuvem tentadora, cada movimento, cada nuance presa com um convite sedutor.

—Se o mestre estiver de acordo, estaria feliz de me submeter a seus prazeres.

Bom, havia descaramento e havia descaramento que demandava castigo. Allie se agachou sob o braço de Caleb, lhe arrepiou o pelo dos braços com a fúria que a apanhou ante a patente oferta da mulher. Empurrou Caleb a um lado antes que este a detivesse em seco. As presas de Allie ardiavam com a necessidade de rasgar a mulher. Não para alimentar-se, mas sim para matar.

Caleb lhe apertou o braço em advertência. Inclinou a cabeça para a mulher, os olhos lhe resplandeciam sob a borda do chapéu. Com desejo ou suspeita. Ela não podia dizer e isso só conduziu sua fúria ciumenta até mais alto.



—Não esta noite, senhora.

Allie apertou os punhos. Nem nunca.

—Já disse que seria um prazer oferecer meus serviços. —As pestanas muito largas da mulher se levantaram lentamente, sugestivamente.

Genial. Sangue e sexo à ordem. Tudo o que um exigente vampiro podia pedir em um clube, caso quisessem formar parte de um. O qual ela não queria. Mas encontrava desagradável que possivelmente Caleb quisesse. Isso significaria que ele estaria interessado na pequena Barbie que provavelmente investia mais em pestanas artificiais que o que ela gastava em roupa, e tinha esquecido mais sobre como fazer que a cabeça de um homem desse voltas do que ela jamais tinha aprendido.

Caleb trocou o agarre ao braço.

Allie levantou o queixo, enquanto seu espírito se afundava. Ela não tinha reclamação sobre ele. Ele tinha direito a aceitar qualquer convite que desejasse.

—Allie.

Não o olhou. Riria dela. Como se ele pressentisse a emoção que a rasgava, girou-a a ele e lhe apertou a bochecha ao peito. Sob sua orelha estava o batimento constante do coração. Um pouco mais rápido do normal, mas constante, e em combinação com o suave toque dos dedos acima e abaixo pelo lado do braço, consolador.

—Tenho à mulher que desejo, obrigado.

Não cabia dúvida de que falava a sério. Oh Deus, ela ia chorar outra vez. Envolveu os braços ao redor de seu torso e se apertou contra ele, seu alívio muito grande para a situação, mas necessitava a conexão com ele, especialmente à luz da ausência do laço mental de que tinha chegado a depender como parte de seu vínculo. No seguinte toque dos dedos, ele passou do ombro, roçando com o dorso a bochecha, captando o calor e refletindo-o.

Ela o aceitou, permitindo que se afundasse até o fundo de sua alma mais à frente do medo e a insegurança, apreciando o calor, necessitando-o no interior desse formoso lugar que a estremecia. Os dedos se atrasaram, lhe dando mais. Ele baixou a cabeça, a bordo do chapéu lhes proporcionou uma quantidade mínima de intimidade. Os lábios na orelha foram tão leves como seu toque. O nódulo se apertou no canto da boca.

—Quando chegarmos em casa, pode me compensar este momento de dúvida.

O rubor começou nos dedos dos pés e subiu. Também a excitação.

—O que o faz pensar que o desejo? —cochichou.

—O que a faz pensar que não?

Ele a tinha ali.

—Para o bom e o mau, meu bem.

—Dizer isso não o faz real.

Afastou-lhe o cabelo.

—Senti-lo o faz.



—Mas que sentimentos, os seus ou os de seu vampiro?

Ela esperou contendo o fôlego, mas ele não tinha resposta.

—Isso é o que pensava.

Ela retrocedeu, a frustração de Caleb a golpeava tão forte como a sua própria. Ou o homem a desejava com tudo o que tinha ou ela não ia perder tempo.

Os aspirantes se moveram. Ela gesticulou para que se afastassem.

—Não estamos interessados.

—Se não desejar tomar parte neste momento, poderia sugerir que entrássemos onde se está quente e falamos? —perguntou Vincent em seu tom suave e bem modulado.

Allie assentiu.

—Obrigada.

—Se me seguirem? —Vincent se girou.

Como o Mar Vermelho, os aspirantes se separaram, tomando posições a ambos os lados do atalho. Andar entre eles foi uma experiência misteriosa. Ela podia sentir sua fome, não como a sua pelo sustento, mas sim por algo mais profundo. Aceitação.

Ao final do atalho, Caleb a deteve em seco e franziu o cenho ante a porta diante deles. Tentou-o como pôde, mas ela não podia ver nada mau nela além de mais ornamentação que o bom gosto aceitaria. Ele sacudiu a cabeça. Ela se esticou, sentindo que estava lhe falando telepaticamente, mas nada chegou. Por muito que o tentasse duramente, tudo o que tinha era o aborrecido zumbido e outro espasmo de fome. Puxou-lhe a mão, querendo acabar com isto, para que pudessem retornar para casa.

—Vamos.

Ele sacudiu a cabeça.

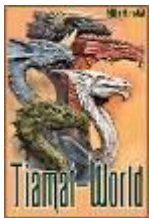
—Espera.

Ela não discutiu, só plantou os pés, confiando em seus instintos por cima dos seus desta vez. Mais à frente do passadiço, Vincent esperava. Nada em seu comportamento indicava impaciência, o qual só a fazia suspeitar ainda mais que Caleb tinha razão.

Algo estava definitivamente mal aqui. Ninguém era tão sereno. Especialmente ao redor dela. Teria permanecido ali para sempre, mas com uma força que a machucou, algo chocou contra suas costelas, fazendo-a abandonar os braços de Caleb e lançando-a ao quarto. Instantaneamente, o passadiço cintilou com luz, logo brilhou e se nublou. Ela correu, golpeando com força. Uma descarga elétrica a atravessou, rasgando suas terminações nervosas. Deixou-se cair pesadamente ao chão como um peixe em terra, com os músculos contraindo-se e estirando-se com as réplicas. Um rugido gaguejou através do grito interno que reverberou por seus sinapses. Tomou uma concentração extraordinária girar a cabeça.

—Caleb!

Queria que fosse um grito. Saiu um cochicho. Ele golpeou a parede carregada antes que ela pudesse adverti-lo. As faíscas voaram no lugar onde ele bateu, arrastando-se detrás dele



enquanto a descarga o golpeava. Voou três metros antes de golpear o chão. Seu corpo grande e poderoso expulsou com estupidez, parando com as costas arqueada sobre a mochila. Diferente dela, ele não se levantou. Vincent a agarrou antes que ela pudesse carregar contra a barreira outra vez.

—Não.

Ela puxou braço, sem afastar os olhos de Caleb.

Mova-se. Oh Deus, mova-se.

—Solte-me.

—O golpe a matará.

A dor lhe disparou pelo braço quando as garras se cravaram nela através do casaco. Um agudo aviso do que ele era. A porta se nublou, obscurecendo a imagem de Caleb uma parte de cada vez.

Podia sentir o olhar de Vincent, uma arrogante extensão de sua vontade. Negou-se a olhá-lo.

Caleb!

Cada partícula de seu ser protestava furiosamente contra a possibilidade de que pudesse estar morto. Não o aceitaria. Um grande safado de duas caras como Vincent não podia eliminar alguém como Caleb. Tentaria-o, mas Caleb era muito teimoso para deixar-se enganar tão convenientemente. Reunindo os pedacinhos dispersados de sua energia, enfocou sua chamada mental em um grito.

—Deve esquecê-lo. —A declaração golpeou sua mente um segundo antes que lhe golpeasse os ouvidos.

Sacudiu a cabeça para esclarecer desorientação.

—Não.

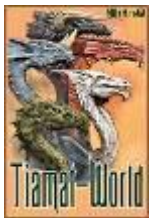
O passadiço se turvou mais. Esforçou-se para ver. Era isso uma sacudida dos dedos de Caleb?

Vincent puxou seu braço, levando-a a força da entrada.

—Ele já não é parte de sua vida.

Ele sempre seria parte dela. As sombras se moveram ao outro lado da entrada, apenas visíveis pelas bordas da bruma que se arrastava para ele. Os pelos do seu braço e da nuca se arrepiaram. Acorda! Caleb tinha que despertar. Girou-se para o Vincent, mordendo e arranhando com a necessidade de chegar a Caleb. Ele derrotou seus esforços com apenas um mínimo esforço. Seu alcance mais largo e a força maior dominaram seu ataque selvagem. Uns dedos suaves a agarraram pelo queixo e a forçaram a girar a cara. As túnicas largas se envolveram ao redor das pernas quando ele deu um passo adiante, apertando seu corpo contra o dela. Paz e alegria fluíram dele em uma onda demente quando se inclinou.

—Pressenti seu potencial no minuto que a conheci. Tem uma energia extraordinária, querida. Feminina, mas cheia de força sem explorar. Acredito que com o tempo e treinamento,



será bastante útil ao Santuário. —Ele sorriu com esse sorriso ímpio e pacífico— Embora derrotasse minhas tentativas iniciais para segurá-la, será serviçal desta vez.

—Que se foda.

Ele fechou os cinco centímetros entre eles e a beijou na bochecha.

—O objetivo, querida, é que você seja fodida.

Capítulo 17

Havia uma razão para que as garotas não beijassem no primeiro encontro e esta era uma. Allie esfregou a bochecha. O beijo de Vincent lhe causou o mesmo asco que uma grande aranha peluda que se arrastasse por sua pele. E como quando uma aranha se arrastava pela pele, por mais que se esfregasse não podia desfazer-se da repugnante sensação.

—Logo verá as coisas da minha maneira. —Vincent não freou seu esfregar e não se zangou, só a olhou com esse olhar desconcertantemente tranquilo. O zumbido na cabeça aumentou.

Vincent deu um passo atrás e relaxou o braço, até que Allie tocou o chão com os pés. Sua voz era mais aterradora pela falta de emoção detrás dela. Um olhar ao passadiço lhe mostrou uma imagem imprecisa de Caleb ainda deitado e ainda rodeado. Isso não era bom.

—Resistindo só fará as coisas mais difíceis para você.

Ela o fulminou com o olhar.

—Divirto-me assim.

—Você gosta da dor? —Ele teria que sorrir ante essa pergunta.

—Não, mas tenho verdadeiros problemas com todo o conceito da cooperação forçada.

Não era como se fosse revelar segredos de estado. Todos aprendiam isso sobre ela mais cedo que tarde.

—Logo se ajustará.

Ela retrocedeu um passo.

—Isso é o que todos sempre me dizem.

—Sou muito bom assegurando a cooperação.

Era uma ameaça.

—Genial.

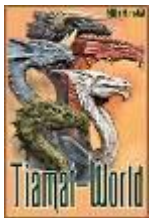
Seguido pela promessa:

—E terei a sua.

Ele apoiou o braço na parede à direita de sua cabeça, bloqueando sua visão da porta. Ela dobrou os joelhos, deslizando-se para baixo.

—Estou seguro de que o tentará.

Os bastardos como ele sempre o faziam. Caleb ainda estava ali. As figuras estavam por



toda parte a seu redor. Ninguém se movia.

Vincent agarrou outra vez seu queixo em seu punho, apertando o bastante forte para trazer ardentes lágrimas enquanto facilmente a forçava a ficar nas pontas dos pés.

—Obterei isso.

A sacudida que deu à cabeça dela fez que seu olhar voasse ao dele. Uns redemoinhos vermelhos se moviam nas profundidades dos olhos cinzas. Uma emoção que ela não queria definir se movia neles.

—Estive esperando você muito tempo. Não falharei.

Agora havia palavras para dar uma pausa à mulher. O homem salivava virtualmente. Sobre ela. O qual não tinha nenhum sentido absolutamente. Ela não era uma mulher que os homens queriam conhecer.

—Alguma oportunidade de que necessite óculos?

Levou-lhe um minuto conectar sua referência, mas logo piscou e sacudiu a cabeça.

—Seu valor não tem nada a ver com sua aparência.

—Como... bajulando.

Pela grossa neblina viu que as figuras convergiam sobre Caleb. O pânico desesperado aumentou. Não podia render-se, não se desabaria. Tinha que permanecer forte. Pensando. Respirou, girando seu foco interno, empurrando esse incômodo zumbido a um lado, canalizando o pânico à energia mental. Tinha que haver uma saída para isto, um ângulo com o que poderia jogar. Tudo o que tinha que fazer era encontrá-lo.

O fez enquanto contava seis figuras misturadas em um montão. Um montão com apêndices que se sacudiam, todos conduzindo a um ponto. Seu vampiro interior gritou ante a atrocidade. Sua alma humana prometeu vingança. Entre a emoção furiosa, o cérebro começou a fazer clique, seus processos de pensamento elevando a subsequente adrenalina, apressando-se para a função mais alta. Tudo o que tinha ouvido de Caleb e os weres fez clique no cérebro, revisando os comentários de Vincent até que uma imagem começou a perfilar-se. Um plano começou a tomar forma.

Levantou o olhar para Vincent. Ele não a olhava. Sua atenção estava na cena mais à frente do passadiço. Pelo sorriso nos lábios, o falecimento de Caleb era obviamente outra coisa que tinha estado esperando muito tempo. O último pedaço do enigma encaixou.

—Não pode deixar que o matem.

Vincent nem sequer olhou em sua direção.

—Ele já não é sua preocupação.

Outro fôlego e ela deu um jeito para ter uma razoável aparência de calma.

—Se precisar de mim viva, precisa dele vivo.

Por favor, o deixe precisar de mim viva.

Os olhos cinzas adotaram uma profunda cor quadro-negro enquanto a olhava. Os redemoinhos vermelhos se multiplicaram até que dominaram as íris.



—Por quê?

—Não posso aceitar sangue de ninguém exceto dele.

—Mente.

O montão de corpos ao outro lado da neblina se movia em sombras irregulares. Ela se encontrou com seu olhar diretamente.

—Não, não minto.

Vincent estreitou as pupilas e logo as expandiu. Ela nem sequer tentou bloquear sua prova. Às vezes era mais fácil deixar que as pessoas averiguassem por seu conta o que era verdade. Quando ele se retirou, ela reforçou sua dedução.

—Sem ele morro.

Ele franziu o cenho. Ela seguiu a direção de seu olhar. O montão se separou em seis sombras.

Alguém jazia quieto no chão.

Vamos, Caleb, mova-se.

Nenhuma resposta de Caleb, mas Vincent sorriu maliciosamente.

—Não pode utilizar sua telepatia aqui.

—Por que não?

—Porque eu não o permitirei.

—E quem é você para me dizer o que posso ou não posso fazer?

—Seu futuro marido, logo o pai de seus filhos.

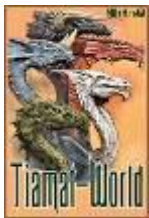
O que era isso de que todos queriam casar-se com ela? Ele olhou fixamente ao passadiço outra vez. Uma sensação de energia mental se estirou dele. As sombras se moveram, recolhendo Caleb. Ele explodiu em ação. Duas das sombras caíram sob seu ataque. Por um segundo breve sua silhueta se destacou contra a neblina, ombros largos, orgulhoso e mortal. Os outros quatro convergiram sobre ele. O grito foi instintivo. Saiu de sua alma.

Luta!

Ele o fez. Com uma fúria e habilidade que atemorizavam, mas não podia ganhar. Não com o número de foram por ele. Tantas sombras que pareciam uma, só o perfil ocasional mostrava que ele estava de pé contra a imensa e monstruosa forma de vida alienígena. A imensa. A ferocidade da vingança do atacante não lhe deu muita esperança. Choramingou quando se afundou outra vez. Pareceu uma eternidade antes que as sombras se separassem.

Estenderam-se em uma linha, algumas formando silhuetas individuais. As que estavam no centro convergiram em uma sombra larga. O centro dessa sombra larga se afundou e logo se endireitou. O centro dessa sombra larga tinha que ser Caleb. Não se movia. Ela mordeu o lábio com a angústia do que isso poderia significar. Como se pressentisse seus pensamentos, a cabeça se levantou. Estava vivo. Mas por quanto tempo? Ela apertou as mãos em punhos, um dedo de cada vez, sem afastar o olhar do passadiço até que Vincent a forçou a isso.

—Esquecerá dele.



—Acredito que não. É meu marido.

—Isso pode ser mudado. —Arrastou-a através do quarto, procedendo como se suas lutas não significassem nada.

—Não segundo Caleb.

—Seu vaqueiro, como possivelmente descobriu, não é exatamente uma autoridade na realidade dos vampiros.

Ela agarrou a viga, plantou os pés e aguentou.

—E de quem é a culpa?

—Dele.

Com um puxão a soltou. Ela gritou em dor quando arranhou com as garras, mas lhe proporcionou certa quantidade de satisfação as ranhuras profundas que deixou na madeira elaboradamente esculpida. Vincent a atirou contra seu peito, jogando uma olhada por cima do ombro ao dano e logo se inclinou para trás.

—Pagará por isso.

—E você também.

—Por quê?

—Por cada marca que seus comparsas colocarem em Caleb.

—O vaqueiro não estará em posição de fazer nada.

A maneira como ele se mofou com a palavra "vaqueiro" a tirou do sério, alimentando a determinação no lugar que tinha pensado reservar para o temor. Utilizou o punho de Vincent no braço como alavanca e lhe empurrou a cara mais perto da sua. Caleb poderia estar em dificuldades e não o conhecia a muito tempo, mas ele era seu maldito vaqueiro e ninguém ameaçava sua vida exceto ela.

—Mas eu sim.

Sua risada zombadora não a surpreendeu nem a ofendeu. As pessoas sempre a subestimavam. Ela estava ali, memorizando sua expressão, sua energia, cada linha da cara. Queria lhe recordar além da habilidade de qualquer um por apagar. Esperou, permitindo que a ira alimentasse sua determinação. Recordava o horror quando Caleb caiu. Imaginava sua dor quando eles o golpeavam sob a ordem deste homem. Oh sim, Vincent pagaria por isso. Por tudo.

O olhou fixamente durante muito tempo depois que sua gargalhada se desvanecesse a nada. As pálpebras de Vincent piscaram. Uma quase imperceptível traição de mal-estar. Era suficiente. Ela se empurrou uma fração mais perto, mantendo sua voz tão estável e tão tranquila como a dele.

—Eu nunca esqueço.

Houve outra vacilação antes que dissesse, com toda a indiferença de antes.

—Correrei o risco.

Ela sorriu, sustentou seu olhar e moveu rapidamente a energia dele com a sua.

—Faça isso.



E quando tivesse sua oportunidade, ela tomaria.

Ele grunhiu e a puxou para frente. O vestíbulo pelo qual a arrastou era comprido e largo. As caras obras de arte forravam cada lado. Infelizmente, manteve-a no centro onde não pôde alcançar nada valioso. Apostava que se rasgava essas telas, seria impactante. Vincent parecia do tipo que punha muita atenção a sua imagem e a todos os acessórios que a apoiavam.

—Qual é exatamente o ponto desta sociedade da qual está tão orgulhoso?

—Bastante simples, alguns de nós com poderes se juntaram para criar um mundo que satisfaça nossas necessidades.

—Está tirando sarro da minha cara? Encontrou um modo de que um montão de idiotas arrogantes coexistam durante toda a eternidade?

—Sempre há descontentes, mas ao final, o forte triunfa.

—E você é?

—Sou o mais forte.

—Em sua opinião.

—Demonstrado pelo tempo, o conflito e o intelecto.

—Sobre quem? —Ele a atirou pela seguinte porta muito rápido para que ela pudesse marcar as Barbies que coleciona como fonte de alimento.

—Sobre todos os vampiros, weres e humanos. E logo, querida, você.

Arrastou-a por uma longa escada em espiral. Ela se agarrou ao corrimão.

—É realmente muito cedo em nossa relação para que esteja obcecado comigo.

Escaneou em busca do Caleb. Não havia sinal de sua energia. Disse seu nome, mentalmente. Ainda nada. O pânico começou a misturar-se com a fome e a ira, revolvendo-se em um nó frustrado. Não se dava bem com a frustração.

Vincent a alcançou e apertou um ponto no pulso. Seus dedos se intumesceram. Com outro desses sorrisos superiores, levantou-lhe a mão livre, prendeu ambos os pulsos em seu punho, e começou a subir a escada. Dois puxões demonstraram que estava presa. Por que os homens vampiros tinham que ser tão fortes?

—Porque fomos feitos para ser superiores.

Ele acreditava honestamente nisso. Estava realmente louco.

—A presunção é uma qualidade tão pouco atraente em um homem.

—É?

Ela observou a distância do pé a seu traseiro enquanto a precedia escada acima. Muito longe.

—Sim.

—Acho isso difícil de acreditar, vendo como seu anterior amante é um dos homens mais irracionalmente arrogantes que jamais tenha nascido.

—Para alguns, possivelmente.

Ele se deteve, o sorriso nos lábios era uma pervertida torção que não pressagiava nada



bom, cresceram-lhe as garras apertando contra a pele em uma promessa de dor.

—Há uma diferença entre confiança e arrogância.

—Correto.

—Algo que penso ensiná-la.

Ele entregou a promessa, estendendo as garras pela carne até o músculo de debaixo, raspando o osso. Não havia maneira de conter o grito. Doía muito para o orgulho. Deixou-se cair, arremetendo com a mente, golpeando uma parede sólida. Oh Deus, estava indefesa. Ele a deixou cair de joelhos, mantendo os pulsos por cima da cabeça, pontuando a lição que ele queria que aprendesse com uma flexão dos nódulos.

—Dependerá de você que caminho seguir, o prazer ou a dor.

Retorceu-lhe o pulso, atraindo-a a posição que desejava, que era ajoelhada a seus pés, levantando o olhar para ele.

Com a mão livre lhe acariciou a bochecha, fazendo a declaração em uma pergunta.

—Qual será, Allie? Prazer ou dor?

Allie arrastou a pele em uma paródia de carícia. Fechou os olhos, recordando o toque de Caleb, quão diferente era. Possivelmente o deixava louco, mas ainda estando muito furioso, ele sempre a tinha respeitado. Vincent não. A verdade saiu de repente junto com sua repulsão.

—Não me agrada.

—Não é seu prazer o que importa.

—Sei.

Diga-me o que deseja, Allie.

Caleb ou Vincent. Prazer ou dor. Céu ou inferno. Não havia comparação.

—Você não é nada para mim; —gritou ela em agonia.

Nunca o viu mover-se, mas de repente estava agachado diante dela, os dedos lhe provocando um machucado doloroso no queixo, a cara a centímetros da dela, os olhos formando redemoinhos com luzes vermelhas.

—Sou Deus para você.

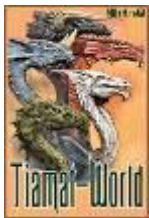
Ela engoliu, a lógica chamava definitivamente a uma retirada, mas tudo nela respondeu a sua agressão.

—Não é nada.

As luzes em seus olhos estalaram em chamas. Ela moveu rapidamente a cabeça a um lado. O sabor metálico do sangue encheu a boca, e o lado direito de seu rosto explodiu em dor. Levou-lhe uns bons quinze segundos reunir suas confusas acuidades e averiguar o que tinha acontecido. Ele a tinha golpeado. O bastardo a tinha golpeado. Através do zumbido no cérebro, ouviu um grito de raiva. Esse rugido se inchou e cresceu, reverberando com ira, tomando forma. Seu nome.

Allie!

Caleb. Ainda estava vivo. Sacudiu a cabeça para clarear o zumbido. Fulminou Vincent com



o olhar. Enxugando o sangue da bochecha com o ombro, sentiu que o casaco impermeável se manchava em lugar de absorver o sangue. Ficou de pé.

—É óbvio, isto foi uma representação de seu intelecto superior.

—Cale-se.

Maldição, precisava calar-se mas não podia. Calar-se significava render-se e ela não ia fazer isso.

—Não é mais que outro ego maníaco tendo um chilique quando o mundo o vê como é.

—Putá.

—Bem! —Arqueou as sobrancelhas em sua melhor imitação do Caleb— Tenho a camiseta para demonstrá-lo.

Ele se inclinou, a cara adotando o estado de metade transformado em vampiro que ela odiava. Os lábios finos, separados. Captou o brilho das presas.

—Acredito que permitirei que seu amante...

—Marido.

Ele continuou, como se ela não o tivesse interrompido.

—Olhe enquanto bebo de você.

Ela se recostou quando esses dentes fecharam a distância entre eles. Girou a cabeça a um lado. O fôlego do Vincent lhe golpeou a bochecha.

—Não vai bem com toda essa coisa de trios.

—Imagino que o odiará.

Cortou a diminuta distância entre eles na metade. Ela se retirou tão rápido como pôde, tudo nela se rebelava ante o pensamento de que qualquer homem exceto Caleb tomasse seu sangue. Mas especialmente este homem. O desespero se aferrou desesperadamente à esperança.

—Acreditava que havia dito que queria que olhasse.

—Olhará.

Mentalmente, queria dizer mentalmente. Significava isso que as barreiras estavam abaixo? Chamou Caleb. Nada.

—Quer falar com ele? —As palavras foram um fôlego fétido contra a pele— Não me importa deixá-lo ouvir seus gritos. —Puxou suas mãos, levantando-a com a pressão da língua. A repulsão a rasgou quando lhe lambeu o canto da boca— Desfruto quando uma mulher grita.

Ela não queria lhe dar seu desejo, mas no minuto que sua boca tocou a dela, um grito escapou de sua alma, um protesto do mais profundo de seus ossos. Uma súplica totalmente injusta. Por Caleb. Para que a ajudasse.

O grunhido de Caleb serpenteou por sua alma, sua ira se misturou com a dela, e na metade, uma piscada estranha de energia, estranho e asqueroso. Vincent. A porta pela qual tudo isto acontecia. Segurou a bÍlis abaixo. Concentrou-se. Precisava concentrar-se. Precisava recordar este atalho. E inferno, precisava proteger-se. Nada do qual era possível enquanto Vincent lhe abria as mandíbulas com um apertão dos dedos e empurrava a língua dentro de sua boca. Não



podia morder, não gritaria, e não podia fazê-lo parar. Só havia uma coisa a fazer.

Vomitou.

* * *

Vincent a lançou longe. Ela girou e caiu, as maldições do Vincent lhe ressoavam nos ouvidos. Deu um tropeção, agarrou-se ao corrimão e continuou vomitando. Pelo canto dos olhos pôde ver Vincent esfregando a boca, tinha um olhar de repulsão total na cara.

Isso o ensinaria a atacar uma mulher com um estômago fraco. Depois da seguinte violenta arcada, sondou em busca de Caleb. Nada. Tudo o que podia sentir era a total vulgaridade de Vincent que ela tinha vomitado em sua boca. Ele estava projetando tão forte que teve arcadas em simpatia.

Projetar.

Uma ideia lhe mordiscou a mente. Pendurou-se sobre a escada, fingindo um nível de náusea que não existia enquanto explorava a energia de Vincent, protegendo-se enquanto o fazia, provando até que encontrou o fio de energia que tinha marcado. Sondou-o. O campo ao redor do fio era forte, mas não sólido. Sabia que Vincent não era fraco, o que significava que não a percebia como uma ameaça. Poderia utilizar isto. Mas não agora. Agora devia tratar com o homem físico que avançava para ela transformado completamente em vampiro, os olhos completamente vermelhos pela raiva, as garras desencapadas. Merda.

—O que? —Ela enxaguou a boca — Você não gostou da maneira como beijo?

O grunhido de Vincent pôs em alerta cada reflexo de *tira seu traseiro daqui*. Saltou sobre o corrimão e golpeou o liso chão de mosaicos. Deu três passos antes que ele estivesse sobre ela, seu peso a lançou para baixo. Levantou os joelhos para proteger o estômago. O peso dele a golpeou como uma tonelada de tijolos, esmagando os joelhos nas suas costelas. Vincent golpeou o chão com a mão ao lado de sua cabeça, lhe provocando um zumbido no ouvido. A outra mão se fechou no cabelo, puxando a cabeça atrás.

—Se me matar, nunca conseguirá o que quer. —ofegou.

—Não tenho que matá-la para fazê-la pagar.

Maldição, desejou que não tivesse pensado nisso.

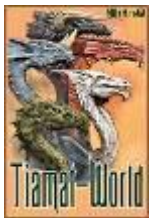
—Dá-se conta, é obvio, que as pessoas realmente não dizem essas coisas fora dos filmes, verdade?

—De verdade? —Seu peso abandonou o corpo de Allie. A dor explodiu por seu crânio quando puxou para cima. Segurou-a acima, os pés mal tocavam o chão. As bochechas se encheram de lágrimas. Guardou sua fanfarronada porque era tudo o que tinha. Vincent mudou seu punho à garganta— Então possivelmente deveria considerar isto seu próprio filme pessoal.

Era difícil respirar, falar com a mão na traqueia.

—Se este for meu espetáculo, quero falar sobre o roteiro.

—Não. —Inclinou a cabeça— Não acredito. —Apertou o punho.



Ela não podia respirar e não podia escapar. Por muito que chutasse e arranhasse, ele aguentou, afogando as palavras. Uns pontos giraram ante seus olhos. A escuridão se arrastou na beira de sua visão. Em sua mente ouviu o rugido do Caleb e a risada de Vincent. Seu mundo se reduziu às vozes em sua cabeça e ao brilho das presas de Vincent.

Os lábios de Vincent se moveram com brilhos desconexos de cor sobre o branco enquanto dizia palavras que ela não podia ouvir. Ele girou e a golpeou contra a parede. A cabeça se chocou contra a placa de gesso. Mais estrelas se uniram às primeiras.

—Poderia muito bem se render. Não pode ganhar.

Contra ele. Isso é o que queria dizer. Allie lhe agarrou o pulso. A carne se fundiu como manteiga sob o restelo de suas garras, mas não sua intenção. Ele não a soltou. O aroma do sangue lhe encheu o nariz. A fome lhe retorceu o intestino. A risada de Vincent encheu o quarto. O zumbido desapareceu.

Dê a ele o que deseja, Allie.

A ordem de Caleb veio alta e clara.

Não!

Nunca lhe daria o que ele desejava.

Sobreviva!

—Sim, Allie, sobreviva. —Vincent ecoou da ordem em uma paródia sedutora. Solto-lhe a garganta. Levantou o pulso. O sangue, espesso e rico, gotejou pela bochecha de Allie, arrastando-se para dentro, para a boca. Ela moveu a cabeça à esquerda de um puxão. Ele a devolveu a seu lugar com um desumano puxão.

—Alimente-se.

Uma gota caiu na sua língua. Então outra. O estômago se revolveu.

Caleb!

Cuspiu, mas não pôde se desfazer do vil sabor. Suas presas se recolheram. Recolheu as pernas. O zumbido havia tornado. Sacudiu a cabeça violentamente de lado a lado. Vincent simplesmente pôs o antebraço através da garganta.

Caleb!

—Ele não pode ouvi-la. —cortou o pulso com a unha do polegar— Agora se alimente.

Ela golpeou com a mente, golpeou essa parede invisível outra vez. Vincent riu. O sangue se verteu em sua boca em uma corrente que não pôde evitar. Era engolir ou sufocar-se. Oh Deus, preferiria sufocar-se, mas o instinto de sobrevivência não estava preparado para render-se. Engoliu. O sangue asqueroso lhe golpeou o estômago. As câibras foram imediatas. Violentas e viciosas.

—Se vomitar sobre mim, deixarei que se afogue em seu próprio vômito.

Falava a sério. Allie sentia a cara fria e úmida. O estômago se retorceu em um nó de dilaceradora dor. De nenhuma forma podia não vomitar. De maneira nenhuma podia beber mais desse sangue. Ardia como ácido por dentro. Engoliu o nó. Dois fôlegos mais superficiais e



desesperados e soube que suas opções estavam se acabando. Ou se rendia ou morria. Olhou diretamente aos olhos abrasadores de Vincent, a ordem de Caleb ressoava em sua memória e foi com a única opção que podia aceitar.

Justo antes de vomitar, grunhiu:

—Que se foda.

Capítulo 18

Levavam-na para ver Caleb. Allie estava diante de Vincent e seus guardas na porta do quarto que tinha sido sua prisão durante os últimos dois dias e manteve sua mente centrada nesse feito. Sustentou-o como um talismã contra a debilidade que a fazia balançar-se. Tinha que ver Caleb. Tinha que saber que estava vivo. De todas as dúvidas que a tinham invadido da última vez que o tinha visto, essa tinha sido a pior. Perguntava-se se Vincent o tinha matado. Perguntava-se se as sementes de esperança que Vincent repartia sobre que Caleb estava vivo não eram mais que doentes jogos mentais. Não sabia como não o tinha visto durante suas encontros, mas o homem era seriamente louco.

Deleitava-se na dor, desfrutava-se em infligir tortura mental. Não só sobre ela, mas também sobre todos a seu redor. Inclusive os patéticos aspirantes que pensavam que a conversão era sua com apenas pedi-lo. Era de Vincent. Se tivessem se incomodado em estudar, saberiam que a Mãe Natureza não trabalhava assim. Ela tinha seus próprios planos, completados com controles e equilíbrios.

—Continue se movendo.

Uma mão aterrissou em meio das costas, enviando-a de joelhos. Não tinha que olhar para ver quem tinha sido. Um dos aspirantes. A Vincent não gostava de sujar as mãos. Preferia que o fizessem outros. Aumentava seu prazer puxar as cordas que administravam a dor. Adicionava outra capa de satisfação a sua necessidade de poder.

Bastardo doente.

Especialmente gostava de torturá-la. Esperaria até que ela estivesse virtualmente delirante de dor pela fome, ou violentamente doente pelo sangue que a tinham forçado a engolir, e logo tecia contos do que supostamente havia feito a Caleb. Como tinha morrido. Como tinha sofrido. Teria êxito em deixá-la louca com a tortura emocional, com a preocupação que tinha porque o sangue vil estivesse fazendo mal a seu bebê, exceto cada vez que terminava um conto, acabava com “deixarei que o sol acabe com ele”.

Não sabia que Caleb podia andar sob a luz do sol. Isso era um bom sinal. Envolheu os braços ao redor do peito, estremecendo-se pelo frio que estava encravado tão profundamente em sua alma que não sabia se conseguiria esquentar-se alguma vez; ficou de pé na porta do



quarto, piscando contra a luz e a inundação de cor depois da escuridão imposta das últimas quatorze horas.

Com um puxão áspero no braço, Vincent a empurrou adiante.

—Vamos.

Ela deu um passo, apoiando a mão na parede quando o enjoo se elevou. A túnica branca que lhe tinham vestido movia irritantemente contra suas pernas nuas. Odiava a maldita coisa. Era muito larga, muito branca e a deixava muito vulnerável.

—Se não seguir, deixarei você onde cair. —disse Vincent impacientemente.

—Bastardo. —Deu outro passo. A distância entre eles se ampliou. Allie mordeu o lábio contra a fome que lhe rasgava com força, empurrando ondas de náusea que se construía, inchavam-se uma atrás de outra. O vestibulo parecia estirar-se até o infinito, muito longo para contemplar o caminhar se fixava no final. Mantendo a atenção nas costas de Vincent e no mecanismo de pôr um pé diante do outro, conseguiu mover-se.

A fome que crescia em seu interior aumentou os sons de cada pulsado de coração das Barbies aspirantes alinhadas no corredor. Um dos machos deu um passo diante dela, a mão estendida. Ele era tão perfeito como as mulheres. Pele perfeita, cabelo perfeito, pestanas perfeitas. Beleza perfeita. Fez-lhe gestos para que se afastasse. Caminhar era mais fácil agora que tinha velocidade e não podia permitir o luxo de vacilar. O homem se afastou com uma pequena reverência, o movimento enviou seu perfeito cabelo loiro por cima dos ombros perfeitos. Tinham alterado fisicamente Vincent e seus comparsas às pessoas ou simplesmente tinham pegado uma ilusão ao redor deles, fazendo-os parecer nauseabundamente perfeitos? A próxima vez que Vincent a interrogasse, perguntar-lhe-ia. Necessitava novo material para acozá-lo quando começasse com o mantra de sua raça perfeita.

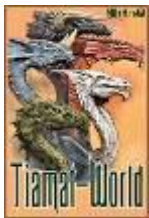
Allie se abraçou. Agarrou-se à prudência com um fio fino, estirou-se em busca do humor. Quem sabia que os tipos maus podiam ser tão asquerosamente pedantes? Não era como se ela fosse jamais compartilhar seu sonho narcisista de uma raça geneticamente superior. Ela nunca sentiria por ele o que sentia por Caleb, e se alguma vez o fizesse, ela cortaria a própria garganta.

Tinha atravessado meio corredor antes que a dor se retorcesse como algo selvagem em seu interior e por um momento não teve força para sustentar-se. Apoiou as mãos sobre os joelhos e se recostou contra a parede.

—Maldito seja, Caleb —murmurou a seus joelhos— Deve isto.

Respirou quando a dor diminuiu, reunindo forças no vazio antes do seguinte assalto. Apesar de sua ameaça, Vincent esperou, implacável e despreocupado. Obviamente, não a via como um perigo.

Isso poderia trabalhar a seu favor. Vincent acreditava absolutamente que ela não era uma ameaça. Sem muita experiência, muito... fraca para ser perigosa. Mas ela tinha habilidades. As coisas que tinha descoberto nas horas que ele a tinha torturado. E sempre que ele seguisse acreditando que ela não era mais que uma gritante enganadora com ideias grandiosas de sua



própria importância, teria tempo de afinar essas habilidades. E escapar.

Mas não iria a nenhuma parte sem Caleb. Ele possivelmente fosse arrogantemente protetor e passado de moda em suas ideias, mas era honesto, leal e carinhoso. E era dela. Além disso, ainda era a coisa mais quente que tinha visto, e seus hormônios atirariam nela se fosse e o deixava para trás. Tinha descoberto que os hormônios podiam ser umas coisas muito exigentes.

Também os corações.

Ignorou a incitação de seu lado emocional. Ela não ia ali neste momento.

Vincent verificou o relógio. O primeiro sinal de impaciência que tinha visto.

—Acreditava que tinha pressa para ver esse vaqueiro.

Bastardo. Empurrou-se sobre os joelhos, os ossos lhe doíam com a fadiga e a debilidade, e seguiu adiante. Longe da luz do sol. Mais profundo na montanha. Passaram por portas a esquerda e direita, mas não ouvia o batimento forte e constante que estava procurando escutar.

Necessitava de Caleb. Fez baixar a fome, profundamente, ao fundo de sua alma. Justo ali, no nível dos instintos viscerais, o necessitava. E ele a necessitava. Ele era muito sério se deixavam a seu ar, perder-se-ia muita diversão. E quanto a como o necessitava? Forçou-se a seguir caminhando. E suspirou.

Bastante simples, o homem a compreendia. Não pensava menos dela pela maneira como ela ria inclusive quando algo mal acontecia. Ele compreendia que era seu mecanismo de defesa. Às vezes, ela pensava que inclusive ele o apreciava. Os homens poderiam ser seres estranhos, mas até que não se encontrou com um vampiro macho, nunca tinha compreendido que havia um homem que simplesmente encaixava com ela. Que tomaria seu humor em momentos de tensão como uma vantagem. Havia uma característica muito atraente nesse homem.

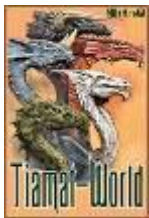
Alcançaram o final do corredor. A única opção era um giro brusco à direita. Vincent tomou e o seguiu, movendo-se com precisão mecânica. A sensação de abandonar a luz do sol era mais forte agora. Perguntou-se se isto significava que iam embaixo da terra.

O corredor terminou em uma porta grande e de aspecto impressionante. No lado direito, tinha colocado um pequeno painel com luzes intermitentes, e quanto mais se aproximavam, mais firme parecia a porta. Caleb devia ter contribuído uma luta tremenda se tinham decidido que era o bastante perigoso para pesadas portas de aço e fechaduras eletrônicas de barra. Allie se esforçou em busca de algum som de vida, qualquer sinal de vida, mais à frente do grosso painel, mas não havia nada.

Tomou uns segundos intoleráveis que Vincent teclasse o código. Não se incomodou em ocultá-lo, o que avivou uma nova brasa de preocupação na pilha que estava reunindo. Por que não se preocupava porque ela soubesse o código?

A porta se deslizou abrindo-se em um sussurro quase silencioso. No interior, uma fila de luzes fluorescentes atravessava o comprimento do teto, lhe recordando a todos os laboratórios de ciências de todos os filmes de terror que tinha visto alguma vez. Não era consolador.

Deu um passo dentro, conduzida pela esperança. Não havia sinal de Caleb. Detrás dela, a



porta rangeu fechando-se. Deu a volta, lançando-se para ela, agarrando-a a meio caminho. Continuou seu caminho com a mesma silenciosa precisão com a qual se abriu. Finalmente, teve que soltar os dedos de um puxão ou se esmagariam. Por que não tinha ela a força de um vampiro?

Vincent a agarrou pelo braço e a puxou para trás.

—Disse que queria ver o vaqueiro.

—Caleb não está aqui.

Ele gesticulou para uma porta no outro lado do quarto.

—Está aí dentro.

Por que teria Vincent encerrado Caleb em um laboratório de filme de ficção científica-horror-incerteza, em um ambiente frio, estéril e o bastante intimidante para lhe insuflar o temor de Deus?

—Nesse quarto particular? Agora?

—Vá e verifique.

—Por que temos que jogar estes joguinhos?

—Porque me diverte.

—E é obvio, o grande Vincent, a pessoa mais superior no mundo, deve divertir-se.

Ele inclinou a cabeça.

—Sim.

—Não estou tão impressionada.

Seu sarcasmo escorregou por sua confiança. E por que não deveria? Ele sabia que tinha a vantagem. Sabia que ela faria o que fosse, aceitaria o que fosse para ver Caleb. O único positivo era que ele pensava que a razão pela qual ela queria ver Caleb era a horrível dor dilaceradora em seu intestino.

A realidade era que tinha um plano. Não o melhor plano, mas um bom. Só precisava encontrar Caleb vivo para pô-lo em marcha, enquanto mantinha o conceito inteiro do plano por debaixo do radar mental de Vincent. Não era fácil, já que não só era um bastardo, mas também era um curioso. Aceitou o convite de Vincent de segui-lo. Quando esteve a três metros da porta, sentiu-o, uma lenta e constante filtração de energia através do portal. Havia um bordo agitado na energia. Uma intensidade que reconheceu. Caleb. Ele tinha que estar louco de preocupação, perguntando-se o que tinha acontecido a ela.

As fechaduras giraram com uma série impressionante de cliques e clunks. Isso, por cima de tudo, indicava quão perigoso consideravam Caleb. O qual danificaria seu plano, exceto... olhou a suas mãos livres, que eles ainda não a viam como uma ameaça. O elemento surpresa ia ter que ser a vantagem que necessitava.

A porta tomou seu tempo para abrir-se. Deu leves golpes com o dedo, um grito de impaciência que ressoou em sua cabeça. A adrenalina aumentou. Quando finalmente, as portas se abriram o bastante, virtualmente saltou ao interior do quarto.



Caleb estava em uma mesa no centro do quarto. Seu grande corpo preso com ataduras que brilhavam nos pulsos e tornozelos. Não houve reação a sua entrada no quarto. Nenhum movimento nos dedos das mãos. Nenhuma sacudida dos dedos dos pés. Nenhum aumento na energia. Deu um passo mais perto, a fome clamando ante o conhecimento de que ele estava ali.

Sabia que não estava morto, o que significava que algo mais, algo mais substancial que o aço, atava-o. Quanto mais entrava no quarto, mais a incomodava a piscada das luzes. A luz branca normal do quarto anterior se desvanecia, deixando-a com o ritmo desorientador desta. Estirou-se com a mente em busca de Caleb. Golpeou esse mesmo muro de zumbido. Em vez de apartar-se, mediu, utilizando os olhos e os sentidos. Gradualmente surgiu uma pauta. O zumbido vibrava conjuntamente com a piscada da luz. Interessante.

Deu um passo ao lado de Caleb e tocou a mesa. A mão tremeu.

—Olá, doce.

Ele não disse uma palavra. Olhou para Vincent por cima do ombro.

—O que lhe tem feito?

—Ele somente está contido.

—Contido?

—Sim.

Tocou-lhe a borda da manga com o mindinho. Apostava que ele tinha chutado algum traseiro importante antes que o houvessem trazido aqui.

—Assusta quando ele está de mau humor, verdade?

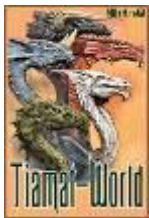
—É forte.

Havia um elemento de confusão na declaração, como se Vincent não compreendesse como podia ser isso. Isso era interessante. Ela tinha sabido que Caleb era forte, mas sem uma referência para utilizar como guia, tinha assumido que era o normal para um vampiro. Mas para Vincent, era uma ameaça inesperada. Uma muito poderosa, muito jovem. Olhou o rosto de Caleb, uma ameaça muito bonita. Todo sofisticado, o pesadelo do homem velho.

Respirou. O aroma de Caleb invadiu seus sentidos, penetrando através da ardente dor, avivando o fogo, levando-a mais alto. Caiu de joelhos e se agarrou à beira da mesa enquanto a agonia enterrava todo o resto, ofegando quando os músculos se rasgaram em espasmos. Vincent não fez nenhum esforço para ajudá-la. Fulminou-o com o olhar.

—Aparentemente —ofegou ela—, o cavalheirismo saiu pela janela com a nova superioridade.

Captou o que possivelmente tinha sido uma onda de energia de Caleb. Esforçou-se, mas se foi tão rápido como se estirou por ela. Vincent, entretanto, exalava energia de primeira. Energia nervosa e previsível. Ele esperava que algo acontecesse. Mas o que? Que ela se alimentasse não podia ser a resposta. O que esperava ganhar ele ao baixá-la aqui? Agarrou-se à beira da mesa, o metal frio lhe esfriou os dedos até o osso. Como tinha suportado Caleb ser encarcerado neste frio lugar?



Levou-lhe tudo o que tinha ficar de pé, lutando contra a fome, a debilidade e a fadiga. Vincent riu quando ela escorregou. Bastardo. Poderia rir agora, tudo o que quisesse, mas um dia destes ia ser ele o que sofreria. E ela ia ser a que o faria acontecer. Apoiou o cotovelo na mesa e se empurrou para cima. Os dedos roçaram a aspereza do algodão. Agarrou-se. O músculo grosso e sólido do braço do Caleb se sentia estranho e frio. Tão frio. Inclinou-se sobre ele, apoiando o peso em seu peito.

Ele estava frio por toda parte. Seu Caleb que sempre estava tão quente. Que se mantinha mais quente do que gostaria porque ela tinha tendência a esfriar-se, estava mais frio do que ela jamais tinha sonhado que estivesse. Fulminou Vincent com o olhar.

—Vai pagar por isso.

—Provavelmente estaria mais impressionado se qualquer um de vocês pudesse ficar de pé neste momento.

Provavelmente ele estaria. Levantou-se com as mãos, apoiando os cotovelos. Não sabia como ia fazer isto. Não tinha nem a mais pequena força. E a dor? Oh meu Deus! A dor era absolutamente insuportável para este fim que desejava. Allie abriu a palma sobre o bíceps de Caleb. Inclusive relaxados eram firmes, a curva pressionando contra a mão, formando seu agarre. Ele jazia sob seu toque, imóvel. Isto estava tão mal. Trocou o peso à mão esquerda. Tocou-lhe o ombro, muito atemorizada com lhe tocar a bochecha, atemorizada com que a falta de resposta lhe rompesse o coração. Allie fulminou Vincent.

—Não posso me alimentar dele assim.

Vincent somente arqueou as sobrancelhas como se ela fosse uma menina teimosa.

—Sim, pode.

Ela respirou enquanto outra ponta de dor lhe tirava o ar dos pulmões. Levou-lhe um momento recuperar-se antes de poder continuar.

—Deixe-me expor desta maneira, nego-me a me alimentar dele assim.

—Não acredito que esteja em posição de rechaçar algo.

—Eu não o vejo assim.

—E acha que me importa isto?

—Se quiser que viva além da próxima hora, sim.

Vincent não se moveu, só a olhou fixamente. O ignorou. Ele se renderia. Tinha que fazê-lo. Desejava-a muitíssimo para discutir e ela queria Caleb de volta muitíssimo para dar-se por vencida. Allie deslizou a mão sobre o ombro de Caleb à coluna forte do pescoço, até o queixo. A aspereza da barba lhe tocou as pontas dos dedos, evocando lembranças de outras vezes que havia tocado sua pele. Tinha sido diferente então, o toque apoiado pela risada e o calor de seu desejo. Nenhum dos quais eram evidentes agora. Empurrou-se acima e lhe tocou a boca com a sua.

—Sinto muito.—sussurrou.

Nenhuma resposta. Nem a piscada de uma pestana.



Riscou a leve linha em um lado do rosto, o lugar onde se formaria seu sorriso se ele pudesse mover-se e a visse mimando-o.

—Permitiu a ele alimentar-se?

—Apenas.

Olhou para Vincent pelo canto do olho.

—Então temos um problema. —A mesa rangeu quando moveu seu peso atrás— Ele não terá suficiente sangue para me alimentar.

—Então chupa-o até deixá-lo seco.

Ela sacudiu a cabeça.

—Não farei isso.

—Pensa em como ele roubou sua vida. Afastou você de sua família, a matou, encarcerou. —Seu sorriso era cortante— Isso deveria ajudar.

Isso é o que alguém assumiria. A única coisa que a feriu foi à menção de sua família, mas ela ainda não se rendeu de encontrar um modo de fazer que isto funcionasse. Só necessitava mais tempo.

—Não me alimentarei dele assim.

—Poderia fazer que o fizesse.

Ela apoiou a mão sobre as restrições de Caleb.

—Não. Não pode.

A energia que emanou foi familiar. Tinha um padrão familiar. E, também, piscava com o mesmo ritmo das luzes. Outro indício, mas do que? Fechou os olhos, concentrando-se.

—É incrivelmente teimosa.

—Isso me disseram. —O braço lhe tremeu com o esforço de suportar seu peso.

—Realmente preferiria morrer antes de se alimentar dele em seu estado atual?

—Realmente não me conhece muito bem, verdade?

—Não me proporcionou nenhuma oportunidade.

—Bem, mas teve indícios. —afastou-se franja dos olhos com o ombro — Faço o que quero, quando quero e como quero. E não estou inclinada a me conformar com nada menos.

—E você gosta que sua comida se mova?

Um olhar por cima do ombro mostrou Vincent olhando-a fixamente com algo quase próximo ao respeito.

—Eu gosto ao menos consciente.

—Sabe, realmente não deveria agradá-la, mas como acho que somos muito parecidos, é difícil não te consentir esses humores.

Ela piscou.

—Obrigada.

Quando a dor golpeou esta vez, o quarto se desfocou. Cravou as unhas na atadura e na mesa. A atadura pulsou e resplandeceu, respondendo mais que resistindo.



—Estou a ponto de desmaiar.

Vincent lhe lançou um olhar enigmático antes de caminhar para a mesa. Deslizou-se entre ela e Caleb e abriu uma gaveta. No interior havia um sortido de instrumentos. Todos lhe pareceram instrumentos de tortura. Vincent agarrou uma seringa de injeção carregada com uma mistura esverdeada.

—O que é isso?

—O que desejava.

Apertou o êmbolo, expulsando um pouco do material de aspecto suspeito.

—Afastese.

Ela permaneceu onde estava.

—O que há dentro?

Em resposta, ele a empurrou atrás e afundou a agulha no bíceps de Caleb. Seu estremecimento de excitação ante o malicioso ato a alcançou. A coisa mais dura que jamais havia feito foi manter sua voz calma e estável depois da violência.

—Quanto tempo antes que surta efeito?

—Não muito.

Ela queria Caleb agora. Estirou-se em sua busca com a mente.

—Não permitirei a você falar com ele mentalmente.

Ela deu de ombros.

—Valia tentar.

E valia o diminuto pedacinho de feedback do rastro que estava construindo no fundo do cérebro.

—Por muito que aprecie o poder que você vai me trazer—devolveu a seringa à gaveta—, nunca apreciei realmente quanto prazer vai me proporcionar também.

O atalho à mente de Vincent se fechou de repente com a mesma tranquila eficiência que a gaveta.

Um calafrio que não tinha nada a ver com a fome lhe disparou pela espinha dorsal. Fechou a mente, contou até cinco e lhe deu uma cotovelada para afastá-lo de seu caminho.

—Há um provérbio a respeito de não contar os frangos até que tenham saído do ovo.

Tomou seu lugar ao lado de Caleb, respirando como se acabasse de correr cinco quilômetros em vez de mal mover-se meio metro.

O olhar de Vincent era tão pesado como um toque, carregada com nuances que ela não compreendia.

—Todos meus frangos estão presentes e contados.

A cor voltava para o rosto de Caleb. A tensão normal começava a voltar para seus músculos.

—Então, adivinho que isso alegre seu dia.

Os dedos de Caleb se retorceram e os olhos se moveram detrás das pálpebras.



—Caleb? Pode me ouvir?

—Pode ouvi-la.

Queria gritar a Vincent, lhe dizer que se calasse. Queria simplesmente desfazer-se dele. Ela não era matéria de herói. Não estava recortada para isto. Tocou a bochecha do Caleb com dedos trementes, deu um suspiro de alívio. Estava vivo e retornava a ela. Isso é tudo o que necessitava.

Caleb abriu os olhos.

—Vê quão fáceis podem ser as coisas quando coopera? —perguntou Vincent.

—Sim.

A mão no ombro de Caleb serviu como advertência. Deslizou a outra à atadura do pulso. Nada era mais bem-vindo que o toque de seu olhar no dela.

—Está bem? —A voz arrastada de Caleb era rouca, mais lenta que o normal.

—Estou bem.

Os olhos verdes de Caleb caíram sobre a boca onde ela sabia que o corte no lábio era evidente. Estreitou os olhos. Os redemoinhos explodiram a luz brilhante. Cada músculo em seu corpo se esticou rígido. A mesa vibrou com a tensão.

—Matarei ao filho da puta.

—Tenho a sensação de que há uma longa fila de gente diante de você que quer fazer o mesmo.

E ela estava à cabeça da lista.

Caleb não a olhou, só a Vincent.

—Os outros terão que esperar sua vez.

Allie deslizou a mão até o pulso até que pôde colocá-la contra sua palma. Os dedos de Caleb se curvaram imediatamente ao redor dos dela. Ele deslizou o olhar do lábio por seu corpo e logo ao Vincent outra vez.

—Está segura que está bem?

—Não me violentou se for isso o que está perguntando. —Fulminou Vincent com o olhar, que tinha o descaramento de estar divertido no momento privado que estava presenciando— Não tem o estômago para isso.

Caleb olhou deliberadamente aos machucados do pescoço e o corte no lábio.

—Acho isso difícil de acreditar.

—Bem, possivelmente seja mais correto dizer que eu não tive estômago para isso. Vomitei sobre ele quando tentou.

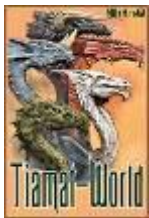
Ele sorriu.

—Está cheia de surpresas.

Ela reclinou o peso sobre o cotovelo, sua capacidade de fingir força estava falhando rapidamente.

—Algumas delas são inclusive agradáveis.

Caleb estreitou o olhar, logo fulminou Vincent.



—Ela está fraca.

—Recusou minha hospitalidade muitas vezes.

Outra dilaceradora dor a dobrou pela metade. O cotovelo se chocou contra o estômago de Caleb, lhe tirando o fôlego de repente. Os dedos escorregaram do ombro. A mesa metálica chiou um protesto quando a arranhou com as garras. Esmagou o nariz contra o ombro do Caleb enquanto o chiado se construía em sua garganta e a realidade se desvanecia.

Sob ela, Caleb trocou de posição, lutando contra as ataduras.

—Precisa se alimentar, Allie.

—Sim, precisa.

—Não posso.

—É a única opção que tem.

—Não, não é. —Sustentou o olhar de Caleb, estirando-se para ele para que entendesse, mas chocando contra essa barreira mental em seu lugar.

—Sempre poderia escolher morrer.

Estava perto, e parte dela já estava preparada. Uma parte minúscula gerada pela falta de sono e a dor que se agravava, mas ali. Bastante para fingir a intenção.

Caleb estreitou seu olhar. Embora ela não podia senti-lo, sabia que ele estava estirando-se para ela, também. Não para persuadi-la, a não ser para lhe dar ordens. O músculo na mandíbula saltou. A mão agarrou a de Allie o bastante forte para que o osso se chocasse contra o osso.

—De maneira nenhuma no inferno, Allie.

—Machuca-me —O punho se afrouxou ligeiramente.

—Farei mais que machucá-la se continuar teimosa a respeito disto.

—Resolveria tudo.

—Se sua morte resolvesse algo, eu provavelmente optaria por deixá-la morrer. —exclamou Vincent.

—Poderia. —Sacudindo a franja fora dos olhos, fulminou-lhe com o olhar— Mas não o fará.

Assentiu.

—Ainda não.

Mas deixava a porta aberta, soube. E quando a conta estivesse vencida, se ela estava ali, ele a faria pagar. Uma razão mais para assegurar-se de que seu plano funcionasse.

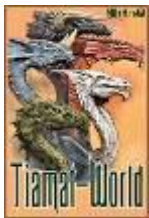
—Por que temos um trato?

Ele inclinou a cabeça.

—E sou um homem de palavra.

—Como o inferno. —Caleb deu um puxão às ataduras, o aroma de seu sangue alcançou o nariz de Allie. O estômago saltou e tremeu. Roçou a ferida do lábio com a presa. Ao derramar-se seu próprio sangue rompeu o feitiço.

—Cale-se, Caleb.



—Sim, cale-se, Caleb. Se não fosse por seu valor como fonte de alimento, estaria morto.

O zumbido na cabeça de Allie cresceu até converter-se em fortes batimentos. As luzes se moveram rapidamente fora de sua visão.

—Vincent. —Ela esperou até que apartou sua atenção do Caleb — Cale-se.

A mão foi uma mancha mas sentiu o puxão em seu cabelo quando ele a arrastou para cima até que sua cara esteve a centímetros da dele.

—Você, mulher, esquece seu lugar.

Os olhos de Allie se encheram de lágrimas ante a dor no crânio. Os músculos machucados da garganta doíam ao estar estirados e sua mente se cambaleou ante a escura violência de Vincent.

—Temos um trato —coaxou ela.

—Que trato? —perguntou Caleb.

Ela ignorou Caleb. Era Vincent a quem precisava dirigir neste momento.

—Supunha-se que não ia colocar seu nariz.

Caleb não estava disposto a deixá-lo ir.

—Allie...

—Estivemos de acordo em que teria um tempo ininterrupto com Caleb.

—Só te darei um pouco de corda, Allie —adverteu Vincent.

—Isso é tão de seu tipo.

—Allie, é suficiente. —Essa ordem veio de Caleb.

Provavelmente era, mas tinha problemas com os limites.

—Ele não quer me matar, Caleb, só me violentar, me impregnar e criar comigo toda uma prole de vampiros bebê geneticamente superiores.

—Então permita-o.

A surpresa lhe roubou o fôlego. Nada na cara de Caleb sugeria que estivesse brincando.

—O que seja que deva fazer, faça-o.

—Vê, inclusive seu amante a deseja em minha cama. —Vincent a deixou ir com um empurrão. Ela tropeçou para frente. A beira da mesa encaixou sob suas costelas, dando-lhe a fração de segundo que necessitava para recuperar o equilíbrio. Jazeu ali ofegando um breve momento, duvidando de si mesma até que Vincent estendeu a mão com um de seus floreios aos quais era tão aficionado e sorriu com presunção.

Só a pura determinação a fez ficar em pé.

—Não me importa se todo o senado dos EUA aparece e vota isso. —Olhou-lhe furiosa— Não vai acontecer.

Uns dedos tocaram os seus. Olhou para baixo, esperando ver ira, não compreensão.

—Faz o que tenha que fazer.

Estava-lhe dando permissão, aliviando sua culpa. Era o mais horrível e o mais doce que ninguém lhe houvesse dito jamais.



—Isso é um ponto de vista assombrosamente progressista para um tipo de 1860.

—Que comovedor.

Foi sua vez de ranger os dentes.

—Vincent, uma vez mais e nosso trato se rompe.

Caleb lhe deu leves golpes na mão com o dedo.

—Que trato?

Acariciou-lhe o pulso com as pontas dos dedos, atrasando-se sobre as restrições que o atavam, sentindo essa trêmula energia na palma. Era mais familiar agora. A energia, estava descobrindo, era uma coisa divertida. Uma pessoa não podia dá-la sem recebê-la e ninguém podia tomá-la sem deixar algum rastro detrás. Vincent lhe tinha deixado um montão de rastros.

—Minha cooperação para persuadi-lo a cooperar.

—Se parte do trato era que beberia desse filho da puta, foi um mau trato.

—Necessita sangue. Eu também.

Caleb assinalou Vincent com o queixo.

—Colocar-me-ão sob dois metros de terra antes de beber dele.

—Não beberá dele, mas se supõe que eu devo dormir com ele?

—Supõe-se que tem que sobreviver.

—Você também.

—Eu não importo.

—Cale-se.

Ele levantou a sobrancelha.

—Seria esta sua maneira de declarar suas intenções, Allie Sanders?

Ela rangeu os dentes, lamentando-o imediatamente quando sua cabeça pulsou como se estivesse a ponto de estalar.

—Repito, cale-se.

—Odeio interromper em um momento particular, mas o que Allie não está dizendo é que ela tem aversão a que se alimente de uma das mulheres aspirantes.

—Então traga um macho.

—Causou-lhes bastante impressão. Nenhum se oferecerá voluntariamente.

O batimento na cabeça de Allie aumentou a uma pressão constante.

—Nosso trato se quebrou, Vincent. —ofegou.

—Está bem. Não ia cumpri-lo de todos os modos.

Então por que a havia trazido aqui?

—Ainda tem a necessidade de se alimentar. —disse Caleb, o cenho em sua cara lhe permitiu saber que não estava fazendo um bom trabalho disfarçando sua angústia. Retorcendo a mão, beliscou sua coxa, a pequena dor uma conexão íntima que atraiu sua atenção.

Ela sacudiu a cabeça.

—Olhe para mim, meu bem.



Ela o fez. Não havia nenhuma pinga de debilidade na expressão de Caleb. Inclusive preso e sujeito ainda era um homem formidável.

—Vincent não poderá fazê-la se alimentar, mas pode apostar seu bonito traseiro que eu vou fazer, se puder.

Ele a estava pondo em uma situação impossível. Não podia suportar vê-lo alimentar-se de outra mulher e ele se negava a alimentar-se de Vincent.

Vincent era sua única saída.

—Pode fazer que os homens o deixem alimentar-se deles.

—Poderia, mas... —Deu de ombros— Há esse assunto de sua continuada falta de respeito.

Em seu interior, sua vampira grunhiu. Adoraria arremeter contra ele, mas não podia. Caleb ainda segurava sua mão.

Fulminou Vincent enquanto puxava a mão. O homem não se estremeceu ou se desculpou, simplesmente esteve ali com sua branca túnica e perguntou:

—O que vai ser?

Só havia uma escolha. Caleb teria que alimentar-se de uma das aspirantes femininas. Allie cravou as garras da mão livre na palma.

—Traga as Barbies.

Capítulo 19

A porta se fechou deslizando-se detrás de Vincent.

—Interessante que, simplesmente, não possa convocar às mulheres aqui —murmurou Caleb.

—Sim, eu também acredito.

Ele olhou para a porta, com o cenho franzido e os olhos brilhantes enquanto se concentrava.

—Utiliza uma combinação de tecnologia e poder psíquico para controlar este lugar.

Ela esfregou os braços.

—Foi-se?

Caleb se girou.

—Sim. —Com o olhar entreaberto e o cenho franzido por uma razão diferente.— Quanto tempo me tiveram fora?

—Dois dias.

Sua maldição foi violenta e direta. Irradiou o poder sobre ela, procurando uma conexão. Outra maldição quando não pôde conectar com Allie. O olhar de Caleb se voltou para seu rosto e ficou um momento sobre os círculos escuros que rodeavam seus olhos.



—E a deixou sofrer?

—Não fui exatamente cooperativa.

As pontas de seus dedos lhe acariciaram a coxa através da toga. Os lábios de Caleb se apertaram em uma fina linha.

—Sinto tê-la metido nisto.

—Acredito que fui eu que começou.

—Mas eu sou o que sabia.

Ela não queria sua culpa.

—Ninguém sabia nada. Este foi o problema todo o tempo.

Allie se apoiou contra o flanco de Caleb, deixando-o suportar mais de seu peso, absorvendo seu calor, esfregando as mãos sobre essas estranhas correntes. Tomando seu tempo, pensando em coisas mais importantes que o compartilhar o que estava a ponto de começar. Como por exemplo como decifrar a energia das correntes. Por exemplo como esquecer que Caleb logo se alimentaria de outra mulher.

O sussurro de Caleb a alcançou com a suavidade de seu toque; inclusive sem a conexão da mente, conhecia-a o bastante bem para reconhecer que estava preocupada.

—Não é o mesmo, Allie. O que há entre companheiros é diferente.

—Ela dará algo a você que eu não posso.

—Ela é comida, nada mais. Posso obter o que ela me dá em qualquer lugar.

—Também pode obter o que quer de mim em qualquer lugar. —Ela descansou a bochecha contra seu peito, escutando o firme batimento de seu coração, fechando os olhos contra a opressão de seu estômago. Antes que a dor retornasse de novo, queria um momento de paz. Só um.

—Sabe que não é verdade. Quando isto terminar, me recorde que também surre seu traseiro por esse olhar de dúvida.

Ela sorriu, querendo sacudir a cabeça enquanto pensava nisso, mas o momento era muito frágil para correr o risco da complacência. E estava muito cansada para fazer o esforço.

—No passo que vai, estará surrando meu traseiro até o século que vem.

—Esse é um pensamento para manter a esperança em um homem.

Allie riu entre dentes e esfregou de novo a palma da mão sobre a corrente do pulso direito, aplicando uma imperceptível pressão mental. Tinha cedido um pouco? Um disparo de agonia lhe rompeu a concentração. Mordeu o lábio, apanhando o grito na garganta enquanto a fome abria caminho para satisfazer-se.

O subterfúgio era inútil. Inclusive sem a conexão mental, Caleb sabia o que estava passando. O canto duro de seu queixo pressionou contra a têmpora de Allie enquanto dobrava o rosto para o dela. O sussurro mal chegou a seus ouvidos.

—Não pode continuar assim, Allie.

Houve uma flutuação no zumbido, um incremento momentâneo na intensidade. Vincent



estava espiando de longe? Mentalmente lhe mostrou o dedo.

—A alternativa não é uma opção.

—É para mim.

O sussurro de Allie foi mais frouxo que o de Caleb.

—Você não seria o único que teria que viver com isso.

A energia de frustração de Caleb se retorceu ao redor dela ante a negativa de seu desejo. O zumbido aumentou, e a corrente sob seus dedos piscou. Interessante o que acontecia quando os homens não podiam ter o que queriam. Caleb não podia obrigá-la a submeter-se ao Vincent para salvar sua vida. Vincent não podia obrigá-la a alimentar-se dele para controlar sua vida, e as correntes não podiam suportar a confusão psíquica para conter a vida de Caleb.

—Qualquer coisa que precise solucionar-se quando passar tudo isto, solucionaremos.

—Então suponho que ambos vamos ter que viver, mas que saiba disto, Caleb. Se morrer, todas as promessas se anulam.

Já podia vê-lo sacrificando-se por ela.

—Tem mais que pensar que em si mesma.

Maldito fosse Caleb.

—Você também.

Ela jogou uma olhada à porta. Vincent voltaria logo. Não tinham muito tempo.

—Assim, este é nosso plano, ambos vivemos?

Ainda não tinha a chave das correntes, e não podia examiná-las muito sem alertar Vincent. Necessitava mais.

A porta rangeu ao abrir-se. Allie não podia levantar o olhar para ver o que ou quem entrava. Não podia.

—Sobe aqui, Allie. —murmurou Caleb, os olhos sobre o ser que caminhava para eles.

—Por quê?

—Porque estou dizendo.

—É obvio se dá conta, que agora é imperativo que não o faça?

Outra vez esse pequeno beliscão na coxa dela que de algum jeito se traduzia como o mais íntimo dos abraços.

—Faça isso.

Esse beliscão foi à ruína de Allie. Subiu ao lado dele. Como se cada centímetro de seu corpo encaixasse nos espaços de Caleb, todas as mudanças horripilantes de sua vida passaram ante ela. Como se cada imagem fragmentada avançasse em turba, formando capas uma sobre a outra em uma colagem implacável em sua mente, o agarre sobre sua compostura decaiu.

—Caleb?

—O que?

—Quanto menos irá me valorizar se me perco por completo?

—Agora mesmo?



Ela negou com a cabeça, enterrando o rosto no espaço de sua garganta.

—Não. Agora não.

A fome rugiu com o aroma de Caleb. Seu sino privado para jantar. A dor passou através das barreiras que tinha construído, aumentando com o batimento de seu coração, o palpitar das lembranças de sua vida. Sua família. Pelo que tinha ocorrido a todos. Inclusive se ela e Caleb saíam desta, nunca ia ser o mesmo. Allie conteve as lágrimas. A suas emoções não importava nem um pouco que agora não fosse absolutamente o momento adequado para desmoronar-se. Seu controle se veio abaixo metodicamente, uma peça atrás de outra, caiu fora de seu alcance dentro do fosso negro que esperava debaixo.

—Talvez em uns cinco segundos?

—Merda.

O corpo grande de Caleb se esticou e respirou agitadamente, os músculos poderosos se dobraram sob ela enquanto forçava contra as correntes. Acariciou-lhe o peito, tentando acalmá-lo, abrindo a palma da mão sobre o coração quando finalmente ficou quieto, tomando o ritmo do batimento e a realidade de que ele estava dentro dela.

O poder e a tentação. A promessa e a perdição. O céu e o inferno. Ele era todas essas coisas para ela e mais. E Vincent pensava utilizá-lo, machucá-lo, por um motivo que só ele entendia. As lágrimas se secaram. Não o permitiria por nada do mundo. Elevou o olhar para encontrar o de Caleb olhando-a, um cenho em seu rosto e preocupação em seus olhos.

—Allie...

Os passos se aproximaram. Concentrando-se, pôde distinguir três pares, dois leves e um quase inexistente. Vincent havia tornado com duas mulheres, e pelo forte pulso de sua ira, não estava encantado com o que via. Ela se concentrou mais intensamente em decodificar as correntes.

—Libera minha mão —grunhiu Caleb.

Saltou, pensando que ele falava com ela, mas uma rápida olhada para cima lhe mostrou a parte inferior desse teimoso queixo. Não a estava olhando.

—Sim, por que demônios quereria fazer isso? —perguntou Vincent.

—Porque se o fizer, terá uma morte rápida em vez da dolorosa que atualmente tenho planejada.

—Não acredito que esteja em posição de ameaçar a ninguém.

Caleb não se moveu, mas uma energia mortal irradiou dele. Fria. Escura. Aterradora.

—Pensar parece ser seu ponto fraco.

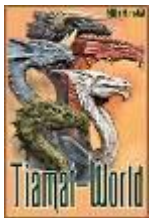
Vincent fez gestos para que as mulheres se adiantassem.

—Uma valiosa conversa para um homem preso a uma mesa.

—Não quero comer sem utilizar a mão.

—Então morre de fome.

—O que pode ocorrer, que dano pode fazer? —perguntou Allie. Nada ia doer tanto como



observar Caleb seduzir a outra mulher com a boca. Tomar prazer de seu corpo. Inalou— Está atado com muitas correias, liberar uma de suas mãos não deveria ser um problema.

—Faria-o feliz.

E com isso terminou. Sádico filho da puta. A ira aumentou, tão espessa que pensou que se afogaria nela. Ultrapassou-a, aumentando até uma tensão insuportável, mais à frente do ponto onde podia contê-la, fluindo para fora. Crescia como algo selvagem, procurando e tentando conseguir um alvo. Allie encontrou o olhar de Vincent através do peito de Caleb. As pálpebras do Vincent se moveram. Assim como o fez a corrente sob sua mão. Ela sorriu por dentro, a satisfação se uniu à fúria.

—Por favor, rogo-lhe isso, necessito que me abrace. Por favor libera sua mão.

Três passos e Vincent esteve a seu lado. Ela se estremeceu quando lhe tocou o cabelo. Tremeu quando a acariciou ao longo do corpo com a mão. Sob ela, Caleb grunhiu.

Pela extremidade do olho ela via a luxúria no sorriso de Vincent.

—Ah, nada é mais bonito que uma mulher suplicando, não está de acordo?

—Estar de acordo conseguirá liberar minha mão? —perguntou Caleb.

Vincent repetiu a carícia, mas não a olhava. Sua atenção estava concentrada em provocar ao Caleb.

—Tenta-o e averigua-o.

A mandíbula do Caleb se esticou. Seu tom carecia da fluidez normal quando disse rangendo os dentes:

—Não há nada mais bonito que uma mulher suplicando.

—Vê, não foi tão difícil, não? —Com um magnânimo floreio, Vincent ondeou para a restrição direita.

A corrente sob a mão se esquentou e se agitou com traços de energia. Energia crítica. Allie se concentrou, absorvendo tudo o que pôde, catalogando a informação. A corrente eletrônica piscou. Muito cedo.

A alga de aço se soltou com um ruído metálico. O braço do Caleb a rodeou lentamente, os músculos rígidos por ter estado tanto tempo imobilizados.

—Obrigada. —As palavras escaparam com um suspiro enquanto o peso do braço de Caleb se acomodava ao redor dela. Sólido e pesado. Benditamente familiar. Curvou a palma no ombro de Allie encaixando-a, dentro do refúgio de seu abraço. Pura agonia sem adular o estômago. Estava tão faminta. Necessitava-o tanto.

O “Vem aqui” de Caleb, sentiu-o mais que o ouviu, desejando com todo seu coração que ele estivesse falando com ela, sabendo que falava com uma dessas espectadoras loiras carinhosas de lábios cheios, olhos ansiosos e seios de tamanho D. Flexionou os peitorais enquanto trocava o peso. Ela sentiu sua fome, não na mente, mas sim em seus músculos afiados, e essa intensidade particular que era unicamente de Caleb. Houve um ofego feminino por cima dela que rapidamente se transformou em um suspiro.



Ira, aborrecimento, queimação e instinto a atravessaram de um disparo quando percebeu o aroma da outra mulher. Estava se oferecendo a Caleb.

Allie observou suas garras estender-se das pontas dos dedos, alargar-se ao longo da curva do ombro de Caleb, cada centímetro mortal um reflexo do ódio destrutivo que ardia intensamente. A puta gemeu de prazer. Um grunhido brotou de sua garganta. Os músculos se esticaram. Matá-la-ia.

A mão de Caleb segurou a lateral de sua cabeça, pressionando as presas de Allie em sua carne. O sangue encheu sua boca. O deixou estender-se, a fome era um problema secundário contra a mulher que estava esfregando-se contra o flanco de Caleb, seduzindo-o com seu perfeito corpo, seu perfeito sangue e sua perfeita disposição. Agitou a cabeça. Seu rosto pulsava com uma estranha tensão. Suas presas lhe cortaram as bochechas. A expressão da mulher fatiou a confiança de Allie como uma faca. Seu sorriso era distraído, repleto e tão satisfeito que rogava por represálias.

Com um grunhido que retumbou dos dedos de seus pés, Allie se deslizou do abraço de Caleb e foi até ela. A um fio de afundar suas garras no peito da mulher, foi parada bruscamente de um puxão. A dor explodiu em seu couro cabeludo. Deu a volta. A pressão em seu cabelo se esticou ao girar-se, aprisionando-a mas com o pulso de Caleb. Os olhos de Caleb brilhavam com luzes douradas, uma mancha de sangue permanecia no canto de sua boca. Golpeou-o pela ofensa. Ele girou a cabeça pelo bofetão. As unhas lhe cortaram a bochecha justo debaixo do olho.

Aceitou o golpe, mas quando jogava a mão para trás brandindo-a outra vez, sacudiu-a, mantendo-a suspensa por cima dele com o agarre em seu cabelo. Seu “Para” captou a letania interna que soava na cabeça de Allie. Para. Para. Para.

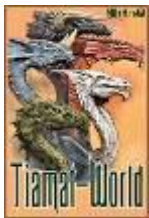
O sangue gotejava pela bochecha de Caleb dos cortes das unhas, reunia-se lentamente em sua boca, alcançando finalmente a marca da outra mulher. Ela observou como se filtrava ao longo das bordas, sangrando até manchar, cobrindo-a. Não era suficiente. Necessitava que sangrasse mais, machucá-lo mais, o suficiente para que não importasse.

—Não importa, Allie.

Caleb o repetiu enquanto segurava Allie por cima dele a um braço de distância. Nem sequer pensava que fosse consciente do agarre em seu pulso ou da forma que suas garras lhe perfuravam a pele. De tudo o que ela era consciente era de seu toque em outra mulher, sua dor emocional brilhava nos olhos azuis, as vívidas luzes douradas cintilando fragmentos de traição.

A vampira em Allie não podia lidar com isto. Deveria ter sabido que não poderia, mas parecia tão calma. Aceitando. “Parecia” era a palavra chave. Não se atrevia a aproximá-la como queria. Toda essa dor a fazia imprevisível. Talvez inclusive mortal.

Se queria lhe chutar o traseiro depois que isto acabasse, seria sua escolha, mas até que estivesse a salvo e de volta ao Circle J, ia ter que manter seu traseiro chutando no reino da fantasia. Sacudiu-a de novo, o cabelo lhe derramou sobre o punho, os cachos agitando-se com violência entre eles.



—Não significa nada. —O olhar de Allie caiu para sua boca, seguindo o movimento dos lábios como se hipnotizassem — Comida, nada mais.

Ele esperou, o sangue emanando por sua bochecha, para que as palavras penetrassem, desejando poder utilizar outra vez a conexão mental, mas a volta do zumbido significava que Vincent tinha fechado a porta de repente, assim que se deu conta de que Allie a tinha aberto.

Ao lado deles, alheia ao perigo, a outra mulher estava ofegando, sua respiração se transformou em famintos gemidos, o aroma de seu desejo poluía o ar. O sangue jorrava de sua ferida aberta. Tinha que fazer algo com isso. Ele estalou os dedos, travou seu olhar com o dela e ordenou:

—Ponha o pulso em minha mão esquerda.

A mulher reagiu como uma marionete, os olhos colados aos de Caleb, os quadris lhe roçando os dedos, esfregando com evidente convite. Ele pressionou o polegar sobre a artéria que tinha mordido, contendo a perda de sangue. Se a necessidade de Allie não alcançava o ponto crítico, afastá-la-ia, mas sem sangue Allie não seria capaz de escapar. E tanto como odiava que ela se machucasse, sua sobrevivência era prioritária. O sangue bombeou, fluíu e se encharcou enquanto esperava. Por fim, o olhar de Allie se elevou de sua boca, uma pergunta nos olhos.

—Escolhas difíceis, meu bem. —Havia tantas escolhas difíceis em sua vida. Ela as tinha economizado tanto como pôde, mas havia algumas com as quais deveria tratar sozinha. Como esta.

A boca de Allie se moveu, mas não saiu nenhum som. Fechou os olhos. Os lábios se moveram um pouco mais, formando sílabas que ele entendeu. Contando. Ela estava contando, precaveu-se ele. Relaxou-se. Ela estava recuperando o controle. Seu suspiro, quando ao fim chegou, foi tão tremendo como nunca antes o tinha sido.

—Não a deseja?

—Não. —No passado teria desejado a sua presa. A luxúria e a sede de sangue iam juntas. Nunca o tinha permitido. Tomar a uma mulher que não fosse consciente do que ia acontecer equivalia a uma violação em sua opinião, mas sentia a paixão. Baixou Allie para que descansasse contra seu peito outra vez.

—Allie, ou fecho esta artéria ou me alimento.

—Por que sou sempre eu a que toma estas decisões?

Porque ela era a única a que magoava. Maldita seja, desejava poder mudar isso, mas não podia. Não mais do que podia resguardá-la da dor. Tudo o que podia fazer era abraçá-la e sussurrar verdades que tinham que soar como promessas vazias.

—Minha vez chegará logo.

Porque depois disto, ele não poderia justificar abraçá-la. Se ela queria deixá-lo, teria que deixá-la ir e tomar a morte emocional que viria com sua partida como nada mais que o que se merecia.

A perna de Allie subiu sobre a coxa. Suas presas raspavam sua pele com essa delicadeza



feminina que sempre se disparava diretamente a sua virilha. Essa pequena vacilação foi à coisa mais erótica que nunca havia sentido. E não importava que houvesse testemunhas. Seu corpo reagia como se estivessem sozinhos.

O prazer cantarolou contra sua pele.

—Eu gosto.

—Do que?

—Da forma como se anima ante meu toque.

—Isso é bom, porque não tenho escolha.

Por cima da ligeira curva de seu ombro, pôde ver a mudança impaciente de Vincent. Estava deixando seguir o jogo por seus próprios motivos. Razões das quais Caleb não acreditava que Allie fosse consciente, mas o bastardo não poria suas mãos sobre ela. Caleb, pessoalmente, encarregar-se-ia disso. Simplesmente necessitava que ambos estivessem fortalecidos de tudo antes de conseguir sair dali. Allie se aproveitou de sua distração para olhar a mulher de novo. O corpo dela se esticou.

Caleb lhe apertou o ombro.

—Não tenho que deixar que o desfrute.

Allie se agitou. Apertou as mãos, cravou-lhe as unhas na coxa e chiaram sob a mesa de metal enquanto lutava consigo mesma. Seu “Não” foi rouco, lhe dizendo quão dura tinha sido a batalha entre sua natureza humana e o impulso puramente egoísta do vampiro.

—Não deixe que se machuque.

Era a resposta que esperava. Ainda surpreso que ela fosse capaz de fazê-la com o ciúmes tão intensos que sentia. Deixou cair um beijo no topo da sua cabeça antes de apertar seu rosto contra o peito.

—Fecha os olhos e fique quieta.

Por uma vez seguiu a indicação sem discutir, enterrando o rosto em sua garganta enquanto os músculos das costas se retorciam sob sua mão com uma recente onda de fome. Maldição! Depois de dois dias, a dor tinha que ser insuportável. E ele não podia compartilhá-la ou suportar parte dela por ela. Esta necessidade de alimentar-se tinha que terminar. Caleb sustentou a cabeça de Allie contra ele enquanto apanhava o olhar da aspirante.

—Dê-me seu pulso.

Além de um tremor, Allie não se moveu. Ele se alimentou tão rápido e eficientemente como foi possível, sem ocupar-se da luxúria da mulher como deveria, deixando-a para que Vincent tratasse com isso. Quando terminou, chamou à outra garota, quase idêntica à primeira, com o mesmo tamanho de busto, as mesmas ultra espessas pestanas, a mesma cor de cabelo. A única diferença era a estrutura óssea. Mas inclusive isso era bastante similar. Enquanto elas eram totalmente a ideia de perfeição de alguém, foi um consolo que nenhuma se parecesse com Allie.

A mulher lhe ofereceu o braço. Ele mordeu amavelmente, alimentou-se eficientemente. Logo que tomou tanto como pôde, ordenou à mulher que se afastasse.



—Já terminou? —perguntou Vincent.

—Sim.

A cabeça de Allie se elevou. Acompanhada de um grunhido. Ele pensou que ia bater nele de novo. Deixá-la-ia se o necessitava. Em vez disso, lutou com a manga de sua toga e a esfregou obsessivamente contra sua boca. Quando seu rosto se sentiu em carne viva e ela ainda não mostrava sinais de deter-se, envolveu os dedos em seu cabelo e puxou.

—Basta.

A selvageria abandonou seus olhos lentamente para ser substituído pelo horror. Ela olhou o braço, e logo sua boca, que estava avermelhada pela abrasão. As lágrimas brotaram de seus olhos de novo.

—Oh meu Deus, sinto tanto.

—E eu aqui estava a ponto de lhe agradecer por me deixar apresentável.

Ela o olhou durante um batimento, agarrando seu pulso com a outra mão. Piscou e logo ofegou. Não tinha que lhe perguntar por que. Os músculos de seu estômago tiveram câibras tão forte que ele teve a impressão de que Allie se dobrou muito antes que o fizesse realmente.

—Merda.

Allie lutou para soltar-se. Ele a segurou no lugar.

—Acredito que vou vomitar.

—Então vomita.

Allie negou com a cabeça.

—Em cima de você, não.

—Preferiria que acabasse no chão, mas tanto se cair em cima de mim enquanto a abraço ou se for passar por isso sozinha, consiga coragem e se impulsione para cima com os dedos dos pés sobre mim. —Abraçá-la era o único consolo que podia lhe oferecer, e não ia renunciar a isso, nem por amor nem por dinheiro, nem pela ameaça de um desastre.

Ela jazia de lado sobre ele, o corpo dobrado em posição fetal, aguentando a dor quando lhe deu a volta, ofegando em curtas baforadas compassadas que não deixavam muito tempo para falar. Mas ainda conseguiu dizer um:

—Guloso.

Acariciou-lhe o cabelo.

—Quando se trata de você, sempre.

Do outro lado da sala, Vincent permanecia ereto, esses pálidos olhos observando com brilho predador, um maldito coite esperando roubar o prêmio. Caleb lhe levantou o dedo meio. Nunca ia conseguir Allie.

Allie corcoveou sobre ele, arcadas secas lhe atormentavam o corpo. Tão violentas que esperava que seus ossos se separassem das juntas. Ele não sabia como sobreviveria ela. Sentia-se tão fraca, entretanto se dizia isso, tinha o pressentimento de que ela passaria uma hora lhe explicando quão equivocado estava. Por fim as arcadas terminaram, deixando-a pálida e



trememente, apenas consciente, tão exausta que sua respiração eram suspiros sussurrados mais que saudáveis inalações.

—Já basta.

Com dois passos rápidos e fortes, Vincent se aproximou da mesa, permanecendo no lado atado de Caleb. Muito mal. Caleb teria obtido um enorme prazer lhe retorcendo o pescoço. Vincent agarrou o antebraço de Allie, levantando-a de um puxão e virando-a antes de empurrar seu rosto para a garganta de Caleb. Pendia frouxa em seu agarre, nem capaz nem disposta a seguir sua ordem de alimentar-se.

Uma fúria como nunca tinha conhecido Caleb fluiu atravessando-o. As presas se dispararam em sua boca. Suas garras se estenderam seus completos quinze centímetros. Com um palavrão de desgosto Vincent deixou cair Allie. Se derrubou em cima de Caleb como uma boneca quebrada

Vincent lhe deu uma cotovelada. Ela nem se moveu.

—Fodida puta por deixá-lo tanto tempo.

Não era muito tarde. Não deixaria que acontecesse. Caleb embalou a cabeça de Allie em sua palma lhe segurando a boca contra o peito. Deslizou o dedo mindinho entre seus lábios e a pele, colocando-o para baixo, fazendo um corte profundo. O sangue se encharcou contra seu dedo e se estendeu para os lábios dela. Não respondia. Maldição!

—Vamos meu bem. Só um pouco. Por mim.

Tinha os olhos fechados. Supôs que podia tomá-lo como um não. Vincent a sacudiu. Sua cabeça rodou de um lado ao outro. Caleb rachou o braço de Vincent, grunhindo com satisfação quando o sangue salpicou em um arco.

—Faça isso outra vez e cortarei seu fodido braço.

Vincent sanou a ferida com a língua, ignorando a salpicadura carmesim que lhe cruzava a toga.

—Sua utilidade está a ponto de terminar, vaqueiro. Em vez de fazer inúteis ameaça, sugiro a você que pense em maneiras de evitar que o mate.

Falando de inúteis. Essa ameaça era tão factível como os bicos da mamadeira a um touro.

—Está inconsciente.

O sangue se encharcou em seu peito entre eles, frio no ar fresco. Caleb esfregou um pouco sobre a língua dela. Suas pestanas bateram as asas?

Vincent cruzou os braços no peito.

—Desperta-a.

Caleb nem o olhou.

—Deixa cair à barreira.

—Você não dá ordens aqui.

—Estou dando uma e se quiser que Allie se alimente, me obedecerá.

O outro homem lhe sustentou o olhar, projetando seu domínio com a mente e a postura.



Caleb as desprezou. Tinha chutado traseiros de homens mais imponentes enquanto estava três dias de farra. Afastou a franja de Allie do rosto. Estava tão pálida. Muito pálida. Acariciou-lhe o cabelo com os lábios. Com uma brutalidade que ressoou mais alta que o som de um sino, o zumbido desapareceu. Vincent tinha cedido. Caleb ocultou sua euforia contra o peito dela.

—Allie, se não despertar e se alimentar agora mesmo, vou atirar no lixo aquela maldita cozinha a que tem tanto carinho e vendê-la como sucata. —Colocou os lábios no seu ouvido— Pensa, que nunca conseguirá aperfeiçoar essa receita de garra de urso. Jared tirará o sarro para sempre sobre seus mantimentos assados. —Então suas pestanas definitivamente bateram as asas— E antes que se dê por vencida, talvez queira recordar quanto tempo significa sempre para nós.

Seus lábios se moveram contra o peito.

—O que?

—Bastardo.

O sorriso lhe saiu da alma.

—Esta é minha garota. Saíamos para dançar.

—Posso me alimentar agora?

—Sim.

Lambeu-lhe a pele. Ele pôs o corpo de lado. Suave, doce e sexy. Dela. Tudo o que desejava. Massageou-lhe o cabelo com os dedos, lhe dando o tempo que necessitava, sabendo o difícil que ia ser quando acabasse. Não acreditava que ela pensasse mais à frente do momento, do que ocorreria quando uma fome substituída à outra. Mas, vendo a espera no rosto de Vincent, a impaciência traía seus músculos tensos, Vincent o fazia.

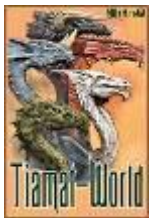
E essa conversão do desejo era a única razão pela qual tinha levado ali Allie. Vincent se imaginava tomando a luxúria que seguiria à sede de sangue e pensava utilizá-la para vincular-se a Allie. Tinha planejado violentá-la.

Caleb levantou o lábio em resposta ao sorriso de Vincent. O filho da puta nunca a tocaria.

Com um pequeno suspiro que foi direto à virilha, Allie centrou suas presas. Cada cor na gama do prazer erótico se disparou através de seu sistema enquanto a dentada o levou à beira do prazer. Adorava o momento quando ela se entregava a ele assim, confiando em que a cuidasse, deixando que a cuidasse. Ela era uma alma independente, não acontecia frequentemente. Não uma rendição incondicional. Estes momentos deviam ser saboreados.

Mas este não o seria. Uma dívida mais para deixar aos pés de Vincent. Desta vez havia muito em jogo. Os lábios de Allie roçaram sua pele com aveludadas carícias enquanto se alimentava, sua respiração um trêmulo convite, cultivando uma necessidade mais profunda. Deixou-a crescer, sutilmente reunindo forças atrás do véu da fome, projetando sua resposta sexual, distraindo Vincent com as sensações, enquanto em sua mente reunia as vozes familiares. Seus irmãos estavam chegando.

Era difícil de discernir a noite do dia na profundidade desta montanha, mas o fato de que o



grito de guerra de seus irmãos se estremecesse junto com seus próprios instintos de luta significava que era de noite. Os irmãos Johnson estavam em pé de guerra e o Santuário ia sucumbir. Os irmãos Johnson não gostava de chutar a merda, mas a chutavam bem.

A língua de Allie lambeu seu peito com pequenos dardos em chamas, sua primitiva fome e exigência, indiferente à audiência, indiferente ao perigo. Seu corpo se aproveitou do dele em longas e lentas contrações. Seu membro saltou. Pressionou-lhe a boca mais apertada em seu peito quando o fez de novo. Vincent deu um passo para diante, aproximando-se. Caleb só tinha tempo de enviar um único pensamento antes que o zumbido começasse de novo.

Prepare-se, Allie.

Caleb bloqueou o zumbido, conectou a mente com o ritmo e a luz piscante, movendo-se entre os padrões. Contra ele, Allie tremeu e lhe beijou o pescoço, seus exuberantes seios esfregando-se contra ele. Ele rebateu seus movimentos com os seus, sentindo a confiança de Vincent que estava muito longe de queixar-se, utilizando a distração para escapulir-se por detrás das barreiras mentais de Vincent, procurando a fresta que fizesse tudo possível. Encontrou-a, abriu a brecha e logo se desatou o inferno.

Capítulo 20

Vincent golpeou primeiro.

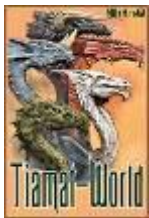
Um brilho deslumbrante de brilhante agonia se disparou pelo cérebro de Caleb arrancando um chiado de sua psique. Conteve-o enquanto se agarrava ao raio traiçoeiro, seguindo a energia de volta, sabendo que se retrocedia agora nunca teria a oportunidade outra vez. Sabendo que se falhasse, Allie ir-se-ia.

O sangue se reuniu vermelho detrás dos olhos. As faíscas se dispararam para dentro do perímetro do olho de sua mente e no centro da confusão mental resplandeceu a luz amarela brilhante que era o poder que Vincent esgrimia com tal habilidade. O centro de controle para todo este complexo. A barreira que precisava violar.

As chamadas mentais de seus irmãos cresceram mais fortes enquanto ele media mais profundamente, três das centenas de fios de energia que compunham os raios de luz. Com cada chamada, telegrafavam a Vincent onde estavam, o que planejavam, sem querer davam a seu inimigo toda a informação que ele precisava saber para preparar uma emboscada.

Caleb rangeu os dentes. Não ia acontecer. Vincent não conseguiria a sua mulher e não ia matar seus irmãos. Não se ele tinha algo a dizer no assunto. E tinha. Muito.

Utilizando os fios, empurrou-se mais profundo, superando os traços da energia de seus irmãos, refugiando-se dentro do familiar, mas não estavam no atalho reto. Serpenteavam e giravam, forçando-o a serpentear e girar com eles. Cada vez que tocava o poder de Vincent,



milhares de sinapses no cérebro se retorciam em agonia. E ele traía sua presença. Podia sentir Vincent buscando-o. Os traços de seus irmãos formavam redemoinhos no centro até estar completamente enredados com os de Vincent. O tempo de ocultar-se tinha terminado.

Logo que golpeou a parede, um relâmpago de energia cintilou para fora, acertando-o diretamente. O mundo se tornou negro. O grito de Allie ricocheteou a seu redor, o ódio e a violência se mesclaram com desespero e determinação. As vozes de seus irmãos se fizeram mais fortes e mais claras. Seu poder roçou o seu. Muito longe para ajudar. Fechou os olhos e lutou. Teria que fazê-lo; não podia permitir que Vincent vencesse.

E então o sentiu. Outra presença em sua mente: suave, feminina, acompanhando-o, conectada a sua força antes de estender-se para a luz, rodeando-a com pálidas fitas rosa de poder feminino. Allie. Maldita seja! Uma vez mais, onde não pertencia. Ficando em perigo em um esforço para salvá-lo.

Outro cru jorro de energia se disparou de Vincent em direção a Allie. Caleb puxou a energia para si mesmo para evitar que batesse, aprisionando-a enquanto um fogo cobria de bolhas sua medula espinhal, correndo por seus nervos. O corpo sofreu espasmos. As garras amassaram a mesa de aço quando arqueou as costas e liberou a agonia em um rugido de raiva. Um sussurro patinou pelo bordo de seu consciência. Aguenta. Aguenta.

Allie não tinha que preocupar-se. Não ia deixá-lo ir até que o filho da puta estivesse morto. Caleb tentou redirecionar a luz, mas era muito poderosa, uma queimadura que o deixava sem fôlego consumia seu cérebro, uma célula de uma vez, devorando sua força. Uns debilitadores estremecimentos atormentaram sua forma quando tomou mais do assalto em si mesmo, dando a Allie tempo, olhando os pedaços de força feminina estirando-se como veias no fluxo de energia, tecendo a pauta, encontrando lugares chave na sequencia, marcando-os com uma cor visível. Cada linha rosa que se trancava ao redor da ardente luz era sua mulher, lutando com a mesma teima e decisão que tinham derrotado os lobos. Vincent não tinha uma fodida oportunidade.

Depressa, Allie!

Inclusive enquanto o dizia, Caleb não sabia se ela poderia. Estava gastando uma quantidade tremenda de energia. Ele podia sentir seu desespero. Ela pressentiu que ele estava perdendo a batalha. As maldições de seus irmãos cresceram mais fortes, os golpes mentais de Vincent mais fortes. Caleb desviou o que pôde, aprendendo enquanto o fazia as regras de uma batalha lutada unicamente na mente. E aguentou. Aguentou essa pilha violenta e nauseantes de ódio, evitando arremeter, mantendo-a tranquila para que a doçura de Allie pudesse rasgá-la. Quem sabia que a força feminina poderia ser tão devastadora?

A pauta de luz ondeou. A energia baixou e fluíu. Caleb mediu suas ataduras, precisando ser livre, preparado para levar esta guerra ao plano físico. Logo, seria logo.

Além da batalha mental podia ouvir os gritos de guerra de seus irmãos, o trovão dos disparos, o choque de vidros, gritos roucos pontuados pela metódica fria sensação de vingança que estava se forjando. A luz ondeou outra vez. Tratar de manter a defesa de sua fortaleza estava



debilitando a força mental de Vincent.

O relâmpago se disparou pela luz que Caleb retinha, esfaqueando seu cérebro. Seu corpo corcoveou, seu cabo se afrouxou. Ouviu o grito de Allie quando sua força falhou. A risada de Vincent ressonou na sua cabeça.

Não pode ganhar.

Olhe-me.

E de Allie ouviu seu próprio grito de guerra pessoal.

Foda-se!

Essa era sua mulher. Rangeu os dentes. O bastante forte para debilitar o cabo de Vincent. O suficiente forte para continuar lutando sem importar nada.

Caleb sentia Allie cobrando forças. Uma quantidade incrível. Mais do que era possível que tivesse. Mais do que poderia suportar se a soltava de repente. O instinto, vampiro e humano, disseram-lhe que a afastasse, protegesse-a. Que protegesse ao bebê.

Um começo de surpresa ondulou através do escudo de Vincent.

Então ela está grávida.

Caleb rangeu os dentes. Merda. Sabia. A adrenalina bombeou. A raiva lutou com o imperativo, Vincent precisava morrer. Uma calma gelada centrou o propósito de Caleb. Procurou a pauta da energia de Vincent, encontrou o centro da corrente que sustentava, e a conduziu diretamente ao centro, golpeando no coração da mente de Vincent, esperando sua defesa, deslizando-se ao redor dela, procurando o lugar atrás, essa diminuta interrupção que cintilava. Captando-a em seu ponto mais largo, empurrou.

O rugido de Vincent ressoou dentro e fora de sua cabeça. Caleb golpeou uma e outra vez, até que da ferida mental profunda emanou energia a torrentes. Então trocou de objetivo e apontou às marcas rosas que Allie tinha deixado. Sob cada fio rosa, a luz se derramava em uma corrente rápida. Caleb não sabia que estava fazendo Allie, mas o que fosse, funcionava. Vincent estava sangrando mais rápido do que podia reparar.

Caleb mandou uma chamada mental.

Jared!

Desta vez houve resposta.

Em caminho.

Allie?

Sinto-a.

Tire-a daqui.

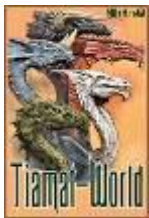
Como gravemente ferido está?

Bastante mal.

Merda.

Houve uma pausa.

Está bem?



Outro destes bandidos idiotas nazistas.

Idiotas nazistas?

O termo encaixa.

Quão rápido pode chegar aqui?

Continue falando e o deixarei saber isso. O lugar é um labirinto.

Trabalha rápido.

A luz cintilou no perímetro do olho de sua mente em advertência. O golpe de energia que veio para ele foi incrivelmente forte mais selvagem. Caleb o evitou facilmente. Vincent se desesperava.

Caleb arrancou suas ataduras, a luz que rodeava as faixas de aço piscou e enfraqueceu. Puxou outra vez, os ossos do pulso direito se romperam, mas a faixa se rasgou. Absorveu a agonia, liberando os pés com um puxão igualmente brutal, xingando quando a atenção de Allie se desviou imediatamente a ele, liberando Vincent.

Rodou fora da mesa, arrastando-a com ele quando o outro homem golpeou com força selvagem. O aço gemeu e zumbiu quando o punho de Vincent golpeou. Caleb empurrou Allie sob a mesa. Ela levantou o olhar. Tinha a cara branca como o papel no perfeito contorno do punho e as garras em cima da cabeça.

—Fique aqui.

Suas presas fizeram que a ordem soasse como uma exalação gutural.

Ela olhou para Vincent. Ele já não parecia o cavalheiro suave e urbano que tinham encontrado nas portas. Sua forma completamente transformada fazia-o tão feio como sua energia. A aresta da testa empurrando sobre os olhos, olhos que já não eram frios, mas sim ardiam com os fogos de um homem que sabia que estava ante sua última oportunidade.

O olhar de Allie voltou para Caleb. As pálpebras piscaram quando vislumbrou sua cara. Caleb sabia que tinha trocado completamente e a seus olhos devia parecer tão horroroso quanto Vincent. Não tinha tempo de tranquilizá-la além de um ligeiro toque na bochecha. Suas garras eram obscenas contra a delicadeza da pele.

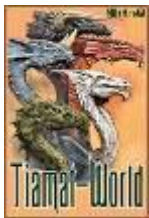
—Fez bem.

Ela não respondeu com seu humor habitual, só um movimento de cabeça e uma luz trêmula de algo que ele não compreendeu. Os olhos azuis se abriram de repente. Uma sombra passou por cima de sua superfície. Merda! Caleb se retorceu e bloqueou a ofensiva de Vincent, utilizando a velocidade do outro homem para desequilibrá-lo.

Caleb saltou sobre os pés, retrocedendo. Vincent o seguiu, atirando um golpe a seu abdômen. Caleb saltou para trás, longe de Allie. Filho da puta, era rápido. Mas não o bastante rápido. Caleb se agachou, segurando seu abdômen e esperou. Só tinha uma oportunidade de fazer isto bem. Enviou a Allie uma ordem mental.

Corre.

Allie ficou de joelhos. A porta estava só a uns poucos metros. Ligeiramente entreaberta,



sem dúvida pela rápida saída de um aspirante. Ela o faria. Isso deixava só ao Vincent com quem enfrentar-se. Caleb permitiu que a ira se assentasse a seu redor, drenando seu mundo de tudo exceto da fria claridade que afiava seus sentidos.

Vincent estava assustado e decidido. Desejava Allie. Uma criadora para a super raça que ele pensava que criaria. Caleb o agarrou na metade da investida enquanto o homem se movia para cortar a fuga de Allie.

—De nenhuma fodida maneira, bastardo.

—Ela é minha.

—Nunca.

—Sim!

—Caleb! —gritou Allie em advertência.

Uma ardente agonia lhe rasgou o peito, de atrás para frente. Uma vez, duas. Filho da puta. Olhou por cima do ombro quando caiu de joelhos. Quatro vampiros mais tinham entrado na sala.

* * *

Corre.

Caleb gritou a ordem na mente de Allie enquanto caía. Os recém chegados saltaram sobre as costas de Caleb com malvados sussurros de vitória. Ela conteve a respiração.

Levante-se, levante-se, levante-se!

O cântico trovejou em seu pulso enquanto olhava a batalha. O sangue saiu disparado em um jorro horripilante. Era o de Caleb ou o de algum dos outros? Um dos vampiros menores tropeçou a um lado.

Ela deixou sair o fôlego. Não era Caleb. Caleb estava vivo e lutava. Fazendo o último sacrifício para comprar tempo. Para ela.

Cravou-se as unhas nas palmas enquanto conseguia pôr os pés sob ela. E tudo seria para nada, porque de maneira nenhuma no inferno ia deixá-lo ali, mas o que poderia fazer? Nem sequer Lara Croft seria páreo para tanto músculo. Necessitava ajuda. Só havia um lugar onde sabia procurá-la.

Slade? Nada.

Jace? Ainda nada. Maldição. Respirou.

Jared?

Ao princípio nada, mas o vazio não estava tão vazio como o tinha estado com os outros irmãos. Havia um silêncio que era algo mais. Quase uma estática invisível. Como se ela não estivesse o bastante sintonizada onde devia estar. Gritou quando um dos vampiros atacantes saiu voando, o sangue o seguiu em um arco. O grito morreu em sua garganta quando o segundo vampiro, um monstro de cabelo negro, aterrisou de repente ao lado de Caleb. Acrescentando mais sangue a seu já coberto torso. Isso não o freou. Lançou ao outro vampiro à esquerda. Direto



para Vincent. Oh Deus. Nem sequer o tinha visto espreitando-a.

A ordem voltou. *Corre.*

Ela olhou para Caleb impotentemente. Não podia abandoná-lo. Ele descobriu as presas, sem dúvida tentando assustá-la. Como se isso fosse acontecer. Sob a forma transformada havia um homem preparado para morrer para dar a ela e a seu filho a oportunidade de viver. Era difícil ter medo de alguém assim.

Allie se reconcentrou, convocando a lembrança da ira de Jared do primeiro dia, seguindo a determinação que havia sentido dele. *Jared!*

A tranquilidade suavizou seu pânico. *Já chego.*

Ela empurrou em sua calma. *Estão matando-o.*

Já estamos quase aí.

Quase não era lá. E Caleb não tinha mais tempo. Só havia dois vampiros e Vincent frente à Caleb agora. Os outros dois estavam imóveis, dispersos através do quarto como lixo sangrento. Mas Caleb ainda estava de pé, golpeado e sangrando, mas de pé, os músculos tensos, a cabeça atirada para trás, uma imagem digna de um pôster de filme com toda essa masculinidade exuberante, o poder e o desafio. Seu homem. Ela ficou de pé, deu um passo para frente...

Vá.

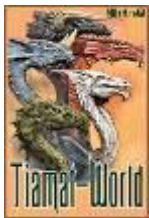
Ignorou a ordem combinada de Caleb e Jared, franzindo o sobrecenho quando os vampiros convergiram sobre ele outra vez. O sangue de Caleb salpicou a parede. A agonia fluiu dele a ela descontroladamente uma fração de segundo antes que ele a cortasse. O seguinte golpe que Caleb tomou quebrantou algo no fundo dela, liberando algo primitivo e feroz que não reconheceu. Mas lhe deu a boa-vinda.

Os dois vampiros levantaram Caleb, aprisionando-o entre eles, balançando-o como um presente para Vincent. Um grunhido explodiu do interior de Allie. Sua cara sentiu um formigamento e se intumescceu.

—Vou desfrutar disto. —Vincent se lambeu, indo diretamente contra Caleb enquanto este lutava entre os dois vampiros.

A declaração ressoou ao redor dela enquanto a realidade trocava. A imagem de Vincent se rabiscou detrás de uma luz estranha. Ela viu mover-se os lábios de Caleb, mas não o podia ouvir. O som se distorcia. O tempo se congelou em um quadro mortal. Só ela podia mover-se. Só ela tinha o controle. Deixando-se levar através do fragmentado espetáculo, centrou-se em Vincent. Estendeu-se. A leve luminescência, fluía para frente, para a brilhante luz amarela que era Vincent, encontrando os traços negros que pervertiam sua energia que tão óbvios eram agora. Tão óbvios.

A euforia aumentou sua raiva enquanto se deslizava no fluxo de energia, ignorando a distração de sua discordância, centrando-se no pulso central, puxando-o para ela. Cada vez mais. Uma quantidade interminável, esperando a resistência inicial, mas não a facilidade que seguiu. E foi fácil, tão fácil drenar seu poder. Drená-lo. E tão malditamente satisfatório. Mais. Tinha que tomar mais até que não houvesse nada e Vincent só fosse um esqueleto vazio. Uma ameaça para



ninguém.

—Allie!

A voz de Caleb se deslizou pela borda de sua consciência, atraindo sua atenção, atraindo a de Vincent. Sustentou Vincent com mais força, muito atemorizada para soltá-lo. Se o deixava ir, Caleb morreria. Isso não podia acontecer. Jamais.

—Estou bem, Allie. —disse Caleb outra vez, seu toque mental mais forte— Tem que soltá-lo.

Ela sacudiu a cabeça, franzindo o sobrecenho quando seu cabo se debilitou. Vincent tinha que morrer.

O sussurro de Caleb em sua mente foi tão suave como seu toque. *Mas você não tem que ser a que o faça.*

Não. Ela não podia matar.

—Solte-o, Allie.

Umas mãos puxaram as suas. Abriu os olhos. E piscou. Poderia ter jurado que os olhos tinham estado abertos antes, mas não o tinham estado, porque de maneira nenhuma teria esquecido a visão de suas mãos envoltas ao redor da cabeça de Vincent, suas garras afundadas como tentáculos em seu crânio.

—Oh, meu Deus.

Saltou ao peito de Caleb, envolvendo-se em seus braços enquanto lutava para apagar a imagem do corpo sem vida de Vincent desabando-se ao chão, dez perfurações perfeitas a olhavam acusadoras.

O braço esquerdo de Caleb a rodeou.

—Shh, meu bem.

Ela sacudiu a cabeça, a bochecha se deslizou no sangue que cobria sua forma grande. Então disse "Oh meu Deus" por outra razão enquanto o verificava da cabeça aos pés em busca de danos. Segurou-lhe o pulso quebrado nas mãos. As lágrimas gotejaram no vermelho que o envolvia, fazendo limpos círculos na piscina carmesim.

—Lamento-o tanto.

O beijo de Caleb aterrissou em sua cabeça mais que na bochecha.

—Não achava que fosse acontecer assim. —sussurrou ela.

—Não.

Não havia acusação em sua voz. Ela ouviu passos. Jared e Slade se uniram a eles. As roupas de ambos os homens estavam rasgadas e salpicadas com sangue e algo que não quis identificar. Slade se ajoelhou ao lado de Caleb. Deixou cair um kit ao chão e tirou uma tabuleta de ar. Depois de medir na ferida do lado direito de Caleb, Slade perguntou:

—Quantas vezes disse a você que não caia sobre sua mão direita?

—Estava distraído.

Por ela. Allie mordeu o lábio.



—Quando chegou?

O sorriso de Slade foi mais uma careta dos lábios.

—Aproximadamente no momento em que começou a sugar a vida de Vincent.

—Não o mordi.

E o horror disso era o maior de todos. Sem morder a um homem, tinha-o matado.

—Não está morto.

Ela poderia ter beijado Caleb por seu hábito de ler sua mente.

—Embora ia estar em um minuto.

Ela enterrou rapidamente o rosto de novo no peito de Caleb quando Jared levantou o homem de um puxão. Pendurava sem forças em seu punho, toda a sofisticação se foi. O aroma único de Caleb a alcançou através do fedor de sangue. Aderiu-se a ele, cavalgando a ascensão e a baixada rápida do peito de Caleb, deslizou-lhe os braços pelas costas, tomando cada vez mais nela. Necessitava algo familiar ao que aderir-se.

—Não vai matá-lo neste momento. —disse Caleb tão facilmente, com tanta tranquilidade com a violência ao redor deles.

—Faz-me um fracasso como vampira se disser "bem"?

—Não. —Cavou-lhe a cabeça com a mão, curvando os dedos no cabelo— Só a faz humana.

Ela ignorou o pequeno puxão que era um convite para olhá-lo.

—Mas já não sou humana.

—Não estritamente, mas ainda é a coisa mais doce que jamais vi.

—Isso é uma evasão, não uma resposta.

Desta vez ela não pôde ignorar o puxão no cabelo. Inclinou a cabeça para trás. Caleb, o humano, olhava-a. Tocou-lhe a bochecha.

—Seu rosto voltou para a normalidade.

Sob o polegar, os lábios de Caleb repuxaram em um sorriso retorcido.

—Já não um monstro, não é?

A barba lhe cravou a palma.

—Não é um monstro.

—Sou o que sou. Não tem sentido disfarçá-lo.

—Odeio quando faz isso.

—O que?

—Tentar fazer que o odeie.

—Meu bem, isso não é sequer lógico. —Empurrou-a a seu colo.

—Sei. Deveria trabalhar nisso.

Uma comoção ao outro lado do quarto atraiu sua atenção. Antes que ela pudesse girar-se, os braços de Caleb se fecharam a seu redor, imobilizando-a, evitando que visse nada daquilo. Para ouvir um gorgojeio balbuciante, mordeu o lábio e compreendeu por que bloqueava sua visão.

—Eu não gosto disto.



Ele olhou por cima de sua cabeça, assentindo a alguém que ela não podia ver.

—Não há nenhuma razão pela qual deveria.

—Tudo feito.

Reconheceu a voz de Slade.

Agarrou-se aos ombros de Caleb quando ele se inclinou para diante e logo atrás, ficando com cuidado de pé.

—Hora de irmos.

—Posso andar.

—Sei.

Ela levantou a sobrancelha.

—Então por que não estou de pé?

—Porque tenho problemas para me desfazer de sua imagem caminhando por volta de três vampiros depois que lhe disse que corresse.

—Sabia o que estava fazendo. —Era só uma pequena mentira. Parte dela tinha sabido exatamente o que estava fazendo. Só que não tinha tido conhecimento dessa parte dela mesma naquele momento.

—Sandices. —O ar rangeu ao redor deles. Caleb girou de lado para fazê-los passar pela porta— Foi descuidado, impulsivo e temerário.

Os irmãos se alinharam ao lado deles. Armados e preparados, eram uma escolta impressionante.

—Teve êxito. —disse Jace, vindo ao lado.

Ela contradisse o “Cale-se” de Caleb com um sorriso.

—Obrigada.

Ela estirou o pescoço até que pôde verificar a condição dos homens ao redor deles. Estavam todos ali, em várias etapas de pior-para-levar, mas ali.

—Como nos encontraram?

—Uma vez que Caleb mandou recado de que se colocasse a caminho, seguimo-los no caso de que suas boas-vindas não fosse tão cálida como esperava.

—Poderiam ter-se aproximado. —grunhiu Caleb. Seu punho se apertou. Ainda estava zangado.

—Tivemos um pequeno problema com os D’Nallys. —grunhiu Jace.

—Para não mencionar essa barricada. —Slade deu um passo sobre o corpo de um aspirante. Allie sentiu uma pontada de compaixão pela alma desencaminhada até que Slade se agachou e recolheu uma arma a meio metro.

—Nosso amigo Vincent possivelmente teria estado mais louco que uma vaca com erva louca, mas era brilhante no que se referia a armas.

Disparou a arma. A parede explodiu.

—Laser misturado com luz no espectro da luz do sol. Silencioso mas mortal para weres e



vampiros.

Slade assentiu. Atirou a arma por cima do ombro.

—Exceto para nosso Caleb aqui presente.

—Por que demônios inventaria alguém uma arma assim?

—A única razão em que posso pensar, —ofereceu Jace, comprovando o seguinte vestíbulo.

Deu um passo dentro, reaparecendo um segundo depois e lhes fazendo gestos para que seguissem— é que alguém está se preparando para uma guerra.

—A pergunta é, contra quem?

Caleb deu um passo pela porta.

—Suponho que me inclinaria para todos os que não encaixam com seu ideal genético.

Allie negou com a cabeça.

—É maior que só Vincent.

Os homens a olharam.

—O que quer dizer?

—Quero dizer que, quando estive conectada ao Vincent, senti uma conexão a mais entidades, estendido mas conectado. —Sacudiu a cabeça— Não acredito que matando Vincent terminemos com isto.

Os homens se olharam uns aos outros e logo ao redor do quarto de alta tecnologia. Jared resumiu os pensamentos dos irmãos em uma palavra.

—Merda.

Caleb moveu o rifle em seu punho.

—Nesse caso, melhor irmos.

Jared tomou posição diante deles, abrindo caminho. Um homem zangado e mal-humorado procurando uma desculpa para descarregar. Ela sentia compaixão por qualquer um que lhe cruzasse em seu caminho.

Caleb estava um passo detrás deles, ainda levando-a. Sob seu disfarce de força ela podia sentir quão fraco estava realmente.

—Deixe-me andar.

—Não.

—Sim.

Franziu-lhe o cenho.

—Não me faça ser toda vampiresa sobre você.

O brilho de diversão nos olhos de Caleb apaziguou um pouco o temor interior.

—Pode me atirar o que quiser, meu bem.

O "não me assustará" estava implícito. Tocou-lhe a bochecha e puxou sua cabeça para baixo para poder lhe sussurrar na orelha.

—Desça-me antes que você caia.

Ele fez uma careta.



—Achava que você não ia notar isso.

—Não se preocupe. Ainda penso que é macho.

—Ai.

—O que? Você nota tudo a respeito de mim, por que eu não posso perceber uma coisa ou duas a respeito de você?

—Porque é duro para o orgulho de um homem. —disse Jace, ficando a seu lado— Posso levá-la.

—Posso andar.

Nenhum lhe deu atenção. Caleb a entregou. Ela teria meneado em protesto, mas suas pernas e braços tinham a substância da gelatina.

Dado que não tinha escolha, relaxou-se contra Jace e perguntou:

—Caleb vai estar realmente bem?

—O que disse Slade?

—Que ele estaria.

—Então ele estará. Slade nunca se equivoca.

Ela descansou a cabeça no ombro de Jace. Não era tão cômodo como Caleb, mas estava bem.

—Realmente não é justo. Todos se tornam vampiros e se convertem em super-homens. Eu me converto em vampira e continuo sendo uma adoentada.

Tudo o que podia ver do sorriso de Jace era a ligeira dobra onde o queixo se encontrava com a bochecha.

—Eu não a chamaria adoentada.

O “não” de Caleb foi seco. Agarrou o fuzil que Jared lhe atirou. Levou aproximadamente três segundos averiguar o mecanismo. Jogou entre suas mãos, provando seu peso. As armas eram obviamente uma coisa de meninos, porque parecia malditamente natural em suas mãos.

—Vamos no mover.

Deu um sorriso a Allie. Ela tentou devolver-lhe, mas em realidade, a reação estava se estendendo e sua serenidade estava se debilitando pelas bordas. Caleb franziu o cenho, obviamente sem acreditar na sua atuação. Bem, infernos, ela estava acostumada ser melhor nisto.

—Não se sinta mal. Faz isso com todos nós —disse Jace.

—O que?

—Ver mais do que nós queremos.

—Quem diz que oculto algo?

—Esse grande sorriso em sua cara, quando qualquer um pode ver com que força está tremendo.

—Maldição.

Caleb se aproximou e lhe acariciou a bochecha com o polegar. Havia sangue no dorso da



mão e uma energia mortal sobre ele. Era quase um estranho exceto pela curva de seu sorriso e o sentimento de seu toque. A gentileza em ambos de uma vez quando nunca tinha parecido mais selvagem.

—Estaremos em casa logo.

Casa. De volta ao rancho que era uma combinação estranha de seres paranormais, de ciência moderna e antiguidade. Quem teria pensado que poderia soar tão bom?

—Obrigada.

O dedo lhe acariciou a curva dos lábios em uma familiar carícia, esfregando o canto. Saliva ou sangue? Quase perguntou e então se deteve. Realmente não queria sabê-lo.

—Pareço um desastre, não é?

—Parece linda.

O olhar que Caleb dirigiu a Jace por debaixo do cenho foi mortalmente sério.

—Não importa o que, a mantenha a salvo.

—Feito.

Um golpezinho do dedo nos lábios, o qual os fez inchar-se e ficar firmes para um beijo que não chegou e esteve olhando as costas de Caleb. Sua larga, ferida e decididas costas.

—Acredita alguma vez que não pode ganhar?

Jace moveu seu peso nos braços. Ela se agarrou a seu casaco até que esteve segura de que não ia deixá-la cair.

—Não.

—Por que não?

Logo que Jared deu o "tudo limpo" foram ao seguinte corredor, para... tomou um momento para orientar-se. À noite. Era de noite. Graças a Deus.

—Vamos ter tempo de retornar?

—Sim.

Jace parou em outra porta, agachou-se e a pôs a um lado. Sons de combate vinham até eles do outro lado.

—Fique aqui.

Meteu-se os pés sob ela, preparada para mover-se.

—Não sou um cão.

—Se fosse, poderíamos bater em você com uma correia quando ficasse difícil.

—Encantador.

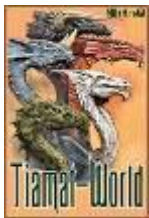
Deslizou o fuzil do ombro.

—Tente isso.

Sua atenção estava claramente adiante e não nela. Ela preferiria que estivesse adiante, com Caleb, que não parecia compreender que suas feridas o faziam vulnerável.

—Realmente não me importa me unir à diversão.

O que fosse que estava acontecendo do outro lado da porta era definitivamente uma



situação da mais alegre.

—Você permanece comigo.

—Os tipos maus estão diante de nós. Estarei bem se você... —a parede se sacudiu quando algo se chocou contra ela—, quiser considerar sequer as probabilidades.

—Só há perto de uma dúzia aí dentro.

O qual significava que as probabilidades eram três a um. Afastou-se um pouco da parede, esperando ver algo desagradável estalar em qualquer momento.

—Dou-me conta, de volta a seus dias, em que era frio fingir que o impossível era possível, mas nestes dias pedimos ajuda.

Ele teve o descaramento de parecer surpreso.

—Realmente não conhece Caleb bem, verdade?

—Não.

Ele sorriu.

—Confie em mim, com as probabilidades três a um, os únicos pelos quais tem que se lamentar é por esses do outro lado.

Outro... algo golpeou a parede. Jace sorriu quando ela estremeceu. Idiota.

Ela observou a faca em seu cinturão.

—Em que ponto precisamente devo me preocupar?

—Quando alguém te disser que corra.

—Isso. —Em sua experiência isso era geralmente muito tarde— Não sou boa correndo.

Ele considerou isso por um instante, afastando o olhar da porta antes de girar-se sobre ela. Por uma vez não estava rindo, só havia seriedade enquanto a estudava por debaixo da borda do chapéu.

—Isso ouvi.

Ela levantou o queixo. Podia sentir-se como um tigela de gelatina tremente por causa do que tinha acontecido nesse quarto, mas não tinha medo. A parede se sacudiu outra vez e ela saltou. Bem, não muito de todos os modos. Jace continuou olhando-a fixamente e ela seguiu fulminando-o com o olhar. Ele assentiu como se algo tivesse encaixado em seu lugar. Tirou a faca e a entregou, o primeiro punho.

—Se tiver que utilizar isto, não vacile. Empurra primeiro e pergunta depois.

A faca se sentia bem em suas mãos, cômoda.

—Sabe, acredito que possivelmente chegue a ser meu cunhado favorito.

Ele disparou três vezes em rápida sucessão com o fuzil de luz de sol quando um corpo veio pela porta. O vampiro não se levantou, provavelmente devido ao buraco imenso e enorme no peito. Uma fumaça se elevava de seu corpo imóvel de forma antinatural. Jace a olhou.

—Faça-me um favor e não diga isto a Caleb.

—Por que não?

—No que se refere a você, tem um pavio curto, e ainda balbucia sobre nossa apresentação.



Ela trocou a faca em seu punho, o punho acima.

—Agora que caiu, eu também.

Ele olhou a faca e a implicação. Incrivelmente riu.

—Aposto que dá a Caleb ataque.

—Tão frequentemente como posso.

Três assobios agudos e ele relaxou.

—Parece que as coisas estão limpas.

O quarto era um açougue. Um açougue absoluto e assombrosamente sem sangue. Aparentemente, as pistolas de raios laser cauterizavam enquanto destruíam. Allie estava bastante segura de que a sua esquerda havia um braço, sozinho, deitado ali como se esperasse que aparecesse o corpo a que se supunha estava atado. Teve arcadas. Engoliu com força. Imediatamente, o olhar de Caleb se balançou em sua direção. Ela sorriu, esperando não parecer tão horrorizada como se sentia. Seria agradável se ele pudesse estar orgulhoso dela para variar.

Ele foi para ela, grande e mau, passando sobre os corpos como se eles não importassem, como se o que houvesse feito não importasse. O qual logicamente ela sabia que não era assim, mas não estava acostumada a este tipo de vida e morte, inclusive se era necessária, não era fácil ajustar-se a ela. A mão de Caleb se fechou ao redor da dela. Cálida e forte, pondo-a de pé. Parte do frio e a incerteza interior a abandonou. Esfregou-lhe o antebraço.

—Está ferido?

—Não. Que tal você?

—Estou bem.

—Posso vê-lo.

Empurrou-a seu lado. Ela fingiu que era o modo em que a segurava o que forçava seu rosto contra o peito e não o horror do quarto. Os outros irmãos registravam os corpos, tomando e desprezando material enquanto o faziam. Alguns dos artigos que conservaram causaram um estalo de entusiasmo que se estendeu pelo quarto. Homens, lhes dê um aparelho e são todos iguais.

—Quanto mais longe?

—Estamos quase ali.

Havia certa tensão em sua voz que a fez perguntar:

—Seremos mais vulneráveis quando estivermos fora, verdade?

—Não se preocupe, tenho você.

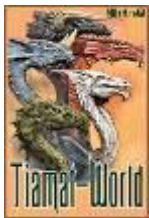
Empurrou-o então.

—Não sou nenhuma flor frágil a que tenha que proteger. Posso ajudar.

Empurrou seu rosto de volta contra seu peito enquanto se dirigiam para outra porta.

—Chamarei você se precisar.

—Não acredito que ouça o silêncio, “e isso será quando eles façam bolas de neve no inferno” está preso a essa declaração.



—O dia que eu não puder cuidar de mim mesmo será o dia que possa começar a lutar minhas batalhas por mim.

—Temos que falar seriamente sobre suas atitudes de machão.

—Certo. —Ele começou a andar, levando-a com ele.

Ela se adiantou com o pé esquerdo, empurrando contra seu flanco. Poderia também ter empurrado uma parede.

—Fede realmente não ter conseguido nada de músculo vampiro.

Ele seguiu movendo-se, lenta e constantemente.

—Inclusive se tivesse, não estaria à altura de um vampiro macho.

—Não sabe.

Sua resposta foi um grunhido. Foi uma pequena vitória, mas neste ponto ela tomava onde podia consegui-las. O pé se enredou com a perna de Caleb. Ele dirigiu o tropeço levantando-a até que ela recuperou o equilíbrio.

—Isto iria muito mais fácil se me permitisse ver aonde me dirijo.

—Em um minuto.

Ela se arriscou a olhar abaixo e imediatamente desejou não havê-lo feito. A visão de um corpo decapitado estava vividamente perto. Apertou a cara contra as costelas de Caleb com a suficiente força para correr o risco de deixar uma marca permanente.

—Oh Deus.

—Disse a você que não olhasse.

—Não, não disse. Disse “em um minuto”. Isso não é o mesmo.

—É para mim.

Ela engoliu o nó. Tinha a garganta apertada pelas repercussões.

—Estou acrescentando o assunto da comunicação ao material sobre o qual devemos trabalhar.

—Comunico-me bem. A meu parecer, sua forma de escutar está mau.

—Certo. —Ela tropeçou, estirando-se irreflexivamente e o segurando pelo braço machucado. Ele não disse uma palavra, só deu um breve grunhido de dor e um igualmente breve grunhido de resposta a sua desculpa.

—Sério, isto não é cômodo, assim se o que está diante de nós tem um fator de menos cinco na escala de asco, apreciaria que me permitisse ir.

Uma pausa.

—Diria que estamos em dez e subindo.

—Genial.

A resposta de Caleb foi dobrar os joelhos, deslizar-se sob seu corpo e levantá-la. Cravou-lhe o ombro no estômago. Acima e logo abaixo. Ela apoiou as mãos no traseiro, fechando os cotovelos, sacudindo o cabelo de seus olhos, mas mantendo-os fechados.

—Bom. Isto é muito cavernícola ainda para mim.



—Preferiria caminhar por um atoleiro de sangue?

A imagem foi muito gráfica.

—Suponho que posso sofrer um pouco.

—Isso pensei.

Estendeu-lhe a língua às suas costas. Tentou calcular a distância a que viajaram contando os passos, mas a matemática nunca tinham sido o seu e o terror de que um psicótico aspirante ou um vampiro demente saltasse das sombras e lhe arranhasse sua desprotegida costas afetava sua concentração. Finalmente, a incerteza foi muito para ela. Um olhar rápido detrás não revelou nada asqueroso. Moviam-se por outro corredor. Este, por sorte, livre do novo cenário de morte.

—Caleb?

Ele não freou.

—O que?

—Obrigada por vir comigo. —Isso não era o que realmente queria lhe agradecer, mas não sabia como agradecê-lo por suportar a agonia que Vincent lhe tinha infligido, por aguentar porque o tinha necessitado, por estar ali por ela através do inferno em que ela os tinha metido.

—Não tive exatamente escolha.

Sim, teve-a. E vendo como a tinha tido, ela podia admitir algo mais.

—Teve razão a respeito do outro, também.

—O que outro?

—Já sabe.

—Não, não sei.

Dois passos mais e logo uma série de trancos rítmicos que tomou um minuto compreender. Estava subindo a escada. O qual significava que estavam quase fora. Deus sabia o que os aguardava ali. A garganta se fechou. Teve que tomar um fôlego com cuidado pelo nariz, o prendeu contando até dez antes para poder encontrar sua voz através do terror.

—Foi realmente estúpido por minha parte insistir em vir aqui.

—Desatendeu meus instintos.

—Estava equivocada.

—Pode me compensar mais tarde.

—Não estou segura de que estivesse tão equivocada.

Algo duro e metálico golpeou contra seu traseiro. O fuzil?

—Estará.

—O que?

—Segura.

—O que o faz pensar isso?

O canhão lhe golpeou o traseiro outra vez, não tão brandamente desta vez.

—Porque penso açoiar seu traseiro até que o esteja.



Capítulo 21

A viagem de volta para o Circle J foi um anticlímax. Tão assim, que Allie não sabia como arrumar-se com a tensão que a envolvia. Estava preparada para brigar contra algo, contra qualquer coisa, mas não encontraram nada mais que a escuridão da noite e a incômoda sensação de que estavam sendo observados a cada passo do caminho. Apesar de que tinham realizado uma retirada limpa, não acreditava que isto tivesse terminado. Nem tampouco acreditava ninguém mais. O som dos preparativos estava por toda parte. O Circle J se preparava para a guerra. A única pergunta era contra quem estariam batalhando: contra o Santuário ou também contra os D'Nallys?

Ela preferia que não brigassem contra nenhum. Talvez fazer-se escutar com respeito à paz com o Santuário podia ser impossível, mas estava segura que havia uma possibilidade com os D'Nallys. Allie esfregou com força seu úmido cabelo e se atirou na cama. Alguém deveria tentá-lo em vez de só assumir que era impossível. Mas, é obvio, ninguém a escutava. Era só a única razoável em um rancho cheio de machos fora de controle.

Oh, infernos. Soprou a franja da testa. Com isto estava se tornando louca, e estava muito cansada para lutar com tudo um pouco. Pressionou-se o estômago quando lhe soaram as tripas. Cansada e faminta.

—De novo tem fome?

Olhou para cima. Caleb estava parado na entrada, apoiado no umbral da porta, parecendo tão masculino que não pôde culpar seu pulso por subir um nível. Ele inclinou a cabeça para trás, revelando sua própria fome enquanto seu olhar se metia pela frente aberta do roupão dela. Ele estava usando seu chapéu, o que significava que estava planejando sair.

—Sinto muito.

Ele se separou da parede, enquanto seus dedos foram à camisa.

—Por quê? Uma parte de meu encanto de macho é que eu gosto de provê-la.

—Vai sair.

Ele sorriu.

—Ficar parece muito mais interessante.

Dois passos e esteve a seu lado. Seu chapéu aterrisou no poste da cama mais próximo enquanto sua camisa se abria, revelando a dura curva de seus peitorais e a tentação da tábua de lavar de seu magro abdômen. O colchão se afundou sob a pressão de seu joelho. Ela se reclinou contra a cabeceira, deixando que a risada dele flutuasse sobre ela como a mais suave das mantas. Deslizou as mãos por seu peito enquanto ele baixava e sua cabeça caiu naturalmente na palma da mão dele.

Os lábios de Caleb tocaram sua orelha, sua garganta. Pequenas carícias suaves que tiravam



o fôlego, tão contraditórias com a violenta emoção que ela podia sentir pulsando sob a pele.

—O que está fazendo?

A risada dele fez brilhar sua pele.

—Não se dá conta?

Ela estremeceu enquanto ele riscava a curva de sua orelha com a língua.

—Estava zangado.

—Certo.

—Não age como se estivesse.

A cama se afundou quando ficou sobre Allie. A diversão marcava o canto direito da boca dele.

—Como quer que aja?

Allie deu de ombros.

—Como um louco?

Uma pressão de seus dedos e a cara dela se girou para ele. Desejo e irritação se mesclavam nas linhas que havia ali, gravando uma imagem em sua mente do poder dele, de sua intensidade, o que só servia para lhe recordar quanto tinha desfrutado dessas qualidades quando estavam na cama.

—Parece-me que agimos com loucos o suficiente por hoje.

Ela deslizou suas mãos pelos ombros dele, e lhe deu um pequeno puxão.

—Argh! Esse trocadilho foi muito fraco.

—Mmm —baixou a cabeça — Jogue a culpa a que estou distraído.

Jogando um olhar entre eles, viu que seu roupão se deslizou completamente do lado direito de seu peito. O rosto dele se tornou impreciso quando se aproximou, ficando entre ela e a luz. Sua visão noturna entrou em ação, tirando as formas em cor de seu rosto e deixando-o em um austero branco e negro, destacando a confiança e a força que ele usava tão facilmente. Tão diferente dela, deixando-a lutar novamente com a mesma pergunta que tinha desde que o tinha conhecido: o que tinha visto nela?

A resposta não estava em seus olhos. Ali, em seu olhar só pôde ver redemoinhos iridescentes. Ele sabia tudo o que estava pensando, e ela não podia nem sequer imaginar se estava zangado ou excitado.

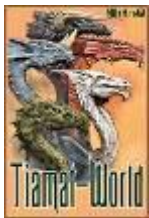
—Somos tão inadequados um para o outro.

Os lábios dele se alinharam com os dela, de cima a abaixo, borda com borda, no mais nu contato, mas de alguma forma se sentia como tudo.

—Parece-me muito adequada para mim.

Ela se estremeceu quando a delicada fricção de sua declaração se teceu em seu centro. Rebolou em seu agarre, sem imaginar quão revelador era o gesto até que ele riu suave e sedutoramente.

—Abre a boca, pequena Allie.



De repente, ela não quis. Desta vez havia algo que tinha a ver com ele. Algo determinado. Algo que dizia que isto era mais que sexo.

As carícias de seus polegares na beira dos lábios fez que os abrisse apesar de sua relutância.

—Sempre foi mais.

Respirou as palavras em sua boca, sobre sua língua. Ela tomou mais profundamente com sua seguinte inalação, as sentindo flutuar através de seu ser, alojando-se com segurança em áreas onde não tinham nada a fazer. Não nas de qualquer mulher nascida no século vinte.

—Está tomando o controle.

Caleb aceitou a acusação com a mesma calma de segurança com a qual aceitava a responsabilidade por seu peso, fazendo-a descer, baixando-a lentamente até o colchão, gradualmente, seguindo-a para baixo, cobrindo-a no mesmo processo lento. Sustentou-se sobre ela com um cotovelo e lhe afastou a franja do rosto.

—Só pode haver um chefe em qualquer equipe.

Ela deslizou os braços ao redor dos ombros dele enquanto sua cabeça tocava o travesseiro.

—Por que não posso ser eu?

Os ombros dele bloquearam o último da luz.

—Porque prefere que eu seja.

Sim. Ao menos no que se referia ao dormitório. Especialmente quando ele inclinava a cabeça justo desse modo e fazia encaixar suas bocas da mesma maneira que encaixava dentro de sua alma. Um milímetro cada vez, um momento que tirava o fôlego, mesclando antecipação com espera, esperança com promessa, até que com um empurrão de sua língua, cumpria com ambas. Seu gemido se emparelhou com o grunhido dele, como se também ele sentisse o poder do momento, a união que não podia ser negada. Os dedos dele se enredaram em seus cabelos, levando sua cabeça para trás, abrindo mais sua boca. Para mais de seu beijo, mais de sua posse.

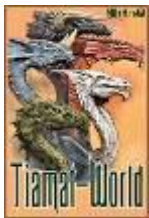
E ela o aceitou, inclusive lhe deu a boa-vinda. Tão diferentes como eram, tinha esperado toda sua vida por um momento como este, por um homem como este. A paixão emanando da luxúria e a emoção da paixão. Não lhe pôs nome, não quis nomeá-lo, mas o sentiu. Da ponta de seus dedos até as profundidade de seu coração, mas se o sussurrava, estaria perdida. Entregando-se a outro estilo de vida, a um futuro que não estava segura de desejar. Entregando-se a um homem que pensava muito diferente a ela. Um homem que ameaçava continuamente surrá-la.

Caleb afastou os lábios dos dela.

—O que está ocorrendo nesse seu cérebro, Allie?

Oh, claro, no único momento em que seu olhar podia ser útil, ele escolhia respeitar seus desejos. Beijou o topo do lábio superior dele, essa curva ligeira e totalmente masculina que sempre a intrigava.

—O que o faz pensar que posso pensar em algo quando está me beijando?



—Não está me devolvendo os beijos com seu habitual entusiasmo.

Ela fez uma nota para trabalhar nessa multitarefa.

—Só estou me perguntando quão sério é a respeito do que disse antes.

Não podia ser coincidência que as mãos dele se abrissem em suas costas e se deslizassem por sua coluna vertebral.

—Sobre o que?

—Você sabe.

—E se não?

Os dedos dele se detiveram sobre a curva de seu traseiro. Sim que sabia.

—Sabe.

—Está apressada para obter sua surra?

—Você não?

—Não particularmente.

Enredou seus dedos no cabelo dele. Adorava a forma como se sentiam os grossos fios contra suas mãos. Lisas e frescas como a seda para os extremos, e justo ali, uma insinuação de onda, justo o suficiente para apanhar seus dedos.

—Então suponho que podemos nos esquecer de toda essa coisa de me surrar.

Allie captou o brilho dos dentes antes que lhe capturasse o lábio inferior. Mordeu-a, só o suficiente para deixá-la sentir a beira afiado, levando o prazer sedutor até o bordo da dor. As costas dela se arquearam instintivamente ante sua provocação, apresentando a si mesmo para mais, tentando-o descaradamente para que lhe desse mais. Caleb se inclinou para trás, puxando eroticamente o lábio dela antes de deixá-lo ir. Ela o bebeu dentro de sua boca, acalmando a espetada com sua língua, saboreando o gosto dele que ainda persistia.

Allie tinha muito que aprender sobre ele, decidiu Caleb. Observou como a língua dela se deslizava sobre seu lábio, reunindo o sabor de seu beijo, observou como suas fossas nasais se expandiam quando o gosto dele se fundia através de sua boca. Observou enquanto suas bochechas se afrouxavam e sua coluna se esticava e arqueava. Observou e sofreu sua própria agonia. Nunca satisfeito, ainda cantarolando a frustração anterior. Teria sido tão fácil esquecer-se da desobediência dela. Tão fácil, mas teria sido um engano.

Estirando um dedo, estendeu sua garra e cortou o nó do roupão dela, despindo o vale pouco profundo entre seus seios descarados. Tremiam com a inalação dela. Seus grandes olhos azuis se abriram de par em par, desconfiada e excitada ao mesmo tempo. O bordo de violência que rodeava sua forma de fazer amor a excitava. As lapelas do roupão se abriram antes que as mãos dele descessem, despindo a carne branca do estômago dela. Um intrigante rastro de pele arrepiada se estendeu com a esteira de seu toque.

Inclinou-se. Ela ofegou outra vez. Uma fina capa de transpiração apareceu em sua pele, um aroma tentador doce e ligeiramente almiscarado, um prelúdio do perfume mais profundo que ele sabia o esperava mais abaixo. Lambeu a primeira gota de suor do delicado vale.



—Meu bem, sempre é um engano pensar que não quis dizer o que disse.

Girou-a e a imobilizou com um braço cruzado nas costas antes que o significado se aprofundasse sob a bruma sensual. As pernas dela penduravam sobre a beira da cama, sem brindá-la com nenhum ponto de apoio para fazer alavanca, mas sim a ele. As curvas cheias de seu traseiro pressionavam para cima contra o suave algodão do roupão. Allie tinha um traseiro muito bonito. Acariciou a curva plena de sua nádega direita, aplaudindo-o brandamente, sorrindo quando ela saltou como se ele a tivesse golpeado, gritando o suficientemente alto para despertar um morto, assumindo que eles ainda não souberam.

—Caleb Johnson, não se atreva.

Ele conteve um sorriso e sacudiu a cabeça quando a tensão subiu de repente pela coluna dela. Estava zangado como o inferno com ela, mas ainda podia fazê-lo sorrir.

—Meu bem, atrevo-me a qualquer coisa.

—Não a isto.

Os músculos dela tremeram com a tensão de empurrar em vão contra seu agarre. Realmente tinha sido extorquida no departamento de músculos. Um apertão a seu traseiro a teve de novo gritando e saltando.

—Sim, inclusive a isto.

Curvou uma garra no pescoço do roupão. Às vezes uma mulher tinha que provar a força de um homem para confiar nele.

—A próxima vez que disser que fique quieta, ficará.

—É uma ordem?

—Sim.

— Então com certeza acabou sua sorte.

Houve outro grito quando sua garra lhe fez cócegas na nuca.

—Este é meu único roupão!

O traseiro dela ondulou enquanto tentava afastar-se, muita tentação exuberante para que um homem de sangue quente o pudesse resistir. Deu-lhe um beliscão.

—Bem.

Não gostava que ela usasse roupa que mostrava a curva plena de seus quadris, e a suave plenitude de suas coxas, e o fino roupão o fazia. Inclusive sobre pijamas. Era muito bonita, e com seu encanto de vampira, muito tentadora.

—Não vou passar os dias espantando os homens com um pau.

Ela deixou de lutar. Seu cabelo se abriu em leque quando olhou por cima do ombro, logo se assentou ao redor de seu rosto em uma nuvem silenciosa.

—Pensa que sou tão sexy?

Como ela podia duvidar?

—Oh, sim. E tão logo tenha terminado de sorrir este doce traseiro, demonstrar-lhe-ei isso.

A cabeça dela se agitou de um lado a outro, seu corpo tremendo pela tensão de sustentar



a posição. Não havia nenhum pingo de preocupação em sua expressão.

—Não vai me machucar por salvar sua vida.

Sim, amava a maneira como os olhos dela brilhavam com fragmentos de azul mais profundo quando suas emoções estavam excitadas. E o ligeiro rubor em suas bochechas só servia para realçar o efeito.

—Está segura?

Cortou o resto do roupão. Separou-o em duas cascatas de branco, revelando sua pele ao deslizar-se lentamente, seu pescoço, a linha delicada de sua coluna, a curva incipiente da cintura, a elevação de suas nádegas... Substituiu o tecido por sua palma, elevando sua própria temperatura corporal, assim ela a sentiria mais.

—Se continuar cortando minha roupa, não vou ter nada para usar.

—A nudez tem seu atrativo.

—Dá-me a impressão que está me ameaçando?

Estava-o fazendo. Não queria voltar a repetir nunca o momento quando se separou dele, sem saber o que pretendiam, incapaz de protegê-la do que fosse acontecer, sem saber se ela tinha sobrevivido. Subiu a mão.

—Prepare-se.

Ela se relaxou completamente. O perfume de sabão e excitação se elevou com a mão dele. Baixou-a com toda a intenção de lhe abrasar o traseiro, mas no último minuto se encontrou contendo sua força, até que tudo o que entregou à lisa carne branca foi uma ligeira palmada. Ela riu e logo murmurou em voz baixa:

—Isto pode ser divertido.

Sacudiu a cabeça, mantendo sua mão onde estava, colocando-a ao redor da curva exuberante, deslizando a ponta dos dedos na dobra entre as bochechas cheias, mantendo Allie quieta.

—Deus, nada coloca medo no seu corpo?

—O pensamento de perdê-lo.

Era uma dessas admissões espontâneas que podiam rasgar o coração de um homem. Ou deixá-lo louco de alegria.

Voltou-lhe a bater o traseiro. Seu avô estaria se revolvendo em sua tumba ante a natureza teimosa do Allie, mas Caleb em realidade não a queria de nenhuma outra forma.

—Agora o fez.

Ela rebolou.

—O que fez?

—Desatou à besta.

Outro rebolado.

—Eu gosto da besta.

Sim, gostava. E também a ele. Deslizou sua mão pelo estômago dela, lhe dando a volta. As



mãos dela se abriram rendendo-se e as apanhou com as dele, as pressionando no colchão a cada lado de sua cabeça, enquanto se sustentava sobre ela com seus antebraços.

—Allie, não deixa muita munição a um homem.

—É um talento natural.

Beijou-lhe a bochecha. Ela franziu o nariz.

—Sim, mas agora me sinto um pouquinho enganado.

—Por quê?

—Em meus dias, se uma mulher colocava a si mesmo em risco, um homem tinha que ter seu momento 1860 em boa lei.

—Ainda a risco de me repetir, já não são mais “seus dias”.

—Certo —lhe beijou a outra bochecha, prolongando-o um pouco— Mas tinha seus momentos.

—Encantadores, estou segura —disse ela com um pouco de seco sarcasmo.

—Na verdade, eram.

Em seus dias, os papéis tinham estado claramente definidos. Uma mulher atendia a seu homem, respeitando seus desejos, ao menos em público, e pouco mais que o deixando dirigir o show. E os homens, bem, ao menos os homens que conhecia, apreciavam a mulher que enchia suas vidas com amor, consolo, e toda essa suavidade da que a terra ao redor deles estava tão desprovida.

—Li sobre quão encantado era. Os homens possuíam as mulheres e tratavam a suas “posses” da maneira que quisessem. Batiam nelas, abusavam delas, enganavam-nas, e basicamente se comportavam como completos imbecis se queriam, sem que ninguém lhes dissesse nem pio. Menos que ninguém, todas essas pobres mulheres envolvidas.

Ele sacudiu a cabeça. Ela tinha lido sobre isso. Era difícil de acreditar que o que era vividamente real para ele, para ela era história seca. Ela seguia dizendo que pensavam diferente, mas até esse momento nunca tinha enfocado sua mente ao redor das profundidades do abismo entre eles.

—Imagino que cada século teve sua cota de imbecis, mas na maioria dos lares, a vida era uma sociedade. Tinha que ser. Dependia um do outro para sobreviver.

A dúvida no rosto dela não se aliviou. Descansou sua testa na dela, coordenando seu fôlego, por isso quando inalava, ela exalava, a pequena culminação de tomar o fôlego dela nos pulmões, mantendo-o seguro até que ela o necessitasse e o voltasse a dar, acalmou-o.

—Debaixo de todas as regras, uma mulher confiava em seu homem para que se ocupasse dela.

—E se ele não o fazia?

—Não sei com respeito a este, mas de onde eu venho, as mulheres eram mais preciosas que o ouro. Qualquer homem que fosse apanhado abusando de uma, logo se encontraria sem mulher e provavelmente sem vida.



Ela girou os olhos.

—Em difícil de acreditar, considerando suas constantes ameaça de me bater.

—Isso é mais uma maneira de falar que uma ameaça verdadeira e sabe.

Beijou-lhe os lábios, sorrindo quando se separaram imediatamente.

—Allie, não pode continuar fazendo todo o tempo o que quiser.

Ela inclinou a cabeça a um lado.

—Por que não? Para mim funciona.

—Fazer o que quer quase a mata hoje.

—Nesse momento parecia uma boa ideia.

—Mas não era.

Os lábios dela se comprimiram e logo se franziram. A luta abandonou seu corpo em uma respiração forte.

—Não, não foi.

Graças a Deus, ela podia admitir seus enganos. Ele tocou seu nariz com o seu.

—Então, quando se trate dessas situações, pode seguir minhas ordens?

Devolveu-lhe a pressão e a enrugou.

—As ordens não são comigo.

—Vê-la violentada ou assassinada não é comigo. —A raiva escura surgiu através dele enquanto recordava o momento antes de tudo ficar negro, quando Vincent lhe tinha permitido ver Allie lutando pelo ar enquanto a estrangulava lentamente, cortando a conexão antes de saber se ela estava viva ou morta — Então temos que encontrar um sistema melhor.

Teve que esperar três segundos para que Allie apresentasse seu compromisso.

—E o que parece se te prometo que tentarei?

Sabendo quão impulsiva era, imaginou que isso era o melhor que poderia obter.

—Considero isso.

—Mas não mais ameaças de me surrar.

—Prometo-o, a menos que esteja quente por isso, nada de surradas —inclinou a cabeça dela para trás, deixando que o desejo vibrasse junto com a raiva residual que fervia a fogo lento em seu sangue, afogando-a no fogo da luxúria— Mas agora temos um problema.

Ela engoliu, inclinando ainda mais a cabeça para trás quando lhe roçou a mandíbula com sua boca.

—Temos?

Ele tomou o lóbulo de sua orelha entre os lábios.

—Meus irmãos são muito 1860.

Ela inclinou sua cabeça para a carícia.

—E?

—Se não escutarem alguns gritos logo, descerei em sua estima como um homem que não pode lidar com sua mulher.



—E isso como me afeta?

Os dedos dela envolveram seus antebraços, lhe fazendo cócegas nos pelos que havia ali, sensibilizando sua pele.

—Um homem com baixa autoestima não é muito bom no dormitório.

O sorriso que amava se mostrou nos olhos dela, enquanto seus tornozelos se curvavam detrás dos joelhos dele. Apesar do convite do corpo dela, ele sentiu uma resistência, quase relutância, que o preocupou.

—Não podemos permitir isso.

Ele pressionou seus lábios contra seu pescoço, sobre o batimento acelerado de seu pulso. Sua fome e necessidade convocavam as dele. Vibravam ao mesmo nível que os seus. Separados, mas iguais. Deslizou suas coxas entre os dela, trazendo sua suavidade mais perto de sua dureza. Tão diferente, mas tão perfeita para ele. Sua esposa. Sua companheira.

—Pensei que entenderia.

Caleb se sustentou com seu cotovelo, ainda mantendo-a em seu lugar com uma mão detrás de sua cabeça. O sorriso de Allie se alargou. Seus lábios se separaram. Era todo humor e sedução. Tudo o que alguma vez ele desejou, e enquanto admirava o opulento desdobramento de curvas, ela inclinou a cabeça para trás, lhe oferecendo sua garganta, seus seios, seu corpo. Seus profundos olhos azuis brilhavam com luzes douradas que chamavam a sua besta. Seu sorriso chegava profundo dentro de seu corpo, até a profundidade de sua alma, presa em sua luxúria, e o arrastou para frente quando ela tomou uma respiração profunda e a conteve, sustentou-o a ele até...

Ela gritou. Alto e comprido. Gritou como se Vincent tivesse aparecido para vingar-se, como se tivessem aparecido em sua cama serpentes, como se todo o vil ao que tivesse podido lhe ter terror tivesse aterrissado entre eles. Filha da puta. Caleb lhe pôs a mão sobre a boca, cortando o horrendo ruído. Sobre o berço de sua palma, os olhos dela brilhavam com a luz da diversão. Com cautela tirou a mão.

—Foi o suficientemente bom?

A porta se abriu de repente. Seus irmãos se estenderam pelo quarto. As armas desembainhadas e prontas. Ele girou seu corpo, bloqueando a nudez dela da vista.

—Parece-me que cumpriu seu trabalho.

E um pouco mais. Sentiu cada um dos olhares de seus irmãos: o de censura do Jared, o de diversão de Jace e o de especulação de Slade.

—Jesus, Caleb.

Jared soou totalmente aborrecido. Jace riu.

—Ensinando à pequena mulher seu lugar?

Incrivelmente, o calor se arrastou por seu pescoço.

—Algo parecido.

Sentiu Allie rir, mais que ouviu.



—Bem, pode fazê-lo um pouco mais silenciosamente? Algum de nós estamos tentando ter uma discussão.

—Tentarei.

—Antes que o faça, a faça alimentar-se.

Cortou Slade com um olhar. Seu rosto sério estava marcado com mais linhas severas que o normal.

—Sua fome nos faz estar incômodos.

—Melhor que ele esteja falando sobre os ruídos de meu estômago.

Como Allie não podia ver a ligeira sacudida da cabeça de Slade, Caleb não quis desiludi-la.

—O mais provável —sacudiu o queixo em direção à porta— Se nos desculparem...

—Eu, por uma vez, estou seguro como a merda de não fazer promessas, mas o tentarei —grunhiu Jared enquanto seus irmãos se foram, agarrando o trinco da porta e fechando-a as costas de seus irmãos e os curiosos rostos dos weres.

Quando a trava soou, Allie rebolou debaixo dele.

—Penso seriamente que Jared necessita uma namorada.

—O que a faz dizer isso?

Colocou sua mão debaixo da coxa esquerda dela pressionando, persuadindo-a para que o deslizasse para cima e fora. Ela o captou o suficientemente rápido, enganchando seus tornozelos ao redor dos quadris dele enquanto colocava as mãos em seus ombros.

—É muito resmungão. Necessita alguém em quem centrar toda essa intensidade.

—Alguém que não seja você?

—Estou me cansando de seus olhares desaprovadores.

—Acostume-se a eles.

—Isso é um pensamento deprimente.

Ele sorriu.

—Parece-me que para você, pode ser.

Suas mãos se deslizaram pelo cabelo dele, suaves, e ainda assim demandantes, empurrando sua boca para a sua.

—Ele é sempre tão intenso?

Imagens de como era Jared antes se filtraram através de sua mente. Forte, confiável, concentrado no que precisava fazer-se, mas com um senso de humor que podia alcançá-lo quando se via muito sério.

—Tem seus momentos.

Sua língua flertou com o canto da boca dele, fazendo fazer cócegas os nervos dali em delicadas chicotadas que se dispararam por sua coluna. Persuadindo-o.

—Precisa ter alguns mais.

Sim, necessitava-o. Sentia saudades da risada de Jared mais do que estranhava o sentimento de regozijo que vinha com a batalha, a provocação de sobreviver contra a



probabilidade. A imortalidade tinha seus inconvenientes. De repente, Allie não parecia tão interessada na proximidade de seu corpo como o tinha estado um segundo atrás. Não tomou muito tempo dar-se conta que as duas pequenas dobras no sobrecenho não eram causados por seus pensamentos luxuriosos. Tinha visto muitas vezes esse mesmo olhar em casamenteiras para equivocar-se.

—Não está fazendo uma lista de conhecidas para apresentar a ele, não é?

Ela teve a graça de parecer culpada.

—O que o faz pensar isso?

—Para começar, o brilho de seus olhos.

—Bem, de todas as maneiras, é só especulação. Em realidade não posso contatar nenhuma.

—Mas está pensando em formas.

O nariz dela se franziu.

—Tenho que trabalhar em minha cara de pôquer.

—Comigo é como perder tempo.

Risos se aprofundaram em um cenho.

—Também vou trabalhar em uma cara de pôquer mental.

Podia trabalhar tudo o que quisesse. Nunca ia deixar que se escondesse de novo dele.

—Faça isso.

As mãos dela foram mais devagar pelos ombros dele, as espalmando acima, apertando brandamente. Provando sua força? Ela não tinha do que preocupar-se. Tinha a suficiente força para ocupar-se dela.

—Aprenderei a bloqueá-lo.

—Por que quer fazê-lo?

Ele sentiu esse toque feminino, a impressão de poder contido antes que ela se arrancasse.

—Porque é aborrecido que possa ler minha mente quando quiser, mas eu não possa ler a sua se não me deixar.

—Está segura disso?

—E você?

—Meu bem, eu a vi em ação. Penso que não há nada que não possa fazer se puser sua mente nisso.

Toda expressão desapareceu de seu rosto. Mordeu seu lábio inferior.

—Sim. Com respeito a isso.

—O que há com isso?

O medo passou rapidamente por seu rosto, seguido de perto por uma insegurança que nunca tinha visto antes. Em vez de desvanecer-se, ambas as emoções se assentaram nos planos que pensava que eram unicamente para a risada. Para a vida. Os lençóis fizeram ruído quando desenganchou sua perna da coxa dele.



—Agora não tem medo por mim? Medo de que sugue sua vida?

Essa era a razão pela qual tinha estado tão diferente desde que voltaram? Não por sua falha ao protegê-la, mas sim porque pensava que tinha medo? Dela? Agarrou a perna dela e a enganchou de propósito de volta em sua coxa.

—Não.

Ela suspirou. Suas mãos lhe pressionaram o peito.

—Bem, por que não? Sou uma maldita vampira psíquica! Suguei a vida de um homem com nada mais que um toque.

—Você não me machucaria.

Os olhos dela brilharam com uma brilhante luz azul complementada com prata.

—Não pode saber disso.

—E de todas as formas estou completamente despreocupado.

—Como?

—É minha esposa.

Ela não o machucaria, da mesma forma que ele tampouco o faria.

As mãos dela se seguraram a ambos os lados do rosto dele, duras e zangadas, as garras pressionando em sua pele, quase, mas sem ainda atravessá-la.

—Talvez isto fique pior. —sentiu o poder dela vir, golpear profundo, correr forte— Posso matá-lo tão facilmente.

—Sim. —estendeu suas próprias garras, a ponta de seu indicador pressionando precisamente na base de seu crânio. Um empurrão e seu cérebro seria perfurado. Ela se congelou. Ele deixou que o entendimento se assentasse— Todos somos mortíferos, Allie, a nossa maneira. É o que escolhemos fazer o que importa.

—Esse é o problema —suas garras se retraíram quando seu estresse se incrementou. A amarga contaminação do medo se mesclou com o aroma de feminina excitação— Não tenho exatamente uma opção. O que passou com o Vincent simplesmente... ocorreu. Não sei como começou e estou segura que não sei como terminou. Ele estava machucando-o, e simplesmente soube que precisava detê-lo. Estava completamente fora de controle.

—E estou agradecido por isso.

—Mas... —suas pernas caíram soltas— O que acontece se acontecer de novo? Quando estiver fora de controle por alguma razão? Se não puder detê-lo e machuco a alguém?

Acariciou com seus polegares as bochechas dele enquanto suas lágrimas brotavam, deu-lhe uma pista de qual era sua preocupação real.

—Por alguma razão tem medo de me matar entre os lençóis?

—É uma possibilidade nada desdenhável. Deixa-me bastante selvagem.

Ele se deteve, agarrando seus quadris e os levantando até que seu membro aninhou contra todo esse calor úmido e feminino. Quando esteve justo e apertado contra ela, ajoelhou-se, arqueando a coluna dela para que seus ombros tomassem todo o peso e seus seios se estirassem



para cima para a descida de sua boca. Os bonitos mamilos rosados estavam tensos e impaciente, elevando-se e caindo com cada uma de suas curtas respirações.

—Talvez então deveríamos prová-lo e ver que ocorre.

O algodão se rasgou quando as garras dela romperam os lençóis. A membro vibrou quando a vagina se apertou ao redor de seu membro. Quanto mais excitação, mais medo enchia o ar.

—Não pode falar a sério. —ofegou ela.

—Nunca falei mais a sério em minha vida —se inclinou para frente, provocando ao casulo franzido de seu mamilo com seu fôlego, mantendo seu olhar enquanto abria a boca e o alcançava com sua língua. Sua pequena choramanga quente foi através dele como um raio um segundo antes que tocasse a ponta de seu seio com a ponta da língua— Só me deixe ver que tão selvagem pode ser.

Capítulo 22

Ela não foi até ele selvagem. Foi como o primeiro fôlego da primavera, fresco e vacilante, um pingo de calor anunciando a chegada de tempos melhores. O único problema com isso é que ele não a queria vacilante. Queria-a selvagem, confiante, provocando-o com seu corpo e engenho.

Queria a Allie que sempre tinha conhecido. Caleb curvou a língua em seu mamilo. Ela ofegou e se arqueou para ele. Deu-lhe a boa-vinda, abrindo mais amplamente a boca, tomando mais profundamente sua carne. Com as mãos na base da coluna vertebral dela, animou-a a aproximar-se. E ela foi a ele, um pequeno pranto sem fôlego salpicou o movimento. Ele liberou seu mamilo com um pequeno pop.

—Isso, meu bem. Deixe-me ver, sentir e escutar o que está sentindo.

Sua resposta foi uma sacudida da cabeça e uma tensão em seu corpo e mente. Ela pensava resistir. Ele sorriu na lateral de seu seio. Era bem-vinda de tentá-lo.

—Isso é um desafio?

—Não.

—Uma provocação?

—Não.

—Uma petição?

—Não pode ser só uma negativa ao que planejou?

—Não.

—Por que não?

—Porque não estou de humor para satisfazê-la dessa maneira.

—Agora, estou decepcionada.

—Não por muito tempo.



Nunca por muito tempo. Ele farejou seu caminho pela curva inferior do seio, deslizando a língua com o passar da dobra.

—Já disse a você quanto desfruto de seus seios?

A risada dela continha um bordo irregular.

—Não há muito que desfrutar.

—Ah, mas há prazer em cada centímetro perfeito.

—Perfeito?

Talvez nestes últimos duzentos e cinquenta anos tivesse estado curto de companhia feminina, mas antes, nunca tinha tido sua cama vazia. Conhecia as mulheres, e mais importante, ia conhecer a sua.

—Mais que perfeitos. —Aproximou a asseveração no vale entre seus seios— Puro prazer.

As mãos do Allie se arrastaram para cima pelos braços dele.

—Aposto que em seus tempos foi completamente um paquerador.

—Isso. —Arranhou o pendente de sua direita com os dentes— Mas agora sou seu homem.

As mãos dela alcançaram seus ombros, as unhas cravando eroticamente no músculo.

—Talvez. Se decido conservá-lo.

Apoiando o queixo no peito dela, ele a descobriu olhando-o.

—Agora, esposa, isso é um desafio.

O terceiro dedo da mão esquerda dela se moveu em sua cara. A cicatriz que ele tinha posto ali apanhando seu olhar. Sua própria marca pessoal.

—Não há anel. Não há esposa.

Ele beijou seu caminho descendo pela ligeira fenda de seu abdômen. Ela era uma pequena coisa insistente.

—Terá seu condenado anel.

Deslizou-lhe os dedos pelo cabelo, enredando-se nos nós, mantendo-se quando eram apanhados.

—Um anel não é suficiente.

Descendo por seus quadris, ele ficou de joelhos, encontrou o umbigo com a língua, sorriu quando ela tremeu quando riscou a pequena fenda.

—Pregador, votos e anel. Obterá tudo.

O que ela necessitasse, tudo o que levasse. Ligá-la-ia a ele de tantas maneiras que lhe tomariam todos os seus para sempre desatar os nós.

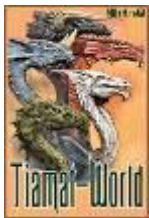
—Não funcionará se não fizer que eu o queira.

—Quererá.

A suavidade do pelo púbico lhe fez cócegas no queixo.

—Não estaria tão seguro.

Por mais que ela largasse todas essas palavras, não ia afastá-lo. A dama queria ser convencida. Levantou-lhe os quadris para a boca e colocou a língua através do ninho de cachos



até a carne rosada pálida que havia detrás.

—Estou seguro.

Abriu os joelhos, ajustando o ângulo. Ela era tão bonita ali como o era em todo o resto. Cachos marrom avermelhados realçavam a suavidade da carne, úmida e fragrante, aditivamente bela, que o chamava. Tinha que prová-la. Com o primeiro toque de sua língua, ela quase cai da cama.

—Caleb!

O segundo a paralisou, cada músculo, cada terminação nervosa antecipando o terceiro. A fez esperar, fazendo-a especular pelo prazer, duvidar de seus sentidos, duvidar de suas habilidades, antes de separar suas dobras com os polegares, deixando-a vulnerável a algo que queria lhe fazer. Ele deu uma olhada a seu corpo, sobre a pequena curva de seu abdômen, entre seus seios pequenos e cheios e até seu rosto. Os lábios dela estavam apanhados entre seus dentes, seu cenho enrugado pela concentração, em seus olhos se formavam redemoinhos luzes douradas debaixo de sua profundas íris azuis.

—Justo aqui.

—Não é seguro.

Mas ela o queria. Com tudo quão masculino tinha, ele sabia quanto o queria. Necessitava-o. Da mesma maneira em que ele precisava estabelecer sua reclamação, ela precisava ser reclamada. O episódio com Vincent tinha sacudido a ambos.

—Nunca fui conhecido por jogar no seguro.

—Posso perder o controle.

—Estou contando com isso.

O queixo dela se moveu enquanto seus dentes inquietavam seus lábios.

—Morrerei se machucá-lo.

—Meu bem, não poderia ferir uma mosca.

—Faz-me parecer como uma galinha.

Ele sacudiu a cabeça, deslizando os dedos mais profundamente pelo canal vermelho para as profundidades de mais à frente.

—É uma suave, terna e ferozmente protetora da vida. De toda vida. —Apanhou seu olhar— Da maneira em que deve ser uma mulher.

—Segundo seu critério.

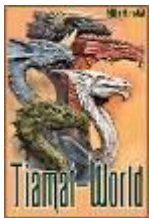
Ele elevou uma sobrancelha para ela.

—Importa o de alguém mais?

O “Não” dela se atrasou em vir.

—Isso é o que pensava.

Ela abriu a boca, sem dúvida para discutir a política de um homem apreciando a suavidade de uma mulher. Caleb se adiantou simplesmente inclinando-se para diante e tomando-a em sua boca. Os quadris dela corcovaram e a discussão foi tragada pela paixão que se cravou entre eles,



saltando através de sua pele, dançando de um ponto de prazer a outro, aterrissando na mente dele.

A sensação do prazer dela se suavizou com a transferência através da conexão, mas ainda era incrivelmente excitante saber que o toque de sua língua era um corte de prazer para ela, e que uma lambida suave, um batismo de fogo. Conhecer as profundidades do regozijo quando pressionava assim, ali. Escutar seu grito de êxtase quando provava seu prazer, quando sentia seu desejo. Filha da puta, quase era muito. Cuidou-a através das sequelas de seu clímax, lambendo-a e chupando-a brandamente, mantendo-a no limite, mas sem deixá-la descer de tudo.

—Está se contendo.

Ela o olhou por cima do estômago como se ele tivesse ficado louco.

—Não acredito.

—Eu sim.

A cabeça dela voltou a cair no colchão.

—Senhor, me leve agora.

—Confia em mim. —Engatinhou para cima por seu corpo, seu membro tão duro e cheio que pensou que morreria pela agonia de conter-se. Apoiou os quadris no berço dos dela— Este não é o momento no que quer ser salva.

Ela levantou uma sobrancelha.

—Não?

Ele deslizou seu membro pela dobra dela, arrastando o comprimento por seus clitóris super sensível.

—Definitivamente não.

Allie se sacudiu e se estremeceu. Agarrou-lhe a cintura com as mãos, com as garras cravando-se e empurrando-o mais perto.

—Talvez não.

Ele o fez novamente mais devagar, mais longo, arrastando a sensação, deleitando-se com sua resposta, com seu prazer.

—Ah, meu bem, faz-me arder.

—Bem, porque estou malditamente perto de ser cinza.

O terceiro passe a fez arquear-se e fazer demandas.

—Para de me provocar.

—Mas eu gosto de fazer isso. Seu rosto se ruboriza por completo, seus olhos brilham e fica tão deliciosamente molhada.

—Esquece algo.

Ambos os olhos se abriram uma fresta.

—O que?

—Também me torno claramente... —Outra carícia tentadora—. Ah... —ofegou— Homicida. Incrivelmente, ele riu. Suas bolas se encheram totalmente, repletas, necessitando-a tanto



que se sentia como se estivesse a ponto de explodir de sua pele, e o tinha rindo.

—Tê-lo-ei em mente.

Caleb estendeu as presas totalmente na boca enquanto os calcanhares dela golpeavam em suas coxas. Maldição, ela era doce.

—Allie, está pronta para mim?

Ela assentiu e logo elevou os seios enquanto aspirava bruscamente de uma forma que não deixava lugar a dúvidas. cravou-se as presas nos lábios. Definitivamente estava perdendo o controle, mas não ainda. Caleb lhe cavou as nádegas, apertando a carne firme, separando os suaves globos, sorrindo ante sua choramingação e olhar fulminante, e logo avançou lentamente, sua mão descendo pela coxa, arrastando as unhas sempre tão ligeiramente pela pele, impulsionando-se brandamente ao longo de sua dobra escorregadia, enquanto fazia cócegas na parte traseira de seu joelho.

—Caleb, maldito seja.

A perna dela se sacudiu, criando um espaço no qual ele se moveu, enquanto continuava provocando-a, apertando sua panturrilha, lhe cobrindo o calcanhar, logo envolvendo os dedos ao redor do tornozelo e depois levantando-o sobre o ombro quando deu um passo atrás. Tão natural como respirar, seu membro se aconchegou no poço diminuto que o esperava. Os olhos de Allie se abriram de par em par enquanto seus tendões se estiravam junto com seu corpo.

—Relaxe. Você vai gostar.

Ele pressionou para dentro. Houve um momento inicial de resistência e logo esses brilhantes olhos azuis se fecharam enquanto gemia.

—Isso. —inclinou-se para diante, lhe dando esses primeiros centímetros que lhe roubavam o fôlego— Justo assim.

Fez uma pausa, lhe concedendo um momento para ajustar-se, procurando qualquer sinal de dor. Não houve nenhum. Do rosto tenso até o desesperado palpitar de seus músculos interiores, era uma mulher à beira do clímax.

—Preciosa, preciosa Allie —sussurrou enquanto se curvava, tomando posse de seu corpo e de seu grito de gozo enquanto se afundava profundamente, lhe dando este último com seu próprio grunhido quando a suavidade quente e vertiginosa o aceitou. Tudo, abraçando-o com se desesperada súplica. Muito para resisti-lo.

—Ah, maldição. —Sua testa caiu contra a dela. Mágica. Era mágica.

Ela abriu os olhos. De tão perto, era difícil enfocar, mas não havia equívoco na tensão dela por outra coisa que não fosse isso. Ele se manteve perfeitamente quieto. Não queria gozar ainda. Ainda não. Isto era muito perfeito. Ela era perfeita.

E esta lição era muito importante. Se havia uma coisa que pudesse lhe dar, era sua própria fé nela.

—Mantenha-se quieta.

Uma sacudida de sua cabeça.



—Não quero.

A sexy falta de ar de seu tom agudo de negação cresceu em intensidade e se incrementou.

—Quero fazer isso bem.

—É bom —gemeu ela— Muito bom.

Era.

—Mas não o suficiente.

A boca dela encontrou a dele, sua língua passou por seus lábios, suas presas arranharam brandamente. Ele abriu a boca. O grunhido que ronronou entre eles definitivamente era selvagem. Tão selvagem como o beijo dela. Acendeu a luxúria. Caleb colocou o polegar entre eles, encontrando a parte de carne que gritava por atenção.

Assumiu o controle do beijo, pressionando-a contra o colchão, cravando-a com seu beijo, com seu corpo, com seu membro, enquanto ela se contorsionava sob seu corpo. As unhas dela se afundaram em seus ombros. Seus dentes encontraram a artéria em seu pescoço. O “Sim” dela foi um grito primário em sua mente quando mordeu.

Sua própria satisfação explodiu justo com a de Allie enquanto ela bebia seu sangue, sua energia, sua paixão. E ele não lutou, deixando-a tomar o que necessitasse, incapaz de lhe negar nada nesse momento. Ela era sua companheira. Sua sobrevivência era mais importante. afundou-se na energia dela, no gozo de seu clímax, sustentando-a através da tormenta, assegurando-a enquanto ela lutava com a necessidade, a luxúria e o amor. E enquanto a sustentava nos níveis mais profundos, sentiu algo mais. Algo maravilhoso. Algo que trouxe para cada centímetro de seus instintos primitivos para cima em um rugido primitivo. O diminuto bater de asas de uma nova vida.

* * *

—Temos problemas.

Caleb se deslizou nas sombras da clareira junto com Derek. Debaixo, figuras em sombra corriam freneticamente pelos limites da clareira. Vampiros do Santuário.

—Quantos?

—Até agora, só dois.

—Merda.

Derek olhou por cima do ombro.

—Estão explorando a área.

—Sim.

—De acordo com os D´Nallys há uma crescente atividade ao sul daqui.

—Para atacar?

—Talvez. E há um montão de sangue novo unindo-se à briga.

—Por quê?



—Aparentemente há uma forte recompensa para quem levar Allie ao complexo do Santuário.

—E eu aqui esperando que ter matado Vincent pudesse ser o final de tudo.

—Isso teria sido muito fácil.

Derek apontou seu rifle por volta dos dois lobos agachados nos arbustos.

—Só há uma razão pela qual lutam tão duro por ela.

Caleb encheu o espaço.

—Suspeitam que está grávida.

—Odeio furar sua bolha, mas tanta atividade deve indicar que sabem.

—Como?

—Pôde ter sido pela maneira como transmitiu as notícias quando soube com certeza.

Caleb fez uma careta de dor. Não sabia que lhe tinha vindo nesse momento, mas não tinha sido capaz de resisti-lo. Em parte desafio, em parte vitória, abriu sua mente e gritou sua iminente paternidade a todo aquele que o pudesse escutar.

—Meio esperava que as notícias pudessem ser locais.

—Aparentemente não.

—Aparentemente.

Estudou a energia que vinha dos dois lobos. Vampiros, não weres. Isso, ao menos era uma bênção. Por um segundo temeu que fossem os D’Nallys.

—De que lado ficarão os D’Nallys neste assunto?

—O melhor que posso te dizer, é que estarão irritados porque os intrusos estão entrando sem autorização em seu território.

Derek liberou o seguro da arma quando quatro lobos espreitaram aos dois intrusos de baixo. Uma olhada os revelou como weres. Derek apoiou a culatra do rifle novamente no chão.

—Estiveram nos eliminando tão rápido como aparecem.

—Então ainda não se uniram?

—E é improvável que o façam. Os D’Nallys poderão odiar a seu irmão com paixão, mas estão malditamente unidos. Lutam onde querem, quando querem, sem nenhuma lealdade salvo a si mesmos.

Os quatro lobos eliminaram os vampiros com eficiência silenciosa e letal. O sangue gotejava das mandíbulas do lobo líder enquanto olhava diretamente para Caleb, com os olhos amarelos brilhando sem sua máscara negra à débil luz da lua, os cabelos de seu lombo arrepiados, um desafio no conjunto de seus ombros.

—Esperemos que permaneçam independentes. Esse não é um clã que precisamos que briguem contra nós em massa.

—Pode dizê-lo de novo. Foi o suficientemente duro com a luta que temos.

Caleb agitou seu queixo para o lobo, devolvendo o desafio, encontrando força com força. O lobo ladrou duramente a seus companheiros, e logo se afastaram a passo longos. Caleb não teve a



impressão de que tivessem estabelecido nada com o desafio, mais à frente do fato de que se qualquer deles escolhia uma batalha, o outro estava desejando resolvê-la.

—Maldição!

—Desejo um pouco que Jace não os tivesse afastado —murmurou Derek— Teria sido bom tê-los de nosso lado.

Se os desejos fossem cavalos todos tomariam um rodeio. Mas não o eram, e estavam presos com o que tinham.

—Está seguro de que vem uma batalha?

—Sim.

—Com Allie como prêmio?

—Sim.

Lançou-lhe um olhar irônico.

—Poderia ser um pouco mais feliz se só tivesse respondido não a essa última.

—Trabalharei em minha desonestidade.

—Não se incomode.

Derek era um dos homens mais confiáveis que conhecia. Se dizia a alguém que viveriam, faziam-no, se lhes dizia que morreriam, faziam-no. Já fosse por sua mão ou por qualquer enfermidade. O resto de sua manada possuía a mesma inquebrável lealdade e honestidade.

—Mencionei a você ultimamente como contente estou de que esteja de nosso lado?

Derek ficou de pé com um ondulação de músculos que recordaram a Caleb quão forte era realmente o homenzarrão. O tipo de homem que queria que cuidasse de perto suas costas.

—Pode me mostrar sua avaliação fazendo que Allie cozinhe um pouco mais dessas garras de urso.

Caleb sacudiu a cabeça.

—Isso pode ser mais do que posso conseguir. Ainda está em sua lista negra.

—Não lhe diga que são para mim.

—Posso fazê-lo.

Tinham estado juntos durante muito tempo para que passasse a Derek à suave ênfase em “posso”. Atirou o rifle sobre seu ombro.

—Mas o que?

—Mas primeiro preciso de algo de você.

—E o que pode ser?

—Necessito que fale com os D’Nallys. —Caleb ajustou o chapéu na cabeça — Necessitamos ordem nesta luta.

—Infernos, a única razão pela qual estamos em termos de diálogo, é porque não falamos em nada de vocês.

E porque os weres McClaren não se envolviam na luta Johnson-D’Nallys. Caleb o entendia.

—É momento de romper com a tradição.



Derek olhou na direção em que se foram os lobos.

— Isto pode colocá-los sobre a borda.

— Também pode ser que soltem por que estão tão teimados contra meus irmãos e eu.

A expressão de Derek se fechou.

— Têm suas razões.

— As quais nenhum de vocês querem compartilhar.

— Não lhe concernem.

— Continua dizendo isso, mas parece malditamente pessoal quando qualquer deles tenta afundar seus dentes em mim.

Derek sorriu, seus caninos brilhando fracamente.

— Aposto que sim.

Caleb empurrou o chapéu para trás e seguiu a direção do olhar de Derek.

— Sei que é muito pedir, mas com Allie grávida, aqui há mais risco que orgulho.

Derek esfregou o queixo.

— Talvez seremos capazes de trabalhar do ângulo de sua gravidez. Com a baixa dos nascimentos de lobos a quase nulo, é uma aposta segura que uma vampira grávida vai levantar interesse.

— Por que as vampiras não engravidam?

— É o que todos estavam acostumados a acreditar, mas Allie lhes deu um aperto.

— esfregou o queixo outra vez — Vão querer algo em troca.

— O que for.

— Ainda se for Allie ou seu irmão?

— Maldição! Qualquer coisa exceto isso.

— Não pede muito.

* * *

— Não pede muito.

Allie parou frente à velha cozinha, provando o calor com a mão.

— É um bom homem.

— O jurado ainda está deliberando.

— Adora como cozinha.

— Esse é um ponto a favor, contra mais ou menos quarenta em contra.

— Salvou duas vezes minha vida.

Enviou-lhe um olhar conhecedor por debaixo de suas pestanas.

— E salvou a sua uma vez ou duas, conforme tenho entendido, por isso estão igualados.

Caleb forçou um suspiro, fingindo uma exasperação que não sentia, da mesma maneira que Allie fingia uma aversão que não tinha. No instante em que lhe recordou que Derek tinha



salvado sua vida, ela se rendeu em seu interior, onde importava. O desdobramento agora não era nada mais que orgulho.

—Allie, é meu amigo.

A pesada porta do forno se fechou com um “Tonk”. Deixou cair à esponja na bancada.

—E isso o que significa?

—Significa que se quiser garras de urso, pode assá-las para ele.

Desatou-se o avental.

—E o que me dará em troca?

O sedutor balanço de seus quadris quando deu um passo para ele, deu-lhe uma pista de em que direção viajavam seus pensamentos. Ele se aproximou um passo, encontrando-a a metade de caminho. O seguinte passo dela a atraiu a seus braços, aonde pertencia. Atirou-lhe a cabeça para trás, apanhando seu sorriso em um beijo duro. Cheirava a mulher, a fome e a massa doce.

—Que tal um beijo?

—Estamos aí.

—Que tal se brinco com seus bonitos seios?

Ela ficou nas pontas dos pés deslizando seu corpo contra o dele em uma longa carícia. O membro lhe deu um puxão quando os lábios dela roçaram sua orelha.

—Se disser que não estou usando calcinhas, isso te dá uma ideia?

O conhecimento o paralisou no lugar. Fazia dez minutos à cozinha estava cheia de weres e de seus irmãos e ela tinha estado brincando de correr com essa saia curta que mostrava muito de suas pernas, sem nada debaixo?

Ela uivou:

—Cuidado com as garras.

—Perdão. —Deslizou a mão sobre o quadril dela, colocando os dedos sob a prega, levantando-o enquanto procurava o tecido que esperava encontrar, descobrindo nada mais que pele nua e morna— Filha da puta, não está usando nada!

Ela teve o descaramento de parecer segura de si mesma e levantou as sobrancelhas enquanto seus quadris abraçavam a ponta de seu membro.

—Que parte de “não estou usando nada” não entendeu?

—A parte que dizia que não estava provocando.

Toda essa feminilidade exuberante tinha estado toda a noite a só um tiro dessa saia inexistente? O conhecimento saltou por suas veias como um fogo selvagem diante de um vento seco.

—Mmm. —Desabotoou o botão de cima de sua saia— Prefiro pensar em mim como acessível.

—A quem?

Tocou-lhe o peito com a língua. O coração dele gaguejou e logo se disparou fazendo o que



podia para escapar. O grunhido queimou do interior quando a essência dela vagou até ele. Estava excitada, vulnerável e ansiosa.

Seu “Para quem acredita?” revelou rabugice e humor, mas nenhum bom julgamento de prudência. Realmente ia ter que trabalhar seus dotes de intimidação com respeito a ela.

—Desabotoa minhas calças.

—Pensei que nunca ia pedir.

Os cinco pequenos toques de seus nódulos enquanto o fazia, acariciaram seu membro com o mais quente dos toques. A mão dela escorregou dentro da abertura enquanto ele caminhava dois passos até a cadeira.

—Agora vai captando a ideia.

A diversão foi companheira da luxúria pura e sem adulterar enquanto ele sacudia a cabeça e se sentava. A cadeira rangeu em protesto. Não lhe prestou atenção.

—Allie moça, mantém um homem alerta.

—Bem. —Sua mão era quente e morna enquanto rodeava a carne dura. Muito cuidadosa enquanto o liberava— Oh.

—O que?

O sorriso dela foi presunçoso e seu olhar avaro.

—Está muito duro.

—Saber que esse pequeno traseiro está só a um tiro dessa saia tem esse efeito em mim.

Ela o bombeou com a mão, o toque suave como um sussurro enviando uma agonia de prazer direto às suas bolas

—Tenho esse efeito em você?

—Oh, sim.

Ela se sentou escarranchada sobre seus quadris, bombeando sua mão acima e abaixo por seu membro, arrastando mais longe de seu corpo seu membro duro como uma lança, com cada longa carícia. Podia sentir o calor e a umidade dela a só uma brisa. Ela se elevou sobre seus pés, cambaleou-se e logo se afirmou quando ele a agarrou pelos quadris. Flexionou os músculos enquanto baixava, o fazendo meter-se em seu doce poço. Trocou o agarre a seus ombros enquanto deixava cair à cabeça para trás.

—Mmm, sente-se bem.

Tão bom nem sequer cobria a metade.

—Não tão bem como a sinto.

Ele arqueou seus quadris para cima, lhe separando essa primeira mínima parte.

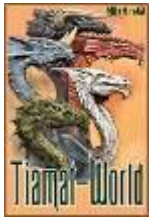
—Ah!

No instante seguinte, sentiu o fio das garras dela cortando através de sua camisa.

—Isso você gosta.

—O que é que não?

—Nenhuma maldita coisa.



Uma mão no quadril dela a manteve suspensa para o próximo centímetro, com o que se introduziu um pouco de uma vez. Estava muito tensa para suportar muito mais. Ele moveu para dentro sua mão direita, colocando o polegar entre as dobras quentes e molhadas que rogavam por seu toque, procurando e encontrando esse pequeno e sensível nó. A cabeça de Allie foi bruscamente para diante, sua testa golpeando a clavícula dele com um ruído surdo.

—Mais.

Caleb se inclinou para trás, ignorando o gemido de Allie e brandamente empurrou novamente para dentro, esfregando o polegar em círculos lentos enquanto o fazia.

—Aí tem.

Ela tomou um pouco mais desta vez, mas não de forma mais fácil.

—Caleb, deixa de me provocar.

—Só estou esquentando você.

A risada dela foi grave, rouca e áspera, esfregando sua luxúria, persuadindo-a a ir mais alto.

—Em caso de que o tenha escapado, estou tentando ter uma rapidinha.

—Estou chegando a isso.

Ela ricocheteou nas mãos dele, empalando-se um pouco em seu membro.

—Rapidinha significa rápido.

—Prefiro consciencioso.

As presas dela arranharam o peito dele, atraindo imediatamente sua inteira atenção.

—Mas o quero rápido.

Caleb esfregou novamente, seu fôlego suspenso pela agonia de antecipar a mordida.

—É muito delicada para um rápido.

—Confia em mim... —Ela ficou de pé enquanto inalava e se deixou cair enquanto exalava. Seu miado frustrado quando lhe agarrou as coxas se mesclou com suas palavras— Não tenho nada delicado.

Nesse aspecto nunca iam ficar de acordo. Tudo o que tinha a ver com ela era frágil e delicado. Imensamente feminino, imensamente sexy, mas muito delicado. Ainda se ela não podia ver sua própria vulnerabilidade, ele era bem consciente dela. Os lábios dela se deslizaram para cima de seu peito, sua língua lambendo a transpiração da pele em ardentes passadas de impaciência.

—Posso provar isso.

—Como?

Acariciou-lhe o espaço da garganta com o nariz, suas presas cravando em sua pele em erótica promessa.

—Pode soltar meus quadris e me deixar mandar.

Ele inclinou a cabeça a um lado, lhe assegurando o acesso ao lugar que ela necessitava.

—Muito perigoso.

—Tem medo de que o foda até que o deixe louco e ponha fim a suas delicadas ideias?



—Mais como tenho medo de que se machuque em sua impaciência.

—Meu bem, é grande, mas nem tanto.

Para falar a verdade, ele ficava maior a cada minuto, em parte porque sua resposta ao desafio dela anulava seus esforços por permanecer acalmado. Seu lado vampírico crescia com o desafio, ansioso para recolher a luva.

—Palavras perigosas.

Para provar seu ponto, ele pressionou um pouco mais profundo, deixando-a sentir a mudança que ocorria. Ela respirou com um ofego.

Um olhar a seus olhos não revelou a cautela que deveria haver ali, a não ser uma antecipação avara que encontrou igual “Sim”, dentro dele.

—Caleb, me solte.

Seu lado vampírico não queria mais que fazê-lo. Seu lado humano se manteve firme.

—Caleb, quero senti-lo dentro. —A língua se moveu pelos lábios dele— Duro e profundo. Não o quer?

—Eventualmente.

Ela o arranhou com os dentes, com suas garras e com o agarre apertado de suas paredes de veludo.

—Quero-o agora.

Mordeu-o, o êxtase se disparou através dele com força debilitante. O grito dele ecoou ao redor deles enquanto seu agarre se afrouxava. A risada dela seguiu a esse grito; despreocupada e confiante, terminou em um grunhido quando ela se deixou cair em todo o comprimento dele.

—Jesus, Allie.

Ele a agarrou, sua prudência deixando-o muito tarde. Ela tomou tudo, com seu corpo tremendo e seus músculos interiores ondulando ao redor dele. Ele colocou seus dedos em suas nádegas, as quais tremiam contra ele. O medo lhe corroía como o ácido ante seu desejo.

—Você o disse, suave e com calma.

Ela que tinha as mãos fechadas em punhos, abriu-as sobre os ombros dele. À direita lhe deu uma palmada no músculo.

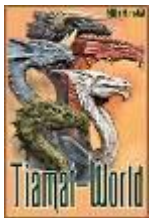
—Caleb?

O muro entre suas mentes caiu, e foi assaltado com uma poderosa projeção de poder feminino misturado com incerteza e determinação. E uma quantidade incrível de desejo frustrado.

—Cale-se e faça amor comigo.

Caleb inspirou, levantando-a. Imediatamente, prazer e paixão empurraram até o centro de seu ser, diferente a sua luxúria masculina, menos centrada, mais mental. Mais doce. Ao menos para ele.

Manteve-a suspensa em seu comprimento por um batimento, saboreando a sensação e o puro desfrute dela para ser possuída. Quando Allie se estremeceu e deixou cair à cabeça para



trás, ele a baixou novamente. Lentamente, sentindo seu prazer pelo super estiramento. A quase dor que a deixava sem fôlego. Ele tomou sua paixão como dela, e lhe enviou a sua pela conexão, amplificando o prazer que encontrava em seu calor, o êxtase que sentia quando os músculos dela se contraíam ao redor dele. Os olhos dela se abriram de par em par e se fixaram nos dele.

—Sim —grunhiu ele com o que ficava da voz — Isso é bom.

Com os braços tremendo e as pernas abraçando-se, ele a levantou outra vez, o erótico deslizar de pele contra pele levando-o perto do pico. Apertou os dentes, resistindo. Ela ainda não estava ali. Desta vez, quando a baixou, foi mais fácil, seu corpo se ajustava. Deixou-lhe que se atrasasse um pouco na descida, lhe inclinando os quadris o centímetro necessário para colocar seu clitóris em contato com seu osso púbico. Allie ofegou da maneira como ele gostava, e se balançou contra ele. Pressionando para abaixo com suas mãos, arqueando para cima com os quadris, ele a atraiu muito mais perto do prazer que fez que seus músculos internos o ordenhassem em um prelúdio de liberação.

—Isso é meu bem. Toma o que quiser.

Levantou-a, e o “não” de Allie mal passou por seus lábios antes que a deixasse cair. O grunhido dela foi quente e seguido pelo dele. A ponta da luxúria dela queimou através de seu controle feito farrapos.

—Agora, esse é um doce e pequeno som. Vamos ver se pode me dar algum som mais sexy.

Enredando os braços sob as panturrilhas dela, levantou-lhe as pernas, agarrou-a pela cintura, dobrando-a para frente, deixando-a estirada. Aberta. Indefesa. Pressionou para baixo com suas mãos, forçando-a a tomar mais. Ela o fez, com um grunhido e uma choramingação que não podia ser confundida com nada mais que uma prece por mais. Mais de seu membro. Mais de sua paixão. Mais dele. Selvagem e primitivo, o vampiro se elevou para agradá-la. Levantou-se. Ela golpeou seus ombros enquanto fechava os olhos em um calafrio de alegria e sua cabeça caiu para trás.

—Isso, Allie. Toma o que posso te dar. —Baixou-a— Tudo. —Seu membro pulsou e se inchou enquanto lutava por satisfazer as ânsias dela— Cada centímetro.

Desta vez, quando o traseiro dela tocou as coxas dele, ficou sem fôlego por outra razão. Levantou-a outra vez, homem rodeado por vampiro enquanto tomava mais duro, mais rápido, sem deixá-la controlar o ritmo, sem deixá-la fazer nada mais que aceitar a paixão que ele forçava entre eles. Mais rápido e duro, os grunhidos dele se mesclavam com os prantos dela, seus gritos com os seus, enquanto ela o apertava em completo poder. Os músculos dela faziam íntimas demandas aos seus, apertando-o tão forte que pensou que sua cabeça poderia explodir, antes de liberá-lo, só para contrair-se em distintos batimentos que causavam diferentes explosões. Ele golpeou os quadris dela para baixo uma última vez, moendo-a contra ele enquanto a agonia detonava em um orgasmo tão poderoso que perdeu os pensamentos, perdeu o controle, perdeu o sentido de tudo exceto a necessidade de enchê-la com sua semente, seu amor, com tudo. Ela era dele. Dele.



—Caleb.

Seu sussurrou o alcançou. Enredou suas mãos no cabelo dela, seu fôlego cortando fora e para dentro de seus pulmões.

—Está bem?

A cabeça dela caiu no suporte das mãos dele. Suas pestanas baixaram sobre seus olhos. Mostrava-se sonolenta, satisfeita e faminta.

—Muito prazenteiramente amassada.

Tinha-a machucado.

—Merda.

Suaves mãos em seus pulsos detiveram sua retirada instintiva.

—Fica em mim.

—Sou muito.

Agora que a paixão se desvaneceu pôde sentir o íntimo desconforto que bordeava a satisfação dela. Deixou que as pernas dela caíssem ao chão.

—É perfeito. —A boca lhe roçou o peito— Tenho fome. —Seu membro, que tinha que estar cansado, saltou interessado. A risada de Allie passou por sua pele ultrassensível, enviando a seu membro a dançar outra vez dentro dela. Caleb lhe pressionou o rosto contra seus peitorais, tentando ignorar o interesse renovado de seu corpo.

—Alimente-se.

—Não tem suficiente.

Ela era sua companheira, carregava seu filho, ele sempre teria suficiente.

—Alimentar-me-ei mais tarde.

—Está seguro?

Nunca tinha estado mais seguro de algo.

—Sim.

Sua dentada foi uma exploração sem pressas. Sua alimentação prolongada refletia o estado de saciedade de seu corpo. Quente, lento, e excitante como o inferno. Seu membro se inchou e palpitou. Os quadris dela se balançaram contra as suas.

—Jesus, Allie.

Ela retirou suas presas de seu peito o suficiente para sussurrar:

—Assim.

Ela balançou seus quadris contra os dele, massageando-o brandamente, lhe entregando prazer com seu corpo, dentro e fora.

—Goze para mim assim, lento e doce enquanto me alimento.

Voltou a afundar os dentes em seu peito, e ele se afundou na sensualidade do momento, lhe dando o controle, lhe deixando levá-los sobre o bordo com a ternura que era grande parte dela, ancorando-o na emoção que surgia dela, e fora deles. Gozou com um suspiro enquanto ela se estremecia a seu redor, enchendo-a de novo com sua semente enquanto lhe fechava as feridas



do peito com a língua, lhe dando mais quando embalou seu rosto, dando-lhe cada pedaço dele enquanto o subconsciente dela o alcançava com uma delicada verdade que ele sabia que ela não queria que soubesse.

Amo você.

Capítulo 23

A porta da cozinha se abriu. Allie desceu do colo com um grito, puxando a saia. Ele ficou de pé mais lentamente, examinando com seus sentidos em busca de quão único haveria feito que Derek irrompesse na cozinha apesar de suas ordens de não entrar. Não encontrou nada que não esperasse. O olhar de Derek caiu a suas calças abertas. Arqueou o lado direito da boca.

—Sinto muito.

Do outro lado da cozinha Allie baixou a saia e apertou as pernas juntas, parecendo envergonhada e furiosa. Com ele, com os weres ou com ela mesma, ele não sabia. Derek assinalou à janela com a ponta do rifle.

—Temos companhia.

Caleb terminou de abotoar as calças.

—Quantos?

—Pelo menos quarenta.

—Violaram as defesas?

—Como se fossem manteiga.

—Então não são weres.

—Não. Acredito que é seguro dizer que os parentes do Vincent chegaram.

—Merda.

O ofego de Allie atraiu seu olhar. As costas dela estava reta e as mãos estavam apertadas em punhos aos flancos, o queixo acima e preparada para lutar contra qualquer coisa. Ela ia necessitar cada pinga desse espírito. Estavam superados em número.

—Ao menos a batalha será curta.

Caleb bufou. Derek tinha estilo com as palavras.

—Vai ser um inferno entre agora e a luz do dia.

Mas se duravam até a luz do dia tinham surpresas próprias que poderiam jogar na combinação.

—Quantos homens temos?

Derek inclinou o chapéu para Allie.

—Acredito que seus pães doces se queimam, senhora. —logo que Allie se agachou na cozinha, murmurou—, vinte e cinco —muito baixo para que Allie o ouvisse.



Ele ocultou sua surpresa. Vinte e cinco significava que a manada inteira de Derek lutava do lado dos Johnson, o que significava que muitos weres iam morrer esta noite. Ele apreciou o pensamento, mas era um sacrifício tremendo para um líder de manada.

—Esta não é sua luta.

—Converteu-se em nossa no minuto que a turma do Vincent escolheu ignorar a proteção da manada. —Derek cruzou a janela e jogou atrás a tela— A proteção da manada é tida em muito alta estima pelos de minha espécie.

—A amizade é tida em muito alta estima pela minha.

Derek sorriu.

—Possivelmente não sua espécie, mas você e seus irmãos estão malditamente perto de ser lobos em sua devoção pelos amigos. Pensamos que essa linha de crença deve ser preservada.

Caleb desejou poder rechaçar a oferta, mas não podia. Faz um ano os irmãos teriam dado a boa-vinda a um combate de morte, mas os tempos tinham mudado. A vida tinha mudado. Jogou uma olhada o Allie, que lhes dava as costas, trabalhando em algo no balcão. Ele tinha um futuro, e se o tinha, seus irmãos podiam tê-lo também.

—Nós o apreciamos.

—Pode me dever isso.

—Qualquer coisa que precisar. Em qualquer momento.

Derek assentiu. Uma explosão ressoou ao longe.

—Slade tem algum fuzil de sol ainda? —perguntou Caleb.

—Dez.

Maldição. Tinha estado esperando mais.

—Passe-os aos weres.

Não queria que nenhum de seus amigos morresse.

—Slade já dirigiu isso.

Deveria havê-lo esperado. A única coisa que os Johnsons sabiam bem, era como planejar uma batalha.

—Bem.

Olhou o rifle de alta potência nas mãos de Derek e a escopeta jogada sobre o ombro.

—Não pegou um?

—Não. Os fuzis de sol são para bichas.

Allie girou do balcão, levava uma bandeja de garras de urso amontoadas em duas filas, gotejando com polido branco. Andou para eles, os olhos brilhantes de forma não natural na cara pálida. Andou diretamente até Derek e empurrou a bandeja para ele.

—Não estão queimadas.

As sobancelhas do were subiram.

Ela se lambeu, olhou pela janela e logo à arma.

—Obrigada por ficar.



Ele jogou o rifle sobre o ombro e tomou a oferenda.

—Vá, nenhuma necessidade de agradecer. Passaram décadas desde que tivemos um bom combate.

Allie abriu a boca, olhou à cara de Derek, sacudiu a cabeça e mordeu o lábio. A cara de Derek se suavizou quando viu a tensão na dela.

—Nós não permitiremos que rompam seu matrimônio.

—Não estamos casados.

O escuro olhar dourado do Derek fulminou Caleb.

—Odeio ser contrariado...

—Vive para ser contrariado.—interrompeu Allie.

—Seja como for, não há ninguém neste complexo que a considere solteira, e vendo quão facilmente foi apanhada, provavelmente deveria estar agradecida por isso.

A Allie a cor subiu rapidamente ao rosto, isso teria sido divertido se não fosse pelo uivo que começou na escuridão além da janela.

Derek pôs a bandeja sobre a mesa.

—Parece que começamos.

Caleb agarrou o braço de Allie.

—Sim.

Derek agachou o ombro esquerdo. A escopeta caiu em sua mão. Atirou-a Caleb. Outro rápido encolhimento de ombros fez voar para trás um cinturão de munição. Caleb agarrou os dois.

—Isto deveria bastar até que a acomode.

—Obrigado.

O fuzil se sentia bem em suas mãos. Natural. Deixou que a sensação se estendesse, dando a boa-vinda ao frio, às balas, à ira calculadora e a calma interna que sempre tomava antes de uma batalha.

—Com sorte, acrescentarei o custo disto a sua conta. —Derek desapareceu pela porta, com duas garras de urso na mão.

Eles precisavam ir, também. Caleb tomou a mão de Allie.

—Vamos.

—Aonde vamos?

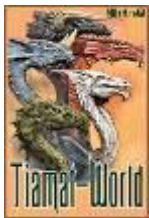
—Deixá-la a salvo.

Não importa o que acontecesse esta noite, Allie e seu filho estariam a salvo.

Puxou Allie pelo vestíbulo. À esquerda viu Derek limpando a parte baixa das escadas. Allie caminhava detrás dele.

—Não. Por aqui.

Ela franziu o cenho mas não discutiu, só o seguiu. Lentamente. Muito lentamente. Os sons da batalha cresceram mais fortes. Caleb arrastou Allie atrás de sua esteira. Quando tropeçou,



atirou-a acima contra ele, colocando-a sob seu braço e correndo escada abaixo. Em cima deles, o vidro se rompeu. Ele girou, atirando Allie ao canto, esperando que tivesse os reflexos para resguardar-se. Martelou a escopeta, caindo sobre suas costas enquanto a criatura gritava um grito de guerra estremecedor, aterrissando em cima na escada, saltando sobre Caleb enquanto este subia o canhão.

O grito de Allie se misturou com os dos atacantes quando ele apertou o gatilho. O sangue salpicou em todas as direções. A criatura voou para trás pela força da explosão e seu próprio ímpeto. Caleb saltou atrás dele, lhe rasgando o pescoço com as garras, cortando tendões e vértebras enquanto o fazia, decapitando-o.

—Oh, Deus.

Allie estava olhando-o fixamente, o horror em seus olhos. Sabia que parecia o monstro que era. Vampiro e proscrito em um. Não tinha tempo para palavras suaves. Saltou por cima do vidro quebrado, aterrissando ao seu lado. Afastou-lhe as mãos da boca, vendo muito tarde o próprio sangue.

—Temos que ir.

Ela engoliu com força e assentiu, incapaz ou não, disposta a afastar os olhos da cabeça do vampiro.

—Era tão jovem.

—Estava tentando nos matar.

Ela assentiu outra vez. Um pé se moveu na direção que ele queria, ainda olhando por cima do ombro.

—Cortou-lhe a cabeça.

—Para garantir que não se levante outra vez.

Engoliu outra vez com dificuldade seguido por outra dessas cabeçadas que indicava uma compreensão que ele sabia que não existia. Allie levou a mão livre ao estômago.

—Se for vomitar, terá que fazê-lo correndo.

O queixo subiu sob a chicotada de seu tom.

—Não vomitarei.

—Bem. —Abriu a porta do dormitório ao final do vestíbulo e a empurrou antes de fechá-la atrás dele. Fora, os uivos se misturavam com gritos de guerra sobrenaturais e por cima de tudo, o grito de batalha dos irmãos Johnson. A casa se sacudiu quando algo explodiu perto outra vez. Uns pés se arrastaram pelo chão de madeira do vestíbulo e lhes disse que tinham companhia.

Entra no armário, se agache e proteja-se, sussurrou ele com a voz mental baixa.

A confusão de Allie era evidente. Caleb não tinha tempo de explicar-lhe, só abriu a porta e a empurrou dentro antes de fechá-lo silenciosamente e girar para encarar o que vinha pela porta.

Estes não eram como os jovens vampiros muito ansiosos que atacaram primeiro. Experientes, golpearam a porta contra a parede com nada exceto uma orvalhada mortal de balas. Caleb mergulhou a um lado um instante antes que rompessem a parede onde ele tinha estado.



Rodou e ficou de pé. Uma fração de segundo mais tarde, três intrusos entraram de repente no quarto.

Agarrou o primeiro pela manga, enviando-o contra a parede, chutou com a bota no abdômen do segundo, falhando quando o homem se tornou ao ar, seguindo o chute em um giro baixo que lhe levou sob contra-ataque do outro, carregando a antecâmara da escopeta quando se agachou. O inimigo era rápido, encontrando os pés e flanqueando-o. Abriram-se em uma ameaça deliberada. Um loiro, um moreno. Ambos extremamente feios. Ele esperou, a escopeta preparada. Só necessitava uma oportunidade.

—Onde está a mulher?

—Vá ao diabo.

—Você, amigo, é o único que irá ali. Há um novo dia amanhecendo para os vampiros, e nem você nem os de seu tipo serão parte disso.

—Então tampouco minha companheira.

—Oh, ela o será. É a chave. Quem quer que a tenha, tem o poder.

—Para que?

—Para governar, popular ignorante. Para governar.

—Quem demônios encontraria emocionante governar a um conjunto de idiotas como vocês? —deslizou-se à direita. O segundo vampiro se moveu com ele, dando um passo diante da porta do armário.

Permaneça tranquila, Allie.

—Simplesmente porque você e esses como você...

—Há mais como eu?

O vampiro loiro não pareceu apreciar a interrupção. O magro lábio se curvou em uma careta de brincadeira, revelando suas presas e os rastros de sangue neles. Sangue de um da gente de Caleb. Uma raiva gelada encheu Caleb. O filho da puta ia morrer duas vezes de forma desagradável por isso.

—Como em qualquer sociedade, há trigo e joio.

—Naturalmente, você é o trigo.

—É óbvio.

A presunção do homem rogava que o descessem do pedestal.

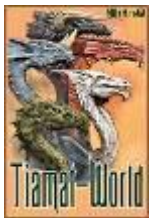
—Mas não o líder.

—Ainda não.

Naturalmente, tinha aspirações.

—Nem nunca. A meu parecer, se o enviaram atrás de mim, devem vê-lo como dispensável.

Pela extremidade do olho, viu o movimento do segundo homem. Girou o canhão em sua direção. Esperava realmente que o idiota imaginasse que seus reflexos podiam superar uma bala. Os olhos do loiro se moveram por cima do ombro. O outro homem inclinou a cabeça. O assobio leve foi à única advertência que teve.



Caleb se deixou cair quando uma flecha se embutiu na parede através do quarto. Bloqueou o ataque do vampiro de cabelo castanho com o braço, caindo sob a força do golpe. As garras se afundaram em suas costelas. As presas cortaram sua garganta. Uma sombra mais profunda que o anoitecer do quarto cintilou acima. Deu um puxão para um lado. As garras se embutiram no chão perto de sua orelha.

—Merda!

Plantou a bota no estômago do tipo em cima dele, e empurrou quando o vampiro loiro gritou.

—Retrocede!

Os dois vampiros saltaram longe. Engatilhou uma arma. Teve um segundo para tomar uma decisão. Nem sequer necessitou meio. Reuniu toda sua energia e enviou uma mensagem privada a Allie, imprimindo em sua mente a passagem secreta e o atalho à caverna segura um segundo antes que o fuzil disparasse.

A explosão foi ensurdecadora no pequeno quarto. Caleb saltou a um lado, sabendo que era muito tarde inclusive enquanto esvaziava a escopeta para o disparo. A agonia nunca veio. A bala que esperava nunca golpeou. O homem a sua esquerda se afundou em um chiado de dor. Ficou ali tentando averiguar como estava ainda ali. E logo elevou o olhar. A porta do armário estava aberta. No outro lado, estava Allie, o terror e a irritação companheiros gêmeos em sua expressão. Os dedos agarravam o trinco da porta como se fosse o último trem para sair do inferno. Ao outro lado, o vampiro loiro se levantou de onde lhe tinha golpeado com a pesada porta, xingando enquanto girava a arma.

—Fecha a porta!

Allie não se moveu. Caleb esteve sobre o vampiro antes que ele pudesse disparar, conduzindo suas garras diretamente para o estômago do loiro. A malha suave não ofereceu mais resistência que a garganta do vampiro quando Caleb mordeu profundamente, rompendo com força, apanhando seu grito para sempre. O sangue lhe encheu a boca, sua visão.

Os outros homens vieram sobre ele como o inferno em chamas. Não havia tempo para a delicadeza. Só sobrevivência. Caiu baixou seus pesos combinados, o fuzil se deslizou pelo chão. Ele não se foi silenciosamente. Cortou e mordeu, pondo todos seus músculos e determinação em comprar para Allie o precioso tempo que necessitava para escapar.

Corre.

Outra vez, enviou-lhe a imagem da passagem e a casa segura. Outra vez, sentiu sua resistência.

Vá!

Um golpe no peito lhe tirou todo o ar dos pulmões. O sangue saiu em um arco vermelho. O grito zangado de Allie bombeou adrenalina fresca por seu corpo. Tirou-se de cima aos homens, grunhindo enquanto ficava de pé, colocando-se entre o armário e os vampiros sangrentos. Eles grunhiram, despiram os dentes mas não avançaram. A razão mais provável de por que não era



uma sensação nada desprezível. Vinham mais.

Apoiou-se na porta, fechando-a com seu peso enquanto reunia suas reservas. Golpeou a resistência antes que fizesse clique e se fechasse.

—Caleb?

—Maldita seja, Allie. Ponha o nosso bebê a salvo.

—Não posso deixá-lo assim. —A mão pressionou nas costas de Caleb.

—Fá-lo-á ou todos morreremos.

—Quero melhores escolhas.

Não há nenhuma.

—Vá, meu bem.

—Prometa-me que não morrerá.

Inclusive ela tinha que saber que não podia prometer isso.

—Allie...

—Prometa-me isso maldição, ou vou sentar-me aqui nesta piscina de sangue.

Filho da puta, faria isso.

—Prometo.

Um apertão breve dos dedos, um suave sussurro "Guardarei isso" e a porta do armário se fechou. O mecanismo de fechamento zumbiu e se assentou com um satisfatório click. Muito tarde, os vampiros se deram conta de que o armário não era uma armadilha, mas sim uma escapatória. Ele sorriu quando os dois homens grunhiram com fúria.

—Parece que é entre vocês e eu, cavalheiros.

* * *

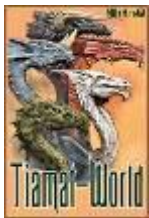
Allie tocou a madeira fria enquanto a porta se fechava. Ao outro lado, Caleb, ferido e manchado de sangue, combatia para comprar tempo. A outra mão foi ao estômago. Ele queria que ela e o bebê vivessem. Ela queria que ele vivesse. De algum modo, tudo tinha que sair bem. Negava-se absolutamente a atravessar este inferno para acabar com nada ao outro lado.

Detrás dela, a passagem se estirava escura e ameaçadora. Nada exceto o ar viciado e a penumbra lhe impediam seu atalho à liberdade. Não teria que dizer sobre o que havia ao outro lado. Segundo a informação que Caleb lhe tinha enviado, o túnel a deixava cair em meio do território D’Nally. Estremeceu-se. Os D’Nally não era a gente com a qual queria encontrar-se hoje.

Uma leve luz iluminava o espaço, sua visão noturna era quase inútil. Mordeu o lábio e olhou fixamente durante um segundo o vazio cinza. Parecia tão equivocado deixar Caleb ali. Tão equivocado correr.

Se me ama, corre.

Tinha havido uma ênfase mental em "se" quando ele tinha jogado uma olhada por cima do ombro de Allie. Transformado, e manchado de sangue, ali de pé grande e forte, lutando porque



era a coisa correta. Porque seu lado vampiro a necessitava. Mas não por causa de nenhum amor admitido para ela.

Como se atreve ele a ter dúvidas quando ela não podia fazer nada com elas. Girou-se para a porta, manteve os dedos na madeira tanto como foi possível, mantendo essa conexão frágil até o segundo último e então correu. Tão rápido como pôde na escuridão, agradecida pela velocidade extra que lhe dava a vida vampira, mantendo uma mão na parede para conservar o equilíbrio, seguindo túnel abaixo e logo acima, seu fôlego esforçando-se para manter o ritmo das demandas que punha nos músculos. Ainda com sua resistência aumentada, não gostou de subir. Muito complicado. Quando chegou à pedra que bloqueava a entrada, estava sem fôlego. Apertou o nariz contra a fenda e respirou o ar fresco da noite profundamente.

Realmente precisava ficar em forma. Permitiu-se um minuto para recuperar-se e logo empurrou a pedra. Não se moveu. Tentou outra vez, mais forte desta vez. A maldita coisa era sólida. A rota de fuga tinha sido feita por vampiros com músculos de vampiro, não uma mulher que tinha sido extorquida na conversão.

—Maldição, maldição, maldição!

Não podia avançar, não podia voltar. Apalpou o chão, imagens de aranhas arrastando-se para ela enquanto procurava algo que utilizar como alavanca. Inferno, neste momento, conformar-se-ia com o osso de um esqueleto que estivesse sentado à entrada da cova se isto fosse um filme de terror. Não era um filme de terror, entretanto. Era a vida real, e a vida real estava resultando ser malditamente difícil. Sentou-se na terra, com as mãos vazias e sem opções.

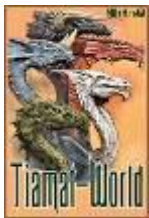
Um bufo e logo um grunhido baixo ao outro lado da pedra a congelou no lugar. Um urso? O instinto fez subir seu coração à garganta antes que o intelecto tivesse a oportunidade de falar mais alto. Imaginou um urso com seus braços imensos. Um urso poderia mover a pedra. Um urso também poderia comê-la viva. Despediu este último. Se podia influir mentalmente a um urso para que movesse uma pedra, também poderia influir para que acreditasse que ela não era mais que um bom caso de indigestão. Enviou uma imagem mental, sentindo a energia da criatura para esculpir um atalho. Uma barreira que não tinha estado esperando a bloqueou.

Maldição.

Enviou a imagem mental outra vez, esperando. O resfolegar aumentou, parou. A pedra raspou contra pedra. Cambaleou-se para trás quando caíram torrões de terra. A luz prateada da lua alagou a caverna enquanto a barreira entre ela e o animal se desabava. Uma aguda inteligência humana se encontrou com sua sondagem mental.

Oh merda. Não um urso. Allie se lançou para trás para evitar a mão que serpenteou quase muito rápido para que seus olhos de vampiro a seguissem, golpeou a cabeça no teto e se sentou com força. Uns dedos como aço se enroscaram em seu pulso. Com uma força que ela invejou, as mesmas mãos que moveram a pedra a atiraram fora.

Oh, isto não era bom. Ela e o homem que a retinha estavam rodeados por lobos. Uns lobos grandes, desagradáveis e dos do tipo queremos-dar-uma-festa-com-teus-ossos. Ah inferno, seu



dia só necessitava isto. Elevou o olhar ao gigante nu que havia atado a mão a seu pulso. Tinha visto esses olhos dourados antes. As imagens do lobo com a máscara negra que tinha tocado a sua manada contra seu carro através do bosque cintilaram em sua mente. Esses olhos tinham o mesmo resplendor, a mesma inteligência. A mesma diversão zombadora.

—O clã D’Nally, suponho?

A sobancelha direita subiu como uma bandeira escura de surpresa.

—A rameira do Johnson, suponho?

O homem era muito bonito com cabelo escuro, pele escura e um magnetismo animal que lhe rodeava como o aroma sedutor de uma colônia fina. Para não mencionar esses incríveis olhos dourado escuro. Também estava muito bem formado dos ombros muito largos aos pés, um fato que ela não podia por menos que notar com seu estado nu atual. Seu olhar patinou a virilha. Impressionante por toda parte.

—Às suas ordens.

Levantou a outra sobancelha.

—Uma maneira interessante de colocar isso.

Ela realmente tinha que vigiar seu sarcasmo. Os lobos deram voltas. Ela os observou cautelosamente.

—Confia em mim, não sou tão interessante.

—Acredito que subestima sua atração. —Seu olhar caiu ao estômago— Encontramos alguns aspectos de sua existência muito interessantes.

Esse olhar em seus olhos não era ira. Ela puxou o pulso.

—Perverso.

Detrás dela, um dos lobos se lançou. Uma dor aguda na nádega a fez reagir antes de pensar. Lançou um chute, alcançando o lobo sob o queixo. Girou-se tão longe como pôde, mantendo ao bronzeado filho da puta à vista, sustentando seu olhar enquanto este retrocedia.

—Mantenha seus dentes com você.

—Acredito que sua intenção era te ensinar maneiras —explicou o homem nu, com diversão e algo que ela não podia definir em sua voz. A maneira como a calda do outro lobo baixou uma fração sob seu olhar satisfez um pouco sua raiva.

—Então melhor que ele aprenda algumas primeiro.

O sorriso do líder foi uma surpresa.

—Aparentemente. —Inclinou a cabeça— Sou Ian D’Nally.

—Allie Sanders. —aproximou-se outro lobo, maior que o primeiro. Mais velho, se o cinza em seu focinho negro era alguma indicação. Girou-se, para encará-lo, com os ombros atrás, encontrando o olhar do lobo com o seu— Se está esperando que desmaie convenientemente, perde o tempo.

—Ninguém espera que uma rameira alfa desmaie.

—É a segunda vez que me chama rameira. —Não ia sentar-se tranquilamente esperando



uma terceira.

—Não significa um insulto. —Ilan olhou fixamente aos lobos. O lobo negro piscou. Com uma sacudida de sua cauda ficou atrás. Os outros fizeram o mesmo, formando um círculo frouxo, criando a ilusão de intimidade.

—Os weres são telepáticos?

—Alguns de nós.

Ela tinha problemas para manter seu olhar por cima da cintura de Ilan. Não é que queria ver essa parte dele, mas não havia maneira de evitá-lo enquanto mantivera os olhos nos lobos detrás dele.

—Opõe-se moralmente a usar roupa ou isto é —ondeou a mão a seu estado nu—, uma declaração de algum tipo?

—Tampouco. É somente uma conveniência.

—Genial. —Tomou ar e disse—: Estou segura de que tem lugares aonde ir, pessoas para ver, assim se pudesse dar um passo ao lado, seguiria meu caminho.

Ele não se moveu, mas estreitou os olhos e suas maneiras se fizeram mais intensas.

—O Johnson mais velho deve estar desesperado para enviá-la sozinha.

Ela não fingiu não compreender.

—Preocupa-se com tudo.

—Está vivo ainda?

—Sim. —Ignorou a imagem de como o tinha visto pela última vez.

—Os lobos que correm com ele nos pediram ajuda.

—O fato de que se esconda aqui em vez de lutar deve significar que não a deu.

—Não é nossa batalha.

—Será.

—Isso disse McClaren.

—E não acreditou nele?

—Não houve aceitação universal.

Ela deu uma olhada ao redor de lobos.

—Os cérebros não devem ser muito comuns em seu clã.

Os grunhidos retumbaram das sombras. Ela mordeu a língua com um "que se fodam". O desespero lhe comia rapidamente o controle. Caleb necessitava ajuda. Ela necessitava ajuda, e tudo o que havia disponível era este grupo atrasado de lobos. Tinha que contê-lo o bastante para que entrassem em razão.

—As lobas não falam com seus companheiros desse modo.

Era uma advertência. Ela a desprezou.

—Como verá não sou nem loba nem companheira de um, essa regra não se aplica para mim.

As próximas palavras foram para seus ouvidos sozinho.



—Aonde for...

Faz o que vir. O pensamento terminou na cabeça. Era o nu um aliado? Estimado Deus, lhe permita ser um aliado.

Inclinou a cabeça.

—Minhas desculpas.

—McClaren disse que a encontrou com esses vampiros.

—Sim.

—E como os descreveria?

—Arrogantes, brutais, e convencidos de que algo que não encaixa em seu plano futuro deve ser aniquilado.

Olhou para Ian e logo aos outros lobos.

—Se acredita que os lobos o protegerão, está muito equivocado. Conectei-me com seu líder.

—O único que matou.

—Eu não o matei.

Mas esteve muito perto para consolar-se. Esse momento horrível cintilou em sua mente. O estômago rodou e piscou lentamente para despachar a lembrança. A mão no braço a surpreendeu. Era quase agradável. Ela manteve o olhar centrado no peito do líder enquanto lutava contra a náusea persistente.

—Mas o tentou.

—Sim. Eles são um grupo realmente doente. Planejam exterminar a qualquer vampiro que não esteja de acordo com sua filosofia de nós-somos-deuses.

Suas palavras não impressionaram visivelmente aos lobos, eles só a olharam fixamente. Ian a olhou expectantemente. O que desejava ele dela? O que precisavam ouvir? Quebrou a cabeça, examinando fragmentos de conversação até topar com algo que Derek havia dito. Algo que ela pudesse usar.

—Eles não têm nenhum uso para você. "Animais peludos" acredito que foi o termo que Vincent utilizou quando estava me convencendo para me unir a eles.

O grunhido que curvou o lábio do Ian ondulou pela manada. Ela se equilibrou no momento.

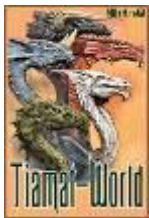
—Estaria preocupada se fosse você. Eles só desejam a algumas de suas fêmeas. Pensam exterminar ao resto.

Ian se endireitou. Todo guerreiro. Toda intenção mortal. Não lhe faria nenhum bem.

—Não podem derrotar à manada.

Ela ondeou afastando a fanfarronice.

—Mostre toda a testosterona que quiser. A realidade é, que eles estão unidos e organizados e todos outros estão dispersos e divididos. Não terão mais problemas com você de que estão tendo com os McClarens e os Johnsons. Simplesmente virão com sua maior tecnologia



e suas numerosas classes e arrasarão a todos, só manterão as mulheres que possam dar a luz crianças. E...

Fechou os olhos, a realidade do que estava acontecendo no complexo empurrava sua negação. Estavam sendo mortos, um a um. Caleb, Jared, Slade, Jace, Derek, e todos os outros. Pessoas que tinham lutado para protegê-la. Pessoas que ela considerava amigos. O soluço alagou o desespero, alojando-se em sua voz, cortando as palavras.

A mão de Ian no braço queria ser pormenorizada, mas o apertão que lhe deu lhe recordou quão impotente era ela para deter algo disto. Engoliu.

—Embora, a próxima vez, não serei eu correndo no bosque, esperando que não me encontrem, esperando poder permanecer viva o suficiente para dar a meu bebê uma oportunidade. Serão suas mulheres, seus meninos aos que estarão caçando.

Estirou-se em busca de Caleb com sua mente, não encontrando nada, só um vazio que a fez dobrar-se.

—E os encontrarão, também, e os utilizarão, porque isso é tudo o que querem. O poder que virá dos filhos que forçarão em sua gente. —A ira ardia quente— Suas mulheres.

Mulheres como ela, que só queria uma vida pacífica com os homens que amavam.

Um grande lobo cinza deu um passo mais perto, os cabelos arrepiados. Ela saltou para ele, liberando a ira reprimida que se expandia por seu interior. Outro lobo a golpeou na metade do salto, fazendo-a baixar com uma manobra surpreendentemente agradável. Ela fulminou esses escuros olhos castanhos. Toda sua frustração e sua ira dispararam as palavras de sua garganta, cada sílaba ardia com a realidade.

—Mas você não estará ao redor para ouvir seus gritos. Não estará ao redor para fazer nada. O clã D’Nally estará morto. Aniquilado pela escória daqueles cuja só vantagem é que compreendem as regras da guerra e podem aliar-se para aplicá-las.

A língua do lobo lhe tocou a bochecha. Ela esfregou o lugar.

—Não necessito sua maldita simpatia. Necessito sua ajuda.

Houve outro silêncio. Ela teve a sensação de que falavam entre si. O lobo que a segurava retrocedeu. Ian se agachou e estendeu a mão. Ela tomou. Em um movimento suave e estranhamente galante ele a pôs de pé. O polegar lhe acariciou o dorso da mão. Um dos lobos deu um passo para o túnel. Ela saltou frente a ele, aterrissando precisamente onde queria por uma vez, bloqueando o caminho como se fizesse tais proezas atléticas cada dia.

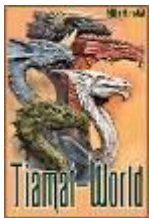
—Não.

Os lábios de Ian retrocederam mostrando umas presas impressionantes no que poderia ter sido um sorriso. Deu outro passo adiante. Ela estirou suas garras ao limite e descobriu suas presas imediatamente. Caleb tinha bastante em seu prato. Ela não ia permitir um ataque furtivo.

—Tranquila.

Ela não afastou os olhos dos lobos que se reuniam.

—Estarei tranquila quando partirem daqui.



—Pedi nossa ajuda.

—Decidi que não preciso dela.

—Seu companheiro também pediu nossa ajuda.

A surpresa fez voar seu olhar do lobo cinza.

—Não sabia disso.

—Foi uma decisão dura de tomar, ajudar a um inimigo.

—Especialmente para um grupo tão impulsivo como vocês. —logo que a réplica saiu de sua boca, ela se deu conta do que ele havia dito— O que influenciou na decisão?

—Uns membros da manada foram atacados hoje. Os homens mortos, a mãe e a filha roubadas.

Exatamente como ela havia predito. Muito parecido. Iam realmente ajudá-la, ou iam os D’Nally olhá-la para atacar enquanto o ataque era bom e a desfazer-se dos Johnsons de uma vez e para sempre?

O lobo cinza nas costas definitivamente a estava fulminando com o olhar e se não estava equivocada, parecia-se muito ao que tinha disparado do carro.

—Isto é uma mudança de opinião bastante repentina para os Johnsons, não?

—Temos razões para nossa ira.

—E eu tenho uma razão para a minha. —Fulminou ao macho cinza.

—Suficiente razão para ver seu companheiro morrer?

Bem, inferno. Ela se encontrou com seu olhar.

—Toque-o e eu o matarei. Possivelmente não pareça muito, mas sou capaz de alguma coisa muito arrepiante.

—Não me surpreende que o líder da manada Johnson tenha uma companheira igualmente forte.

—Não estamos casados.

—É livre?

Recordando o que Derek havia dito a respeito das fêmeas férteis, corrigiu rapidamente a declaração.

—Não, só que não casada.

—Um assunto privado entre os dois?

—Poderia dizer assim.

—O bastante para que não deseje mais a reclamação do Johnson mais velho?

—Não.

As mãos nos ombros a levantaram como se ela não pesasse nada.

—Então se afaste, mulher. Os D’Nallys vieram lutar.



Não brincava. Com a exceção do próprio Caleb, ela nunca tinha visto nenhum homem, ser ou criatura mover-se com tal metódica precisão. Depois de que Ian se transformou em lobo, um processo bastante surpreendente em si mesmo, precipitaram-se pelo corredor em uma fluida massa de cabelo, movendo-se como um sozinho, criando a ilusão de continuidade. Ela corria a seu passo, só capaz de mantê-lo, porque sabia o caminho e não podiam demorar para encontrar os giros e voltas do túnel.

Quando chegaram à pesada porta, esperaram. A violência e antecipação irradiavam da manada em ondas agitadas. Uma trajetória separada por ela. Correu através, o fôlego entrecortado dentro e fora de seus pulmões, o pânico acompanhado de esperança. Chegariam a tempo?

A luta seguia ao outro lado da porta, por isso parecia devido aos sons amortecidos que vinham do outro lado, mas tentando-o com todas suas forças, não podia sentir a energia de Caleb. Tendo em conta que sua última visão dele, foi uma breve olhada enquanto ele se girava manchado de sangue e ferido, para encontrar-se com o que seja que se chocou no lado oposto da porta, era difícil aferrar-se à esperança. Mas o faria porque a alternativa era impensável.

Marcou a combinação com os dedos tremendo tão terrivelmente que não podia estar segura de que número tinha pressionado. Girou o cabo. Não aconteceu nada. Maldição! Tentou de novo. Os mesmos resultados. Nada.

Maldição!, Maldição!, Maldição! obrigou a si mesma a acalmar-se, tomou uma profunda pausa, soltou o ar, vividamente consciente de que enquanto ela ia a tatos neste lado da porta, as pessoas a quem amava estavam morrendo no outro.

—À terceira sai vencedora. —murmurou. Desta vez marcou mais lento. O ferrolho deu com um clique apenas audível. Girou o cabo com agonizante pânico, sentiu o leve golpe seco, e se estremeceu com alívio. Com muito cuidado correu o ferrolho e puxou pesada porta. Umas mãos a seguraram pelos ombros. O grito morreu em sua garganta quando outra mão golpeou sobre sua boca.

—Seu companheiro a enviou a um lugar seguro —Ian sussurrou em voz baixa ao ouvido— E em um lugar seguro você vai ficar.

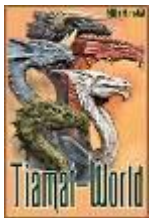
Sacudiu a cabeça.

Caleb poderia precisar dela.

Ian pressionou suas costas contra a parede, contra as robustas dobradiças.

—Assegura a porta detrás de nós.

A manada estava estendida no vazio entre ela e a porta. Com um olhar de advertência, Ian se transformou novamente, o homem se desvaneceu e um animal surgiu até que tudo o que podia reconhecer eram esses olhos dourados olhando-a fixamente desde sua negra e mascarada cara. Ele tocou com seu focinho o ombro do lobo igualmente grande junto a ele. Uma sutil tensão



percorreu a manada. O cabelo se arrepiou, um silencioso grunhido em seus lábios, Ian abriu a porta com o nariz. Os sons da luta se intensificaram, grunhidos e gritos, a grade de metal golpeando algo duro, um disparo, algo mais suave caindo contra o chão...

A abertura se ampliou mais enquanto um lobo empurrava e logo outro. Em um uivo que enviou calafrios à coluna vertebral, a massa letal saltou dentro do quarto. Ouviu-se um grito que terminou nesse familiar gorgoteo horrível e então os D'Nallys acrescentaram seus mortais grunhidos à cacofonia. Allie deu um passo para a porta, inclusive tinha a palma da mão plana sobre a superfície de madeira para empurrá-la e fechá-la, quando o necessitasse. A sensação de um sussurro em sua mente.

Caleb?

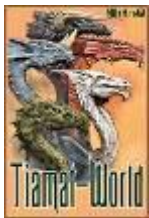
O sussurro chegou de novo. Débil. Como havia sentido antes. Apertando os dedos no bordo da porta, abriu sua mente mais à frente.

Ajude-me.

A suspeita saltou antes que pudesse agir em seu primeiro impulso para chegar a ele. Isso não era Caleb. Caleb morreria antes que a convidasse a caminhar no perigo. Lançou seu escudo mental, sondando ao longo do bordo da energia que fluía a ela, praticando tudo o que tinha aprendido de Jared e Caleb, mas o mais importante, desse sacana escorregadio de Vincent. De primeira mão, a voz soava como Caleb, parecia com a de Caleb, mas quanto mais ia explorando havia algo que faltava enormemente. Que estava fingindo ser Caleb, obviamente, não tinha a compreensão da personalidade de um homem. Fechou a porta e girou o ferrolho, saltou quando algo pesado golpeou ao outro lado, sentindo as vibrações até os braços. A força da colisão só serviu para demonstrar uma coisa. Por muito que quisesse ajudar, ela simplesmente não era capaz de lutar contra o sobrenatural a este nível.

O sussurro chegou de novo, desta vez carregado com dor e desespero. Ah, o menino era bom. Muito, muito bom. Tão bom que, até sabendo que não era realmente Caleb chamando-a, a ansiedade crescia. Deixou que essa pequena ansiedade desaparecesse. Entretenimento para distrair ao olheiro enquanto bisbilhotava um pouco por sua conta. Voltou-se dando as costas contra a porta e se deslizou por ela, concentrando-se nessa corrente de emoção, chegando ao longo de sua rota até sua origem, indo mais profundo que antes, mas mantendo seu toque leve. Talvez não tinha a força para lutar contra uma completa invasão, mas era capaz de lutar contra isto. Dobrando as mãos em punhos, apertou-os fortemente ao lado de suas coxas, respirou lentamente, respirações constantes enquanto transformava a energia mais e mais para o interior, sincronizando o aqui e agora, e estendendo a si mesma no vazio mental para encontrar o inimigo que não conhecia.

Duas coisas se tornaram imediatamente aparentes. Ele não estava perto. E era definitivamente masculino. Era uma energia muito masculina a que estava seguindo. Quem fosse, estava trabalhando de muito longe, aproveitando sua energia mental, experimentando com as etiquetas que todo mundo tinha, que eram como caixas postais mentais. Ela respondeu ao que



reconheceu como uma sonda de amplo alcance que lhe tinha dado sua direção. Caleb não ia estar contente com isso.

A energia estranha cintilava e explorava. Havia um padrão familiar para sua busca. Era como o de Vincent, mas diferente. Mais sofisticado. Mais forte, sem a hiperatividade fanática que tinha desvanecido as bordas das sondas de Vincent.

Allie atenuou a energia quando sentiu uma pressão do estranho, fingindo neutralidade, mantendo-se oculta detrás da normalidade. Pelo menos esperava que fosse normal. A adrenalina alagava seu sistema, não estava segura de nada. A sonda chegou de novo, dispersa. Quem quer que fosse suspeitava que estava ali, mas não podia precisar o suficiente para um golpe direto.

O ferrolho da porta do armário tremeu. Ela ofegou e saltou. Começou a quebrar sua concentração. A luz brilhante alagou sua mente, anunciando a invasão daquela presença mental. Apertou as mãos sobre as orelhas para deixá-lo fora enquanto se afastava engatinhando da porta aberta. Mais luz alagou sua mente, obscurecendo sua visão normal. Piscou, mas tudo o que podia ver era essa luz branca. Isso piscava com imagens da abertura da porta. As dobradiças murmuraram um protesto além de sua capacidade de ver. Oh, Deus, precisava ver. Apertou as palmas dentro de seu crânio.

—Sai de minha cabeça.

Sentiu a chegada da presença, sentiu-se como se preparasse para uma batalha. Ela cravou essa coisa com algo, esperava que fosse energia negativa e esperava que doesse. O efeito que esperava não chegou a materializar-se. A luz ficou tão brilhante como sempre.

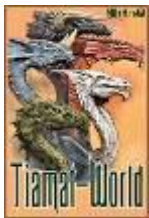
Estava perdida. Não sabia o que devia fazer, o que podia fazer. Tudo a seu redor era um desastre e em sua mente só havia uma luz branca e confusão.

A porta continuou abrindo-se, as dobradiças continuaram protestando enquanto lutava com sua respiração, tentando acalmar a respiração rouca, lutando contra a adrenalina de seu sistema, o que aumentou o ritmo de seu coração, o ritmo da respiração. Sons traiçoeiros que não podia dar o luxo de emitir. A porta lhe golpeou os dedos de seus pés, e rapidamente se arrastou para trás, mantendo uma fração por diante, até que seus calcanhares encaixaram contra os quadris. A porta seguia vindo. Acomodou-se a si mesma em uma bola, mas finalmente não houve mais lugar aonde ir.

A porta golpeou a resistência. A pessoa ao outro lado empurrava com força. Seus joelhos se chocaram contra seu peito. Deixou de respirar por completo. O aroma do sangue, pele úmida, suor e violência se deslizaram na passagem rançosa, paralisando a esperança em seu interior. Até que uma fração de segundo mais tarde, outro aroma flutuou sobre o fedor da batalha. Esta essência ela reconhecia.

Caleb?

Ainda não podia ver. A luz consumia sua mente, a presença masculina fazendo-se encargo de seu cérebro, manipulando neurônios que ela não sabia que tinha, trabalhando para prepará-la. Para que? Desta vez disse em voz alta.



—Caleb?

—Allie, meu bem?

Ninguém dizia seu nome com a justa combinação de reprimenda, suavidade e emoção. Ninguém exceto Caleb.

Oh, Deus, era Caleb!

Lançou-se em direção a sua voz, confiava em que ele a apanhasse. Umas mãos fortes se fecharam ao redor de sua cintura, puxando-a para a familiar solidez de seu peito. As bordas da camisa feita farrapos raspavam sua bochecha. As manchas de sangue facilitaram o deslizamento das mãos ao redor de seu pescoço, mas não se importava. Ele estava vivo. Vivo e abraçando-a. A presença em sua cabeça deixou de sondar. Uma satisfação alheia cobriu sua alegria. Um aguilhoada de luz exigiu sua atenção, e logo cinco palavras cruzaram por sua mente em negrito mental.

Diga-lhe que não está sozinho.

Como se essa oportunidade fosse tudo o que o homem tinha estado esperando, a luz se desvaneceu e sua realidade uma vez mais só consistiu no corredor, a única luz que rompia a escuridão era a que saía da porta aberta e quão único podia ver era Caleb lhe franzindo o cenho.

A mão detrás da cabeça foi um alívio, o polegar debaixo do queixo lhe dava o apoio que tanto necessitava.

—Está bem?

Ela não teve oportunidade de responder antes que as mãos de Caleb estivessem em cima dela, um sob seus quadris atraindo-a lentamente onde ele a necessitava, apertando-a contra ele. Seus pensamentos fluíram nos dela. Allie sentiu sua necessidade de abraçá-la, de marcá-la, de reclamá-la como dele.

Sua necessidade não era menos urgente. Fechou os braços ao redor de seu pescoço, as pernas ao redor de sua cintura. Não podia aproximá-lo o suficiente para apagar o medo de perdê-lo.

As imagens das batalhas que acabava de lutar se transmitiam dele a ela. Apertou-se mais forte. Tinha estado tão perto de perdê-lo tantas vezes esta noite e não havia nada nesta Terra que a aterrorizasse mais que isso. No pouco tempo que tinham estado juntos, converteu-se em tudo para ela. O sol, a lua, as estrelas. A risada e a luz. Tudo isto de um vampiro, supostamente, uma criatura da escuridão e a noite. Ela cobriu com as mãos suas bochechas.

—Pensei que estava morto.

—Tenho muito mau gênio para morrer.

—Muito mau gênio e muito arrogante.

Ele sorriu, deixando cair sua testa contra a sua.

—Sim.

Mais passos se dirigiam à porta e ficou rígida. Caleb a abraçou apertando-a para ele.

—Está bem, meu bem. São só uns amigos comprovando para assegurar-se de que está



bem.

Para lhe dar a razão, Jace lhe perguntou:

—Ela está bem?

Caleb colocou o rosto dela em seu pescoço, aparentemente, não mais disposto a ser separado dela do que ela estava disposta a ser separada dele.

—Fria, cansada e um pouco surpreendida de todo este alvoroço, mas está bem.

—Nesse caso, —disse Jared, sua voz facilmente reconhecível por seu timbre plano— o líder de D'Nallys quer falar com você.

—Diga ao filho da puta que espere.

Allie escondeu a cabeça debaixo do queixo de Caleb, relaxando-se na carícia que não parecia terminar, compreendendo o orgulho que impedia que ele falasse das emoções que se refletiam nesse ligeiro tremor de sua mão. Teria gostado das palavras, mas podia conformar-se com o fato de saber que lhe importava.

—Não pode chamar o homem que acaba de salvar o seu traseiro de filho da puta.

O queixo de Caleb se deslizou através de seu crânio, o ponto de pressão lhe dizendo que estava olhando para a porta.

—O homem não parece como se o incomodasse ser chamado filho da puta.

—Não, absolutamente.

A diversão de brincadeira na voz de Ian a fez levantar a cabeça de repente. Estava de pé ao outro lado da abertura, nu como o dia em que nasceu, lançando desafios invisíveis a Caleb, que parecia captá-los logo que os enviava.

—Alguma vez usa roupa?

A linha firme da boca do Ian se suavizou enquanto a olhava.

—Estão no caminho.

Ela supôs que estariam. Apoiou a cabeça sobre o peito do Caleb, apertando-o ao redor da cintura regozijando-se com sua existência.

—Obrigada.

—Por não usar roupa?

—Por salvar Caleb.

O aperto de Caleb se afrouxou um pouco. Podia sentir seu incômodo.

—Se houver algum agradecimento a fazer, eu me encarregarei pelos Johnson.

Ela ondeou a mão.

—Adiante então. Terminei.

Em lugar da reprimenda que esperava, o mais leve dos beijos caiu sobre seu cabelo.

—Ainda está procurando uma surra?

—Pensei que já o tinha superado.

—Aparentemente não o suficiente. —Disse Caleb secamente.

—Ela carece de respeito.



Allie dirigiu ao Ian um olhar encolerizado.

—Só porque não adoro o altar de suas medalhas não significa que não respeite o que é necessário respeitar.

Gargalhadas masculinas estalaram do outro lado da porta. Ignorou-as, do mesmo modo que ignorou a diversão dos were.

Jogou a cabeça para trás para ver a cara de Caleb.

—Os meninos maus estão mortos?

—Eles tiveram uma mudança de opinião.

Tomou isso como que eles se bateram em uma estratégia retirada.

—Bem.

A porta rangeu. Os lobos se deslizaram pela entrada, sombras mortais desaparecendo uma por uma no túnel. Ian olhou o êxodo silencioso.

—Vamos agora.

—Se alguma vez necessitar ajuda, dá um grito. —disse Caleb com essa voz arrastada que respaldava qualquer promessa que fizesse com a força de sua personalidade.

Ian assentiu. Levantou a cabeça, como se estivesse escutando uma voz que só ele podia ouvir.

—A disputa com os Johnson está suspensa.

Allie nunca tinha ouvido melhores notícias.

—Já era hora.

Ian a cortou com um olhar penetrante, seus olhos dourados brilhando com a luz.

—Não terminada, suspensa.

—E? —Melhor que houvesse algo mais ou ela se afogaria na esperança que a percorria.

—Allie... —Ignorou a advertência de Caleb, não afastou os olhos de Ian.

Os lábios do Ian se arquearam.

—O 'e' não é para discutir com uma mulher.

O cotovelo de Allie no estômago de Caleb cortou o sorriso.

—Isso é tão primitivo.

Ian deu de ombros.

—Mas é nossa maneira.

Ela teve que sustentar-se com as coxas quando Caleb lhe soltou o quadril para estender a mão.

—Cuida de suas costas.

Ian a olhou antes de sorrir para Caleb e tomou a mão estendida na sua.

—E você cuide da sua.

Antes que ela pudesse dar uma réplica ante a implicação de que estava em problemas, Ian se transformou e se foi em um fluxo de sombra. Quão único deixou foi o humor de seu comentário de despedida.



Jared deu um passo mais à frente no corredor.

—Sabe, se não estivesse tão mortalmente empenhado em nos matar, provavelmente poderia chegar a me agradar.

Caleb olhou o quarto além da porta, sua mandíbula se contraiu ao contemplar o açougue, e logo seguiu o progresso dos lobos pelo túnel.

—Nós gostemos ou não, estou feliz de que estivessem de nosso lado. Quantos perdemos?

—Só dois, mas há um montão de feridos.

O olhar de Jared seguiu o de Caleb.

—Sem os D’Nallys teria sido muito pior.

—Sim. —Caleb apoiou o queixo de novo na cabeça dela— Nunca vi ninguém retirar-se tão rápido como os tipos do Santuário quando se deram conta que as possibilidades se igualaram.

O acordo de Jared foi uma contração dos lábios com sangue lhe correndo pelo queixo.

—É obvio, um desses D’Nallys vale por dois deles em uma briga, assim que talvez não era tanto a covardia, mas sim o cérebro o que os fez fugir.

Caleb limpou a terra dos jeans de Allie.

—A próxima vez não será fácil.

Allie tentou não pensar nisso.

—Assim que os D’Nallys sabem como limpar um quarto.

Jared limpou a ferida do lábio com a manga da camisa.

—Isso fazem.

Caleb olhou através da porta novamente.

—Lástima que deixam um desastre.

Ambos os homens a olhavam. Allie negou com a cabeça.

—Não me olhem para que o limpe. Estou em uma condição delicada. —Incrivelmente, os olhos duros de Jared se suavizaram com humor e, céu santo, respeito?

—Não notei que isso a freasse até o momento.

Deixou-se cair contra Caleb, reunindo seu ar feminino mais frágil.

—É só uma atuação.

Um sorriso iluminou seu rosto severo.

—Aposto que sim.

Ela acariciou o peito de Caleb, sentindo sua alegria pela vitória, a satisfação por defender sua casa. Não parecia justo arrebentar a borbulha neste momento, mas ele merecia sabê-lo.

O suspiro enquanto a deixava sobre os pés lhe disse que ele sabia que algo a estava incomodando. Ela deu a volta na curva de seu braço quando ele baixou o olhar.

—Sinto-me muito bem agora, Allie.

—Sei.

Tirou-lhe a franja do rosto.

—Muito bem. Como um fato, estou pensando que há um charuto da vitória e um uísque



puro com meu nome me esperando na cozinha.

Ela mordeu o lábio. Estava realmente cansada de ser a que trouxesse más notícias.

—Sei.

O polegar de Caleb lhe tirou o lábio de entre os dentes.

—Mas não vai me deixar desfrutar tampouco, verdade?

—Isso pode esperar. Talvez.

Ele franziu o cenho, os olhos estudaram seu rosto. E logo suspirou.

—As notícias não melhoram ao atrasá-las.

Ela uniu suas mãos diante.

—Sei, mas odeio ser sempre portadora de más notícias.

—Não disse nada ainda. Deixa Slade assinalar o lógico.

—O que está tentando nos dizer?

Encontrou o olhar de Caleb, a culpa se misturava com o temor. Ele não necessitava isto.

—É muito bom que esteja aprendendo a fazer amigos.

—Por quê?

Apertou mais os dedos.

—Porque não acredito que Vincent e companhia fossem as únicas vozes em minha cabeça.

Capítulo 25

Allie ia desenvolver um tic se não aprendesse a relaxar-se.

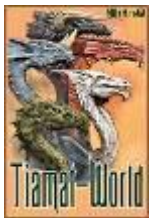
Caleb deu outra imersão a seu charuto e se recostou na cadeira. Ainda tinha meia taça de uísque para desfrutar, e tão decidido como Allie estava a dar o salto ao seguinte desafio, estava ele decidido a festejar o triunfo deste dia. A mulher não tinha estado ao redor o tempo suficiente para saber que sempre haveria outra batalha, que a única paz real que se encontrava estava nos momentos intermediários, mas ele sim, da forma em que o via, amanhã era muito em breve para fazer frente aos preparativos para o seguinte ataque do Santuário, para averiguar quem enviou a mensagem telepática de que não estava sozinho, e para acertar as coisas de uma vez por todas com os D’Nallys. Mas neste momento havia paz, e só queria desfrutar de seu charuto, seu uísque e sua mulher.

A cinza do charuto pendurava precariamente. Caleb a sacudiu no cinzeiro de ônix negro que tinha só para essas ocasiões.

—Realmente precisa aprender a relaxar.

Allie saltou. A frigideira que lavava soou estrepitosamente sobre a bancada. Dirigiu-lhe um rápido olhar assustado e logo apareceu um rubor rosa em suas bochechas.

—Estou trabalhando nisso.



Ele sorriu em torno de seu charuto. Era bom saber que a maneira de pensar da garota a respeito de fazer amor era muito parecida com a sua.

—Isso, também, mas eu estava falando sobre a vida em geral.

A frigideira golpeou a prateleira de secagem com um golpe seco. Ela deu a volta com as mãos nos quadris e lhe dirigiu um olhar encolerizado. Faíscas douradas ardiam no profundo de seus olhos, fazendo-os ver-se ainda mais azuis enquanto estava aí de pé, desafiando-o nesse apenas vestido de ponto vermelho.

—Não me diga que tem queixa a respeito de minha maneira de fazer amor.

Apagou o charuto. De verdade que não gostava dessas coisas, mas a única lembrança que tinha de seu pai, era dele acendendo um charuto ao final de um bom dia e sentando-se no pequeno alpendre de sua casa com os pés apoiados, desfrutando da satisfação de um trabalho bem feito. O aroma de fumaça de charuto ainda significava satisfação para ele. O uísque tinha sido seu próprio aplique ao ritual. Agarrou o copo.

—E se tiver?

Com breves sacudidas agressivas, Allie limpou as mãos em uma toalha azul xadrez.

—Acredito que teria que matá-lo.

Ele sorriu, deixou cair sua cadeira de volta em suas quatro pernas, e a puxou pela mão. Dois puxões e a tinha rígida e inflexível em seu colo, esse sexy vestido escalando generosamente até suas coxas. Abriu-se caminho esfregando seu nariz através de seu cabelo até que encontrou a curva exterior da orelha. Ela tinha as orelhas muito sensíveis.

—Sabe condenadamente bem que me faz arder na cama.

Ela não se abrandava.

—Eu sei que seu vampiro me aprecia ali.

Ele tomou o lóbulo entre os dentes, ignorando seu tapa, e se enfocou em seu estremecimento enquanto baixava mordiscando brandamente. Cheirava a sabão de limão e calidez, mulher desejosa.

—Não é você a que me segue dizendo que eu e meu vampiro somos um e a mesma pessoa?

—Não é você o que me segue dizendo que não são?

Houve um tremor nesta singela pergunta que o fez inclinar-se para trás. A visão que ele tinha da parte superior da cabeça não lhe disse nada, mas a maneira tensa em que ela mantinha a cabeça o fez. Recolheu o cabelo dela na mão, desfrutando de seu tato sedoso contra a aspereza de sua pele enquanto atirava para trás para poder ver seu rosto. O aborrecimento que esperava estava ali, junto com a tensão que vinha da permanente adrenalina, mas havia algo inesperado, também. Uma dolorosa vulnerabilidade que lhe oprimia o coração. Maldição.

—E escolheu agora para começar a tomar ao pé da letra?

Ela deu de ombros e olhou para baixo à toalha enrugada em suas mãos.

—Não tem importância o que eu acho.



Sim, tinha. O mundo paranormal inteiro sabia que ele era um idiota no que se referia às mulheres, mas esta mulher, sua mulher, estava insegura de se sentia por ela o mesmo que ela sentia por ele. Como tinha conseguido arruinar isto tanto?

Pôs seu dedo debaixo desse teimoso queixo e a levantou. Tomou mais do esforço habitual conseguir que levantasse o rosto. Logo que pôde ver a expressão dela, soube por que. Há momentos na vida de todos quando se quer algo com tantas vontades que inclusive se tem fé em que se realizará. Passou brandamente o polegar sobre o lábio inferior dela.

—Ah, Allie, meu bem, sinto muito.

Ela piscou rapidamente e o sorriso mais instável que tinha visto jamais estirou a pele sob seus dedos.

—Não é como se fosse algo que pudesse controlar.

—Não, não o é. —O que ele sentia por ela era selvagem e incontrolável. Profundo, quente e permanente. Ela suspirou e seus olhos se umedeceram, mas ao mesmo tempo em que lutava com as lágrimas, esse sorriso se reforçava sob a pura força de vontade que punha em prática. Uma só gota lhe escapou de controle para ficar suspensa em suas pestanas. Colheu-a com o polegar antes que pudesse estender-se— Quer que vá trazer o lan aqui de volta para que possa me chutar o traseiro daqui até domingo?

—Por quê?

—Porque sou um idiota por não te dizer o que sinto.

—Como se sente você ou seu vampiro?

Ela ia amassá-lo com isso, poder-se-ia dizer.

—Quando se trata de amá-la, é um em si mesmo.

—Não tem por que dizer isso.

—Obviamente, há muito que deveria haver dito antes de agora. —Ele suspirou e enxugou a lágrima na bochecha até que não deixou nenhuma marca de sua existência— Em todo o tempo que a conheço, nunca se reservou. Entregou-se com cada pedacinho de emoção em você.

—Sempre fui um pouco impulsiva.

O ligeiro retorcimento que pontuou essa declaração foi um claro indicador de quão incômoda se sentia com essa parte de sua personalidade. Ela não tinha nada do que preocupar-se. Empurrou-lhe a franja do rosto.

—Desenvolvi um gosto real pelo impulsivo.

Ela levantou as sobrancelhas, mas um pouco dessa ansiedade abandonou sua expressão e não houve novas lágrimas fazendo fila detrás da primeira. Ele tomou a toalha da mão e a deixou cair no chão. Levantou-a.

—Ponha suas pernas por cima das minhas.

—Por quê?

Ele sorriu. Ela sabia condenadamente bem por que.

—Porque eu gosto de como se sente contra mim.



Sua coxa se deslizou através das dele enquanto lhe envolvia o pescoço com seus braços.

—Você gosta, não é?

Ele apertou a virilha dela contra a sua. Ela rebolou alinhando-se melhor, moldando seu membro dentro de seu calor.

—Oh sim.

Inclinou a cabeça atrás.

—Que mais você gosta de mim?

—Pegando?

—Descaradamente.

Ele riu e enlaçou as mãos na parte baixa das costas, com as pontas dos dedos puxou a malha, amontoando-a para poder descansar os dedos na parte superior de seu traseiro.

—Eu adoro a maneira como se guia com o coração.

—Acredita que é uma vantagem?

—Acredito que é uma grande vantagem.

O sorriso de Allie fluiu mais natural.

—Que mais?

Ele a aproximou, arqueando suas costas fazendo que seus seios se elevassem e saíssem. Debaixo do tecido do vestido, seus mamilos se endureceram.

—Eu adoro a maneira como mantém a cabeça em uma crise. —Beijou sua testa— A forma como pode me fazer rir quando me sinto pior. —Deixou que seus lábios permanecessem nas pálpebras antes de procurar a suavidade de sua bochecha— Eu adoro a forma em que se enrugam seus olhos quando está divertida, a forma em que morde o lábio quando se preocupa. —O canto da boca de Allie lhe fez gestos—Eu adoro a maneira em que curvas os dedos dos pés quando está a ponto de dizer uma brincadeira e a maneira em que pestaneja rapidamente para ocultar as lágrimas. —Allie apertou os lábios contra os dele, pedindo o beijo que lhe daria rapidamente.

Dar-lhe-ia milhares de beijos. Ia roçando as costas com as pontas dos dedos, os ombros.

—Eu adoro o fato de que não tem medo de chorar, de rir, de armar um escândalo. —Tomou o rosto entre as mãos. Seus olhos azuis brilhavam de novo, mas a emoção detrás das lágrimas não se podia confundir com outra coisa que felicidade—Amo você, Allie Sanders, com tudo o que sou.

Capturou a lágrima que caiu com os lábios, o sabor salgado condimentava sua língua com a realidade do muito que realmente o fazia.

—E se você não está de acordo em unir sua sorte à minha, em encerrá-la, guardá-la, entesourá-la, vou a...

—O que? —Interrompeu-o, sentada com as costas reta, toda insolência e humor incontido— Vai a que?

Ah, um desafio. Uniu seus lábios aos dela, do superior ao inferior, de canto a canto.



—Vou mantê-la na cama até que esteja de acordo com o que seja que eu quiser.

Ela levantou as sobrancelhas. Molhou os lábios com a língua, tentando-o, atrasando-se na pequena brincadeira antes que o empurrasse uma fração de distância.

—E esse é meu incentivo para que esteja de acordo?

—Isso mesmo.

—Soa mais a uma razão para resistir.

Sacudiu a cabeça.

—Não, estou em minha maior criatividade quando sou feliz.

—Agora estou atônita.

Seu beijo não indicava um estado de perturbação. Era apaixonado, intenso e lhe chamuscava os curtos cabelos. Mas quando aumentou a profundidade, ela se inclinou para trás, separando-se lentamente de sua boca e sua mente da dele. Deixou-a chegar tão longe como chegava sua mão, seus dedos naturalmente adaptados à forma de sua cabeça enquanto a segurava em seu lugar.

—Não mais esconder-se. Seja o que for, lutaremos com isso.

Ela mordeu o lábio e ficou séria. Suas mãos caíram entre eles, embalou seu estômago.

—Manter-me perto vai complicar as coisas. Ainda há pessoas detrás de mim. Pessoas que não se importam ferir sua família e amigos para conseguir o que querem.

Ainda pensava em si mesma como uma estranha.

—Continua pensando que de algum modo não é da família?

—Não é o mesmo.

Não. Não o era. O que sentia por ela era mais forte. Mais profundo.

Ele embalou sua mão sobre a dela.

—Meu bem, já decidindo ficar ou ir, uma coisa é segura. Ninguém chega a você sem passar sobre mim.

—Se o bebê for saudável, poderia ser objeto de caça, também.

Não podia fazer nada a respeito de seus temores quanto à saúde do bebê mais que compartilhá-los. De seu outro temor se podia encarregar.

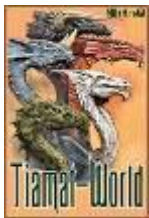
—Podem tentar tudo o que quiserem, mas não terão êxito. Os Johnson protegem o que é dele.

—Está seguro?

Deu-lhe uma palmada na nádega exposta, absorvendo o início da pequena picada quente, sorrindo quando ela arqueou as costas enquanto o calor se instalou em seu centro. Pôs seus dedos deliberadamente sobre o ponto. Allie saltou como se a tivesse surrado outra vez, houve um brilho de decepção em seus olhos, quando se deu conta de que ele só ia mantê-la com a libido alta.

—Estou seguro.

A preocupação desapareceu de sua expressão. Inclinou a cabeça a um lado de forma



travessa enchendo o vazio. As palmas de suas mãos se deslizaram por seu peito, seu calor abrasador atravessou o algodão de sua camisa.

—Assim, bastante seguro, está dizendo que estou presa a você de qualquer maneira.

—Bastante seguro.

Botões desfazendo-se sob seus dedos ágeis.

—Para sempre?

—Oh, sim. —Cruzou os braços, meneou-se fazendo que ele esquivasse os cotovelos e seu vestido voou cruzando o quarto, uma bandeira vermelha de advertência a qualquer que pensasse em reprimir esse espírito selvagem— Eu gosto do som disso.

Observou seus seios, fascinado com a cor rosa que ruborizava esses redondos montículos.

—A mim também.

Abriu-lhe a camisa.

—Sabe que som eu gosto ainda mais?

—Qual? —Fechou os dedos ao redor de seu peito direito enquanto lhe passava a língua justo no bordo de seus lábios, excitando a beira, absorvendo o estremecimento na palma de sua mão enquanto ela se apertava mais perto.

Ela conteve a respiração em um doce gemido.

—Allie Johnson.

—Hmm. —Ele pretendeu considerá-lo enquanto lhe mordia o lábio inferior— Como eu gosto desta coisa de viver em pecado. Adicionou certo condimento à relação.

—Seriamente? —Empurrou os seios para que os acariciasse e moveu esse traseiro formoso enquanto se recostava—Pensei que as coisas se tornaram um pouco monótonas.

—Então suponho que terei que animá-las.

—Com o que?

Colocou a mão no bolso traseiro e sentiu o pequeno círculo de ouro que tinha tirado antes do armário. O anel de sua mãe. Outra pequena parte de seu passado. Não havia muito que ver, só um simples aro esculpido com cuidado, mas cheio de todo o amor e esperança de seus pais. Esperança por um futuro que os tinha posto a viajar por todo o país com pouco mais que a roupa às suas costas. Esperança que tinham irradiado a seus filhos. A esperança que tinha levado em seu coração durante duzentos e cinquenta anos, apesar da lógica que dizia que era impossível. A esperança que Allie, com seu humor incontrolável e crenças, havia trazido para a luz e para brilhar de novo. Tirou o anel, mantendo-o escondido em sua mão enquanto tomava a mão esquerda na sua. Ela mordeu o lábio e se encontrou com seu olhar, o azul de seus olhos aprofundando-se, sua expressão suavizando-se.

—Amo você, Caleb.

Não havia palavras que expressassem o que ouvir essas palavras significava para ele, o que ela significava para ele. E isso só fazia que o que estava a ponto de fazer fosse o mais correto.

Não podiam estar mais comprometidos um com o outro, e as palavras de um pregador não



os ia fazer nem um pouco mais compenetrados, mas Allie tinha razão em sua insistência sobre as tradições que casavam o passado com o presente. Mantendo-os vivos, tendo tudo em perspectiva. Deslizou-lhe o anel no dedo, sorrindo quando lhe ajudou a conseguir que passasse os nódulos embora ele não estivesse experimentando dificuldades. Não porque fosse muito pequeno, não porque ela não acreditasse que ele não podia fazê-lo, mas sim porque tinha que ser uma parte ativa das coisas. Era o que ela era. Uma grande parte.

O anel pousou em seu lugar. Ele esfregou o dedo sobre o ouro, um sorriso puxava sua boca enquanto ela se dava conta do que tinha feito, parecendo desnecessariamente envergonhada quando ele não a teria de outro modo. Caleb lhe apertou os dedos antes de atraí-la a seu abraço enquanto a aproximava de seu beijo, a seu coração. Seus lábios roçaram os dela. Separaram-se em um suspiro. Uma suave e feminina boa-vinda que guardou em sua alma, deixando que se unisse aos ossos, que o desejo profundo alagasse sua alma com satisfação. Esta era sua mulher. A outra metade de sua alma. A parte que lhe faltava que nunca pensou que encontraria. Inclinou a cabeça dela uma fração à direita com um toque de seu polegar, lhe dando seu beijo e seu coração ao respirar.

—Case-se comigo, Allie.

Fim

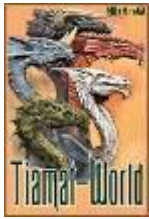


Comunidade:

<http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>

Grupo: <http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

Blog: <http://tiamatworld.blogspot.com/>



Tiamat World

Sarah McCarty
The Shadow Wranglers 01